NICHOLAS SPARKS

# QUEM AMA ACREDITA



EDITORIAL PRESENÇA

# UM

Jeremy Marsh sentou-se entre a assistência do estúdio de gravação. Naquela tarde de meados de Dezembro, era um de entre meia dúzia de homens da assistência. Estava vestido de preto, pois claro, e, com o cabelo escuro ondulado, os olhos azuis e a barba da moda, parecia exactamente o nova-iorquino que era. Enquanto analisava o convidado que estava no palco, conseguia lançar olhares sub-reptícios à atraente loura que se encontrava três filas mais à frente. Na verdade, havia alturas em que a sua profissão exigia o cabal desempenho de mais de uma tarefa em simultâneo. Ele era o jornalista de investigação à procura de uma história e a loura era apenas mais um elemento da assistência; porém, o observador profissional que existia nele não podia deixar de notar quanto a mulher, metida no seu colete curto e calças de ganga, era atraente. Em termos jornalísticos, está bem de ver.

Tentou pôr a cabeça em ordem, concentrar-se no convidado. O homem era mais ridículo do que poderia imaginar-se. Ao vê-lo iluminado pelos focos de luz da televisão, Jeremy pensou que o guia dos espíritos parecia obstipado ao clamar que ouvia vozes vindas do além-túmulo. Tinha adoptado um tom de falsa intimidade, agindo como se fosse o irmão ou o melhor amigo de cada um dos presentes que, na sua maioria, pareciam tomados de uma reverência temerosa

- incluindo a loura e a mulher a quem o convidado estava a dirigir- se - e o consideravam uma bênção vinda do céu. O que até fazia sentido, pensava Jeremy, pois esse era o local para onde os entes queridos mortos acabavam sempre por ir. Os espíritos de além-túmulo estavam sempre rodeados de uma luz angelical e imersos numa aura de paz e tranquilidade. Nunca Jeremy ouvira falar de um guia de espíritos que estabelecesse a ligação com o outro local, o mais quente. Nunca um ente querido morto se queixara de estar a ser assado no espeto ou a ser cozido num caldeirão de óleo de motores, por exemplo. Contudo, Jeremy tinha consciência de que estava a ser cínico. Além disso, não podia deixar de admitir que se tratava de um bom programa. Timothy Clausen era bom, bastante melhor do que a maioria dos charlatães sobre os quais andava havia anos a escrever.

- Sei que é difícil - dizia Clausen para o microfone -, mas Frank está a dizer-me que chegou a hora de o libertar.

A mulher a quem ele se dirigia com modos tão simpáticos parecia prestes a desmaiar. Na casa dos cinquenta, vestia uma blusa de riscas verdes, com as espirais de cabelo ruivo a projectarem-se em todas as direcções. As mãos da mulher, erguidas à altura do peito, estavam tão apertadas que a pressão lhe tornava os dedos brancos.

Clausen fez uma pausa e levou a mão à testa, dirigindo-se uma vez mais ao mundo do além", como ele dizia. Em silêncio, num movimento colectivo, toda a assistência se inclinou para diante. Todos os presentes sabiam o que ia seguir-se; era o terceiro espectador que Clausen escolhera naquele dia. Não constituía surpresa que Clausen fosse o único convidado residente do programa.

- Recorda-se da última carta que ele Lhe escreveu? - perguntou Clausen. - Antes de falecer.

A mulher soluçou. Um assistente aproximou ainda mais o microfone, de modo que todos os telespectadores do programa a pudessem ouvir mais facilmente.

- Recordo, mas como é que sabe... - balbuciou. Clausen não a deixou terminar a frase.

- Recorda-se do que dizia? - indagou.

- Recordo - gemeu a mulher.

Clausen assentiu, como se ele próprio tivesse lido a carta. - Era acerca de perdão, não era?

No seu sofá, a apresentadora do mais popular programa vespertino da América, ora olhava para Clausen, ora fixava os olhos na mulher. Parecia simultaneamente maravilhada e satisfeita. Os guias de espíritos conseguiam bons níveis de audiência.

No momento em que a mulher, sentada entre a assistência, concordava, Jeremy viu que ela chorava e que a maquilhagem começava a escorrer-lhe pelas faces. As câmaras abriram o ângulo de forma a mostrarem melhor o que estava a acontecer. A televisão diurna no seu melhor.

- Mas como é que pôde... - repetiu a mulher.

- Ele também falava da sua irmã - murmurou Clausen. - E não apenas acerca dele.

A mulher transfigurou-se, ficou a olhar para ele.

- A sua irmã Ellen - acrescentou Clausen e, finalmente, ouvida mais esta revelação, a mulher deixou escapar um grito rouco. As lágrimas irromperam, como se o sistema de rega automática tivesse entrado em funcionamento. Clausen, bronzeado e elegante no seu fato preto, sem um cabelo fora do lugar, continuava a acenar com a cabeça, como um daqueles cães que algumas pessoas põem junto ao óculo traseiro do automóvel. Embora se mantivesse em absoluto silêncio, toda a assistência se voltou para a mulher.

- O Frank deixou-Lhe uma outra coisa, não é verdade? Algo referente ao vosso passado.

A despeito da claridade das luzes do estúdio, a mulher pareceu empalidecer. Num dos cantos do estúdio, fora do campo normal de visão, Jeremy viu o produtor a rodar um dedo erguido, a imitar a rotação das pás de um helicóptero. Estava prestes a iniciar-se um intervalo para publicidade. Clausen olhou quase imperceptivelmente nessa direcção. Para além de Jeremy, ninguém pareceu reparar; por vezes, perguntava a si próprio por que é que os telespectadores aceitavam tão bem aquela sequência sem falhas entre as comunicações com o além e os intervalos para publicidade.

Clausen continuou:

- Um pormenor de que ninguém poderia ter conhecimento. Uma espécie de chave, não era?

A mulher assentiu e continuou a soluçar.

- Nunca pensou que ele lhe recordasse aquilo, pois não? Ora bem, ali estava o argumento decisivo, pensou Jeremy. Conseguira-se mais uma verdadeira crente.

- É do hotel onde passaram a lua-de-mel. Ele pô-la lá para que quando a encontrasse, a senhora se lembrasse dos tempos felizes que viveram

juntos. Ele não quer que o recorde com sofrimento porque a ama.

- Ooooohhhhh... - gritou a mulher.

Ou algo semelhante. Talvez um gemido. Do lugar onde estava sentado, Jeremy não pôde ter a certeza, pois, de súbito, o grito foi submerso por uma explosão de aplausos entusiásticos. O microfone foi logo retirado. As câmaras apontaram noutra direcção. Terminado o seu momento de glória, a mulher sentada entre a assistência deixou-se cair na cadeira. Aproveitando a deixa, a apresentadora levantou-se do sofá e olhou de frente para a câmara.

- Devo lembrar que o que estão a ver é verdadeiro. Nenhuma destas pessoas alguma vez tinha falado com Timothy Clausen - anunciou, a sorrir. - Depois deste intervalo, vamos apresentar mais uma comunicação.

Mais intervalos quando o programa foi interrompido para os anúncios; Jeremy recostou-se na cadeira.

Como jornalista de investigação conhecido pelo seu interesse pela ciência, tinha construído a carreira a escrever sobre pessoas como aquelas. Na maioria dos casos gostava do que fazia e orgulhava-se do seu trabalho, que considerava um valioso serviço público, numa profissão tão especial que tivera os seus direitos enumerados na Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. Para a sua coluna regular no Scientific American, tinha entrevistado laureados com o Prémio Nobel, explicado as teorias de Einstein e de Stephen Hawking de forma a que os leigos as compreendessem, além de, em certa ocasião, ter sido responsável pelo despertar de um movimento de opinião pública que levou a Administração Federal de Medicamentos e Alimentos a retirar do mercado um perigoso antidepressivo. Tinha escrito extensamente acerca do Projecto Cassini e do espelho defeituoso numa das lentes do telescópio espacial Hubble, além de ser uma das primeiras pessoas a classificar de fraude a experiência de fusão a frio, pretensamente realizada no Utah.

Infelizmente, embora parecesse impressionante, a sua coluna não lhe rendia muito. Era com o trabalho independente que pagava a maioria das suas contas e, como sucede com todos os jornalistas freelancer, buscava com diligência encontrar histórias que pudessem interessar aos directores de jornais e revistas. O seu nicho tinha-se alargado até incluir tudo o que

fugisse ao habitual", pelo que, durante os últimos quinze anos, tinha investigado fenómenos psíquicos, guias de espíritos, curandeiros espirituais e médiuns. Tinha denunciado fraudes, brincadeiras e falsificações. Tinha visitado casas assombradas, procurado criaturas místicas e investigado as origens de lendas urbanas. Céptico por natureza, possuindo também a rara habilidade de explicar conceitos científicos por palavras que o leitor médio conseguisse compreender, viu os seus artigos publicados em jornais e revistas de todo o mundo. Sentia que a desmontagem dos conceitos científicos era uma actividade simultaneamente nobre e importante, mesmo que nem sempre fosse apreciada pelo público. Muitas vezes, depois de publicar os seus artigos de jornalista independente recebia cartas temperadas com adjectivos como idiota", atrasado mental" e o epíteto seu preferido: lacaio do poder".

O jornalismo de investigação, acabara por perceber, era uma profissão ingrata.

De testa franzida, a reflectir sobre tudo isto, observava a assistência a conversar animadamente, e tentava imaginar quem seria escolhido a seguir. Jeremy olhou uma vez mais para a loura, que examinava a pintura dos lábios num espelho de bolso.

Jeremy já sabia que as pessoas escolhidas por Clausen não estavam, oficialmente, ligadas ao programa, mesmo que as presenças de Clausen fossem anunciadas com antecedência e as pessoas lutassem com denodo para obter um bilhete que lhes permitisse fazer parte da assistência em estúdio. O que significava, é claro, que a assistência enxameava de crentes na vida para além da morte. Para elas, Clausen era legítimo. A menos que falasse com os espíritos, como é que poderia saber tantas coisas acerca de estranhos? Porém, como qualquer mágico de qualidade, o homem era obrigado a ter um repertório fixo, pois uma ilusão é sempre uma ilusão e, imediatamente antes do programa começar, Jeremy conseguira não só perceber como ele fazia, mas também obtivera provas fotográficas para o desmascarar.

Abater Clausen seria o maior golpe de Jeremy até àquela data; e o homem merecia ser denunciado. Clausen era um vigarista da pior espécie. No entanto, a faceta pragmática de Jeremy também compreendera que aquela história era de um género que raramente aparece, pelo que queria

que saísse o melhor possível. Afinal, Clausen cavalgava uma enorme onda de celebridade e, na América, a celebridade era tudo o que interessava. Embora as probabilidades fossem mínimas, imaginava o que poderia suceder se ele fosse a próxima escolha de Clausen. Não esperava que acontecesse; ser escolhido era quase como ganhar a lotaria; e mesmo que não acontecesse, Jeremy sabia que tinha uma história de qualidade. No entanto, um bom artigo e um artigo extraordinário estavam, quantas vezes, separados por um simples golpe de sorte; à medida que o intervalo para publicidade se aproximava do fim, sentiu uma ligeira esperança, que nada justificava, de que a escolha de Clausen recaísse em si.

E, como se também o próprio Deus não estivesse entusiasmado com o que Clausen estava a fazer, foi isso exactamente que aconteceu.

Três semanas mais tarde, o Inverno fustigava duramente Manhattan. Uma frente fria descera do Canadá, a temperatura baixara quase até zero e as nuvens de vapor erguiam-se lentamente das grelhas dos esgotos, para se transformarem em gelo nos passeios. Não que as pessoas parecessem preocupadas. Os endurecidos cidadãos de Nova Iorque mostravam a indiferença habitual por tudo que se relaciona com o tempo, pelo que uma noite de sexta-feira não podia ser desperdiçada, quaisquer que fossem as circunstâncias. As pessoas trabalhavam tanto durante a semana que não concebiam a ideia de desperdiçarem uma saída à noite, especialmente quando havia qualquer coisa a comemorar. Nate Johnson e Alvin Bernstein já tinham comemorado durante uma hora, como acontecera com umas duas dúzias de amigos e jornalistas, alguns do Scientific American, que se tinham juntado para homenagear Jeremy. Muitos dos presentes estavam na fase da bebida e divertiam-se imenso, principalmente porque os jornalistas tendem a fazer esticar os orçamentos e, naquele dia, era o Nate quem pagava a conta.

Nate era o agente de Jeremy. Alvin, fotógrafo independente, era o melhor amigo de Jeremy e tinham-se juntado naquele bar chique de Upper West Side para comemorar a aparição de Jeremy no programa Primetime Live, da cadeia ABC. Os anúncios de Primetime Live tinham estado a ser transmitidos durante a semana - na sua maioria a mostrarem Jeremy no centro das atenções e a prometerem a grande denúncia da fraude - e os pedidos de entrevistas inundavam o escritório do Nate, vindos de todos os

pontos do país. A revista People telefonara ao princípio da tarde, ficando a entrevista marcada para a segunda-feira seguinte.

Não houvera tempo para reservar uma sala para a reunião, mas ninguém parecia incomodar-se com isso. Com o seu comprido balcão de granito e a iluminação espectacular, a casa encontrava-se cheia de gente bem instalada na vida. Enquanto os jornalistas do Scientific American tendiam a usar casacos desportivos de tweed com protectores de bolsos e se tinham concentrado num dos cantos da sala a discutir os fotões, a maioria dos outros clientes parecia ter passado por ali depois de acabar o trabalho na Wall Street ou na Madison Avenue: casacos de fatos italianos pendurados nas costas das cadeiras, gravatas Hermèz desapertadas, homens que pareciam não pretender mais nada que não fosse impressionar as mulheres

presentes e fazer brilhar os relógios Rolex. Mulheres, vindas directamente do trabalho em editoras e agências de publicidade, que vestiam saias de marca e calçavam sapatos de saltos incrivelmente altos, beberricavam as suas bebidas e fingiam ignorar os homens à sua volta. O próprio Jeremy não tirava os olhos de uma ruiva alta que estava na outra ponta do balcão e parecia lançar olhares na direcção dele. Não saberia dizer se ela o reconhecera dos anúncios da televisão, ou se procurava apenas companhia. Voltou-lhe as costas, aparentemente desinteressada, mas de seguida voltou a olhar para ele. Um olhar, desta vez, ligeiramente mais prolongado, o que levou Jeremy a erguer o copo numa saudação.

- Vá lá, Jeremy, toma atenção - pediu o Nate, a dar-Lhe um toque de ombro. - Estás na televisão! Não estás interessado em ver a tua actuação?

Jeremy desviou os olhos da ruiva. Olhando para o ecrã viu-se sentado em frente de Diane Sawyer. Reflectiu sobre aquela situação esquisita, pois parecia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Aquilo ainda não lhe parecia bem real. Apesar dos seus anos de profissional dos media, nada do que acontecera nas três semanas anteriores Lhe parecia real.

No ecrã, Diane estava a descrevê-lo como o mais conceituado articulista científico da América". A história tinha acabado por exceder as expectativas, Nate estava ainda a negociar com o programa Primetime Live a possibilidade de Jeremy escrever regularmente para eles, além de

poder concorrer com trabalhos adicionais para o programa Good Morning America. Embora muitos jornalistas considerassem a televisão menos importante do que outras formas mais sérias de reportagem, tal não significava que, na sua maioria, não vissem secretamente a televisão como o Santo Graal, isto é, como uma fonte de ganhos chorudos. Apesar das felicitações, a inveja andava por ali, embora, para Jeremy, ela fosse uma sensação tão estranha como a de viajar no espaço. Afinal, os jornalistas do seu género não costumavam estar no topo da hierarquia dos media. Até àquele dia.

- Ela chamou-te conceituado? - indagou Alvin. - Tu, que escreves acerca do Bigfoot e da lenda da Atlântida!

- Caluda! - ordenou Nate, de olhos postos no ecrã. - Estou a tentar ouvir isto. Poderá vir a ser importante para a carreira do Jeremy - acrescentou. Como agente do jornalista, Nate andava sempre a promover eventos que pudessem ser importantes para a carreira do Jeremy", pela simples razão de que o jornalismo independente não era uma actividade muito lucrativa. Anos antes, quando Nate estava a começar, Jeremy pretendera publicar um livro e nunca mais tinham deixado de trabalhar juntos, simplesmente por terem Ficado

amigos.

- Não interessa - concluiu Alvin, a ignorar o ralhete. Entretanto, no ecrã, por detrás de Diane Sawyer e de Jeremy, eram passados os últimos momentos da exibição do jornalista no programa televisivo da tarde, em que ele fingira ser um homem afligido com a morte de um irmão adolescente, um rapaz que Clausen tinha declarado pronto a entrar em contacto com Jeremy.

- Ele está comigo - ouvia-se o Clausen a anunciar. - Ele quer que o liberte, Thad.

A câmara mudou para ser mostrada a imagem de um Jeremy de rosto distorcido pela angústia. Em fundo, via-se Clausen a acenar com a cabeça, a mostrar simpatia ou a parecer obstipado, de acordo com a perspectiva de cada um.

- A sua mãe nunca modificou o quarto, o quarto partilhado por ambos. Insistia que fosse mantido sem alterações e você teve de continuar a dormir lá - acrescentou Clausen.

- Pois foi - balbuciou Jeremy.

- Mas usar o quarto metia-lhe medo e, furioso, pegou numa coisa dele, um objecto muito pessoal, e enterrou-o no quintal das traseiras.

Jeremy conseguiu murmurar mais uma vez:

- Sim.

- A prótese dentária!

- Ooooohhhhh! - lamentou-se Jeremy, cobrindo o rosto com as mãos.

- Ele adora-o, mas tem de perceber que ele agora está em paz. Não está zangado consigo.

Jeremy gemeu de novo, a contorcer a cara ainda mais:

- Ooooohhhh!

Nate estava concentrado e silencioso a observar as imagens. Alvin, por sua vez, continuava a rir-se e a erguer bem alto o copo de cerveja.

- Dêem um Oscar" a este homem! - bradou.

- Já disse que se calassem, os dois - mandou Nate, sem esconder a irritação. - Conversem no intervalo para publicidade.

- Não interessa - sentenciou Alvin novamente. Não interessa" sempre fora a expressão favorita de Alvin.

Na continuação do programa Primetime Live as imagens foram desaparecendo e a câmara fixou-se uma vez mais em Diane Sawyer e Jeremy, sentados frente a frente.

- Nesse caso, nada do que Clausen nos disse é verdade? perguntou Diane.

- Nada. Como já sabe, o meu nome não é Thad, tenho cinco irmãos e todos estão vivos e de boa saúde.

Diane manteve a caneta assente no bloco, como se estivesse preparada para tomar notas.

- Então, como é que o Clausen faz isto?

- Bom, Diane - começou Jeremy.

No bar, Alvin franziu o sobrolho e inclinou-se para Jeremy.

- Trataste-a apenas por Diane? Como se fossem grandes amigos?

- Fazes o favor! - atalhou Nate, cada vez mais exasperado.

No ecrã, Jeremy continuava:

- O que Clausen faz é apenas uma variação do que outros têm andado a fazer há centenas de anos. Em primeiro lugar, é um bom observador de pessoas e um especialista em estabelecer associações vagas, mas dotadas de grande carga emocional, e de responder aos palpites, da assistência.

- Bom, mas ele foi tão específico. Não apenas consigo, mas também com os outros convidados. Sabia nomes. Como é que ele faz isso?

Jeremy encolheu os ombros. - Ouviu-me falar do meu irmão, Marcus, antes do programa. Limitei-me a contar, alto e bom som, uma vida imaginária.

- E como é que a história chegou aos ouvidos do Clausen?

- Os vigaristas como Clausen são de há muito conhecidos por usarem uma grande variedade de truques, incluindo microfones e ouvintes" pagos que circulam pela sala de espera antes do início do programa. Antes de me sentar, fiz questão de andar por aí e de meter conversa com diversos membros da assistência, sempre a ver se alguém revelava um interesse pouco habitual pela minha história. E, disso não tenho dúvidas, houve um homem que me pareceu particularmente interessado.

Por detrás deles, o filme de vídeo foi substituído por uma fotografia ampliada que Jeremy tirara com uma pequena máquina disfarçada

no relógio, um brinquedo de alta tecnologia usado pelos espiões, cujo custo foi prontamente debitado ao Scientific American. Jeremy adorava brinquedos de alta tecnologia, davam-lhe quase tanto prazer como o acto de os fazer pagar por outras pessoas.

- O que é que estamos a ver agora? - indagou Diane.

Jeremy apontou.

- Este homem andou a misturar-se com a assistência em estúdio, a fazer- se passar por um turista vindo de Peoria. Tirei-lhe esta fotografia mesmo antes do início do programa, enquanto estivemos a conversar. Ampliem mais, por favor.

No ecrã, a fotografia foi aumentada e Jeremy apontou na direcção dela.

- Está a ver aquela pequena bandeira dos EUA na lapela? Não é apenas um enfeite. Na realidade, é um microfone em miniatura, que transmite para um gravador que está nos bastidores.

Diane franziu as sobrancelhas.

- Como é que sabe isso?

- Porque - respondeu Jeremy, por sua vez a alçar uma sobrancelha -, acontece que tenho um aparelho igual. - Logo de seguida, meteu a mão no bolso e sacou de uma bandeira exactamente igual, ligada a um longo fio enrolado e a um transmissor. - Este modelo é fabricado em Israel - esclareceu Jeremy. A voz dele podia ouvir- se enquanto a câmara mostrava um grande plano do aparelho. - É uma máquina muito avançada. Ouvi dizer que é usada pela CIA, uma informação que, como é óbvio, não posso confirmar. Posso confirmar, isso sim, que se trata de tecnologia de ponta: este pequeno aparelho pode gravar conversas numa sala barulhenta e cheia de gente e, munido dos filtros apropriados, pode até identificar as vozes.

- E tem a - Diane observou a bandeira com aparente fascinação. - certeza de que este era realmente um microfone e não apenas uma bandeira?

- Bom, como sabe, há muito que ando a investigar o passado de Clausen e, umas semanas depois do início da série de programas, consegui obter mais algumas fotografias.

Apareceu uma nova fotografia no ecrã. Embora pouco nítida, era a imagem do mesmo homem que tinha sido fotografado com a bandeira dos EUA.

- Esta fotografia foi tirada na Florida, no exterior do escritório de Clausen. Como pode ver, o homem vai a entrar. Chama-se Rex Moore

e é na realidade empregado de Clausen. Há dois anos que trabalha com ele.

- Ooohhhh! - berrou Alvin, fazendo que o programa, que de qualquer das maneiras estava a terminar, fosse abafado pelo barulho de outros, invejosos ou não, que se lhe juntaram nas vaias e no alarido. As bebidas de graça tinham feito maravilhas e Jeremy viu-se submerso pelos parabéns logo que o programa acabou.

- Foste fantástico - elogiou Nate. De quarenta e três anos, Nate era baixo, estava a ficar calvo e mostrava tendência para comprar fatos um pouco apertados na cintura. Pouco interessava, o homem era a própria encarnação da energia e, como a maioria dos agentes, andava sempre numa azáfama, com um optimismo escaldante.

- Obrigado - agradeceu Jeremy, antes de emborcar o resto da

cerveja.

- Isto vai ser importante para a tua carreira - prosseguiu Nate.

- É o teu passaporte para um espaço regular na televisão. Acabaram-se as guerras para arranjarmos espaços em revistas. como jornalista independente, acabou-se a procura de narrativas do aparecimento de discos voadores. Olhando a tua figura, sempre disse que foste talhado para a televisão.

- Sempre o disseste - anuiu Jeremy, com o gesto de rolar os olhos de alguém que tem de recitar um trecho muito repetido.

- Falo a sério. Os produtores de Primetime Live e de Good Morning America estão sempre a contactar-me, falam em utilizar-te como colaborador regular dos seus programas. Bem sabes o que todo este interesse pelas ciências significa para ti. Um grande salto para um repórter científico.

Jeremy fungou: - Sou jornalista, não sou repórter.

- Como quiseres - concedeu Nate, a fazer o gesto de quem quer afugentar uma mosca. - Mas, como eu sempre disse, a tua cara foi feita para a televisão.

- Tenho dito que o Nate tem razão - acrescentou Alvin com uma piscadela de olho. - Quero dizer, onde é que poderás ser mais popular do que no meio das damas, apesar de seres um zero em personalidade?

Há anos que Alvin e Jeremy frequentavam bares na companhia um do outro, à procura de encontros.

Jeremy riu-se. Alvin Bernstein, cujo nome fazia pensar num contabilista bem arranjado, de óculos, um dos incontáveis profissionais que usam sapatos Florsheim e vão de pasta para o trabalho, não se parecia com qualquer Alvin Bernstein. Ainda adolescente, viu Eddie Murphy em Delirious e decidiu passar a andar vestido de cabedal, um guarda-roupa que deixava horrorizado o pai, Melvin, que calçava Florsheim e levava uma pasta para o emprego. Felizmente, o couro parecia ligar bem com as tatuagens. Alvin achava que as tatuagens eram um reflexo da sua estética única e pessoal, pelo que as adoptou em ambos os braços, mesmo até às omoplatas. O toque final eram os múltiplos brincos nas orelhas.

- Então continuas a pensar nessa viagem ao sul para investigares a tal história de fantasmas? - pressionou Nate. Jeremy quase conseguia ouvir as rodas que Lhe faziam clique, clique, na mente. - Depois da entrevista com a People, claro.

Jeremy afastou o cabelo preto dos olhos e fez sinal ao empregado do bar para pedir outra cerveja. - Sim, acho que sim. Com Primetime ou sem Primetime, continuo a ter facturas para pagar. Estava a pensar usar a história na minha coluna.

- Mas continuas em contacto, não é? Não vai passar-se o mesmo que aconteceu quando andaste disfarçado entre os Justos e os Sagrados"?

Estava a referir-se a um artigo de seis mil palavras acerca de um culto religioso, que Jeremy escrevera para a Vanity Fair; na altura, cortara todos os contactos durante um período de três meses.

- Estaremos em contacto - garantiu. - Este material é diferente. Devo conseguir o que quero em menos de uma semana. Luzes misteriosas no cemitério. Nada de especial.

- Eh, não vais mesmo precisar de um fotógrafo? - interrompeu

Alvin.

Jeremy olhou para ele.

- Porquê? Queres ir?

- Claro, com mil diabos. Ir para o sul no Inverno, talvez conhecer uma bela sulista, e tu a pagares as despesas. Ouvi dizer que as mulheres de lá põem os homens malucos, mas no bom sentido. Serão umas férias exóticas.

- Não está programado que faças umas fotografias para a Lau & Order durante a semana que vem?

Por mais esquisito que fosse o seu aspecto, Alvin gozava de uma reputação impecável e os seus serviços eram normalmente muito procurados.

- Sim, mas vou ficar livre lá mais para o fim da semana - esclareceu Alvin. - Escuta, se estás a falar a sério acerca desta coisa da televisão, como o Nate diz que estás, talvez fosse interessante conseguirmos uma reportagem fotográfica decente dessas misteriosas luzes.

- Isso é partir do princípio de que haverá algumas luzes para filmar.

- Fazes o trabalho preliminar e depois dizes-me. Reservo um espaço na minha agenda.

- Mesmo que haja luzes, será um artigo curto - avisou Jeremy.

- Na televisão ninguém se mostrará interessado no assunto.

- No mês passado, talvez fosse verdade - contrapôs Alvin. - No entanto, depois de te verem esta noite, vão mostrar-se interessados. Sabes o que se passa na televisão, com todos aqueles produtores a andarem à roda, tentando encontrar o próximo grande furo. Se o Good Morning America se interessar subitamente, sabes que o Today não tarda a telefonar

e que terás o Dateline a bater-te à porta. Nenhum produtor quer ser deixado à margem. Ser deixado de fora é ser despedido. A última coisa que desejam ter de explicar aos gestores é a razão por que perderam o barco. Acredita no que te digo, eu trabalho em televisão. Conheço essa gente.

-Ele tem razão - corroborou Nate, interrompendo-o.

- Nunca se sabe o que vai acontecer em seguida e fazer um plano com antecedência será uma boa ideia. Esta noite marcaste pontos, sem dúvida. Não brinques com coisas sérias. E se conseguires mesmo arranjar provas das luzes, esse será o elemento de que o Good Morning America e o Primetime precisam para tomarem as suas decisões.

Jeremy semicerrou os olhos para encarar o agente.

- Estás a falar a sério? É uma história sobre coisa nenhuma. O motivo que me leva a ir até lá é a necessidade de fazer uma pausa, depois do Clausen. Esta história custou-me quatro meses de vida.

- E vê o que conseguiste! - exclamou Nate, a pôr a mão no ombro dele. - Esta pode ser uma peça frágil, mas com um trabalho de fotografia e uma boa história a apoiá-la, quem sabe o que a televisão vai pensar?

O jornalista ficou calado por momentos, até acabar por encolher os ombros:

- Óptimo - concordou. E voltando-se para Alvin: - Parto na terça-feira. Vê se consegues estar lá na sexta. Antes disso, telefono-te e dou-te os pormenores.

Alvin pegou na cerveja e fez uma saúde:

- Bom, meu Deus! exclamou, a imitar Gomer Pyle. - Vou partir para a terra das papas e da dobrada. E prometo que a soma das minhas despesas não será elevada.

Jeremy soltou uma gargalhada.

- Já estiveste no Sul?

- Não. E tu?

- Visitei Nova Orleães e Atlanta - admitiu Jeremy. - Mas são cidades, e as cidades são iguais por toda a parte. Para este trabalho vamos descer ao verdadeiro Sul. Vamos para uma pequena vila chamada Boone Creek, Carolina do Norte. Devias ver o portal deles na Internet. Fala de azáleas e de abrunheiros que florescem em Abril, além de mostrar com orgulho a fotografia do mais proeminente cidadão da terra. Um tipo chamado Norwood Jefferson.

- Quem? - indagou Alvin.

- Um político. Serviu no Senado do estado de Carolina do Norte, de 1907 a 1916.

- Quem é que liga a isso?

- Ninguém - esclareceu Jeremy. Olhando para a outra ponta do balcão verificou com desgosto que a ruiva já lá não estava.

- Onde é que fica exactamente esse lugar?

- Mesmo a meio caminho entre sítio nenhum e este lugar onde nós estamos. Fica num lugar chamado Greenleaf Cottages, que a Câmara de Comércio descreve como pitoresco e rústico; mas moderno. Não faço ideia do que isso signifique.

Alvin soltou uma gargalhada. - Soa a aventura.

- Não te preocupes. Tenho a certeza de que vais enquadrar-te perfeitamente no lugar.

- Achas que sim?

Jeremy observou o couro, as tatuagens e os piercings.

- Absolutamente. É provável que desejem adoptar-te.

# DOIS

Jeremy chegou à Carolina do Norte na terça-feira, no dia a seguir à entrevista dada à revista People. Acabava de soar o meio-dia; deixara Nova Iorque com tempo chuvoso e cinzento, com expectativas de queda de mais neve. Ali, com a imensidão azul a estender-se pelos céus por cima da sua cabeça, o Inverno parecia muito distante.

Segundo o mapa que comprara na loja de recordações do aeroporto, Boone Creek pertencia ao distrito de Pamlico, ficava situada a 160 quilómetros a sul de Raleigh e, se a viagem Lhe indicara alguma coisa, a milhões de quilómetros daquilo que ele entendia por civilização. De ambos os lados da estrada, os campos eram planos e nus, quase tão excitantes como uma batedeira de panquecas. As herdades eram separadas por pequenas matas de pinheiros bravos e, como o trânsito era escasso, nada mais restava a Jeremy do que pisar o acelerador a fundo, só para combater a monotonia.

Porém, tinha de o admitir, nem tudo era mau. Bem, pelo menos no que respeitava à condução. A ligeira vibração do volante, o ronronar do motor e a sensação da velocidade eram conhecidos propiciadores do aumento de adrenalina, em especial nos homens (já tinha escrito um artigo acerca disso). No entanto, como viver na cidade tornava supérflua a posse de um automóvel, nunca conseguia arranjar justificativos para as respectivas despesas. Por isso, era transportado de um ponto para outro nas carruagens apinhadas do metropolitano ou em táxis que esparrinhavam água e que como alguns taxistas podiam constituir verdadeiras ameaças de morte; porém, como um verdadeiro nativo de Nova Iorque, há muito que resolvera aceitar tudo isso como mais um aspecto excitante de viver num lugar a que chamava o seu lar.

Tais considerações levaram-no a pensar na ex-mulher. Maria, reflectiu, teria adorado uma viagem como aquela. Nos primeiros anos do casamento, costumavam alugar um carro e ir para as montanhas ou para a praia, por vezes a terem de passar várias horas na estrada. Maria era publicista na revista Elle quando se conheceram numa festa de lançamento. Quando lhe

perguntou se queria acompanhá-lo até um café das redondezas, não lhe passava pela cabeça que ela viesse a ser a única mulher que amara até então. A princípio, pensou ter cometido um erro ao convidá-la a acompanhá-lo, pois pareciam não ter nada em comum. Era alegre e emotiva, mas mais tarde, quando a beijou à porta da casa dela, sentiu-se arrebatado.

Acabou por apreciar a personalidade inflamada da mulher, a sua avaliação infalível das pessoas e a maneira como parecia aceitar tudo o que a ele dizia respeito sem emitir juízos de valor, de certo ou errado. Um ano mais tarde, casaram-se na igreja, rodeados por amigos e familiares. Ele tinha 26 anos, ainda não era colunista do Scientific American, mas estava a construir lentamente uma reputação, e mal ganhavam para conseguirem pagar o pequeno apartamento que alugaram em Brooklyn. Para a mente dele, estavam a viver uma luta de jovens em êxtase marital. Mas Jeremy acabou por suspeitar que, na cabeça dela, o casamento deles era forte em teoria mas fora construído sobre alicerces frágeis. No início, o problema era simples: enquanto o emprego dela a obrigava a ficar na cidade, Jeremy viajava, à procura de uma nova história importante, fosse onde fosse que o material se encontrasse. Era frequente ausentar-se durante semanas e, embora ela Lhe assegurasse que conseguia aguentar, na ausência dele deve ter começado a aperceber-se de que não conseguia. Logo depois do segundo aniversário de casamento, quando ele se preparava para mais uma viagem, Maria sentou-se na cama, ao lado dele. Juntando as mãos, levantou os olhos claros para o olhar de frente.

- Não está a resultar - limitou-se a dizer, esperando um momento até as palavras assentarem. - Nunca estás em casa e isso não é justo para mim. Não é justo para nós.

- Queres que desista? - perguntou Jeremy, a sentir uma pequena onda de pânico a erguer-se dentro de si.

- Não, desistir, não. Mas talvez possas encontrar uma solução local. No Times, por exemplo. Ou no Post. Ou no Daily News.

- Não vai ser assim para sempre - defendeu-se ele. - É só durante algum tempo.

- Foi assim que me respondeste há seis meses - replicou Maria.

- A situação nunca irá alterar-se.

Ao olhar para trás, Jeremy reconhecia que devia ter tomado o aviso à letra, mas, na altura, tinha um artigo a escrever, daquela vez a respeito de Los Alamos. Quando se despediu dela com um beijo, Maria exibiu um sorriso fugidio; ao tomar lugar no avião, pensou, de fugida, na expressão da mulher, mas quando regressou ela parecia ser a mesma de sempre e passaram um fim-de-semana enroscados na cama. Maria começou a falar em terem um filho e, malgrado o nervosismo que o assaltou, Jeremy sentiu-se entusiasmado com a ideia. Convenceu-se de que estava perdoado, mas a armadura de protecção do seu casamento tinha sido fendida e cada nova ausência vinha provocar uma outra rachadura. A separação final veio um ano mais tarde, depois da consulta com um médico do East Side, uma pessoa que os confrontou com um futuro que nenhum deles teria imaginado. Mais ainda do que a frequência das viagens, a consulta foi o prenúncio do final da relação; e até Jeremy compreendeu isso.

- Não posso ficar - confessou ela mais tarde. - Desejo ficar e, de certa maneira, nunca deixarei de te amar, mas não posso.

Não precisou de dizer mais nada e nos momentos de silêncio, de pena de si mesmo, que se seguiram ao divórcio, por vezes duvidava de que ela alguma vez o tivesse amado. Podiam ter resolvido a questão, dizia para si próprio. Porém, no fundo percebeu intuitivamente a razão que a levou a ir-se embora, não lhe guardou qualquer rancor. Até lhe telefonava uma vez por outra, embora não se dispusesse a assistir ao segundo casamento dela, três anos mais tarde, com um advogado de Chappaqua.

O divórcio tornara-se definitivo havia sete anos e, se quisesse ser honesto, teria de reconhecer que aquele era o único episódio triste da sua vida. E sabia que poucas pessoas poderiam dizer o mesmo. Nunca sofrera verdadeiramente, tinha uma vida social activa e emergira da infância sem qualquer dos traumatismos que pareciam afligir tantos miúdos da sua idade. Os irmãos e as respectivas mulheres, os pais, e até os avós, os quatro na casa dos noventa anos, eram pessoas saudáveis. E também eram amigos: em dois fins-de-semana de cada mês, o clã sempre em crescimento reunia-se na casa dos pais, em Queens, onde Jeremy foi criado. Tinha dezassete sobrinhas e sobrinhos, e embora por vezes se

sentisse deslocado nas festas de família, pois era o único solteiro numa família de pessoas com casamentos felizes, os irmãos respeitavam-no o suficiente para não tentarem saber as razões que o tinham levado ao divórcio.

E ele tinha ultrapassado as dificuldades. Pelo menos a maior parte. Por vezes, em viagens como aquela, sentia uma certa angústia ao pensar como poderia ter sido a sua vida, mas agora era uma situação rara e o divórcio não o predispusera contra a generalidade das mulheres.

Dois anos antes, Jeremy tinha acompanhado um estudo em que se

procurava saber se a percepção da beleza era produto das normas culturais ou da genética. Durante a investigação pedia-se a mulheres atraentes, e a outras menos atraentes, que pegassem em bebés; a seguir, comparava-se a duração do contacto visual entre as crianças e as mulheres. O estudo concluiu pela existência de uma correlação directa entre a beleza e o contacto visual: os bebés olhavam as mulheres atraentes durante mais tempo, a sugerir que a percepção da beleza era instintiva nos seres humanos. O estudo recebeu acolhimento destacado na News Week e na Time.

Quisera escrever um artigo a criticar o estudo, em parte por terem sido omitidas qualificações que ele considerava importantes. A beleza exterior poderá sobressair de imediato aos olhos dos outros (ele sabia que era tão susceptível como o vizinho do lado ao fascínio provocado por uma supermodelo), mas sempre tinha considerado a inteligência e a paixão bastante mais atraentes com a passagem do tempo. Tais características levavam mais de um simples instante a decifrar e a beleza não tinha absolutamente nada a ver com elas. A beleza poderá prevalecer a muito curto prazo, mas a médio, ou a longo prazo, as normas culturais, em especial aqueles valores e princípios influenciados pela família, eram mais importantes. Contudo, o seu editor travou a iniciativa, achou a opinião demasiado subjectiva", e aconselhou-o a escrever algo sobre o uso excessivo de antibióticos na alimentação das galinhas, uma prática que trazia em si o potencial de transformar os estreptococos na próxima peste bubónica. O que, notou Jeremy com desdém, até fazia sentido: o editor era vegetariano e a mulher dele era simultaneamente deslumbrante e possuidora de um brilho parecido com um céu de Inverno no Alasca.

Editores. Há muito concluíra que, na sua maioria, não passavam de hipócritas. Porém, como sucede na maioria das profissões, os hipócritas tendem a ser impetuosos e politicamente correctos, ou, por outras palavras, sobreviventes em qualquer empresa, o que significava que eram eles quem atribuía as tarefas, além de serem também eles quem acabava por pagar as despesas.

No entanto, como Nate sugerira, talvez estivesse prestes a ver-se livre daquele cartel. Bem, não totalmente. Era provável que Alvin tivesse razão quando dizia que os produtores de televisão não eram diferentes dos editores, mas a televisão assegurava um mínimo de salário, o que Lhe permitiria escolher os projectos em que estivesse interessado, em vez de ter de andar constantemente a fazer promoção pessoal. Maria tivera razão, havia muito tempo, em pôr em causa a sua carga de trabalho. Em quinze anos, o seu volume de trabalho não sofrera qualquer alteração. Ora bem, os artigos dariam talvez mais nas vistas ou, graças às relações que criou ao longo dos anos, era provável que lhe fosse mais fácil colocar os seus trabalhos de independente, mas nada disso alterava a necessidade essencial de encontrar sempre algo de novo e original. Continuava a ter de escrever uma dúzia de artigos para o Scientific American, pelo menos um ou dois trabalhos importantes de pesquisa, e mais uns quinze artigos menores por ano, alguns em sintonia com os temas de cada estação. Vem aí o Natal? Escreve um artigo acerca do verdadeiro São Nicolau, que nasceu na Turquia, tornou-se bispo de Myra e ficou conhecido pela sua generosidade, amor pelas crianças e preocupação com os marinheiros. É Verão? E se escrevesses sobre: a) o aquecimento global e a subida de 0, 8o de temperatura, indesmentível, durante os últimos cem anos, que ameaça transformar uma parte dos Estados Unidos no deserto de Sara, ou b) como é que o aquecimento global pode provocar uma nova idade dos gelos e transformar o território dos Estados Unidos numa tundra gelada. Por sua vez, o Dia de Acção de Graças era bom para procurar saber a verdade sobre os primeiros colonos, que não deve referir-se apenas a jantares de amigos com os americanos nativos, pois há que não esquecer Salem e a caça às bruxas, as epidemias de varíola e a desagradável propensão para o incesto.

Entrevistas com cientistas famosos e artigos sobre diversos satéli tes ou projectos da NASA mereciam sempre respeito e eram fáceis de colocar,

qualquer que fosse a época do ano, bem como as denúncias sobre drogas (legais ou ilegais), sexo, prostituição, jogo, bebidas alco ólicas, julgamentos que envolvessem grandes empreendimentos imo biliários, mais tudo, literalmente tudo, o que tivesse alguma relação com o sobrenatural, que na maioria dos casos pouco ou nada tinha a ver com a ciência e muito a ver com vigaristas como Clausen.

Tinha de admitir que o processo não se parecia nada com o que havia imaginado ser uma carreira no jornalismo. Na Universidade de Columbia - foi o único dos irmãos a frequentar a universidade e tornou-se o primeiro membro da família a conseguir uma formatura, um facto a que a mãe nunca deixava de referir-se ao falar com estranhos - fez duas licenciaturas, em Física e em Química, com a intenção de enveredar pelo ensino. Mas uma namorada que trabalhava para o jornal da universidade convenceu-o a escrever um artigo, muito bem apoiado em estatísticas, acerca dos critérios enviesados de classificação dos exames de admissão. Como o artigo provocou algumas manifestações de estudantes, Jeremy descobriu que tinha jeito para a escrita. No entanto, os seus projectos de carreira não se alteraram até que o pai foi defraudado em 40 mil dólares por um falso agente imobiliário, pouco antes da formatura de Jeremy. Com a casa da família em perigo - o pai era motorista de autocarro e trabalhou para a Port Authority até se reformar - pôs de lado a cerimónia de graduação para ir em perseguição do vigarista. Como um possesso, vasculhou os registos criminais e civis, entrevistou sócios do trapaceiro e conseguiu organizar um processo detalhado.

Como se tudo estivesse previsto, o gabinete do procurador de Nova Iorque tinha peixes muito maiores para pescar do que aquele pequeno trafulha, pelo que Jeremy teve de confirmar tudo e condensar as suas notas, para escrever a primeira denúncia da sua vida. No final, a casa foi salva e a revista New York aproveitou o artigo. O editor da revista convenceu-o de que a vida de professor não o levaria a lado nenhum e, com uma mistura subtil de lisonja e retórica acerca da realização de um grande sonho, sugeriu que Jeremy escrevesse uma prosa sobre o Leffertex, um antidepressivo que estava a ser objecto de intensa especulação nos meios de comunicação.

Jeremy aceitou a sugestão e trabalhou dois meses no artigo, sem ordenado. No final, o artigo fez que o fabricante do medicamento retirasse o pedido de licenciamento por parte da Administração Federal de Medicamentos e Alimentos. Depois disso, em vez de seguir para o Instituto de Tecnologia do Massachusetts para fazer o mestrado, partiu para a Escócia, a acompanhar um grupo de cientistas que investigavam o monstro de Loch Ness, a primeira das suas prosas de interesse geral. Esteve presente aquando da confissão feita, no leito de morte, por um cirurgião eminente que admitiu que a fotografia tirada ao monstro, em 1933 - a imagem que trouxe a lenda para o domínio público -, fora forjada por ele e por um amigo, numa tarde de domingo, e pretendera apenas ser uma anedota. O resto, como costuma dizer-se, pertence à História.

No entanto, quinze anos a correr atrás das histórias eram quinze anos de trabalho duro e, em troca, havia conseguido o quê? Tinha 37 anos de idade, vivia sozinho num apartamento esquálido de uma assoalhada, em Upper West Side. E agora seguia a caminho de Boone Creek, Carolina do Norte, para explicar um caso de aparecimento de luzes misteriosas num cemitério.

Abanou a cabeça, perplexo, como sempre, pelo rumo que a sua vida tomara. O grande sonho. Continuava a existir e ainda sentia a paixão de o alcançar. Só que, agora, começara a pensar se a televisão seria o meio de o realizar.

A história das luzes misteriosas tivera origem numa carta que Jeremy havia recebido um mês antes. Quando a leu, o seu primeiro pensamento foi que aquilo daria um bom artigo para o Dia das Bruxas. Dependendo do que conseguisse, a Southern Living, ou até a Reader's Digest, poderia revelar interesse em incluir a prosa no número de Outubro; se o texto se revelasse mais literário e narrativo, talvez interessasse à Harper's ou mesmo à New Yorker. Por outro lado, se a vila estivesse a tentar conseguir lucros com a situação, como Roswell, no Novo México, fizera com a história do disco voador, o artigo seria apropriado para um dos grandes jornais do Sul, que poderiam distribuí-lo por toda a sua cadeia. Ou, se a prosa fosse curta, poderia usá-la na sua coluna regular. O editor do Scientific American, a despeito da seriedade com que encarava os conteúdos da revista,

manifestava igualmente um profundo interesse no aumento do número de assinantes e falava disso com insistência. Sabia perfeitamente que o público adorava uma boa história de fantasmas. Podia hesitar e pigarrear enquanto olhava para a fotografia da mulher, a fingir que estava a avaliar os méritos do artigo, mas nunca rejeitava uma história daquelas. Os editores, tal como as outras pessoas, também apreciavam as bagatelas e, além disso, os assinantes eram vitais na alimentação do negócio. E as bagatelas, por muito que custasse reconhecê-lo, estavam a tornar-se o principal alimento dos media.

No passado, Jeremy tinha investigado sete aparições diferentes de fantasmas; quatro tinham acabado como material da sua coluna de Outubro. Algumas revelaram-se bastante vulgares: visões espectrais que ninguém poderia documentar cientificamente; mas três tinham envolvido fenómenos de poltergeist, espíritos considerados malévolos que conseguem mover objectos e causar estragos à sua volta. Segundo investigadores dos fenómenos paranormais - um oxímoro, se Jeremy alguma vez tivesse ouvido algum - os poltergeist são geralmente guiados para uma pessoa e não para um lugar. Em cada caso investigado por ele, incluindo os bem documentados nos meios de comunicação, a fraude foi sempre a causa dos misteriosos eventos.

Contudo, as luzes de Boone Creek seriam supostamente diferentes; segundo parecia, eram suficientemente previsíveis para permitirem que a vila patrocinasse um Circuito das Mansões Históricas e do Cemitério Assombrado, durante o qual, prometia o folheto, os visitantes veriam não apenas mansões datadas de meados do século XVIII mas também se as condições de tempo o permitissem, os angustiados antepassados da nossa vila na sua marcha nocturna pelo mundo dos mortos.

O folheto, que incluía imagens da bonita vila e afirmações melodramáticas, tinha-lhe chegado às mãos juntamente com a carta. Foi recordando a carta enquanto conduzia:

Caro Mr. Marsh,

chamo-me Doris Me-Clellan e, há dois anos, li o seu artigo publicado no Scientific American sobre a aparição do poltergeist de Brenton Manor,

em Newport, Rhode Island. Pensei escrever-lhe na altura mas, por qualquer motivo, não o fiz.

Acho que se me varreu da memória, mas com o que actualmente se está a passar na minha vila, penso que chegou a altura de lhe dar conhecimento.

Não sei se alguma vez ouviu falar do cemitério de Boone Creek, Carolina do Norte, mas a lenda diz que o cemitério está assombrado pelos espíritos dos antigos escravos. No Inverno, entre Janeiro e Fevereiro, sempre que o nevoeiro desce, as luzes azuis parecem dançar sobre as pedras tumulares. Há quem diga que parecem luzes estroboscópicas, outras pessoas juram que têm o tamanho de bolas de basquetebol. Também já as vi; para mim, parecem as luzes das bolas suspensas nas discotecas. De qualquer forma, no ano passado apareceram por aqui umas pessoas da Universidade de Duke, para procederem a uma investigação; julgo que eram meteorologistas, geólogos ou algo parecido. Também eles viram as luzes, mas não conseguiram explicá-las, e o jornal da terra publicou um grande artigo acerca do mistério. Se pudesse vir até cá, talvez conseguisse uma explicação racional, descobrir o que são aquelas luzes.

Se precisar de mais informações, telefone-me para o Herbs, um restaurante aqui da vila.

A carta oferecia mais algumas informações para tornar o contacto mais fácil e, depois de a ler, folheou a brochura da sociedade histórica local. Leu legendas sobre as casas que esperavam os visitantes, passou por cima das informações sobre a parada e o baile de sexta-feira à noite, e deu consigo a franzir o sobrolho perante o anúncio de que, pela primeira vez, a visita ao cemitério seria incluída no programa turístico de sábado à noite. Na contracapa da brochura, rodeados pelo que pareciam gravuras feitas à mão a partir do filme Casper, havia testemunhos de pessoas que haviam visto as luzes e excertos com a aparência de terem sido retirados de um artigo do jornal local. No centro, destacava-se uma má fotografia de uma luz brilhante no sítio onde poderia ter estado, ou não, o cemitério (a citação afirmava que sim).

Não era bem a Borely Rectory, um complexo assombrado" da era vitoriana, na margem norte do rio Stour, em Essex, Inglaterra, a mais

famosa das casas assombradas da História, onde as aparições, incluíam cavaleiros decapitados, estranha música de órgão e toques de sinos, mas era suficiente para despertar o interesse de um jornalista.

Por não ter conseguido encontrar o artigo mencionado na carta (não havia arquivo no portal do jornal da terra na Internet), contactou vários departamentos da Universidade de Duke e acabou por conseguir o projecto original de investigação. Tinha sido escrito por três alunos de pós-graduação e, embora soubesse os nomes e números de telefones deles, duvidava de que tivesse motivos para lhes telefonar. O relatório da investigação não continha qualquer dos pormenores que ele esperava encontrar. Em vez disso, o estudo resumira-se a documentar a existência das luzes e a reiterar o facto de o equipamento utilizado pelos estudantes estar a funcionar em perfeitas condições, o que mal aflorava a informação de que ele precisava. Além disso, se alguma coisa aprendera nos últimos quinze anos, sabia que só poderia contar com o seu próprio trabalho.

Ali estava o segredo sujo da publicação de revistas. Embora todos os jornalistas se gabassem das suas investigações pessoais, e havia muitos que as faziam, continuavam a depender muito de opiniões e de meias verdades que haviam sido publicadas no passado. Daí os erros frequentes, quase sempre pouco importantes, mas alguns colossais. Qualquer artigo, em qualquer revista, continha erros; dois anos antes, Jeremy tinha escrito um artigo acerca disso, em que denunciava os hábitos menos louváveis dos seus colegas de profissão.

Contudo, o seu editor, proibira a publicação. E nenhum outro magazine se mostrou entusiasmado com a prosa.

Ia observando os carvalhos a passarem pela janela do carro, a tentar perceber se deveria mudar de profissão e, de repente, lamentou não se ter documentado melhor sobre a história dos fantasmas. E se não houvesse quaisquer luzes? E se a carta fosse uma brincadeira? E se não houvesse uma simples lenda, capaz de servir de fio condutor para um artigo? Não servia de nada preocupar-se, pois, além de mais, era demasiado tarde. Já lá estava e, em Nova Iorque, o Nate já estava atarefado a manusear os telefones.

Na mala do carro, tinha todo o equipamento necessário para a caça aos fantasmas (tal como é descrito em Ghost Busters for Reall, um livro que comprara por graça, depois de uma tarde de copos). Trazia uma máquina Polaroid, uma máquina de filmar de 35 mm, quatro câmaras de vídeo com tripés, gravador de som e microfones, detector de radiações de alta-frequência, detector electromagnético, bússola, óculos de visão nocturna, computador portátil, além de outras quinquilharias.

Afinal, tinha de fazer tudo como deve ser. Caçar fantasmas não é tarefa para amadores.

Como seria de esperar, o editor tinha protestado contra o preço dos equipamentos de compra mais recente, que sempre pareciam ser exigidos numa investigação daquele género. A tecnologia estava a andar depressa, o que tornava os equipamentos de ontem os equivalentes das ferramentas de pedra e de sílex, explicara Jeremy ao editor, fantasiando acerca do emissor de laser instalado numa mochila que Bill Murray e Harold Ramis usaram no filme Os Caça-Fantasmas. Gostaria de ver como o editor reagiria perante uma coisa daquelas. Mesmo assim, antes de assinar a nota de despesas, o homem mais parecia um coelho alimentado a anfetaminas. Ficaria certamente maldisposto se a história acabasse na televisão e não na coluna habitual.

A sorrir com a recordação da cara do editor, Jeremy procurou em várias estações de rádio: rock, hip-hop, gospel, antes de se fixar num programa local em que estavam a ser entrevistados dois pescadores de linguados, que discutiam com paixão a necessidade de ser diminuído o peso com que os peixes podiam ser pescados. O locutor, que parecia extraordinariamente interessado no tema, falava com uma voz profundamente nasalada. A publicidade anunciava a feira de armas e moedas na Masonic Lodge, em Grifton, e as últimas alterações entre

as equipas NASCAR.

O trânsito aumentou de intensidade nas proximidades de Greenville e ele rodeou a parte central da vila, à volta das instalações da Universidade de East Carolina. Atravessou a ponte sobre o rio Pamlico, de águas salobras, e virou para uma estrada rural. O asfalto foi estreitando até

começar a ziguezaguear pela zona rural, apertado entre os campos desolados pelo Inverno, matas densas e uma ou outra herdade. Cerca de meia hora mais tarde, viu que estava prestes a entrar em Boone Creek.

Passado o primeiro, e único, semáforo, o limite de velocidade desceu para os 40 quilómetros horários; ao abrandar, Jeremy encarou a paisagem com desconsolo. Para além de meia dúzia de casas móveis, colocadas ao acaso perto da estrada e em duas ruas que se cruzavam, o caminho asfaltado era dominado por duas estações de serviço em estado precário e pela loja de pneus Leroy. O dono da loja anunciava a sua localização com um letreiro colocado em cima de uma pilha de pneus, o que em qualquer outro género de localidade seria considerado um risco de incêndio. Jeremy atingiu a outra ponta da vila num minuto, no ponto onde a velocidade limite voltava a aumentar. Encostou o carro à berma.

Ou a Câmara de Comércio tinha utilizado fotografias de qualquer outra vila no sítio da Internet ou ele se tinha enganado algures. Parou para consultar uma vez mais o mapa; segundo aquele mapa, estava em Boone Creek. Olhou pelo óculo traseiro, a pensar onde diabo estaria. As ruas calmas, limitadas por renques de árvores. As azáleas em flor. As mulheres bonitas e bem vestidas.

Enquanto tentava perceber, reparou num campanário branco que despontava de entre as copas das árvores e decidiu que teria de seguir por uma das ruas que se cruzavam mais atrás. Depois de uma curva e contracurva, o cenário mudou subitamente e não tardou que estivesse a circular por uma vila, que talvez já tivesse sido graciosa e pitoresca, mas agora estava a morrer de velhice. Os alpendres decorados com vasos de flores suspensos e bandeiras americanas não conseguiam esconder a tinta estalada e os fungos acumulados por baixo do beirado. Grandes magnólias davam sombra aos quintais, mas os rododendros cuidadosamente aparados só em parte conseguiam esconder as rachas das bases das casas. No entanto, a terra parecia bastante hospitaleira. Uns quantos casais de idosos, sentados nos alpendres em cadeiras de balouço, acenaram quando ele passou.

Foram precisos vários acenos para ele perceber que não estavam a acenar-lhe por pensarem que o conheciam, mas porque aquelas pessoas acenavam para qualquer carro que passasse por ali. Depois de andar às

voltas pelo emaranhado de ruas, acabou por ir parar ao cais, o que o fez recordar que a vila tinha evoluído na confluência dos rios Creek e Pamlico. Ao passar pelo centro, pelo que deveria ter sido uma zona movimentada de comércio, reparou que a vila estava a morrer. Dispersos por entre os espaços vagos e as montras entaipadas, havia diversos estabelecimentos antigos; viu um restaurante fora de moda, uma taverna com o nome Lookilu e uma barbearia. Muitas das lojas tinham nomes de sabor local e pareciam ter sido fundadas havia décadas, mas estavam a travar uma batalha inglória contra a extinção. O único sinal de vida moderna era dado pelas T-shirts coloridas que ostentavam slogans como Eu sobrevivi aos Fantasmas de Boone Creek! " expostas na montra daquilo que era provavelmente uma versão rural e sulista de um centro comercial.

O Herbs, onde a Doris MeClellan trabalhava, era bastante fácil de localizar. Ficava perto do final do quarteirão, numa casa de estilo vitoriano, de finais do século XIX, princípios do século XX, restaurada e com pintura cor de pêssego. Os carros estavam arrumados, com a frente para fora, no pequeno parque de estacionamento existente ao lado; e viam-se mesas por detrás das cortinas das janelas e no alpendre. Tanto quanto conseguia ver, todas as mesas estavam ocupadas, pelo que Jeremy julgou melhor passar mais tarde, para falar com a Doris depois de o número de clientes do restaurante ter diminuído.

Reparou na localização da Câmara de Comércio, um pequeno edifício indeFinível situado à saída da vila, e voltou a entrar na estrada. Um impulso repentino levou-o a parar numa estação de serviço.

Depois de tirar os óculos escuros, Jeremy baixou o vidro da janela. O proprietário usava um macaco em mau estado e um boné de Dale Earnhardt, piloto da NASCAR. Levantou-se com lentidão e começou a dirigir-se para o carro, a mastigar o que Jeremy julgou ser tabaco de mascar.

- Posso ajudá-lo? - perguntou, com um sotaque indiscutivelmente sulista, a mostrar os dentes acastanhados. O cartão pregado ao

peito identificava-o como TULLY.

Jeremy pediu indicações sobre o caminho para o cemitério mas, em vez de responder, o proprietário olhou-o de alto a baixo.

- Quem é que morreu? - acabou por perguntar.

Jeremy pestanejou:

- Perdão?

- Vai a um enterro, não vai?

- Não. Só quero ver o cemitério.

O homem assentiu.

- Bem, tem o aspecto de quem vai a um funeral.

Jeremy olhou a roupa que vestia: casaco preto, camisola preta de gola alta, calças pretas, sapatos pretos Bruno Magli. O homem não deixava de ter razão.

- Não, acho que gosto de me vestir de preto. De qualquer forma, quanto às indicações...

O proprietário empurrou a pala do boné para trás e falou lentamente:

- Não gosto nada de enterros. Fazem-me pensar que deveria ir mais vezes à igreja, para acertar as minhas contas antes que seja demasiado tarde. Já Lhe aconteceu?

Jeremy não sabia muito bem o que dizer. A pergunta não era muito frequente, especialmente quando vem em resposta a quem pediu uma informação.

- Não me parece - acabou por arriscar.

O proprietário tirou um trapo da algibeira e começou a limpar as mãos sujas de óleo.

- Acho que não deve ser daqui. Tem um sotaque esquisito.

- Nova Iorque - esclareceu Jeremy.

- Já ouvi falar, mas nunca lá fui - respondeu. Deu uma olhadela ao Taurus. - O carro é seu?

- Não, é alugado.

Fez um aceno de cabeça, mas manteve-se calado.

- Mas, quanto ao cemitério - insistiu Jeremy. - Pode dizer-me como se vai para lá?

- Acho que sim. Qual é o que procura?

- Chama-se Cedar Creek?

O proprietário olhou-o com curiosidade.

- O que é que vai lá fazer? Não há lá nada que ver. Há cemitérios mais bonitos do outro lado da vila.

- Na verdade, estou interessado apenas nesse.

O homem não pareceu ouvi-lo.

- Tem algum conhecido enterrado lá?

- Não.

- É algum desses construtores civis ricos do Norte? Talvez pense construir condomínios ou centros comerciais naquele lugar?

Jeremy negou com um movimento de cabeça.

- Não. Na verdade, sou jornalista.

- A minha mulher gosta dos centros comerciais. Dos condomínios também. Pode ser uma boa ideia.

- Ah! - exclamou Jeremy, a tentar imaginar o tempo que aquela conversa iria durar. - Bem gostaria de o ajudar, mas não trabalho nesse ramo.

- Precisa de gasolina? - indagou ao dirigir-se para a traseira do carro.

- Não, obrigado.

O outro já estava a desenroscar a tampa do depósito.

- Normal ou super?

Jeremy virou-se no assento, a pensar que o homem queria mesmo vender- lhe a gasolina. - Acho que é normal.

Depois de pôr a gasolina a correr, o homem tirou o boné, passou os dedos pelo cabelo e voltou para junto da janela do carro.

- Se tiver problemas com o carro, não hesite em passar por cá. Sei reparar os dois tipos de carros e, além disso, não sou careiro.

- Os dois tipos?

- Estrangeiros e americanos - esclareceu. - Em que é que pensou que eu estava a falar? - perguntou, mas não esperou pela resposta; limitou- se a abanar a cabeça, como se Jeremy fosse parvo. - A propósito, o meu nome é Tully. E o seu?

- Jeremy Marsh.

- E é urologista?

- Jornalista.

- Não temos urologistas na vila. Mas em Greenville há uns quantos.

- Ah - anuiu Jeremy, sem qualquer vontade de o corrigir. - Mas, e o caminho para Cedar Creek...

Antes de responder, Tully esfregou o nariz e observou a estrada.

- Bom, a esta hora não vai conseguir ver nada. Os fantasmas não aparecem antes da noite, se é para isso que está aqui.

- Não percebo.

- Os fantasmas. Se não tem familiares enterrados no cemitério, então veio cá por causa dos fantasmas, correcto?

- Ouviu falar nos fantasmas?

- Pois ouvi, claro. Vi-os com os meus próprios olhos. Mas, se quer comprar bilhete, tem de ir à Câmara de Comércio.

- É preciso bilhete?

- Bom, não pode entrar assim de qualquer maneira pela casa das pessoas, pois não?

Jeremy levou algum tempo a perceber o que o outro estava a dizer-lhe.

- Oh, claro. O Circuito das Mansões Históricas e do Cemitério Assombrado, não é?

Tully ficou a olhar para Jeremy como se ele fosse a pessoa mais estúpida que alguma vez percorreu a superfície da Terra.

- Bom, é claro que estávamos a falar da visita. Do que é que julgou que eu estava a falar?

- Nem tenho a certeza - confessou Jeremy. - Mas, quanto ao caminho para lá.

Tully abanou a cabeça.

- Está bem, está bem - resmungou, como se estivesse farto da conversa. Apontou na direcção da vila.

- Tem de voltar ao centro da vila, depois seguir a estrada principal para norte, até chegar à curva que há a uns seis quilómetros do sítio onde a estrada costumava acabar. Volte para oeste, continue até atingir o cruzamento e siga a estrada que passa pela casa do Wilson Tanner. Volte outra vez para norte, onde era o cemitério de automóveis, vá em frente durante um bocado e vai ter mesmo em frente do cemitério.

Jeremy assentiu e agradeceu.

- Obrigado.

- Percebeu, de certeza?

- Cruzamento, casa do Wilson Tanner, cemitério de automóveis - repetiu, como um robô. - Obrigado pela ajuda.

- Não tem de quê. Ainda bem que ajudei. E deve-me sete dólares e quarenta e nove cêntimos.

- Aceita cartões de crédito?

- Não. Nunca gostei dessas coisas. Não gosto que o Governo saiba tudo aquilo que eu faço. O que eu faço não interessa a mais ninguém.

- Pois - começou Jeremy ao pegar na carteira -, isso é um problema. Ouvi dizer que o Governo tem espiões por todo o lado.

Tully assentiu, assumindo um ar de quem sabe.

- Acho que para vocês, os médicos, ainda deve ser pior. O que me faz lembrar...

Tully manteve-se a falar sem interrupção durante os quinze minutos seguintes. Jeremy ficou a conhecer os caprichos do tempo, éditos ridículos do Governo e que o Wyatt, o dono da outra bomba de gasolina, o enganaria se fosse lá atestar o depósito, pois o malandro modificava a calibração das bombas logo que o camião da Unocal se afastava. Mas, ainda mais importante, ficou bem informado sobre o estado da próstata do Tully, que o obrigava a saltar da cama pelo menos cinco vezes por noite para ir à casa de banho. Estando a falar com um urologista, não deixou de pedir a opinião de Jeremy sobre a doença. Também procurou informações sobre o Viagra.

Depois de ele ter enchido as bochechas pela segunda vez com tabaco de mascar, a conversa foi interrompida por ter parado um carro do outro lado da bomba. O condutor levantou o capô e Tully olhou lá para dentro e mexeu nuns fios, não sem antes ter cuspido para o lado. Prometeu reparar a avaria, mas, como estava muito ocupado, o homem teria de deixar lá o carro pelo menos durante uma semana. O estranho parecia já estar à espera daquela resposta e, momentos depois, estavam ambos a falar no caso de Mrs. Dungeness e da sariguéia que Lhe entrara em casa durante a noite para comer a fruta guardada na cesta da cozinha.

Jeremy aproveitou a oportunidade para desaparecer dali. Parou no centro comercial para comprar um mapa e uma embalagem de postais com os lugares mais importantes de Boone Creek; não tardou que se encontrasse numa estrada sinuosa que conduzia à saída da vila. Como por magia, encontrou a curva e o cruzamento, mas, infelizmente, não encontrou nem vestígios da casa de Wilson Tanner. Voltou para trás e chegou junto de um caminho de terra, quase escondido pelo excessivo crescimento das árvores de ambos os lados.

Fazendo a curva, seguiu aos saltos por entre os inúmeros buracos, até que o bosque começou a ficar mais aberto. Passou por um sinal, à direita, a recordar-Lhe que estava a aproximar-se de Riker's Hill, local de uma escaramuça durante a Guerra Civil, e momentos depois parou em frente do

portão principal do cemitério de Cedar Creek. Um outeiro, o Riker's Hill, elevava-se ao fundo. Elevava-se, era uma forma de expressão, pois parecia ser a única elevação de terreno naquela parte do estado. Ali, qualquer coisa se destacava. O local era tão plano como os linguados de que ouvira falar na rádio.

Rodeado por colunas de tijolo e por uma sebe enferrujada, o cemitério de Cedar Creek localizava-se num ligeiro vale, dando a ideia de que estava a afundar-se lentamente. O terreno recebia a sombra de diversos carvalhos e tilândsias, mas a enorme magnólia do centro dominava tudo. As raízes saíam do tronco, acima da terra, como dedos atacados pela artrite.

Embora o cemitério devesse ter sido um lugar arranjado e calmo de descanso, fora votado ao abandono. No caminho de terra que se seguia ao portão notavam-se sulcos profundos feitos pela chuva e um tapete de folhas a apodrecer. Os poucos relvados pareciam ali deslocados. Ramos caídos aqui e ali, num terreno cujas ondulações fizeram que Jeremy se lembrasse de ondas a rolar para a praia. Ervas altas apareciam por entre as pedras tumulares, que pareciam quase todas partidas.

Tully tinha razão. Não havia muito que ver. Porém, para cemitério assombrado, era perfeito. Especialmente para um que acabasse por ser apresentado na televisão. Jeremy sorriu. O local parecia ter sido criado por especialistas de Hollywood.

Saiu do carro e estendeu as pernas, antes de abrir a bagageira para tirar a máquina fotográfica. O ar era frio, mas sem a frigidez árctica do de Nova Iorque; inspirou profundamente, a apreciar o odor a pinheiro e a erva fresca. Por cima dele, cúmulos de nuvens corriam pelo céu e, lá longe, um falcão isolado voava em círculos. O outeiro de Riker's Hill era coberto de pinheiros e nos terrenos que se estendiam a partir da base viu um barracão abandonado que servira para secagem de tabaco. Coberto de hera, com falta de metade do telhado de zinco e uma das paredes a desabar, estava inclinado para um dos lados, parecendo que um ligeiro aumento da brisa seria suficiente para o derrubar. Para além do barracão, não havia qualquer vestígio de vida civilizada.

Jeremy ouviu ranger os gonzos quando empurrou o portão enferrujado e caminhou com passos lentos pelo caminho de terra. Deu uma vista de

olhos às lápides de ambos os lados, espantado pela falta de nomes, acabando por verificar que as gravações originais tinham sido quase apagadas pelos elementos e pela passagem do tempo. As poucas onde ainda se lia qualquer coisa datavam do final do século XVIii. Mais adiante, uma cripta parecia ter sofrido um assalto. O tecto e as paredes laterais tinham caído lá para dentro e, logo a seguir, outro monumento tinha caído para cima do caminho. Seguiam-se mais criptas danificadas e monumentos derrubados. Jeremy não notou vestígios de vandalismo, havia apenas sinais de degradação natural, embora profunda. Também não lhe pareceu que alguém ali tivesse sido enterrado nos últimos trinta anos, o que explicaria aquele ar de abandono.

Parando à sombra da magnólia, pôs-se a imaginar qual seria o aspecto daquele lugar numa noite de nevoeiro. Fantasmagórico, provavelmente, propício a deixar a imaginação das pessoas à solta. Contudo, se havia luzes inexplicadas, donde poderiam provir? Pensou que os fantasmas" não passassem de luzes reflectidas transformadas em prismas pelas gotas de água do nevoeiro, mas naquele lugar não havia qualquer sistema de iluminação, nem mesmo no cemitério. Em Riker's Hill também não viu sinais de habitações que pudessem ser responsáveis pelo fenómeno. Supôs que pudessem provir de faróis de automóveis, mas reparou que havia uma única estrada e, se assim fosse, há muito que as pessoas teriam estabelecido a correlação.

Para além do mapa de estradas que acabava de comprar, teria de arranjar, um bom mapa topográfico da zona. Talvez a biblioteca local possuísse um. De qualquer forma, teria de passar pela biblioteca para investigar a história do cemitério e da própria vila. Tinha de saber quando é que as luzes foram avistadas pela primeira vez; a data poderia dar-lhe uma pista sobre a causa. E não havia dúvidas de que teria de passar uns dias ali, na vila dos fantasmas, se o nevoeiro estivesse disposto a cooperar.

Durante algum tempo percorreu o cemitério e foi tirando fotografias. Não seriam para publicar; serviriam de pontos de referência para o caso de encontrar imagens mais antigas do cemitério. Pretendia saber as alterações que fora sofrendo ao longo dos anos, talvez fosse bom saber quando, ou como, as destruições tinham ocorrido. Também fotografou a magnólia. Era, sem dúvida, a maior que já vira. O tronco negro tinha mirrado e os

ramos baixos teriam sido suficientes para os entreter durante horas, a ele e aos irmãos, quando eram todos pequenos. Se não estivessem rodeados de pessoas mortas, é bom que se diga.

Enquanto fazia uma rápida análise das fotografias para ver se seriam suficientes, notou um movimento pelo canto do olho.

Levantando os olhos, viu uma mulher a caminhar para ele. Trazia calças de ganga, botas e uma camisola ligeira que casava bem com a mala de tela que transportava, e tinha cabelo castanho que lhe descia para os ombros. A pele, com um ligeiro toque cor de azeitona, tornava desnecessária a maquilhagem, mas foi a cor dos olhos que lhe despertou a atenção: à distância, pareciam quase violeta. Fosse quem fosse, tinha estacionado o carro imediatamente atrás do dele.

Por momentos, pensou que ela estava a aproximar-se para o convidar a sair dali. Talvez o cemitério estivesse condenado e já não fosse propriedade pública. Mas poderia tratar-se de uma simples coincidência.

E continuou a avançar para ele.

Pensando melhor, a coincidência era bastante atractiva. Jeremy endireitou-se, enquanto guardava a máquina fotográfica na bolsa. Sorriu abertamente quando a mulher estava próxima.

- Olá, boa tarde - cumprimentou.

Ao ouvir a saudação, abrandou um pouco o passo, como se não tivesse reparado nele. Mostrava uma expressão quase divertida, Jeremy desejou que ela parasse. Em vez disso, ouviu-a rir ao passar-lhe ao lado.

Com olhos apreciativos, Jeremy ficou a vê-la seguir. Ela não olhou para trás. Antes que pudesse evitá-lo, deu um passo para a seguir.

- Eh! - bradou.

Em vez de parar, ela limitou-se a virar- se e continuou a andar, a recuar, com a cabeça descaída, inquisitiva. Jeremy notou-lhe a mesma expressão divertida.

- Sabe uma coisa, não devia olhar dessa maneira - repreendeu, em voz alta. - As mulheres gostam de homens que saibam ser subtis.

Voltou-se de novo, ajustou a mala ao ombro e continuou a andar.

Jeremy voltou a ouvi-la rir, de longe.

Deixou-se ficar, de boca aberta, pela primeira vez na vida não conseguira encontrar uma resposta.

Muito bem, não estava interessada. Não era problema. No entanto, a maioria das pessoas teria pelo menos correspondido à saudação. Talvez fosse um costume do Sul. Talvez os homens estivessem sempre a mirá-la, talvez estivesse farta dos olhares. Ou talvez não desejasse ser interrompida enquanto andava. andava.

A fazer o quê?

Suspirou, aquele era o problema do jornalismo. Tornara-o curioso. Na verdade, não tinha nada a ver com aquilo. Além do mais, recordou a si mesmo que estava num cemitério. A mulher poderia estar ali de visita aos defuntos. As pessoas fazem isso constantemente, não fazem?

Franziu o cenho. A única diferença era que a maioria dos cemitérios apresentava sinais de ter quem viesse cuidar deles de vez em quando, enquanto este parecia a cidade de São Francisco depois do terramoto de 1906. Julgava que poderia ter ido no encalço da mulher para ver o que ela andava a fazer, mas conhecia o suficiente das mulheres para compreender que espiar era bastante mais repreensível do que o simples apreciar com os olhos. E ela parecera não gostar de ser apreciada.

Jeremy esforçou-se para não olhar enquanto ela desaparecia por detrás de um dos carvalhos, com a mala de tela a balouçar a cada uma das suas graciosas passadas.

Só depois de ela ter desaparecido conseguiu recordar-se de que, naquele preciso momento, as raparigas bonitas não eram para ali chamadas. Tinha um trabalho a fazer e o seu futuro podia depender dele. Dinheiro, fama, televisão, blá, blá, blá. Ora bem, e a seguir já vira o cemitério. poderia também dar uma vista de olhos pela zona adjacente. Como quem se enquadra num lugar.

Regressou ao carro e quase dançou de contente por nem sequer ter olhado para trás, para ver se ela estava a observá-lo. Aquele era um jogo a

dois. O que pressupunha, era evidente, que a mulher estivesse interessada naquilo que ele estava a fazer; e ele tinha quase a certeza de que não estava.

Uma rápida vista de olhos pelo retrovisor provou-lhe que tinha razão.

Ligou o motor e acelerou ligeiramente; quanto mais se afastava do cemitério mais fácil se Lhe tornava deixar desvanecer-se a imagem da mulher, para se concentrar na tarefa que tinha entre mãos. Continuou pela estrada para ver se havia outras estradas, de terra ou pavimentadas, que interceptassem aquela. além de se manter alerta, sem resultado, para a existência de moinhos de vento ou construções com tectos de zinco. Também não encontrou algo tão simples como uma casa de herdade.

Fez inversão de marcha e percorreu o mesmo caminho, à procura de uma estrada que o levasse ao cimo de Riker's Hill, mas acabou por desistir, em completa frustração. Ao aproximar-se de novo do cemitério, deu consigo a pensar quem seria o proprietário dos terrenos que o rodeavam e se Riker's Hill seria propriedade pública ou privada. Os serviços de finanças deviam dispor dessa informação. O olho treinado de jornalista também notou que o carro da mulher tinha desaparecido, o que lhe provocou uma ligeira, embora surpreendente, sensação de desapontamento, que desapareceu com a mesma rapidez com que se tinha manifestado.

Consultou o relógio; passava pouco das 14 horas, o que o levou a pensar que o Herbs estaria agora mais acessível. Poderia até tentar falar com Doris. Era provável que ela pudesse lançar alguma luz" sobre o caso.

Sorriu para si mesmo, a pensar se a mulher que vira no cemitério também teria achado graça ao trocadilho.

# TRÊS

Quando chegou ao restaurante Herbs só algumas das mesas do alpendre estavam ainda ocupadas. Ao subir os degraus para chegar à porta, notou que as conversas foram interrompidas e que as pessoas ficaram a observá-lo. Só a mastigação continuou, o que fez Jeremy lembrar-se do olhar curioso com que as vacas observam quem se aproxima da vedação do campo de pastagem. Cumprimentou com acenos de cabeça e de mãos, como vira fazer aos velhotes sentados nos alpendres.

Tirou os óculos escuros e empurrou a porta. As pequenas mesas quadradas espalhavam-se pelas duas salas principais, uma de cada lado do edifício, separadas por um lanço de escadas. As paredes cor de pêssego eram ofuscadas pelas madeiras brancas, o que dava ao lugar um ar de conforto caseiro; viu num relance que a cozinha era no fundo da casa.

Uma vez mais, ao passar, foi analisado pelos mesmos olhares vagarosos, como os das vacas. As pessoas calavam-se. Os olhos seguiam-no. Quando ele saudava com as mãos e com a cabeça os olhos baixavam e o murmúrio das conversas voltava a ouvir-se. Aquela história dos acenos parecia ter uma espécie de efeito mágico.

Deixou-se ficar de pé, a brincar com os óculos escuros, esperando que a Doris lá estivesse, e viu uma empregada de mesa a sair da cozinha. Estaria no final da casa dos vinte anos, alta e magra como uma cana, com uma cara cheia de alegria.

- Sente-se onde quiser, amor - chilreou. - Vou já atendê-lo.

Depois de confortavelmente instalado junto de uma janela, viu a empregada aproximar-se. O cartão de identificação dizia que se chamava Rachel. Jeremy reflectiu sobre o hábito ali existente do uso de cartões de identificação. Cada trabalhador teria um? Gostaria de saber se era uma espécie de norma. Como o hábito de acenar com a cabeça e com a mão.

- Querido, posso trazer-Lhe qualquer coisa para beber?

- Tem capuccino? - arriscou.

- Lamento, não tenho. Mas temos café.

Jeremy sorriu.

- Café serve perfeitamente.

- Vem já a seguir. A ementa está em cima da mesa, se quiser comer qualquer coisa.

- Na verdade, estava a pensar se a Doris MeClellan estava por cá.

- Oh, está nas traseiras - informou uma Rachel radiante. - Deseja que a chame?

- Se não se importa.

Sorriu.

- Não me importo nada, querido.

Ficou a observá-la a dirigir-se para a cozinha e a empurrar a porta. Uns momentos depois, emergiu outra mulher, que supôs ser a Doris. Era o oposto de Rachel: baixa e forte, com cabelo louro que começava a embranquecer, vinha de avental, mas não tinha cartão de identificação na blusa com flores. Parecia ter cerca de sessenta anos. Parou junto da mesa, pôs as mãos nas ancas e abriu-se num sorriso.

- Ora bem, deve ser o Jeremy Marsh.

A pestanejar, Jeremy, perguntou:

- Conhece-me?

- É claro que sim. Vi-o no Primetime Live de sexta-feira. Deve ter recebido a minha carta.

- Pois recebi, obrigado.

- E veio até cá para escrever um artigo acerca dos fantasmas?

Ele ergueu as duas mãos:

- Assim parece.

- Bem, assim terá de ser - concordou ela. O sotaque fazia parecer que as letras eram ditas uma por uma. - Por que não me disse que vinha?

- Gosto de surpreender as pessoas. Por vezes, a surpresa facilita a recolha de informações.

Desvanecido o efeito da surpresa, ela resolveu puxar uma cadeira.

- Importa-se que me sente? Suponho que veio aqui para falar comigo.

- Não desejo que arranje problemas com o seu patrão, se está na sua hora de trabalho.

Doris olhou por cima do ombro e bradou:

- Eh, Rachel, achas que a patroa se zanga se eu me sentar? Este homem quer falar comigo.

A cabeça de Rachel apareceu a espreitar da cozinha. Jeremy reparou que trazia um bule de café.

- Não, acho que a patroa não vai preocupar-se com isso - respondeu. - Ela adora conversar. Especialmente com um homem bonito como esse.

Doris virou-se novamente para ele, e disse:

- Está a ver. Não há problema.

Jeremy sorriu.

- Parece um belo local para se trabalhar.

- Pois é.

- Segundo percebi, é a patroa.

- Confesso-me culpada - respondeu Doris, com os olhos a brilhar de satisfação.

- Há quanto tempo tem este negócio?

- Há quase trinta anos, abri para fornecer pequenos-almoços e almoços. Fornecíamos comida saudável ainda antes de ela se tornar popular e fazemos as melhores omeletas deste lado de Raleigh - informou. Inclinou-se para diante e perguntou: - Está com fome? Devia experimentar uma das

nossas sanduíches de almoço; até fabricamos o pão, todos os dias. Está com ar de quem comia qualquer coisa e, pelo seu aspecto... - hesitou, para o observar melhor. - Diria que adoraria uma sanduíche de galinha com molho pesto. Leva couve, tomate, pepino e o pesto é feito segundo uma receita minha.

- Não tenho assim tanta fome.

Rachel aproximou-se com duas canecas de café.

- Bom, só para que saiba... se lhe vou contar uma história, prefiro que esta seja acompanhada com uma boa refeição. E tenho propensão a ser lenta a contar histórias.

Jeremy rendeu-se.

- A sanduíche de galinha com pesto parece-me excelente.

Doris sorriu.

- Rachel, fazes o favor de nos trazeres um par de Albermarles?

- Com certeza - respondeu a Rachel. Olhou com ares de apreciadora. - A propósito, quem é o seu amigo? Nunca o tinha visto por aqui.

- Chama-se Jeremy Marsh - esclareceu Doris. - É um famoso jornalista que veio até cá para escrever um artigo sobre a nossa bela vila.

Rachel pareceu interessada:

- De verdade?

- É verdade - respondeu Jeremy.

- Oh, graças a Deus - respondeu Rachel a piscar um olho.

- Cheguei a pensar que vinha assistir a um funeral.

Jeremy fez uma cara de espanto quando ela se retirou. Doris riu-se ao ver a cara dele.

- O Tully passou por cá depois de lhe ter ensinado o caminho para o cemitério - explicou. - Penso que terá julgado ser essa a razão da sua vinda, mas quis certificar-se. Bom, de qualquer modo, repetiu toda a vossa

conversa e a Rachel nunca poderia resistir. Todos nós achámos muita graça ao comentário dele.

- Ah! - foi a única resposta de Jeremy.

Doris inclinou-se para diante.

- Aposto que ele lhe encheu os ouvidos.

- Um pouco.

- É sempre o mesmo fala-barato. Se não houvesse ninguém por perto para o ouvir, seria capaz de falar com uma caixa de sapatos; juro que não sei como é que a mulher dele, a Bonnie, conseguiu aguentar durante tanto tempo. Mas, há doze anos, ficou surda e, por isso, ele agora fala com os clientes. Ninguém consegue sair de lá em menos tempo que o que os cubos de gelo levam a derreter-se durante o Inverno. Hoje mesmo, quando passou por cá, tive de o afugentar. Não consigo trabalhar com ele ao pé de mim.

Jeremy pegou na caneca do café.

- A mulher ensurdeceu?

- Julgo que Deus Nosso Senhor se apercebeu de que ela já tinha sofrido demasiado. Bendito seja.

Depois de um gole, Jeremy soltou uma gargalhada.

- Diga-me uma coisa, como é que ele percebeu que eu estava cá por ter sido contactado por si?

- Sempre que acontece qualquer coisa fora do habitual, a culpa recai sobre mim. Acho que é da terra, do facto de eu estar ligada aos fenómenos psíquicos, e de outras coisas.

Jeremy ficou a olhar para Doris, que lhe sorria.

- Presumo que não acredita em espíritas - notou ela.

- Não, na verdade não acredito.

Doris alisou o avental.

- Bom, na maior parte dos casos eu também não. Na sua maioria, são uns excêntricos. Mas a verdade é que algumas pessoas têm um dom.

- Assim sendo... poderá ler os meus pensamentos?

- Não, não é nada disso - esclareceu Doris, a abanar a cabeça.

- Pelo menos, na maioria das situações. Sou bastante intuitiva acerca das pessoas, mas ler o que lhes vai na mente era mais para a minha mãe. Ninguém conseguia esconder-Lhe nada. Até sabia o que eu tencionava comprar-lhe como presente de aniversário, o que anulava uma boa parte do prazer que eu sentia. Os meus dons são diferentes. Sou adivinha. E também posso dizer o sexo de um bebé antes de ele nascer.

- Estou a perceber!

Doris olhou-o atentamente.

- Não acredita em mim.

- Bom, vamos partir do princípio de que é adivinha. Isso quer dizer que pode descobrir água e dizer-me onde devo construir um poço.

- Com certeza.

- E se Lhe pedisse que fizesse um teste, controlado por métodos científicos, sob estrita supervisão...

- Até podia ser o senhor o supervisor, ter de me ligar com fios como se fosse uma árvore de Natal, não teria qualquer problema com isso.

- Estou a ver - admitiu Jeremy, a pensar em Uri Geller. Geller tinha tanta confiança nos seus poderes de telecinésia que aceitou ir à televisão britânica, em 1973, onde se apresentou perante cientistas e uma assistência em estúdio. Quando balançou uma colher num dedo, para estupefacção dos observadores, ambos os lados da colher começaram a dobrar-se para baixo. Só mais tarde é que se soube que, antes do programa começar ele tinha dobrado a colher repetidamente, provocando a chamada fadiga do material.

Doris pareceu saber aquilo que ele estava a pensar.

- É como lhe digo... pode pôr-me à prova quando quiser, como quiser. Contudo, não foi para isso que veio até cá. Quer que lhe fale dos fantasmas, não é verdade?

- Com certeza - anuiu Jeremy, aliviado por passar à acção.

- Importa-se que eu grave a nossa conversa?

- De maneira nenhuma.

Jeremy meteu a mão no bolso e tirou de lá um pequeno gravador. Colocou-o em cima da mesa e carregou nos botões apropriados. Antes de começar, Doris bebeu um gole de café.

- Muito bem, a história começa por volta de 1890. Na altura, esta era ainda uma vila segregada e a maioria dos negros vivia num local chamado Watts Landing. Já não resta nada da aldeia, por causa do Hazel, mas, naquele tempo...

- Desculpe... Hazel?

- O furacão de 1954. Atingiu a costa perto da fronteira com a Carolina do Norte. Boone Creek ficou praticamente submersa, o que restava de Watts Landing foi arrastado pelas águas.

- Ah, pois. Desculpe. Continue.

- De qualquer das formas, como eu estava a dizer, não conseguirá encontrar o que quer que seja da aldeia, mas, no virar do século XIX para o século XX, calculo que vivessem ali cerca de trezentas pessoas. Na sua maioria descendentes de escravos que tinham fugido da Carolina do Sul durante a Guerra de Agressão do Norte, ou seja, aquela a que as pessoas do Norte chamam a Guerra Civil.

Piscou um olho e Jeremy sorriu.

- Ora bem, a Union Pacific apareceu para construir o caminho-de-ferro, que, é claro, transformaria esta terra numa grande zona cosmopolita. Pelo menos era isso que prometiam. E o traçado que propunham atravessava directamente o cemitério dos negros. A líder da aldeia era uma mulher chamada Hettie Doubilet. Viera das Caraíbas, não sei de qual das ilhas, e quando percebeu que iam exumar todos os corpos e transferi-los

para outro local, ficou fora de si e tentou que o município fizesse qualquer coisa, que obrigasse à correcção do traçado da linha. Mas os tipos que dirigiam o município nem queriam ouvir falar disso. Nem lhe deram qualquer oportunidade de expor o caso.

Naquele momento, a Rachel chegou com as sanduíches e deixou os dois pratos em cima da mesa.

Jeremy pegou na sua e deu-lhe uma dentada. Ergueu as sobrancelhas e Doris sorriu.

- Melhor do que tudo o que consegue encontrar em Nova Iorque, não é?

- Sem dúvida. Os meus cumprimentos à chefe.

Doris olhou para ele com uma expressão quase coquete.

- É um sedutor, Mr. Marsh - insinuou, e Jeremy admirou-se ao pensar que, quando jovem, ela deveria ter despedaçado uns quantos corações. Doris continuou a sua narrativa, como se não tivesse havido qualquer interrupção.

- Naquele tempo muitas das pessoas eram racistas. Algumas ainda o são, mas agora estão em minoria. Sendo do Norte, é provável que pense que estou a mentir, mas não estou.

- Acredito em si.

- Não, não acredita. Entre os do Norte ninguém acredita, mas isso para agora não interessa. Continuando a história, Hettie Doubilet ficou furiosa com os tipos do município e, segundo a lenda, quando lhe foi recusada a entrada no gabinete do presidente da Câmara, rogou-nos uma praga, aos brancos. Disse que, caso as campas dos seus antepassados fossem violadas, as dos nossos seriam igualmente violadas. Que os antepassados do seu povo percorreriam a Terra à procura do seu local de descanso original, que calcariam Cedar Creek durante o caminho e que, no final, o cemitério seria engolido inteiro. Como era de prever, ninguém lhe prestou atenção.

Doris deu uma dentada na sanduíche. - Bom, para encurtar uma longa história, os negros mudaram os mortos, um a um, para outro cemitério, a

construção do caminho-de-ferro avançou e, depois disso, tal como a Hettie tinha previsto, o cemitério de Cedar Creek começou a ter problemas. Umas quantas lápides partidas, coisas do género, como se a responsabilidade fosse de quaisquer vândalos. Os homens do município, julgando que Hetel era a responsável, colocaram lá guardas. Mas os distúrbios continuaram, qualquer que fosse o número de guardas que mandassem para lá. E, ao longo dos anos, a situação foi sempre piorando. Esteve lá, não esteve?

Jeremy assentiu.

- Portanto, pôde verificar o que está a acontecer. Parece que o lugar está a afundar-se, não é, como a Hettie disse que havia de acontecer? De qualquer maneira, uns anos mais tarde, começaram a aparecer as luzes. E, depois disso, as pessoas nunca mais deixaram de acreditar que os espíritos dos escravos andam por ali.

- Portanto, já não utilizam o cemitério?

- Não, o lugar foi definitivamente abandonado em finais da década de 1970, mas, mesmo antes disso, em vista do que estava a suceder, a maioria das pessoas começou a optar pelo enterramento em outros cemitérios que há à volta da vila. Agora é propriedade municipal, mas ninguém cuida daquele lugar: Há vinte anos que não é tratado.

- Já se preocuparam em avaliar as razões por que o cemitério está a afundar-se?

- Não sei ao certo, mas diria que alguém o deve ter feito. Há muitas pessoas poderosas que têm antepassados sepultados naquele cemitério e as campas dos avós partidas seria a última coisa que gostariam de ver. Estou certa de que pretendem uma explicação e até ouvi dizer que veio gente de Raleigh para tentar descobrir o que está a acontecer.

- Está a falar dos alunos da Universidade de Duke?

- Oh, não, não é desses, meu querido. Eram uns miúdos, que só estiveram cá no ano passado. Não, estou a falar de tentativas mais antigas. Talvez da altura em que os estragos começaram.

- Sabe o que descobriram?

- Não. Lamento - admitiu, fazendo uma pausa, com um brilho maroto nos olhos. - Mas acho que tenho uma ideia aproximada.

Jeremy ergueu as sobrancelhas.

- O que foi?

A resposta veio, muito simples:

- Água.

- Água?

- Lembre-se de que sou adivinha. Sei onde existe água. E digo-Lhe sem rodeios que aquela terra está a afundar-se por causa da água que existe no subsolo. Tenho a certeza.

- Estou a perceber - comentou Jeremy.

Doris soltou uma gargalhada.

- É tão engraçado, Mr. Marsh. Sabia que fica com uma cara muito séria sempre que alguém lhe está a dizer qualquer coisa em que o senhor não está disposto a acreditar?

- Não. Nunca me tinham dito isso.

- Pois bem, é verdade. Acho a expressão amorosa. A minha mãe teria um êxito enorme consigo. É muito fácil percebê-lo.

- Sendo assim, diga-me em que é que eu estou a pensar?

Doris hesitou.

- Bom, como eu disse, os meus dons são diferentes dos da minha mãe. Ela conseguiria ler em si como num livro. E, além do mais, não quero assustá-lo.

- Avance. Assuste-me.

- Muito bem - começou. Encarou-o com um olhar penetrante.

- Está a pensar em algo que eu talvez não possa saber. E lembre-se de que o meu dom não é ler a mente das pessoas. Apenas consigo... um ou outro palpite; e apenas quando existem sentimentos fortes.

- Muito bem - anuiu Jeremy, disposto a colaborar. - No entanto, apercebe-se de que neste caso está a expor-se.

- Oh, silêncio - mandou Doris ao pegar- lhe nas mãos. - Deixe-me segurar-Lhe as mãos, está bem?

Jeremy assentiu.

- À vontade.

- Agora pense em algo pessoal que eu não deveria poder saber.

- Está bem.

Ela apertou-lhe a mão.

- A sério. Neste momento está apenas a troçar de mim.

- Óptimo. Vou pensar em qualquer coisa.

Jeremy fechou os olhos. Pensou no motivo que levara Maria a deixá-lo e, durante largos momentos, Doris manteve-se em absoluto silêncio. Limitou-se a olhar para ele, como se tentasse que ele lhe dissesse qualquer coisa.

Ele já tinha passado por aquilo. Vezes sem conta. Sabia o suficiente para não se manifestar, pelo que ao vê-la permanecer em silêncio pensou tê-la apanhado. De súbito, Doris estremeceu (nenhuma surpresa, pensou Jeremy, aquilo fazia parte do espectáculo) e logo a seguir soltou-lhe as mãos.

Jeremy abriu os olhos e encarou-a.

- Então?

Doris estava a observá-lo com um olhar estranho.

- Nada.

- Ah - acrescentou Jeremy -, parece que hoje não consegue ler as cartas, é isso?

- Como lhe disse, sou adivinha - esclareceu, a sorrir, quase como quem pede desculpa. - No entanto, posso garantir-Lhe que não está grávido.

Ele sorriu.

- Tenho de concordar que tem razão quanto a isso.

Doris voltou a sorrir-lhe e olhou de novo para a mesa. Voltou a levantar os olhos para ele.

- Desculpe. Não devia ter feito o que fiz. Não foi apropriado.

- Não tem importância - retorquiu Jeremy com convicção.

- Não - insistiu Doris. Olhou-o nos olhos e voltou a pegar-lhe na mão, Apertou suavemente. - Peço imensa desculpa.

Jeremy não sabia muito bem como havia de reagir quando ela voltou a pegar-lhe na mão, mas o que o confundiu foi a compaixão que notou nos olhos dela.

Teve a sensação desconfortável de que Doris ficara a saber mais pormenores da sua história pessoal do que em condições normais deveria saber.

As capacidades paranormais, as premonições e a intuição são apenas um produto da interligação entre experiência, senso comum e conhecimento adquirido. Na sua maioria, as pessoas desvalorizam muito a quantidade de informação que acumulam no decurso da vida, além de que o cérebro humano tem a capacidade de, num instante, correlacionar as informações de uma forma que não está ao alcance das outras espécies, ou de uma máquina.

Contudo, o cérebro aprende a desfazer-se da maior parte da informação que recebe, pois, por razões óbvias, não é essencial que se recorde de tudo. É verdade que algumas pessoas têm melhor memória do que outras, um facto que muitas vezes se revela em ambientes de exames, e a capacidade de treino da memória está bem documentada. No entanto, até os piores estudantes recordam 99,99 por cento daquilo que lhes aconteceu durante a vida. A restante percentagem de 0,01 por cento é muitas vezes o que distingue uma pessoa de outra. Para algumas pessoas revela-se na capacidade de memorizar pormenores insignificantes, mas pode servir para formar um médico excelente, ou para interpretar dados financeiros da maneira mais conveniente e para permitir que um indivíduo ganhe

milhares de milhões a comprar e a vender fundos de investimento. Para outras pessoas, manifesta-se na capacidade de analisar os outros; essas pessoas, dotadas da capacidade inata para se servirem das lembranças, do senso comum e da experiência, além de serem capazes de codificar tudo de forma rápida e exacta, manifestam aptidões que aos outros seres humanos parecem sobrenaturais.

Mas o que Doris tinha conseguido estava um pouco para além disso, pensou Jeremy. Ela conseguira saber. Ou, pelo menos, foi essa a primeira impressão de Jeremy, até tentar refugiar-se na explicação lógica do que teria sucedido.

E, de facto, não tinha realmente acontecido coisa alguma, recordou a si mesmo. Doris não dissera o que quer que fosse; fora apenas a maneira como olhara para ele que o tinha levado a pensar que ela sabia coisas que lhe deviam ser desconhecidas. E tal crença estava a ser elaborada na cabeça dele, não provinha de Doris.

As verdadeiras respostas estavam na ciência, mas, apesar de tudo, ela parecia uma excelente pessoa. E se acreditava possuir certas aptidões, que mal havia nisso? Era provável que para ela não parecessem sobrenaturais.

Uma vez mais, ela pareceu perceber exactamente o que ele estava a pensar.

- Bom, parece que acabo de confirmar que sou maluca, não é?

- Não, de maneira nenhuma.

Ela voltou a pegar na sanduíche.

- Bom, de qualquer das maneiras, como estava decidido que apreciássemos esta bela refeição, talvez seja melhor conversarmos um pouco mais. Há mais alguma coisa que eu deva dizer-lhe?

- Fale-me da vila de Boone Creek - pediu ele.

- De que aspecto?

- Oh, de tudo. Penso que se tenho de cá ficar por uns dias, será conveniente conhecer um pouco melhor este lugar.

Passaram a meia hora seguinte a conversar... bom, por parte de Jeremy não falaram de grande coisa. Mais ainda do que Tully, Doris parecia saber tudo o que se passava na vila. Não por obra e graça das suas aptidões, e ela estava pronta a admiti-lo, mas porque a informação corre numa povoação pequena como o sumo de ameixa pela barriga de uma criança.

Doris falava quase sem interrupção. Jeremy soube quem namorava quem, as pessoas com quem era difícil trabalhar e o caso do ministro da igreja pentecostal da terra com uma das suas paroquianas. Mais importante, segundo a opinião da Doris, era nunca chamar o reboque do Trevor se o meu carro se avariasse, pois o mais provável era o Trevor estar bêbado, qualquer que fosse a hora do dia.

- O homem é uma ameaça na estrada - declarou Doris. - Toda a gente sabe isso, mas como o pai dele é o xerife, ninguém está disposto a agir. No entanto, acho que não deve ficar surpreendido. Com todas aquelas dívidas de jogo, o xerife Wanner também tem os seus problemas.

- Pois, faz sentido - respondeu Jeremy, como se estivesse a par de tudo o que acontecia na vila.

Por momentos, ficaram ambos calados. Aproveitando a acalmia, Jeremy consultou o relógio.

- Suponho que está na hora de ir - sugeriu Doris. Ele pegou no gravador, interrompendo a gravação, após o que o meteu na algibeira do casaco.

- Julgo que sim. Pretendo passar pela biblioteca antes que feche, quero ver o que encontro por lá.

- Bom, o almoço foi por conta da casa. Não é todos os dias que recebemos um visitante famoso.

- Uma breve aparição no Primetime não faz uma pessoa famosa.

- Eu sei. Mas estava a falar da sua coluna.

- Já a leu?

- Todos os meses. O meu marido, que Deus o tenha em descanso, passava o tempo na garagem e adorava o magazine. Depois de ele falecer,

faltou- me a coragem para anular a assinatura. Foi como se apanhasse o facho onde ele o deixara cair. O senhor é um homem muito inteligente.

- Obrigado.

Doris levantou-se da mesa e começou a conduzi-lo para a saída do restaurante. Os poucos clientes que restavam seguiram-nos com os olhos. Não é preciso dizer que tinham ouvido tudo e, logo que Jeremy e Doris saíram, começaram a murmurar entre si. Aquilo, toda a gente decidiu de imediato, era um assunto excitante.

- Ouvi-a dizer que ele tinha estado na televisão? - perguntou um.

- Julgo que o vi num desses programas em que as pessoas discutem.

- Mas não é médico - acrescentou outro. - Ouvi-o falar de um artigo para um magazine.

- Gostaria de saber como é que a Doris o conheceu. Conseguiste perceber essa parte?

- Bom, pareceu-me bastante simpático.

- Eu acho-o um verdadeiro sonho - insinuou Rachel. Entretanto, Jeremy e Doris tinham parado no alpendre, alheios ao debate que se desenrolava lá dentro.

-Julgo que vai ficar no Greenlea - indagou Doris. Quando Jeremy acenou que sim, ela continuou. - Sabe onde fica? É um bocado fora de mão.

- Tenho um mapa - esclareceu Jeremy, a tentar dar a impressão de que tinha tudo preparado. - Tenho a certeza de conseguir orientar-me. Mas, poderia dizer-me onde fica a biblioteca?

- Com certeza, é mesmo ao virar da esquina - esclareceu, a

apontar para a rua. - Está a ver aquele edifício de tijolos? O que tem os toldos azuis?

Jeremy acenou que sim.

- Vire à esquerda e siga até ao sinal de stop seguinte. Na primeira rua depois de passar o sinal de stop, vire à direita. A biblioteca fica

num canto, mesmo ao cimo da rua. É um grande edifício branco. Era

a Mansão Middleton, por pertencer a Horace Middleton, antes de o município a comprar.

- Não construíram um edifício de raiz?

- A vila é pequena, Mr. Marsh, e, além disso, a mansão é suficientemente grande. Logo verá.

Jeremy estendeu a mão.

- Obrigado. A senhora foi fantástica. E o almoço estava uma delícia.

- Faço o que posso.

- Importa-se que volte cá com novas perguntas? Parece-me ser

bastante eficiente a lidar com as coisas.

- Sempre que quiser conversar, apareça. Estou sempre disponível. Só lhe peço que não escreva coisas que nos façam parecer um

molho de nabos. Muitas pessoas, eu incluída, adoram esta terra.

- Só escrevo a verdade.

- Eu sei. Foi por isso que o contactei. Tem uma cara que inspira

confiança e estou certa de que vai acabar com a lenda de uma vez para

sempre, fazer o que tem de ser feito.

Jeremy franziu a testa.

- Não crê que os fantasmas andem por

Cedar Creek?

- Oh, meu Deus, não. Sei que não há lá espíritos. Ando a dizer

isso há anos, mas ninguém me ouve.

Jeremy olhou-a com curiosidade.

- Então, por que é que me pediu para vir até cá?

- Porque as pessoas não sabem o que se passa e vão continuar a

acreditar, até que encontrem uma explicação. Como sabe, depois

daquele artigo de jornal que falava da vinda das pessoas da Universidade de Duke, o presidente da Câmara tem feito uma publicidade louca da ideia; aparecem por cá estranhos, vindos de todos os lados,

com a esperança de verem as luzes. Para lhe ser franca, isso está a

causar muitos problemas. O cemitério está quase a desmoronar-se e os

estragos são cada vez maiores. - Teve de interromper-se por momentos, mas depois continuou: - Como seria de esperar, o xerife não faz nada acerca dos adolescentes que andam por lá, ou dos estranhos que tripudiam por ali, sem nada dentro das cabeças. Ele e o presidente da Câmara costumam ir à caça juntos, com a agravante de que quase toda a gente, excepto eu, acha que promover os fantasmas é uma boa ideia. Depois que fecharam a fábrica de têxteis e a mina, a vila tem vindo a murchar; penso que, na ideia deles, os fantasmas podem ser uma espécie de salvação.

Jeremy olhou para o carro e voltou-se de novo para a Doris, a reflectir sobre o que ela acabava de dizer. Fazia sentido, sem dúvida, mas...

- Já se apercebeu de que está a contar-me uma história diferente da que me contou na carta?

- Não - respondeu -, não estou. Só escrevi que havia luzes misteriosas no cemitério, que eram atribuídas a uma velha lenda e que muito boa gente pensava que havia fantasmas envolvidos e que os miúdos da Duke não tinham conseguido descobrir a verdadeira origem das luzes. Tudo verdade. Se não me acredita, volte a ler a carta. Eu não minto, Mr. Marsh. Posso não ser perfeita, mas não sou mentirosa.

- Nesse caso, por que pretende que eu desacredite a história?

- Porque é de justiça - respondeu de imediato, como se a resposta fosse apenas uma questão de bom senso. - As pessoas sempre às voltas por ali, os turistas que vêm cá para acampar nas redondezas, não me parecem atitudes muito respeitosas para com os falecidos, mesmo que o cemitério esteja abandonado. As pessoas que estão lá sepultadas merecem jazer em paz. E combinar isso com interesses materiais, como o Circuito das Mansões Históricas e do Cemitério Assombrado, é um erro puro e simples. Contudo, nos tempos que correm, sou uma voz a clamar no deserto.

Jeremy enfiou as mãos nas algibeiras, enquanto pensava no que acabara de ouvir.

- Posso ser franco? - perguntou.

Doris acenou que sim e ele mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

- Se acredita que a sua mãe era médium, e que pode adivinhar o sexo dos bebés, parece-me...

Quando Jeremy se calou, Doris olhou para ele.

- Que eu deveria ser a primeira pessoa a crer em fantasmas?

Jeremy assentiu.

- Pois bem, na verdade creio. Só não acredito que eles andem pelo cemitério.

- Por que não?

- Porque estive lá e não senti a presença de espíritos.

- Então, também é capaz disso?

Ela encolheu os ombros, ignorando a pergunta.

- Posso falar com franqueza, agora?

- Com certeza.

- Um dia, o senhor vai saber uma coisa que não pode ser explicada pela ciência. E quando isso acontecer, a sua vida vai sofrer uma transformação que nem lhe passa pela cabeça.

Ele sorriu.

- Isso é uma promessa?

- É uma promessa - respondeu. Fez uma pausa e olhou-o nos olhos. - E tenho de confessar que apreciei verdadeiramente o almoço. Não é frequente eu desfrutar da companhia de um jovem tão encantador. Quase me fez sentir outra vez jovem.

- Também passei um tempo maravilhoso.

Rodou para ir-se embora. As nuvens haviam tapado o azul enquanto eles comiam. Sem estar carrancudo, já parecia um céu de Inverno, fazendo Jeremy levantar a gola enquanto se dirigia para o carro.

- Mr. Marsh! - chamou Doris, por detrás dele.

Jeremy voltou-se.

- O que é?

- Cumprimente Lex por mim.

- Lex?

- Sim. Está na sala de leitura da biblioteca. É a pessoa por quem deve perguntar.

Ele sorriu.

- É o que vou fazer.

# QUATRO

A biblioteca acabou por revelar-se uma maciça estrutura gótica, em tudo diferente de qualquer outra construção da vila. Para Jeremy, era como se o prédio tivesse sido arrancado de um outeiro da Roménia por um bêbado, que depois o deixara cair em Boone Creek.

O edifício ocupava a maior parte do quarteirão, tinha dois andares adornados com janelas altas e estreitas, um telhado de grande inclinação e uma porta principal de madeira, em arco, e com puxadores descomunais. Edgar Allan Poe teria adorado aquele lugar, mas, apesar da arquitectura de casa assombrada, as gentes da vila tinham feito o possível para lhe dar um aspecto mais acolhedor. Os tijolos do exterior, que certamente teriam sido vermelhos, tinham sido pintados de branco, as janelas foram protegidas com gelosias pretas, o caminho de acesso e o círculo à volta do mastro da bandeira foram delimitados por canteiros de amores- perfeitos. Uma tabuleta escrita em cursivo dourado anunciava a entrada da Biblioteca de Boone Creek". Mesmo assim, o conjunto geral não revelava qualquer harmonia. Era como, pensava Jeremy, ir visitar a elegante casa de um miúdo rico da cidade para depois ser recebido pelo mordomo, com balões e bisnagas carnavalescas.

No vestíbulo de iluminação suave, de um amarelo-pálido - pelo menos o casarão mostrava consistência na sua inconsistência - fora colocada uma secretária em forma de L, com a perna mais comprida a apontar para a traseira do edifício, onde Jeremy notou que havia uma grande sala envidraçada dedicada às crianças. As casas de banho eram do lado esquerdo e à direita, por detrás de outra parede de vidro, ficava o que parecia ser a área principal. Jeremy saudou, com acenos

de cabeça e da mão, a senhora idosa que estava sentada à secretária.

Ela sorriu e correspondeu, para logo de seguida voltar a concentrar-se

no livro que estava a ler. Empurrou a pesada porta de vidro

para entrar na área principal, orgulhoso de estar a ajustar-se à maneira como a vida funcionava em terras do Sul.

Contudo, chegado à área principal, sentiu-se desapontado. Iluminadas por brilhantes luzes fluorescentes, havia apenas seis estantes com livros, colocadas relativamente perto umas das outras, num espaço não muito maior do que o seu apartamento. Nos dois cantos mais próximos tinham instalado computadores desactualizados, mais ao fundo, à direita, havia um conjunto de lugares sentados e uma pequena colecção de jornais. Quatro mesas pequenas estavam espalhadas pela sala; a busca nas estantes estava de momento limitada a três pessoas, incluindo um homem idoso, com uma prótese auditiva, atarefado a arrumar livros. Ao olhar à volta, Jeremy teve a noção que já tinha comprado maior número de livros do que os existentes na biblioteca.

Encaminhou-se para a secretária do bibliotecário mas verificou, sem surpresa, que não estava lá ninguém. Parou junto da secretária, à espera de Lex. Voltando-se para se apoiar nela, compreendeu que Lex devia ser o idoso de cabelo branco que estava a arrumar os livros, mas resolveu não sair de onde estava.

Viu as horas. Dois minutos depois voltou a consultar o relógio.

Passados mais dois minutos, depois de Jeremy ter pigarreado com força, o homem acabou por dar pela presença dele e fez-lhe um gesto com a mão, a dar a entender que se apercebera de que o visitante precisava de ajuda; porém, em vez de caminhar na direcção dele, o homem acenou com a cabeça e com a mão, antes de prosseguir com a tarefa de arrumar os livros. Era, sem dúvida, uma pessoa que gostava de evitar as pressas. Um exemplo da lendária eficiência sulista, reflectiu Jeremy. Muito impressionante, aquele lugar.

No pequeno e atravancado gabinete do andar superior da biblioteca, ela estava a olhá-lo através da janela. Sabia que ele viria. Logo que Jeremy deixou o Herbs, Doris telefonou e falou-lhe do homem vestido de preto, que viera de Nova Iorque para escrever um artigo sobre os fantasmas do cemitério.

Abanou a cabeça. Segundo parecia, o homem tinha acreditado na Doris. Uma vez que uma ideia se lhe metesse na cabeça, tendia a ser bastante persuasiva, sem se preocupar muito com os possíveis prejuízos que um artigo daquele género poderia provocar. Tinha lido artigos

anteriores de Mr. Marsh e conhecia perfeitamente a maneira de ele agir. Não seria suficiente obter a prova de que não havia fantasmas envolvidos - e sobre isso ela não tinha dúvidas - mas Mr. Marsh não pararia aí. Iria entrevistar pessoas, com os seus modos sedutores, para depois seleccionar o material e distorcer a verdade como lhe apetecesse. Logo que ele acabasse o trabalho de investigação e publicasse o artigo, todo o país ficaria a pensar que as gentes daquela terra eram crédulas, parvas e supersticiosas.

Não. Não apreciava nada a ideia de o ver por ali.

Fechou os olhos, a torcer maquinalmente entre os dedos uma mecha do cabelo escuro. O problema era que ela também não gostava de ver as pessoas a tripudiarem pelo cemitério. Doris tinha razão: era uma falta de respeito; e desde que aqueles miúdos da Duke lá tinham ido e o artigo aparecera no jornal, tudo se tinha precipitado. Por que não deixar tudo como estava? Aquelas luzes eram vistas há décadas e, conquanto toda a gente soubesse da sua existência, ninguém se preocupava muito com isso. Certamente que, uma vez por outra, algumas pessoas iam até lá para dar uma vista de olhos - em especial os que tinham estado a beber no Lookilu, ou adolescentes - mas mandar fazer T-shirts? Canecas de café? Postais de má qualidade? Combinar tudo aquilo no Circuito das Mansões Históricas e do Cemitério Assombrado?

Não conseguia perceber muito bem todas as razões que estavam por detrás do fenómeno. Seria assim tão importante aumentar o número de turistas que visitavam a região? O dinheiro fazia jeito, sem dúvida, mas as pessoas não viviam em Boone Creek porque queriam ser ricas. Bem, pelo menos a maioria. Havia sempre alguém a tentar ganhar uns cobres, a começar pelo mais ganancioso de todos: o presidente da Câmara. Mas sempre acreditara que a maioria das pessoas vivia ali pelo mesmo motivo que ela própria: pelo encantamento que sentia quando o Sol poente transformava o rio Pamlico numa fita dourada, pela confiança que depositava nos vizinhos, porque as pessoas deixavam os filhos andar na rua à noite, sem temer que lhes acontecesse algum mal. Num mundo cada vez mais atarefado, Boone Creek era uma vila que nem sequer procurara um lugar na vida moderna, característica que fazia dela uma terra especial.

Afinal, era por isso que vivia ali. Adorava tudo naquela vila: o odor a pinheiro e a sal em cada amanhecer de Primavera, as tardes sufocantes de Verão que lhe faziam reluzir a pele, a glória flamejante das folhas caídas do Outono. Mas, mais do que tudo, adorava as pessoas e não conseguia imaginar-se a viver em qualquer outra terra. Confiava nelas, falava-Lhes, gostava delas. Como seria de esperar, algumas das suas amigas tinham saído para frequentar a universidade e nunca mais regressaram. Também ela se tinha ausentado durante algum tempo mas, mesmo então, sempre soube que acabaria por regressar; uma boa ideia, afinal, pois durante os últimos dois anos tinha vivido preocupada com a saúde da Doris. E também sabia que tinha de ser a bibliotecária, tal como a sua mãe fora, para transformar a biblioteca em algo de que a vila se pudesse orgulhar.

Não era, certamente, a profissão mais atraente, nem se ganhava muito. A biblioteca era uma obra inacabada, mas as primeiras impressões haviam sido decepcionantes. O primeiro piso continha apenas ficção contemporânea, enquanto o andar superior guardava os clássicos, de ficção e de ensaio, além de títulos de autores modernos e colecções únicas. Duvidava que Mr. Marsh soubesse que os livros estavam dispersos por dois andares, pois as escadas de acesso começavam nas traseiras do edifício, perto da sala das crianças. Um dos inconvenientes de terem instalado a biblioteca numa antiga mansão residia no facto de o projecto de construção não contemplar a utilização pública do espaço. Porém, achava o local agradável.

O seu gabinete do primeiro andar estava quase sempre em silêncio, além de ser contíguo à parte da biblioteca que preferia. Numa pequena divisão adjacente ao gabinete estavam os títulos raros, livros que ela fora adquirindo em vendas de casas e de garagens, através de doações, visitas a alfarrabistas e negociantes espalhados por todo o estado, um projecto iniciado ainda no mandato da sua mãe. Tinha também uma colecção, sempre em crescimento, de manuscritos e mapas, alguns dos quais anteriores à Guerra da Independência. Eram a sua paixão. Andava sempre à procura de algo especial e, para conseguir o que queria, não era avessa a valer-se do charme, da astúcia ou da pedinchice. Quando nada disso resultava, punha em relevo a possibilidade de redução dos impostos e, como trabalhava arduamente para manter contactos com advogados especialistas em propriedades e impostos espalhados por todo o Sul, por

vezes recebia certas obras ainda antes de as outras bibliotecas saberem que elas existiam. Embora não dispusesse dos recursos das universidades de Duke, de Wake Forest ou de Carolina do Norte, a sua era considerada uma das pequenas bibliotecas mais importantes do estado, ou até do país.

E era assim que a via agora. A sua biblioteca, tal como aquela era a sua vila. E aparecia um estranho, naquele momento à sua espera, um estranho que pretendia escrever uma história que poderia não ser boa para a gente da vila.

Tinha-o visto chegar. Observara-o a descer do carro e a dirigir-se para a entrada. Abanara a cabeça ao reconhecer quase imediatamente nele o fanfarrão confiante da cidade grande. Era apenas mais um numa longa lista de visitantes de lugares mais exóticos, pessoas convencidas de terem uma superior compreensão das realidades do mundo. Pessoas convencidas de que, pelo facto de andarem de um lado para o outro, tornavam a sua vida bem mais excitante e mais completa. Poucos anos antes, tinha-se apaixonado por alguém que acreditava em coisas desse género; agora, recusava-se a alimentar ideias semelhantes.

Um pássaro veio aterrar no peitoril da janela, Ficou a observá-lo, a desanuviar a cabeça e suspirou. Muito bem, decidiu, talvez devesse ir falar com Mr. Marsh, de Nova Iorque. Afinal, ele estava à sua espera. O homem tinha feito uma longa viagem e a hospitalidade sulista, mais as exigências do seu cargo, exigiam que lhe desse toda a ajuda de que ele precisasse. Contudo, o que era ainda mais importante, agindo assim poderia mantê-lo debaixo de olho. Poderia filtrar a informação de modo que ele compreendesse também o que a vida nesta parte do país tinha de bom.

Sorriu. Poderia, certamente, controlar Mr. Marsh. E, além do mais, tinha de admitir que, mesmo não sendo de confiança, o homem era bastante bem-parecido.

Jeremy Marsh parecia prestes a explodir.

Percorria os corredores, de braços cruzados, a olhar os títulos de autores contemporâneos. De vez em quando carregava o cenho, como se gostasse de conhecer os motivos de não encontrar ali qualquer obra de

Dickens, Chaucer ou Austen. No caso de ele formular a pergunta, ela gostaria de saber qual seria a reacção do homem se lhe perguntasse: Quem? Conhecendo-o - e não tardou a admitir que não sabia nada acerca dele, que estava simplesmente a presumir - era provável que ele se limitasse a arregalar os olhos e ficasse sem fala, como acontecera quando o vira pela primeira vez, no cemitério. Homens", pensou. Sempre previsíveis".

Ajeitou a camisola, a adiar o mais possível o momento de ir ao encontro dele. Recordou a si mesma a necessidade de agir com profissionalismo, que tinha uma missão a cumprir.

- Suponho que está à minha procura - anunciou, a forçar um

sorriso:

Ao ouvir o som da voz, Jeremy virou-se e, por momentos, pareceu paralisado. Porém, ao reconhecê-la, logo de seguida, sorriu. Um sorriso bastante amigável, a covinha do rosto dele era bonita, mas demasiado treinado para fazer esquecer a confiança demonstrada pelo olhar.

- É a Lex? - indagou.

- É um diminutivo de Lexie. Lexie Darnell. É o que a Doris me chama.

- E é a bibliotecária?

- Tento sê-lo, quando não ando a passear em cemitérios e a ignorar os olhares dos homens.

- Interessante - disse ele, a tentar o sotaque arrastado da Doris. Lexie sorriu ao passar por ele, para ir endireitar alguns livros na estante que Jeremy tinha estado a examinar.

- O seu sotaque não pega, Mr. Marsh. Parece estar a tentar encontrar sinónimos para um problema de palavras cruzadas.

Nada afectado pelo comentário, ele riu- se abertamente, a perguntar:

- Acha que sim?

Um mulherengo, sem dúvida", pensou Lexie.

- Sei que sim - asseveroú, continuando a ajeitar os livros.

- Ora bem, Mr. Marsh, em que é que posso ajudá-lo? Julgo que procura informações acerca do cemitério?

- A minha reputação precede-me.

- A Doris telefonou a informar-me que vinha a caminho.

- Ah! Devia ter percebido. Doris é uma mulher interessante.

- É minha avó.

As sobrancelhas de Jeremy pareceram saltar. Que interessante!

- Ela falou-Lhe do nosso delicioso almoço? - perguntou.

- Na verdade, não lhe perguntei - confessou Lexie, a ajeitar o cabelo atrás das orelhas, a notar que a covinha dele era das que incitava as crianças a enfiarem lá o dedo. Não que ela estivesse interessada, é claro. Acabou de arrumar os livros e encarou-o, mantendo a voz firme. - Acredite ou não, de momento estou bastante ocupada. Tenho um monte de tarefas burocráticas para acabar ainda hoje. De que género de informações é que anda à procura?

Jeremy encolheu os ombros.

- De qualquer coisa que me ajude a conhecer a história do cemitério e da vila. Quando é que as luzes apareceram. Quaisquer estudos feitos no passado. Narrativas que façam menção das lendas. Mapas antigos. Informações sobre a topografia e sobre Riker's Hill. Registos históricos. Coisas desse género - concluiu, olhando de novo aqueles olhos cor de violeta, verdadeiramente exóticos. E a dona estava ali, próxima, e não a afastar-se dele.

Também achou isso interessante.

- Deixe-me dizer-lhe que isto é espantoso, não acha? - indagou

Jeremy, perto dela, encostado à estante.

Ela olhou-o fixamente:

- Desculpe, o que é que acha espantoso?

- Vê-la no cemitério e agora aqui. A carta da sua avó que me

trouxe até cá. Uma grande coincidência, não acha?

- Não posso dizer que tenha pensado muito nisso.

Jeremy não estava disposto a deter-se. Raramente se deixava intimidar, especialmente quando estava interessado em qualquer coisa.

- Ora bem, como não sou da região, talvez pudesse esclarecer- me sobre aquilo que as pessoas de cá fazem para se descontraírem. Isto é,

dizer-me se há algum lugar onde se beba um café? Ou se coma

qualquer coisa? - perguntou. Depois de uma ligeira pausa, nova

pergunta: - Talvez um pouco mais tarde, depois de sair?

Sem saber se teria compreendido bem, Lexie pestanejou, antes de

perguntar:

- Está a convidar-me para sair?

- Só se estiver disponível.

- Penso - replicou ela, a readquirir a compostura -, que terei

de recusar. Mas agradeço-Lhe a sugestão.

Encarou-o de olhar fixo, até que ele acabou por erguer as mãos.

- Tudo bem, muito razoável - defendeu-se, em tom cordato. - Mas não se pode condenar um homem por tentar - acrescentou, com

a covinha a dardejar de novo. - E agora, poderíamos iniciar a busca?

Se não está demasiado ocupada com a papelada, é claro. Se lhe for

mais conveniente, poderei passar por cá amanhã.

- Há algo especial por onde prefira começar?

- Gostaria de ler o artigo que apareceu no periódico local. Ainda

não tive a oportunidade de o ler. Certamente que o têm.

Ela assentiu.

- É provável que esteja nas microfichas. Há dois

anos que começámos a microfilmar o jornal, pelo que não terei dificuldade em encontrar o artigo.

- Óptimo. E informações sobre a vila em geral?

- Estão no mesmo sítio.

Jeremy olhou à volta, a tentar imaginar que sítio seria aquele. Ela

começou a andar em direcção ao vestíbulo.

- Por aqui, Mr. Marsh. Lá em cima encontraremos aquilo de que

precisa.

- Há um andar superior?

Voltou a cabeça, a falar por cima do ombro.

- Se me seguir, prometo mostrar-Lho.

Jeremy teve de se apressar para conseguir acompanhá-la.

- Importa-se que faça uma pergunta?

Ela abriu a porta principal e hesitou.

- De maneira nenhuma - replicou, sem alterar a expressão.

- Por que motivo foi hoje ao cemitério?

Em vez de responder, continuou a fitá- lo, sem mudar de expressão.

- Quero dizer, tenho estado a pensar - prosseguiu Jeremy.

- Fiquei com a impressão de que actualmente aquele lugar não recebe muitas visitas.

Ela continuou calada, manteve um silêncio que o encheu de curiosidade e, finalmente, de desconforto.

- Vai ficar calada, a olhar para mim? - indagou.

Lexie sorriu e, para surpresa dele, piscou os olhos ao passar pela porta.

- Eu disse que podia perguntar, Mr. Marsh. Não prometi responder-Lhe.

Ao vê-la caminhar à sua frente, Jeremy não podia fazer mais do que isso: olhar. Era um espanto, não era? Confiante, bonita e sedutora, tudo ao mesmo tempo; e depois de ter deitado por terra o convite para sair com ele.

Pensou que talvez o Alvin tivesse razão. Talvez aquelas beldades do Sul tivessem qualquer coisa que punha os homens malucos.

Passaram pelo vestíbulo, pela sala de leitura das crianças e Lexie seguiu à frente, escada acima. Ao parar no patamar do primeiro andar, Jeremy olhou à sua volta.

O lugar não se resumia a umas quantas estantes cambadas cheias de livros. Havia bastante mais. E também uma sensação de antigo, do odor a pó que se respira numa biblioteca particular. De paredes forradas com painéis de carvalho, chão de mogno e cortinas cor de vinho, a sala enorme, sem divisórias, contrastava com o espaço do rés-do-chão. Nos cantos, havia cadeiras de estofos espessos e imitações de candeeiros Tiffany. Na parede mais distante, ficava a lareira de pedra, com uma pintura pendurada mais acima e as janelas, estreitas como eram, só deixavam passar a luz suficiente para transmitir ao lugar um ar quase doméstico.

- Agora percebo - observou Jeremy. - O rés-do-chão é apenas um acepipe. Aqui é onde se encontra o que é importante.

Lexie concordou.

- Na sua maioria, os nossos visitantes de todos os dias vêm à procura de títulos recentes, de autores que conhecem, e por isso reservei-lhes a sala do andar inferior. A sala do rés-do-chão é pequena porque era lá que, antes da reconversão, tínhamos os nossos escritórios.

- Onde ficam agora os escritórios?

- Acolá - indicou, a apontar para o espaço por detrás da última estante. - A seguir à sala dos espécimes raros.

- Caramba! Estou impressionado.

Ela sorriu.

- Vamos, vou mostrar-lhe tudo e depois falaremos deste lugar.

Os minutos seguintes foram passados a conversar e a andar por entre as estantes. Jeremy ficou a saber que a mansão havia sido construída em 1874 por Horace Middleton, um capitão de navios que fizera fortuna a transportar madeira e tabaco. Tinha construído a mansão para ali viver com a mulher e sete filhos mas, infelizmente, nunca chegou a habitar a casa. Quando a mansão estava em acabamento, a mulher faleceu, o que o levou a decidir mudar-se para Wilmington, juntamente com a família. A casa esteve vazia durante anos, sendo ocupada por outra família até à década de 1950, quando acabou por ser vendida à Sociedade Histórica, que mais tarde a revendeu ao município para ser usada como biblioteca.

Jeremy ouvia tudo com a máxima atenção. Caminhavam devagar e Lexie ia fazendo interrupções na narrativa para apontar alguns dos seus livros preferidos. Lexie era, como Jeremy não tardou a perceber, mais culta do que ele, especialmente no que dizia respeito aos autores clássicos, o que não deixava de fazer sentido, agora que pensava no assunto. A não ser o amor aos livros, o que é que a levaria a tornar-se bibliotecária? Como se conseguisse perceber o que ele estava a pensar, ela interrompeu- se e apontou com o dedo uma placa que se distinguia numa das estantes.

- Mr. Marsh, esta secção será provavelmente a sua preferida.

Olhou de relance para a placa e leu: Sobrenatural/Feitiçaria". Abrandou o passo, não parou, mas tomou nota de alguns títulos, incluindo um sobre as profecias de Miguel de Nostradamus. Em 1555, Nostradamus, como geralmente é conhecido, deu à estampa um livro, o primeiro dos dez que publicou em vida, com uma centena de previsões excepcionalmente vagas. Das mil profecias publicadas por Nostradamus, hoje continuam a ser citadas apenas umas cinquenta ou sessenta, o que dá uma desprezível taxa de aproveitamento da ordem dos cinco por cento.

Jeremy enfiou as mãos nas algibeiras.

- Se não se importa, talvez pudesse fazer-lhe umas recomendações interessantes.

- Faça favor. Não sou tão orgulhosa para julgar que não necessito de ajuda.

- Alguma vez leu isto?

- Não. Para Lhe ser franca, não julgo que o assunto tenha suficiente importância. Quero dizer, folheio todos esses livros à medida que chegam, observo as gravuras e leio algumas das conclusões para analisar se são apropriados, nada mais.

- Boa ideia - aprovou Jeremy. - Ficará mais bem servida.

- Mas é espantoso. Há residentes na vila que não querem que eu guarde livros sobre esses temas. Especialmente os que são dedicados à bruxaria. Dizem que exercem más influências sobre os jovens.

- Pois exercem. É tudo mentira.

Lexie sorriu.

- Isso pode ser verdade, mas está a esquecer-se do essencial. Eles querem que retire os livros por julgarem que é realmente possível conjurar os maus espíritos e que, ao lerem estas obras, os miúdos poderão, por acidente, inspirar Satanás a provocar malfeitorias na vila.

Jeremy concordou.

- A juventude impressionável da Cintura Bíblica". Faz sentido.

- Mas não cite estas minhas opiniões. Sabe que, quanto a isto, estamos a falar em particular, não sabe?

Ele ergueu dois dedos.

- Palavra de escuteiro!

Caminharam em silêncio durante uns momentos. O sol de Inverno mal conseguia romper por entre as nuvens acinzentadas e Lexie foi acendendo os candeeiros um a um. A sala foi inundada por uma luz amarelada.

Com ar ausente, Jeremy apontou o retrato pendurado por cima da lareira:

- Quem é esta?

Lexie parou e seguiu o olhar dele.

- A minha mãe - respondeu.

Jeremy olhou-a com ar inquisidor e Lexie deixou escapar um longo suspiro.

- Depois de a biblioteca original ter sido arrasada por um incêndio, em 1964, a minha mãe empenhou-se em encontrar um novo edifício e em começar um novo acervo, uma missão que toda a população da vila havia considerado impossível. Tinha apenas 22 anos, mas passou anos a pressionar os responsáveis estaduais e distritais para cederem verbas, fez leilões, foi de porta em porta a pedir ajuda aos comerciantes locais, insistindo até que lhe dessem dinheiro ou Lhe passassem um cheque. Levou anos, mas acabou por conseguir.

Enquanto Lexie falava, Jeremy deu consigo a olhar alternadamente para ela e para o retrato. Julgou detectar parecenças, pelo menos uma em que deveria ter reparado de imediato: os olhos. Embora a cor violeta o tivesse impressionado desde o início, agora que os via mais de perto, notou que os de Lexie possuíam um toque de luz a toda a volta, que de certa forma lhe fazia lembrar a cor da simpatia. Embora o pintor tivesse tentado captar aquela luz nada habitual, não tinha conseguido sequer aproximar-se do original.

Quando Lexie findou a narrativa, ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Jeremy notou que era um gesto frequente nela. Tratava-se provavelmente de um tique nervoso. O que significava, era evidente, que estava a pô-la nervosa. Viu no gesto um sinal animador.

Por enquanto, limitou-se a aclarar a voz:

- Parece ter sido uma mulher fascinante. Adoraria tê-la conhecido.

Um sorriso passou rapidamente pelo rosto de Lexie, como se houvesse muito mais a dizer mas, em vez disso, abanou a cabeça.

- Lamento. Suponho que já palrei o suficiente. O senhor tem de trabalhar e eu estou a empatá-lo - admitiu, a apontar para a sala dos livros raros. - Será melhor mostrar-Lhe o sítio onde vai ficar preso durante os próximos dias.

- Será preciso assim tanto tempo?

- Pretende referências históricas e o artigo, não é? Gostaria de poder dizer-lhe que a informação está catalogada, mas não posso. Tem pela frente uma pesquisa bem monótona.

- Não há assim muitos livros para consultar, ou estarei enganado?

- Não se trata apenas de livros, embora tenhamos vários que talvez ache interessantes. O meu palpite é que venha a encontrar muitas das informações que procura em diários. Estabeleci como meu objectivo reunir tantos quantos conseguisse, de pessoas que viveram na região, e já dispomos de uma boa colecção. Até consegui uns quantos que datam do século XVIII.

- Não terá, por acaso, o de Hettie Doubilet?

- Não. Mas tenho o de um casal que viveu em Watts Landing, e até um de alguém que se considerava o historiador amador da região. No entanto, não podem sair da biblioteca, e talvez leve algum tempo a conseguir decifrá-los. Lêem-se com dificuldade.

- Estou ansioso por começar - atalhou Jeremy. - Adoro pesquisas monótonas.

Lexie sorriu.

- Apostaria que é bastante bom nisso.

Olhou para ela com ar superior.

- Ah, pois sou. Sou bom numa quantidade de coisas.

- Não tenho dúvidas quanto a isso, Mr. Marsh.

- Jeremy. Trate-me por Jeremy.

Ela ergueu uma sobrancelha.

- Não me parece que seja muito boa ideia.

- Pelo contrário, é uma excelente ideia. Acredite!

Lexie respirou fundo. Aquele era dos que nunca param.

- É uma oferta tentadora - insinuou. - De verdade! E sinto-me lisonjeada. Mas, mesmo assim, ainda não o conheço suficientemente para confiar em si, Mr. Marsh.

Divertido, Jeremy ficou a vê-la voltar-lhe as costas, a pensar que já encontrara outras daquele género. As mulheres que se valiam da sagacidade para manter os homens à distância tinham quase sempre uma faceta desagradável, mas naquela, sem ele saber por quê, era uma característica que... bom, se podia considerar sedutora e agradável. Seria do sotaque? Provavelmente. Da maneira como cantava as palavras, talvez até conseguisse convencer um gato a atravessar o rio a nado.

Depois, corrigindo-se a si próprio, decidiu que não era apenas do sotaque. Nem da sagacidade, que ele apreciava. Nem sequer dos espantosos olhos ou da maneira como Lhe assentavam as calças de ganga. Muito bem, tudo isso concorria, mas havia ali mais qualquer coisa. Seria... o quê? Não a conhecia, não sabia nada dela. Lexie falara muito sobre livros e sobre a mãe, mas, para além disso, ele não ficara a saber fosse o que fosse acerca dela.

Estava ali para escrever um artigo mas, de repente, teve a sensação profunda de que preferiria passar as horas seguintes na companhia de Lexie. Desejaria passear com ela pelo centro de Boone Creek ou, ainda melhor, jantar com ela num restaurante romântico, fora da vila, onde os dois pudessem estar sós para ficarem a conhecer-se melhor. Era uma mulher misteriosa e ele adorava mistérios. Os mistérios conduzem sempre a surpresas e, enquanto a seguia a caminho da sala de livros raros, não pôde deixar de pensar que esta viagem às terras do Sul estava a tornar-se muito mais interessante.

A sala de livros raros era pequena, provavelmente fora um quarto; além disso, estava dividida por um balcão baixo, de madeira, que ia de um lado ao outro. As paredes tinham sido pintadas da cor bege da areia do deserto, o chão de madeira dura estava gasto, mas continuava direito. Por detrás do pequeno balcão, a parede estava ocupada por estantes com livros; num dos cantos, havia uma caixa com tampa de vidro, como se albergasse uma relíquia, com um televisor e um gravador de vídeo ao lado, onde certamente se guardavam as cassetes com a História do Estado de Carolina do Norte. Do lado oposto à porta havia uma janela e, por baixo

desta, uma antiga secretária com tampo de correr. Uma pequena mesa com uma máquina de leitura de microfichas estava à direita de Jeremy. Lexie dirigiu-se para lá. Abriu o tampo da secretária, de onde retirou uma pequena caixa de cartão.

Colocada a caixa em cima da mesa, procurou por entre as transparências e escolheu uma. Inclinando-se diante dele, ligou a máquina e inseriu a placa transparente, ajeitando-a até o artigo ficar devidamente centrado. Uma vez mais, Jeremy sentiu um ligeiro odor ao perfume dela e, momentos depois, tinha o artigo à frente dos olhos.

- Pode começar por este - sugeriu Lexie. - Vou procurar durante mais uns minutos, a ver se encontro mais algum material para si.

- Foi rápido - elogiou ele.

- Não foi muito difícil. Lembrava-me da data do artigo.

- Impressionante.

- Nada de verdadeiramente difícil. É o dia dos meus anos.

- Vinte e seis?

- À volta disso. Ora bem, vamos lá ver o que consigo encontrar a seguir.

Voltou-se e tornou a passar pela porta giratória.

- Vinte e cinco? - bradou para as costas dela.

- Boa tentativa, Mr. Marsh. Mas, não me apetece jogar.

Ele soltou uma gargalhada. Aquela ia ser, sem dúvida, uma semana muito interessante.

Jeremy concentrou a atenção no artigo e começou a ler. Escrito tal qual como ele esperava, com jactância e sensacionalismo, com suficiente altivez para presumir que todas as pessoas que viviam em Boone Creek sabiam, desde sempre, que aquele era um lugar extra-especial.

Leu muito pouca coisa que não conhecesse já. O artigo falava da lenda original, descrevendo-a, embora com pequenos pormenores, quase nos

mesmos termos que a Doris utilizara. No artigo, Hettie tinha reunido com os vereadores e não com o presidente da Câmara, além de ser natural da Louisiana e não das Caraíbas. O interessante é que, segundo parecia, ela tinha proferido a maldição à porta da Câmara, o que provocou um tumulto, em consequência do qual foi metida na cadeia. Na manhã seguinte, quando os guardas iam abrir a cela para a soltar, a mulher tinha desaparecido, desvanecera-se no ar. Depois disso, por recear que ela lançasse uma maldição sobre a família dele, o xerife recusara-se a prendê-la de novo. Contudo, aquilo acontecia com todas as lendas: narrativas que iam sendo renovadas, ligeiramente alteradas para se tornarem mais atractivas. E ele não podia deixar de admitir que a parte respeitante ao desaparecimento era interessante. Tinha de descobrir se a mulher fora efectivamente presa e se conseguira realmente fugir.

Olhou por cima do ombro. Ainda não havia sinais de Lexie. Voltando a concentrar-se no ecrã, pensou que poderia tentar ampliar o que Doris Lhe contara acerca de Boone Creek, pelo que moveu a placa de vidro que albergava a microficha e passou a ler outros artigos. Num total de quatro páginas eram concentradas as notícias de toda uma semana, o jornal saía à terça-feira, e depressa ficou a conhecer aquilo que a vila tinha para oferecer. Uma leitura emocionante, a menos que se pretendesse saber de algum acontecimento que estivesse a passar-se em qualquer outra parte do mundo, ou se alguém procurasse algo para se manter acordado. Leu a história de um jovem que ajardinara a frente do edifício VFW, para conquistar o direito de entrada nos Eagle Scouts, a notícia da abertura de uma nova loja de limpeza a seco, na Main Street, e o relato da reunião do Conselho Municipal em que o tema principal era decisão de colocar, ou não colocar, um sinal de trânsito em Leary Point Road. Um acidente de trânsito, em que dois homens da terra sofreram ferimentos ligeiros, teve direito a primeira página em dois números seguidos.

Jeremy recostou-se na cadeira.

Ora bem, a vila era justamente aquilo que ele esperava. Calma e sonolenta, especial no sentido em que todas as pequenas comunidades reclamam sê-lo, mas nada mais do que isso. Era o género de vila que continuava a existir mais como resultado de um hábito do que por qualquer qualidade digna de realce, que nas décadas seguintes, com o

envelhecimento da população, iria desaparecendo. Não havia ali futuro, pelo menos a longo prazo...

- A informar-se sobre a nossa excitante vila? - perguntou Lexie. Ele deu um salto, surpreendido por não a ter ouvido chegar perto de si e a sentir-se estranhamente triste com as condições de existência da vila.

- Pois estou. E é excitante, tenho de o admitir. A história do escuteiro foi espantosa. Caramba!

- Jimmie Telson - informou Lexie. - É, na realidade, um miúdo fantástico. Certinho e bastante bom no basquetebol. O pai dele morreu no ano passado, mas ele continuou a fazer trabalho voluntário por toda a vila, mesmo que agora tenha um emprego a tempo parcial no Pete's Pizza. Temos orgulho nele.

- Já sei tudo sobre o miúdo.

Ela sorriu, a pensar: É claro que sabes. "

- Veja isto - pediu, a pôr uma pilha de livros ao lado dele -, estes devem ser suficientes, para já.

Jeremy deu uma vista de olhos, cerca de uma dúzia de títulos.

- Julgo ter ouvido dizer que seria melhor utilizar diários. Todos estes livros são de história geral.

- Eu sei. Mas não quer começar por perceber o período em que foram escritos?

Ele hesitou, mas acabou por anuir:

- Suponho que sim.

- Óptimo - disse Lexie com ar ausente ao puxar para cima a manga da camisola. - E encontrei um livro de fantasmas em que poderá estar interessado. Tem um capítulo em que discute Cedar Creek.

- Isso é excelente.

- Bom, nesse caso, deixo-o. Voltarei mais tarde para ver se precisa de mais alguma coisa.

- Não vai ficar aqui?

- Não. Como Lhe disse, tenho muito que fazer. Quanto a si, pode ficar aqui ou sentar-se numa das mesas da área principal. No entanto, preferia que os livros não saíssem deste andar. Nenhum desses livros pode ser requisitado para leitura domiciliária.

- Nem eu me atreveria - confessou Jeremy.

- Agora, Mr. Marsh, se me permite, tenho mesmo de ir. E não se esqueça que, embora a biblioteca esteja aberta até as 19 horas, a secção de livros raros fecha às 17.

- Mesmo para os amigos?

- Não. Deixo-os ficar o tempo que desejarem.

- Nesse caso, vejo-a às 19?

- Não, Mr. Marsh. Virei cá às 17 horas.

Ele riu-se. - Talvez amanhã me deixe ficar até mais tarde. Lexie ergueu o sobrolho, mas não lhe deu resposta, para depois dar uns passos em direcção à porta.

- Lexie.

Ela voltou-se.

- O que é?

- Até agora, a sua ajuda tem sido fantástica. Obrigado.

Presenteou-o com um sorriso adorável, espontâneo.

- Não tem de quê.

Jeremy passou as duas horas seguintes a analisar informações sobre a vila. Folheou os livros um por um, e foi observando as gravuras e lendo os capítulos que lhe pareceram mais apropriados.

A maior parte da informação disponível referia-se à história primitiva da vila; no bloco de notas que tinha ao seu alcance, foi tomando nota dos elementos que lhe pareceram relevantes. Verdade que ainda não tinha

certezas acerca do que era relevante; era demasiado cedo para o saber mas, mesmo assim, não tardou que tivesse duas páginas inteiras de apontamentos.

Por experiência, tinha a noção de que a melhor maneira de abordar uma história daquelas era começar pelo que sabia; ora bem, o que é que ele sabia ao certo? Que o cemitério estivera em uso durante mais de cem anos sem quaisquer sinais das misteriosas luzes. Que as luzes tinham começado a aparecer uns cem anos antes e que as aparições eram regulares, mas só ocorriam quando havia nevoeiro. Que tinham sido avistadas por muitas pessoas, o que significava não ser provável que as luzes fossem meras figuras da imaginação. Além de não ter dúvidas de que, agora, o cemitério estava a afundar-se.

Portanto, passado um par de horas, não sabia muito mais do que quando começara. Como a maioria dos mistérios, este era um quebra-cabeças com muitas peças dispersas. A lenda, quer Hettie tenha ou não lançado uma maldição sobre a vila, era, no essencial, uma tentativa de juntar algumas peças numa forma compreensível. Contudo, como a lenda tinha por base uma razão falsa, isso significava que algumas peças, estivessem onde estivessem, estavam a ser mal interpretadas ou ignoradas. Já não lhe restavam dúvidas de que Lexie tinha toda a razão. Havia que ler tudo, de modo a não lhe escapar qualquer pormenor.

Nenhum problema. De facto, aquela era a parte mais agradável. Muitas vezes, a pesquisa da verdade era bastante mais interessante do que o próprio acto de redigir as conclusões; por isso, deu consigo imerso no assunto. Descobriu que Boone Creek foi fundada em 1729, o que fazia dela uma das mais antigas povoações do estado e que, durante muito tempo, não passara de um pequeno entreposto, nas margens dos rios Pamlico e Creek. Com o avançar do século, tornou-se um porto pouco importante do sistema interior de canais de navegação e, com o aparecimento dos barcos a vapor, em meados do século XIX, o crescimento da povoação acelerou-se. Para finais do século XIX, a febre do caminho-de-ferro atingiu a Carolina do Norte, muitas florestas desapareceram e instalaram-se numerosas pedreiras. A vila foi uma vez mais afectada, devido à sua localização, como uma espécie de porta de acesso à costa. Depois disso, a vila seguiu a tendência de altos e baixos da economia do resto do estado,

embora a população se tivesse mantido estável até 1930. No recenseamento mais recente, a população da região sofrera uma redução efectiva, o que não o surpreendeu nada.

Também leu o artigo sobre o cemitério incluído no livro dos fantasmas. Na nova versão, Hettie amaldiçoava a vila, não por causa da remoção dos cadáveres do cemitério, mas por ter- se recusado a sair do passeio na altura em que a mulher de um dos vereadores se cruzara com ela. Contudo, como ela era olhada quase como uma figura espiritual em Watts Landing, escapou à prisão, o que levou alguns dos habitantes mais racistas a tomar a causa nas suas próprias mãos e a provocar grandes estragos no cemitério dos negros. Num ataque de fúria, Hettie amaldiçoou o cemitério de Cedar Creek e jurou que os seus antepassados haviam de minar as terras do cemitério até que a terra o engolisse inteiro.

Jeremy recostou-se na cadeira, a pensar. Três versões completamente distintas da mesma lenda. Bem gostaria de saber o que isso significava.

Como pormenor interessante, o autor do livro, A. J. Morrison, tinha incluído um post scriptum em que dizia que o cemitério de Cedar Creek tinha efectivamente começado a afundar-se. De acordo com os estudos realizados, o cemitério tinha-se afundado cerca de cinquenta centímetros; o autor não dava qualquer explicação.

Jeremy verificou a data de publicação. O livro fora escrito em 1954 e, pelo aspecto que o cemitério agora apresentava, ele calculava que teria descido mais uns sete ou oito centímetros. Escreveu uma nota para procurar observações feitas nesse período, bem como as efectuadas em datas mais recentes.

No entanto, enquanto absorvia os dados, de vez em quando espreitava por cima do ombro, na expectativa de ver a Lexie regressar.

Do outro lado da vila, na parte lisa do campo de golfe, na zona do décimo quarto buraco e com o telemóvel apertado contra a orelha, o presidente da Câmara ficou muito atento a ouvir quem tinha feito a chamada, uma tarefa difícil devido ao ruído da estática. A recepção era má naquela parte da vila e o presidente gostaria de saber se pôr o ferro número cinco acima da cabeça o ajudaria a encontrar um sentido para o que estavam a comunicar-lhe.

- Esteve no Herbs? Hoje, ao almoço? Viste o Primetime Live?

Acenou, a fingir que não tinha visto que o seu adversário do golfe, que por sua vez fingia não ver onde tinha caído a sua bola, a encontrara atrás de uma árvore e lhe dera um pontapé para a colocar numa posição mais favorável.

- Achei-a! - gritou o outro, ao começar a preparar nova tacada. O companheiro de jogo do presidente era useiro e vezeiro naquelas manigâncias, que por acaso não o perturbavam muito, pois ele fazia exactamente a mesma coisa. De outra forma, não lhe seria possível manter o seu handicap de três pontos.

Entretanto, com a chamada prestes a terminar, o companheiro voltou a enviar a bola para o meio das árvores.

- Maldição! - gritou. O presidente ignorou-o.

- Bom, isto está a ficar interessante - comentou para o bocal, a sentir a cabeça às voltas com as possibilidades que se ofereciam -, e agradeço o teu telefonema. Agora, tem cuidado. Adeus.

Fechou o telemóvel no preciso momento em que o companheiro se aproximava.

- Espero ter conseguido um bom ponto de queda para esta bola.

- Não me preocuparia muito com isso - respondeu o presidente, a ponderar os últimos acontecimentos na vila. - Estou certo que vais achá-la exactamente onde a queres.

- Quem é que estava ao telefone?

- O destino - anunciou. - E, se fizermos as jogadas certas, talvez seja a nossa salvação.

Duas horas depois, quando o Sol começava a desaparecer abaixo das copas das árvores e as sombras começavam a estender-se sobre as janelas, Lexie enfiou a cabeça à entrada da sala dos livros raros.

- Como é que correu?

Olhando por cima do ombro, Jeremy sorriu. Ao afastar a cadeira da secretária e passando os dedos pelos cabelos, comentou:

- Óptimo. Aprendi bastante.

- Já conseguiu encontrar a resposta mágica?

- Não, mas estou a aproximar-me. Sinto-o.

Lexie entrou na sala.

- Ainda bem. Mas, como lhe tinha dito, costumo fechar esta parte às 17 horas, de modo a preparar-me para a chegada dos leitores que vêm cá depois de saírem dos empregos.

Ele pôs-se de pé.

- Não há problemas. De qualquer forma, estou a ficar um pouco cansado. Foi um longo dia.

- Estará aqui amanhã logo pela manhã, não é?

- Estava a pensar nisso. Porquê?

- Bom, normalmente, no final do dia, volto a pôr os livros nas estantes.

- Não seria possível deixá-los ficar como estão agora? Tenho a certeza de que terei de voltar a consultar a maioria deles.

Ela ficou a reflectir por momentos.

- Acho que não faz mal. No entanto, fica avisado de que se não estiver cá logo pela manhã, concluirei que me enganei consigo.

Ele assentiu, de aspecto solene.

- Prometo que não a deixarei ficar mal. Não sou esse género de homem.

Lexie rolou os olhos, a pensar na insistência dele. Tinha de concordar que o homem era persistente.

- Tenho a certeza de que diz isso a todas as mulheres, Mr. Marsh.

Ele negou, mantendo-se apoiado na secretária.

- Não. De facto, sou muito tímido.

A bibliotecária encolheu os ombros.

- Isso diz-me o que eu já sabia. Sendo um jornalista da grande cidade, julguei-o um mulherengo.

- E isso incomoda-a?

- Não.

- Óptimo. Porque, como sabe, as primeiras impressões podem ser enganosas.

- Oh, compreendi isso desde o princípio.

- Deveras?

- Sem dúvida. Quando o vi pela primeira vez, no cemitério, pensei que tinha vindo assistir a um funeral.

# CINCO

Quinze minutos mais tarde, depois de percorrer uma estrada asfaltada que deu lugar a uma outra estrada de terra batida com gravilha, um tipo de estrada de que as gentes da região deviam apreciar muito, Jeremy deu consigo a parar o carro no meio de um brejo, mesmo em frente de um sinal pintado à mão onde se lia Greenleaf Cottages". O que o levou a recordar a noção de que nunca se deve confiar numa Câmara de Comércio local.

Moderno não era. Ou teria sido moderno trinta anos antes. Ao todo, havia seis pequenas vivendas dispostas ao longo da margem do rio. Construídas em madeira, a precisar de pintura, telhados de zinco, chegava-se à porta de cada uma através de um estreito carreiro de terra, que irradiava de uma vivenda central, onde, pensou Jeremy, deveria ser o escritório. Era bucólico, tinha de admitir, mas parte da rusticidade incluía provavelmente mosquitos a aligátores, animais que não lhe aumentavam muito a vontade de ficar ali.

Enquanto estava a reflectir sobre a ideia de procurar sequer o escritório, pois recordava-se de ter passado por cadeias de hotéis em Washington, a cerca de quarenta minutos de Boone Creek, ouviu o som de um carro que vinha pela estrada e reparou num Cadillac castanho que vinha na sua direcção, a balouçar à toa por causa dos buracos do piso e depois a cuspir pedras, ao parar.

Da porta do automóvel irrompeu um homem obeso e calvo, que parecia enervado. Metido numas calças de poliéster verde e numa camisola azul de gola alta, o homem parecia ter-se vestido às escuras.

- Mr. Marsh?

Jeremy olhou-o, estupefacto.

- Sou.

O homem apressou-se a dar a volta ao carro. Nele, tudo parecia mexer-se depressa.

- Bom, ainda bem que consegui apanhá-lo antes de entrar no hotel! Queria ter uma oportunidade de conversar consigo! Nem sou capaz de lhe exprimir o quanto todos estamos excitados com a sua presença entre nós!

Parecia sem fôlego ao estender a mão para apertar vigorosamente a de Jeremy.

- Eu conheço-o? - indagou Jeremy.

- Não, não, é claro que não - replicou o homem, a rir-se com vontade. - Sou Tom Gherkin, o presidente da Câmara. Como o dos pickles, mas pode tratar-me por Tom - esclareceu, soltando nova gargalhada. - Desejaria ter estado presente para lhe dar as boas-vindas à nossa bonita vila. Desculpe a minha aparência. Tê-lo-ia recebido no edifício da Câmara, mas, logo que soube que estava cá, vim directamente do campo de golfe.

Ainda em estado de choque, Jeremy analisou o homem. Pelo menos, a indumentária estava explicada.

- O senhor é o presidente da Câmara?

- Desde 1994. É uma espécie de tradição de família. O meu pai, Owen Gherkin, foi presidente durante vinte e quatro anos. Manifestava grande interesse pela vila, o meu pai. Sabia tudo o que havia a saber acerca desta terra. Como se sabe, ser presidente da Câmara é um emprego a tempo parcial. É mais uma posição honorária. Se quer saber a verdade, passo mais tempo nas minhas actividades de comerciante. Sou o dono do centro comercial e da estação de rádio, no centro da vila. Melodias antigas. Gosta das melodias de antigamente?

- Claro - respondeu Jeremy.

- Bom, bom. Calculei isso no preciso momento em que o vi. Disse para comigo Aí está um homem que aprecia boa música". Eu não consigo suportar a maior parte dessas porcarias a que agora chamam música. Provocam-me dores de cabeça. A música deveria servir para confortar a alma. Compreende o que quero dizer?

- Claro - repetiu Jeremy, a tentar conter o riso.

O outro riu-se.

- Tinha a certeza de que compreenderia. Bom, como eu disse, nem consigo dizer quanto nos sentimos entusiasmados por o senhor estar aqui para escrever uma história sobre a nossa bonita vila. É exactamente disso que a vila necessita. Quero dizer, quem é que não aprecia uma boa história de fantasmas? As gentes de cá estão verdadeiramente excitadas, pode crer. Primeiro, foram os tipos da Duke, depois, o jornal da terra. E agora um jornalista da grande cidade. A notícia está a espalhar-se, o que é bom. Ora, ainda na semana passada recebemos um pedido de um grupo do Alabama, que deseja passar cá uns dias no próximo fim-de-semana para fazer o Circuito das Mansões Históricas.

Jeremy abanou a cabeça, a tentar acalmar as águas.

- Mas como é que soube que eu estava cá?

O presidente Gherkin assentou-lhe uma palmada amigável no ombro e, quase sem Jeremy dar por isso, estavam a encaminhar-se para a vivenda de recepção.

- As novidades correm, Mr. Marsh. Progridem como os fogos florestais. Sempre foi assim e nunca dei xará de ser assim. Faz parte da sedução deste lugar. Isso, mais a beleza natural. Dispomos de algumas das melhores zonas de pesca e de caça aos patos de todo o estado, sabia? Vem gente de todo o lado, mesmo pessoas famosas, e na sua maioria ficam aqui, no Greenleaf. Isto é uma pequena amostra do Paraíso, se quer saber a minha opinião. Uma vivenda só para si, calma, no meio da Natureza. Poderá ouvir os pássaros e os grilos durante toda a noite. Aposto que o vai obrigar a encarar todos aqueles hotéis de Nova Iorque com olhos diferentes.

-Já está a acontecer - admitiu Jeremy. O homem era um

político da cabeça aos pés.

- E não se preocupe com as serpentes.

Os olhos de Jeremy esbugalharam-se:

- Serpentes?

- Estou certo de que deve ter ouvido falar do assunto, mas não se esqueça de que todo o caso não passou de um mal-entendido. Há pessoas

que não têm um mínimo de bom senso. Contudo, como Lhe disse, não se preocupe com elas. De qualquer forma, normalmente as serpentes só aparecem durante o Verão. É claro que não o aconselho a procurá-las debaixo das moitas, ou coisa do género. As serpentes da zona costeira podem tornar-se perigosas.

- Ah! - exclamou Jeremy, a tentar resumir numa resposta a visão que sentia a formar-se dentro da cabeça. Odiava serpentes. Ainda mais do que mosquitos e aligátores.

- Na verdade, estava a pensar.

O presidente Gherkin suspirou profundamente, o suficiente para interromper a resposta de Jeremy e olhou à volta, como se quisesse ter a certeza de que o seu ouvinte notava o quanto ele, presidente, apreciava aquele cenário natural.

- Ora diga-me, Jeremy... não se importa que o trate por Jeremy?

- Não.

- Muito amável da sua parte. Muito amável. Portanto, Jeremy, estava eu a pensar se acha que um desses programas de televisão poderá pegar na história que escrever acerca da terra.

- Não faço ideia.

- Bom, porque se o fizerem, vamos desenrolar a passadeira vermelha para os recebermos. Mostrar-lhes a verdadeira hospitalidade sulista. Vamos alojá-los aqui mesmo, no Greenleaf, despesas por nossa conta. Além de que terão, sem dúvida, uma enorme história para contar. Muito melhor do que o senhor fez no Primetime. Porque nós temos aqui o produto genuíno.

- Tem de perceber que eu sou antes de mais um jornalista. Normalmente, não tenho nada a ver com a televisão.

- Não, certamente que não - disse o presidente Gherkin, a erguer as sobrancelhas, com notória descrença. - Só faz o seu trabalho e depois veremos o que acontece.

- Estou a falar a sério - insistiu Jeremy.

Franziu de novo a testa.

- Pois é claro que está.

Jeremy não sabia muito bem o que poderia dizer para o dissuadir; um dos motivos era a possibilidade de ele ter razão; momentos depois, o presidente Gherkin estava a empurrar a porta da recepção. Se é que assim se Lhe poderia chamar.

O aspecto era o de um lugar que não sofrera qualquer remodelação durante a última centena de anos; as paredes de madeira recordavam os rolos que se encontram nas cabanas feitas com rolos de árvores. Por detrás do balcão, preso à parede, estava um grande peixe de água doce, um micropterus salmoides muito apreciado para pesca desportiva; por todo o lado, em todos os cantos e paredes, em cima do armário de arquivo e da secretária, viam-se animais embalsamados: coelhos, esquilos, sariguéias, jaritatacas e um texugo. Contudo, ao contrário de muitos animais empalhados que Jeremy já tinha visto, todos estes tinham sido montados em atitude de defesa, como se estivessem encurralados. As bocas estavam arranjadas em atitude de rosnar, os corpos arqueados, dentes e mandíbulas à mostra. Jeremy estava ainda a tentar absorver as imagens quando, ao olhar para um canto, viu um urso e deu um salto. Como acontecia com os outros animais, também o urso tinha as garras estendidas em posição de ataque. O lugar era um Museu de História Natural transformado num filme de terror e apertado no espaço de um armário.

Por detrás do balcão, estava um homem de barba forte, com os pés levantados, sentado em frente de um televisor. A imagem era má, com linhas verticais a percorrerem o ecrã com intervalos de segundos, tornando quase impossível perceber o que é que estava a ser transmitido.

O homem pôs-se de pé e foi-se estendendo até ficar com a cabeça bem acima da de Jeremy. Tinha mais de 2, 10 de altura, os ombros mais largos do que os do urso empalhado ao canto do escritório. Vestido com um fato-macaco de alças e uma camisa de quadrados, agarrou numa ficha e colocou-a em cima do balcão.

Apontou para Jeremy e para a ficha. Não sorriu; para todos os efeitos, parecia não querer nada mais que não fosse estender os braços para o

corpo do Jeremy e bater-lhe, para depois o empalhar e suspender na parede.

Gherkin riu-se, o que não constituiu surpresa. Jeremy já tinha reparado que o homem se ria muito.

- Não tenha quaisquer preocupações a respeito dele - apressou-se a aconselhar o presidente. - Aqui o nosso Jed não gosta muito de falar com estranhos. Preencha a ficha e estará pronto para conseguir o seu pequeno lugar no Paraíso.

De olhos esbugalhados, Jeremy continuava a fitar o homem, que era a pessoa mais medonha que alguma vez encontrara.

- Não é apenas o dono do Greenleaf; também é membro do Conselho Municipal e é o taxidermista local - acrescentou Gherkin.

- Não acha que é uma actividade incrível?

- Incrível - repetiu Jeremy, forçando-se a sorrir.

- Se caçar qualquer coisa aqui à volta, venha ter com o Jed. Ele fará o que deve ser feito.

- Vou tentar não me esquecer disso.

Os olhos do presidente brilharam de súbito.

- Você é caçador, não é verdade?

- Para Lhe ser franco, não caço muito.

- Pois bem, talvez mude de ideias enquanto cá estiver. Já Lhe disse que temos aqui condições espectaculares para a caça aos patos, não disse?

Enquanto Gherkin falava, Jed apontou novamente a ficha com o seu dedo maciço.

- Olha lá, não estejas a intimidar o nosso amigo - interveio o presidente. - Ele é de Nova Iorque, é um jornalista da grande cidade, tens de o tratar bem.

O presidente Gherkin voltou a concentrar a atenção em Jeremy.

- E Jeremy, só para que saiba, a vila terá muito gosto em custear a sua acomodação aqui.

- Não é necessário.

- Nem mais uma palavra - interrompeu, acompanhando as palavras com um gesto de recusa. - A decisão já foi tomada pelas mais altas instâncias - prosseguiu, erguendo o sobrolho. - A propósito, sou eu. Mas é o mínimo que podemos fazer por um hóspede tão distinto.

- Bom, obrigado.

Jeremy pegou na caneca e começou a preencher a ficha de registo, a sentir os olhos de Jed fixos nele e a pensar no que poderia acontecer se mudasse de ideias e resolvesse não ficar ali. Gherkin inclinou-se sobre o seu ombro.

- Já lhe disse quanto estamos excitados por o termos na vila?

Do outro lado da vila, numa vivenda branca com gelosias azuis situada numa rua calma, Doris estava a saltear bacon, cebolas e alhos, enquanto uma panela de massa cozia noutro bico do fogão. Lexie encontrava-se junto ao lava-loiça, a cortar tomates e cenouras que ia passando por água. Depois de sair da biblioteca, passara por casa de Doris, como fazia em alguns dias da semana. Embora tivesse casa própria ali perto, era frequente jantar com a avó. Manter os velhos hábitos e tudo isso.

O rádio colocado no peitoril da janela transmitia música de jazz. Para além da conversa superficial típica entre pessoas de família, nenhuma dissera algo de importante. Para Doris, o motivo era o seu longo dia de trabalho. Depois de um ataque cardíaco, dois anos antes, cansava-se mais facilmente, mesmo que não estivesse disposta a admitir tal coisa. Para Lexie, o motivo chamava-se Jeremy Marsh, embora a conhecesse suficientemente bem para não contar nada à avó. Esta sempre manifestara um profundo interesse pela vida pessoal da neta, pelo que Lexie tinha apreendido a evitar o tema sempre que possível.

Lexie sabia que a avó só queria o bem dela. Doris não conseguia perceber como é que alguém na casa dos trinta anos ainda não tinha

assentado, chegara ao ponto em que se punha a imaginar motivos para a neta não se ter casado. Por mais esperta que se mostrasse, Doris era da velha escola; casara aos vinte anos e passara os quarenta anos seguintes com o homem que adorava, até ele ter falecido, três anos antes. Afinal, Lexie fora criada pelos avós, pelo que podia perfeitamente, em poucas palavras, condensar todas as preocupações e desejos de Doris acerca dela: era tempo de encontrar um bom homem, assentar, mudar-se para uma casa rodeada por uma sebe branca e ter filhos.

Lexie sabia que não havia nada de extraordinário naqueles desejos da avó. Naquela terra era o que se esperava das mulheres. E, quando algumas vezes se decidia a ser franca consigo mesma, Lexie também se sentia atraída por esse género de vida. Contudo, para isso era preciso começar por encontrar o homem certo, alguém que Lhe inspirasse confiança, a quem ela sentisse orgulho em chamar o seu homem. Era aqui que neta e avó divergiam. Doris parecia pensar que um homem decente, de bons costumes, com um bom emprego, era tudo aquilo a que uma mulher podia razoavelmente aspirar. No passado, talvez aquelas qualidades fossem as necessárias e suficientes. Mas Lexie não queria comprometer-se com alguém só por se tratar de um homem decente e com um bom emprego. Era provável que alimentasse expectativas irrealistas, mas Lexie pretendia também estar apaixonada por ele. Por mais gentil e responsável que um homem se mostrasse, se não sentisse qualquer paixão por ele, não conseguiria deixar de pensar que apenas pretendia arrumar-se, com alguém; assim não lhe servia. Não seria justo para ela; também não seria justo para ele. Pretendia um homem sensível e meigo que, simultaneamente, a entusiasmasse. Queria alguém que se oferecesse para Lhe massajar os pés depois de um longo dia de trabalho, mas que também fosse capaz de a desafiar em termos intelectuais. Um romântico, certamente, o género de homem que não precisasse de um motivo especial para Lhe oferecer flores.

Não era pedir muito. Ou seria?

Segundo a Glamour, a Ladies' Home Journal e a Good Houseeeing, todas elas recebidas na biblioteca, era. Ao ler aquelas revistas, parecia que todos os artigos salientavam que manter vivo o interesse de uma relação era uma tarefa exclusiva das mulheres. Contudo, aquilo seria tudo o que

deveria pedir-se de uma relação? Uma relação? Com cada um dos parceiros a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para manter o outro satisfeito?

Ora, aquele era o problema com muitos dos casais que conhecia. Em qualquer casamento, existe um equilíbrio subtil entre o que um pretende fazer e aquilo que o parceiro deseja; e, desde que o marido e a mulher façam aquilo que o outro deseja, nunca haverá qualquer problema. As dificuldades acontecem quando uma das pessoas começa a fazer coisas sem se preocupar com a outra. O marido, de repente, decide que necessita de mais actividade sexual e trata de procurá-la fora do casamento; a esposa decide que carece de mais afecto, o que a pode levar a fazer exactamente o mesmo. Um bom casamento, como qualquer outra relação, implica a necessidade de subordinar as necessidades pessoais de um parceiro às necessidades do outro, na expectativa de que o outro aja da mesma maneira. Tudo estará bem desde que cada um dos parceiros se mantenha fiel à sua parte do contrato.

Porém, se a mulher não sentir paixão pelo marido, poderá esperar-se isso? Lexie não tinha a certeza. A avó teria, sem dúvida, uma resposta pronta. Acredita em mim, meu amor, isso passa ao fim de um par de anos", diria, apesar de, na opinião da neta, os avós terem desfrutado de um tipo de relacionamento que faria a inveja de qual quer pessoa. O avô era um daqueles homens naturalmente românticos. Até ao Fim, nunca deixou de abrir a porta do carro à mulher, ou de lhe dar a mão quando passeavam pela vila. Tinha-lhe sido tão dedicado quanto fiel. Era evidente que a adorava e comentava com frequência quanto era feliz por ter uma mulher como ela. Depois de ele morrer, uma parte de Doris começou a morrer também. Primeiro o ataque cardíaco, agora a artrite a piorar; era como se cada um sempre tivesse sido destinado a estar junto do outro. Tendo em mente o conselho dado pela Doris à neta, o que é que se concluía? Concluía-se apenas que Doris teve a felicidade de encontrar um homem como ele? Ou teria ela, antes de mais, visto nele algo que confirmava ser aquele o homem perfeito para ela?

E, ainda mais importante, por que motivo estaria Lexie a pensar de novo em casamento?

Provavelmente por estar em casa da avó, a casa onde tinha crescido depois da morte dos pais. Havia uma familiaridade reconfortante no facto de estar ali, a cozinhar com a avó, e recordava-se de que crescera a pensar que um dia havia de habitar numa casa como aquela. Madeira batida pelas intempéries, tecto de zinco que amplificava o som da chuva, fazendo crer que não estava a chover em qualquer outra parte do mundo; janelas fora de moda, com aros pintados tantas vezes que se haviam tornado quase impossíveis de abrir. E tinha vivido numa casa como aquela. Bom, quase. À primeira vista, a casa dela e a da avó eram semelhantes, ficavam na mesma zona, mas nunca lhe fora possível replicar os aromas. Os guisados de sábado à tarde, o odor dos lençóis secos ao sol, o cheiro ligeiramente bolorento da cadeira de balouço que o avô tinha utilizado durante anos para descansar. Cheiros desses reflectiam uma maneira de viver tornada aprazível com o conforto de muitos anos e, sempre que passava da porta da frente, sentia-se a imergir nas memórias eternamente presentes da infância.

Sempre imaginara, como é óbvio, que viria a ter uma família própria, talvez até filhos, mas não acontecera. Duas relações tinham-se aproximado do modelo. Com Avery, uma relação que datava da faculdade e, depois dele, uma outra envolvendo um jovem de Chicago que, só durante um Verão, veio a Boone Creek visitar um primo. Parecia o clássico homem do Renascimento: falava quatro línguas, passara um ano a estudar na Faculdade de Economia de Londres e pagava os estudos com uma bolsa de jogador de basquetebol. Mr. Renaissance era sedutor e exótico; foi para ela uma paixão à primeira vista. Pensou que ele ia ficar ali, que iria amar aquela terra quanto ela a amava, mas, numa manhã de sábado, acordou para saber que ele estava de regresso a Chicago. Nem sequer se dignara dizer-lhe adeus.

E depois? Nada de verdadeiramente especial. Houve um par de tentativas, cada uma a durar uns seis meses, mas das quais mal se recordava. Uma fora com um médico local, outra com um advogado; ambos a tinham pedido em casamento mas em qualquer das situações não sentira a magia, a emoção ou o quer que fosse, aquilo que devemos sentir para sabermos que não é preciso procurar mais. Nos últimos dois anos, as saídas com homens tinham sido mais raras e mais espaçadas entre si, a não ser que incluísse as vezes que saíra com Rodney Hopper, um ajudante do

xerife da vila. Tinham saído cerca de uma dúzia de vezes, mais ou menos uma saída em cada mês, sempre que havia festas de caridade em que ela era convidada a comparecer. Tal como Lexie, Rodney nascera e fora criado na vila e quando eram miúdos tinham participado juntos nas brincadeiras próprias da idade nos terrenos da igreja episcopaliana. Desde esse tempo, ele nunca deixou de procurar a companhia de Lexie e um par de vezes convidou-a para irem beber um copo à Lookilu Tavern. Por vezes, Lexie perguntava a si mesma se deveria acompanhá-lo quando ele lhe pedia ou se deveria namorá-lo normalmente, mas Rodney... bom, manifestava-se demasiado empenhado na pesca, na caça e nos exercícios de musculação e quase nada interessado em livros e em tudo o resto que acontecia pelo mundo fora. Era, contudo, um rapaz simpático e, pensava ela, poderia vir a ser um excelente marido. Mas não para ela.

Ora bem, e ela, em que é que ficava?

A vir a casa da avó três vezes por semana, pensava, à espera das inevitáveis perguntas sobre a sua vida amorosa.

- Então, o que é que pensaste dele? - perguntou Doris logo que teve oportunidade.

Lexie não pôde deixar de sorrir.

- De quem? - indagou, a fazer-se de inocente.

- De Jeremy Marsh. De quem é que julgas que eu estava a falar?

- Não faço ideia. Foi por isso que perguntei.

- Deixa-te de fugir ao assunto. Ouvi dizer que ele passou umas horas na biblioteca.

A neta encolheu os ombros.

- Pareceu-me bastante simpático. Ajudei- o a procurar uns livros para ele poder começar o trabalho, nada mais.

- Não conversaste com ele?

- É claro que conversámos. Como disseste, ele demorou-se por lá um bocado.

Doris esperou que a neta prosseguisse, mas, ao reparar que ela não se mostrava disposta a isso, suspirou.

- Pois bem, eu gostei dele - confessou.

- Pareceu-me um verdadeiro cavalheiro.

- Oh, e foi - concordou Lexie.

- Perfeito.

- Não me parece que estejas a falar com convicção.

- Que mais queres que eu diga?

- Bom, gostaria de saber se deixou que o seduzisses com a tua brilhante personalidade?

- Por que diabo havia isso de o interessar? Só ficará uns dias na vila.

- Já te contei como foi que conheci o teu avô?

- Muitas vezes - respondeu Lexie, que se recordava muito bem da história. Tinham-se conhecido num comboio, a caminho de Baltimore; ele era de Grifton e ia a uma entrevista para um posto de trabalho que nunca viria a ocupar, por ter escolhido ficar com ela.

- Nesse caso sabes que é mais provável encontrares alguém quando menos o esperares.

- Estás sempre a dizer isso.

Doris enrugou a testa.

- Porque tu achas que não precisas de me ouvir.

Lexie trouxe a terrina da salada para a mesa.

- Não é preciso que te preocupes comigo. Sou feliz. Adoro o meu trabalho, tenho bons amigos e disponho de tempo para ler, para fazer desporto e outras coisas de que gosto.

- E não te esqueças que também sou uma bênção para ti.

- Pois, é claro. Como é que poderia esquecer-me disso?

Doris sorriu e prosseguiu com o cozinhado. Por momentos, fez-se silêncio na cozinha e Lexie soltou um suspiro de alívio. Graças a Deus, tinha acabado, pelo menos por agora. E a avó nem tinha pressionado muito. Agora, pensava, poderiam apreciar um jantar agradável.

- Achei-o bastante bonito - opinou Doris.

A neta não respondeu; em vez disso, pegou em dois pratos e talheres que foi pôr na mesa. Talvez fosse preferível fingir que não estava a ouvir.

- E, só para que saibas, ele tem muito mais do que tu pensas - prosseguiu a avó. - Ele não é aquilo que tu imaginas.

Foi a maneira como disse aquilo que obrigou Lexie a deter-se. No passado reparara várias vezes naquele tom de voz, quando ela queria sair com amigos do liceu e a avó a convencia a não ir; quando quisera fazer uma viagem a Miami, uns anos antes, mas fora convencida a não ir. No primeiro caso, os amigos com quem pretendia sair tiveram um acidente de trânsito; no segundo, houve tumultos na cidade que se estenderam ao hotel onde ela planeara ficar.

Sabia que por vezes a avó tinha premonições. Não tantas como a bisavó. Contudo, mesmo que Doris não gostasse de dar explicações adicionais, Lexie tinha plena consciência de que a avó intuía sempre a verdade.

A ignorar por completo que as linhas telefónicas estivessem ocupadas um pouco por todo o lado, com as pessoas a discutirem entre si a presença dele na vila, Jeremy estava na cama, coberto de roupa, a ver o noticiário da televisão local e à espera das previsões meteorológicas, enquanto lamentava não ter seguido o impulso inicial, não ter procurado outro hotel. Se o tivesse feito não teria de suportar as obras de arte artesanais de Jed, que o punham nervoso.

Era óbvio que o homem dispunha de muito tempo para trabalhar com as mãos.

E de muitas balas. Ou de chumbos. Ou de um bom pára-choques na carrinha. Ou lá o que era que ele usava para matar todos aqueles animais

selvagens. Só ali no quarto havia doze animais empalhados; com a excepção de um segundo urso empalhado, de momento gozava da companhia de todas as espécies zoológicas do estado de Carolina do Norte. Não tinha dúvidas de que Jed teria incluído um urso, se tivesse um segundo espécime.

Excluindo aquelas coisas, o quarto nem era mau de todo, desde que ele não estivesse à espera de uma ligação de banda larga à Internet, ou de aquecer o quarto sem usar a lareira, pedir algo ao serviço de quartos, ver televisão por cabo ou até fazer uma ligação num telefone com teclas. Há quanto tempo não via um telefone de marcador circular? Dez anos? Quanto ao telefone, até a mãe dele tinha sucumbido perante o mundo moderno.

O que ainda não sucedera com o Jed. O velho Jed deveria ter ideias próprias sobre o que era importante para os seus hóspedes.

Contudo, se aquele quarto tinha algo de decente tratava-se, sem dúvida, da varanda coberta das traseiras, de onde se avistava o rio. Até continha uma cadeira de balouço, onde Jeremy chegou a pensar sentar-se, antes de desistir por recear as víboras. O que o levou a magicar o que é que o Gherkin quisera dizer quando falara num mal-entendido. Não tinha gostado do tom da voz do homem. Deveria, sem dúvida, ter feito umas quantas perguntas, tal como deveria ter indagado onde poderia encontrar lenha. O quarto estava absolutamente gelado, mas Jeremy alimentava uma suspeita engraçada: estava convencido de que o Jed não atenderia a chamada se ele resolvesse telefonar para a recepção a perguntar pela lenha. Além disso, o Jed metia-Lhe medo.

Chegou a altura de aparecer o meteorologista no noticiário. Com esforço, Jeremy levantou-se da cama para ir aumentar o volume de som. Mexendo-se o mais rapidamente que podia, a tremer de frio, ajustou o aparelho e voltou a mergulhar para debaixo dos cobertores.

O meteorologista foi de imediato substituído por anúncios. Só

imagens.

Tinha estado a matutar se deveria sair e ir ao cemitério, se houvesse hipóteses de nevoeiro: Não havendo, tentaria descansar. O dia fora longo;

começara no mundo moderno, tinha recuado cinquenta anos e agora tinha de dormir sob a ameaça do gelo e da morte. Não era certamente o curso da sua vida de todos os dias.

E havia que não esquecer a existência da Lexie. Lexie, qualquer que fosse o apelido. Lexie, a misteriosa. Lexie que se expunha, retirava-se e voltava a expor-se.

Ela tinha estado a espicaçá-lo, não tinha? A maneira como insistia em tratá-lo por Mr. Marsh? O facto de fingir que o tinha compreendido imediatamente? O comentário sobre o funeral? Sem dúvida estivera a espicaçá-lo.

Ou não estaria?

O meteorologista reapareceu, parecendo acabado de sair da faculdade. O homem não teria mais de 23 ou 24 anos e aquele era certamente o seu primeiro emprego. Mostrava bem o entusiasmo de quem está a começar. Parecia, contudo, competente. Não tropeçava nas palavras e Jeremy percebeu, logo desde o início, que não iria sair do quarto. Esperava-se céu limpo durante a noite e o homem não falou de qualquer possibilidade de nevoeiro para o dia seguinte.

# SEIS

Na manhã seguinte, depois de tomar duche com um fio de água tépida, Jeremy enfiou-se numas calças de ganga, numa camisola e num blusão de couro castanho, e seguiu para o Herbs, que parecia ser o lugar mais popular da vila a fornecer pequenos-almoços. No centro da sala, verificou a presença do presidente Gherkin, que falava com dois homens de fato completo, e Rachel não tinha mãos a medir com o serviço das mesas. Jed estava sentado no lado mais afastado da sala, com as costas a parecerem uma montanha. Tully sentava-se numa das mesas do centro da sala, acompanhado de mais três homens e, como seria de esperar, era de todos quem falava mais. Havia quem acenasse com a cabeça e com as mãos ao ver Jeremy passar e o presidente saudou-o erguendo a caneca de café.

- Viva, bom dia, Mr. Marsh - cumprimentou o presidente Gherkin em voz alta. - A pensar em coisas positivas para escrever acerca da nossa vila, segundo espero?

- Tenho a certeza disso - cantarolou Rachel.

- Espero que tenha encontrado o cemitério - comentou Tully com voz arrastada. Inclinou-se para os companheiros de mesa. - Este é o médico de que estava a falar-vos.

Jeremy acenava com a cabeça e com as mãos em resposta, a tentar evitar que o envolvessem em qualquer conversa. Nunca tinha sido madrugador e, ainda por cima, não tinha dormido bem. Gelo e morte, mais pesadelos em que entram víboras, conseguem provocar má disposição seja a quem for. Sentou-se a uma mesa do canto e Rachel moveu-se com eficiência na direcção dele, levando consigo um bule de café.

- Hoje não há funeral? - escarneceu.

- Não. Decidi-me por um traje menos formal - explicou.

- Café, meu querido?

- Se faz favor.

Pousada a chávena, encheu-a até ao bordo.

- Esta manhã, quer o especial? As pessoas nunca mais deixam de o pedir.

- O que é o especial?

- Uma omeleta Carolina.

- Óptimo - aceitou, sem fazer ideia do que era uma omeleta Carolina, mas, com o estômago a dar horas qualquer comida lhe parecia boa.

- Com aveia e um biscoito?

- Porque não?

- Volto dentro de uns minutos, meu querido.

Jeremy foi beberricando o café enquanto passava uma vista de olhos pelo jornal do dia anterior. Todas as quatro páginas, incluindo a primeira, com um artigo de fundo, eram dedicadas a Miss Judy Roberts, que acabava de celebrar o seu centésimo aniversário, um marco agora atingido por 1,1 por cento da população do país. Junto do artigo fora incluída uma fotografia da redacção do jornal na casa de repouso, com um bolo de anos com uma única vela acesa, enquanto Miss Roberts estava mais atrás, deitada na cama, com aspecto comatoso.

Olhou pela janela, a perguntar a si mesmo o que o levara a olhar para o jornal da terra. Em frente do restaurante havia uma máquina de venda com o USA Today; estava a meter as mãos nas algibeiras, à procura de moedas, quando um ajudante uniformizado se sentou do outro lado da mesa.

O homem parecia simultaneamente zangado e extremamente robusto; os bíceps faziam esticar as costuras da camisa e usava óculos espelhados que tinham passado de moda... ora, uns vinte anos antes, pensou Jeremy, quando a série CHiPS foi retirada. A mão estava apoiada na cartucheira, mesmo em cima do punho do revólver. Trazia um palito entre os dentes e fazia-o mudar de um canto para o outro da boca. Não abriu o bico, preferindo olhar em frente, dar a Jeremy o tempo suficiente para apreciar a sua própria imagem reflectida pelas lentes escuras.

Uma situação, Jeremy tinha de o admitir, algo intimidativa.

- Deseja alguma coisa? - indagou Jeremy.

O palito mudou uma vez mais de lugar. Jeremy fechou o jornal, sem qualquer ideia do que estava a acontecer.

- Jeremy Marsh? - inquiriu a autoridade.

- Sou.

- Bem me pareceu.

Acima do bolso do peito do ajudante, Jeremy notou uma chapa brilhante com o nome do agente gravado. Mais uma etiqueta.

- E o senhor deve ser o xerife Hopper?

- Ajudante Hopper - corrigiu.

- Peço desculpa. Fiz algum mal, senhor ajudante?

- Não sei - respondeu Hopper.

- Fez?

- Que eu saiba, não.

O ajudante Hopper fez o palito mudar novamente de posição.

- Está a planear ficar por cá uns tempos?

- Durante uma semana ou duas. Estou cá para escrever um artigo.

- Sei o motivo por que está cá - interrompeu o ajudante.

- Só quis verificar por mim mesmo. Gosto de falar com estranhos que decidem ficar por aqui uns tempos.

Deu muito ênfase à palavra estranhos, como que a fazer sentir a Jeremy que isso era uma espécie de crime. Não tinha a certeza de que uma resposta, qualquer que ela fosse, pudesse dissipar a hostilidade; por isso, resolveu aceitar o óbvio.

- Ah! - foi o seu único comentário.

- Ouvi dizer que tenciona passar bastante tempo na biblioteca.

- Bom. acho que poderá acontecer.

- Hum - rosnou o ajudante, a interrompê- lo de novo. Jeremy estendeu a mão para a caneca de café e bebeu um gole, a tentar ganhar tempo.

- Lamento muito, ajudante Hopper, mas não faço ideia do que está a acontecer.

- Hum.

- Olha lá, Rodney, não estás a maçar o nosso convidado, pois não? - bradou o presidente do outro lado da sala.

- É um visitante especial, está aqui para fazer aumentar o interesse pelo nosso folclore.

O ajudante Hopper não vacilou nem desviou os olhos de Jeremy. Por qualquer motivo, parecia absolutamente furioso.

- Estou apenas a conversar com ele, senhor presidente.

- Pois bem, deixa o homem tomar o pequeno-almoço em paz - repreendeu Gherkin, a caminhar para a mesa. Agitou uma das mãos. - Chegue aqui, Jeremy. Há aqui umas pessoas que gostaria que conhecesse.

O ajudante Hopper carregou o cenho ao ver Jeremy levantar-se da mesa para ir ao encontro do presidente Gherkin.

Quando se aproximou, o presidente Gherkin apresentou-o a duas pessoas: uma era o macilento jurista do município, a outra um médico



de aspecto pesado que trabalhava no centro de saúde local. Ambos pareceram avaliá-lo com a mesma intensidade usada pelo ajudante Hopper. Para reservarem a sua opinião, como eles dizem. Entretanto, o presidente estava a descrever a excitação provocada pela visita de Jeremy e o serviço que ele podia prestar à vila. Inclinando-se para os outros dois, acenou com ares de conspirador.

- Poderemos acabar no Primetime Live - sussurrou.

- De verdade? - indagou o advogado. Jeremy pensou que o homem podia ser usado como esqueleto de estudo.

Jeremy mudou o peso do corpo de um para o outro pé.

- Bom, como tenho estado desde ontem a tentar explicar ao senhor presidente...

O presidente Gherkin interrompeu-o ao aplicar-Lhe uma palmada nas costas.

- Muito excitante - acrescentou o presidente.

- Importante presença na televisão.

Os outros deram mostras de solene assentimento.

- E por falar da vila - acrescentou o presidente, numa súbita inspiração: - Hoje gostaria de o convidar para um jantar com alguns amigos íntimos. Nada de extravagâncias, é claro, mas como vai ficar por cá durante alguns dias, gostaria de lhe dar a oportunidade de conhecer algumas pessoas da terra.

Jeremy ergueu ambas as mãos.

- Na verdade, não é necessário...

- Disparate - atalhou o presidente Gherkin.

- É o mínimo que podemos fazer. E, não se esqueça, de que muitas das pessoas que vou convidar viram os fantasmas, pelo que terá a possibilidade de lhes arrancar as suas impressões, em conjunto. Vão contar-Lhe coisas que talvez lhe provoquem pesadelos.

Ergueu as sobrancelhas; o advogado e o médico mantiveram-se expectantes. A hesitação de Jeremy foi tudo o que o presidente precisava para concluir.

- Poderá ser por volta das 19 horas?

- Sim... claro. Acho óptimo - concordou Jeremy. - Onde é que será o jantar?

- Informo-o um pouco mais tarde. Presumo que estará na biblioteca, certo?

- É provável.

O presidente ergueu as sobrancelhas.

- Julgo que já conhece a nossa excelente bibliotecária, Miss Lexie?

- Sim, já a conheço.

- Uma pessoa impressionante, não é?

Notava-se uma ligeira insinuação na maneira como a frase fora construída, algo parecido com uma conversa de balneário.

- Tem sido uma grande ajuda - confessou Jeremy.

- Vamos, meu querido. Trago-lhe o pequeno-almoço.

Jeremy olhou de relance para o presidente.

- Faça favor - pediu o presidente Gherkin, a acenar com as duas mãos.

Jeremy seguiu a empregada de regresso à sua mesa. Graças a Deus, o ajudante Hopper já tinha saído e Jeremy deslizou para a cadeira. Raquel colocou-lhe o prato em cima da mesa.

- Bom proveito. Pedi-lhes que fizessem uma extra-especial, por se tratar de um visitante vindo de Nova Iorque. Adoro a cidade, absolutamente!

- Oh, já lá esteve?

- Bem, ainda não. Sempre desejei lá ir. A cidade parece-me tão... deslumbrante, tão excitante.

- Devia ir. É um lugar único em todo o mundo.

Rachel sorriu, com um ar recatado.

- Ora, Mr. Marsh... está a convidar-me?

Jeremy ficou de boca aberta. Como?

Por sua vez, a Rachel não pareceu reparar na expressão dele.

- Bom, é bem provável que tenha de me contentar com isso - chilreou.

- E terei todo o prazer em Lhe mostrar o cemitério, numa noite qualquer em que tenha vontade de lá ir. Habitualmente, despacho-me daqui por volta das dez horas.

- Prometo não me esquecer - murmurou Jeremy. Durante os vinte minutos seguintes, enquanto Jeremy comia, Rachel veio junto da mesa uma dúzia de vezes, despejando café na caneca, uns milímetros de cada vez, sem nunca deixar de sorrir.

Jeremy dirigiu-se para o carro, a recuperar do que deveria ter sido um pequeno-almoço repousado.

Ajudante Hopper. Presidente Gherkin. Tully. Rachel. Jed. Uma pequena cidade dos EUA era mais do que podia suportar-se antes do café.

No dia seguinte iria beber um café noutro sítio qualquer. Não estava convencido de que a comida do Herbs, que era fantástica, compensasse todas as maçadas. Até tinha de admitir que era bem melhor do que pensava que fosse. Conforme Doris afirmara no dia anterior, sabia a fresco, como se os ingredientes tivessem sido colhidos naquela mesma manhã.

No entanto, o café do dia seguinte seria noutro sítio. Mas também não seria na estação de serviço do Tully, mesmo que ele servisse café. Não queria meter-se em conversas, tinha mais que fazer.

Parou subitamente, espantado. Meu Deus", pensou, já estou a pensar como esta gente. "

Sacudiu a cabeça e tirou as chaves da algibeira enquanto se dirigia para o carro. Pelo menos, o pequeno-almoço estava despachado. Consultando o relógio, verificou que eram quase nove horas. Óptimo.

Lexie deixou-se ficar a olhar pela janela do seu gabinete, desde o momento exacto em que Jeremy Marsh parou o carro no parque de estacionamento.

Jeremy Marsh. Que não lhe saía da cabeça, mesmo quando se dispunha a trabalhar. E vejam-no agora. A procurar vestir-se de forma mais casual, a tentar, supunha ela, misturar-se com a gente da terra. E, de certo modo, quase o conseguia.

Todavia, bastava de tretas. Tinha trabalho a fazer. O gabinete dela tinha estantes a toda a volta, a abarrotar de livros desde o tecto até ao chão; livros empilhados de todas as maneiras, na vertical e na horizontal. O armário de arquivo estava arrumado a um canto, a secretária e cadeira eram bastante funcionais. Havia ali pouco que pudesse ser considerado decorativo, mas apenas por falta de espaço; havia pilhas de papéis por todos os lados: nos cantos, por baixo da janela, em cima da cadeira extra encostada a um canto. Em cima da secretária também se viam pilhas altas, onde estavam os documentos de tarefas consideradas urgentes.

O subsídio era recebido ao fim do mês; tinha de analisar um monte de catálogos de editoras para poder fazer a encomenda semanal. Ao trabalho normal havia que acrescentar a necessidade de encontrar o conferencista para o almoço dos Amigos da Biblioteca e de preparar tudo para o Circuito das Mansões Históricas, de que a biblioteca fazia parte, tendo ela própria a sede numa dessas vivendas. Mal tinha tempo para respirar. Tinha dois funcionários com horário completo, mas chegara à conclusão de que o trabalho corria melhor se não delegasse funções. Os funcionários eram excelentes para recomendar títulos recentes e ajudar os estudantes a procurarem aquilo de que precisavam, mas, da última vez que deixara um deles decidir quais os livros a encomendar, acabara por ter seis obras diferentes sobre orquídeas, as flores preferidas do funcionário. Naquela manhã, sentada em frente do computador, tentara, sem o conseguir, gizar um plano de organização da sua agenda. Por mais que tentasse, a mente acabava sempre por regressar a Jeremy Marsh. Não queria pensar nele, mas o que Doris Lhe dissera fora suficiente para lhe despertar a curiosidade.

Ele não é aquilo que tu imaginas.

O que é que a avó quereria dizer? Na noite anterior, quando fora pressionada, Doris fechara-se, como se não tivesse dito nada com interesse. Não voltou a referir-se à vida amorosa de Lexie, nem tornou a referir-se a Jeremy Marsh. Em vez disso, rodeara o tema: como correra o dia de trabalho, o que estava a acontecer com pessoas conhecidas, como estava a ser organizado o Circuito das Mansões Históricas do fim-de-semana. Doris era presidente da Sociedade Histórica e o circuito era um dos eventos mais importantes do ano, embora não exigisse um

planeamento muito exigente. A situação era facilitada pelo facto de as mesmas doze mansões serem escolhidas praticamente todos os anos, a que se juntavam quatro igrejas e a biblioteca. Enquanto a avó ia falando, Lexie não deixava de pensar na insinuação

acerca de Jeremy.

Ele não é aquilo que tu imaginas.

Então, seria o quê? Um tipo da grande cidade? Um mulherengo? Alguém à procura de uma aventura fácil? Alguém que escarneceria da vila logo que partisse? Alguém à procura de uma história e disposto a tudo para a encontrar, mesmo que tivesse de magoar outras pessoas durante o caminho?

E por que diabo teria ela de se preocupar? O homem estaria ali apenas uns dias, quando se fosse embora tudo regressaria à normalidade. Com a ajuda de Deus.

Naquela manhã, já ouvira mexericos. Na padaria, onde parara para comprar um bolo, ouvira duas mulheres a falar dele. Que ia tornar a vila famosa, que a situação ia tornar-se um pouco melhor em termos de negócios. Logo que a viram, crivaram-na de perguntas sobre o homem e deram as suas opiniões sobre a melhor forma de ele encontrar a origem das misteriosas luzes.

Afinal, na vila havia pessoas que acreditavam que as luzes eram mesmo provocadas por fantasmas. Outras eram claramente cépticas. O presidente Gherkin, por exemplo. A posição dele era outra; encarava a investigação de Jeremy como uma espécie de promoção. Se Jeremy Marsh não conseguisse descobrir a causa, seria bom para a economia, era nisso que o presidente apostava. Afinal, o presidente Gherkin sabia algo que só era do conhecimento de um pequeno grupo de pessoas.

O mistério andava a ser investigado há anos. Não tinham sido apenas os alunos da Universidade de Duke. Para além de historiadores locais que, na opinião de Lexie, tinham encontrado uma explicação plausível, pelo menos dois outros grupos de pessoas estranhas à vila tinham investigado o fenómeno, sem êxito. Na realidade, fora o presidente Gherkin quem convidara os estudantes a visitar o cemitério, na esperança de que eles

também não conseguissem descobrir o que quer que fosse. E não restavam dúvidas, o afluxo de turistas nunca mais deixara de aumentar.

Lexie pensava que poderia ter mencionado isso a Mr. Marsh, no dia anterior. Contudo, ele não perguntara e ela não tomara a iniciativa. Estava demasiado ocupada a defender-se dos avanços do visitante e a fazer-Lhe crer claramente que não estava interessada nele. Pois, ele tentara ser sedutor... bom, tudo bem, ele tinha um certo encanto pessoal, o que não alterava o facto de ela não ter a intenção de deixar que as emoções a dominassem. Na noite anterior, quando ele saíra, tinha sentido uma espécie de alívio.

Mas depois a avó tinha feito aquele comentário ridículo; no essencial, Doris quisera dizer-lhe que era de opinião de que a neta deveria conhecê-lo melhor. Porém, o que verdadeiramente a preocupava era saber que a avó não teria dito fosse o que fosse de que não tivesse a certeza. Por qualquer razão, tinha visto algo de especial em Jeremy.

Por vezes, detestava as premonições da avó.

Era claro que não tinha de dar ouvidos à Doris. Afinal, Lexie já uma vez tinha feito a rábula da conversa com o visitante" e não estava disposta a repetir a dose. Apesar da resolução, tinha de admitir que tudo aquilo estava de certo modo a roubar-lhe o equilíbrio. Enquanto ponderava a situação, ouviu o ranger da porta a abrir-se.

- Bom dia - saudou Jeremy, enfiando a cabeça no gabinete.

- Pensei ter visto luz aqui.

Fazendo rodar a cadeira, Lexie reparou que ele trazia o casaco ao ombro.

- Olá - cumprimentou delicadamente.

- Ia agora iniciar

o trabalho.

Ele mostrou o casaco.

- Tem um lugar onde possa pendurar isto? Não há muito espaço na mesa da sala de livros raros.

- Deixe ficar. O cabide está atrás da porta.

Entrou e entregou-lhe o casaco. Lexie pendurou-o ao lado do seu, no cabide que havia atrás da porta. Jeremy olhou à volta do gabinete.

- Então, é aqui a ponte de comando? Onde tudo é decidido?

- Pois é - confirmou Lexie. - O espaço não é grande, mas serve para o que há a fazer.

- Gosto do seu sistema de arquivo - confessou, a apontar para as pilhas de papéis.

- Em casa, uso o mesmo sistema.

Lexie deixou escapar um sorriso ao encaminhar-se para a secretária, depois de dar uma vista de olhos para fora da janela.

- Uma bonita vista, também. Pode ver tudo até à casa seguinte. Não esquecendo o parque de estacionamento.

- Esta manhã parece estar muito bem- disposto.

- Como podia não estar? Dormi num quarto gelado, na companhia de animais mortos. Ou melhor, mal preguei olho. Passei a noite a ouvir aqueles ruídos estranhos, vindos da mata.

- Estive a imaginar se gostaria de Greenleaf. Ouvi dizer que é rústico.

- A palavra rústico, não faz inteira justiça àquele lugar. E depois, esta manhã. Metade da vila a tomar o pequeno-almoço.

- Estou a ver que foi ao Herbs - observou Lexie.

- Pois fui. Reparei que não estava lá.

- Não. Demasiado barulhento. Gosto de uma certa calma para começar o dia.

- Devia ter-me avisado.

Ela sorriu.

- Devia ter-me perguntado.

Jeremy soltou uma gargalhada e Lexie apontou para a porta. Ao caminhar ao lado dele a caminho da sala de livros raros, sentiu que ele estava bem-disposto apesar da exaustão, mas continuava a não ver motivos para confiar no homem.

- Por acaso conhece um certo ajudante chamado Hopper? perguntou Jeremy.

Ela olhou-o, surpreendida:

- Rodney?

- Acho que foi o nome que disse. Bom, que interesse é que tem o nome? Pareceu um pouco perturbado pela minha presença na vila.

- Oh, é inofensivo.

- Não me pareceu inofensivo.

Lexie encolheu os ombros.

- É provável que tenha ouvido dizer que você passou algum tempo na biblioteca. Julga-se uma espécie de protector quando isso acontece. Há muitos anos que gosta de mim.

- Dê-lhe uma palavrinha em minha defesa, está bem?

- Acho que posso fazer isso.

Como esperava um outro comentário mordaz, ergueu um sobrolho, agradavelmente surpreendido.

- Obrigado.

- Não tem de quê. Limite-se a não fazer nada que me obrigue a mais tarde dizer o contrário.

Continuaram em silêncio até à sala de livros raros. Ela entrou primeiro e acendeu a luz.

- Tenho estado a pensar no seu projecto e há uma coisa que acho que talvez deva saber.

- O que é?

Lexie falou-Lhe de duas investigações anteriores no cemitério, antes de acrescentar:

- Se me der uns minutos, julgo que consigo encontrá-las.

- Fico-lhe muito grato. Mas por que motivo não me falou delas ontem?

Ela sorriu, sem responder.

- Deixe-me adivinhar. Foi por eu não ter perguntado.

- Sou apenas bibliotecária, não sou adivinha.

- Como a sua avó. Oh, espere, ela é adivinha, não é?

- De facto, é. E consegue adivinhar o sexo antes de os bebés nascerem.

- Foi o que me disseram - troçou Jeremy.

Os olhos dela lançaram chispas.

- É verdade, Jeremy. Acredite ou não, ela consegue esse género de coisas.

Ele sorriu-lhe.

- É verdade que acaba de me tratar por Jeremy?

- É. Mas não dê excessiva importância ao facto. Foi um pedido que me fez, recorda-se?

- Pois recordo, Lexie.

- Não abuse - aconselhou Lexie mas, mesmo ao dizê-lo, Jeremy notou que ela o olhava um pouco mais demoradamente do que antes; e gostou do que viu.

Gostou mesmo muito.

# SETE

Jeremy passou o resto da manhã debruçado sobre uma pilha de livros e dos dois artigos que Lexie lhe trouxe. O primeiro, escrito em 1958 por um professor de etnografia da Universidade de Carolina do Norte e publicado no Journal of the South, parecia ter sido redigido com a intenção de refutar a forma como A. J. Morrison tratara a lenda. Citava alguns trechos do trabalho de Morrison, resumia a lenda e narrava a permanência do professor junto do cemitério, durante mais de uma semana. Viu as luzes em quatro das noites. Parecia ter feito pelo menos uma tentativa preliminar de encontrar a causa: contou o número de casas na zona envolvente (havia dezoito num raio de mil e seiscentos metros do cemitério e, pormenor interessante, nenhuma em Riker's Hill), além de ter contado o número de automóveis que passaram nos dois minutos que se seguiram ao aparecimento das luzes. Em dois dos casos, o intervalo foi inferior a um minuto. Contudo, nas outras duas ocasiões não se verificou a passagem de veículos, o que parecia eliminar a possibilidade de os faróis estarem na origem dos Fantasmas.

O segundo continha apenas um pouco mais de informação. Publicado num número de 1969 da Coastal Carolina, uma pequena revista que foi à falência em 1980, referia-se ao facto de o cemitério estar a afundar-se e aos estragos daí resultantes. O autor também se referia à lenda e à proximidade de Riker's Hill e, embora não tivesse avistado as luzes (visitara o lugar durante os meses de Verão), recorria abundantemente a relatos de testemunhas para especular acerca de diversas possibilidades, todas elas já encaradas por Jeremy.

A primeira era a vegetação apodrecida que por vezes se incendeia, provocando vapores conhecidos como gás dos pântanos. Numa zona costeira como aquela, Jeremy sabia que a possibilidade não podia ser inteiramente descartada, embora não a julgasse credível, pois as luzes mostravam-se em noites frias e com nevoeiro. Também podiam ser luzes de tremores de terra", isto é, descargas eléctricas produzidas pelo movimento de rochas, por baixo da crusta terrestre. Falava uma vez mais da teoria dos faróis de automóveis, bem como da refracção da luz e do

brilho fosforescente emitido por certos fungos. As algas, notava, podiam também emitir brilho fosforescente. O autor até mencionava a possibilidade da existência do efeito de Nova Zembla, em que os focos de luz são dobrados por camadas de ar a diferentes temperaturas, que assim parecem brilhar. E, como última possibilidade, o autor concluía que podia tratar-se de fogos de Santelmo, que são produzidos por descargas eléctricas em objectos pontiagudos e ocorrem durante as trovoadas.

Por outras palavras, o autor reconhecia que podia ser qualquer coisa.

Embora inconclusivos, os artigos ajudaram Jeremy a clarificar as suas próprias ideias. Era de opinião de que as luzes tinham tudo a ver com acidentes geográficos. O morro por detrás do cemitério parecia ser o ponto mais alto, qualquer que fosse a direcção em que se olhasse, além do afundamento do cemitério tornar mais denso o nevoeiro numa área bem determinada. Tudo a apontar para luz refractada ou reflectida.

Tinha de determinar a origem e para o fazer precisava de encontrar a primeira referência à aparição das luzes. Nada de generalidades, precisava de uma data precisa, de modo a poder demonstrar o que naquela altura estava a acontecer na vila. Se a vila estava a passar por uma transformação profunda, se havia um novo projecto de construção, uma nova fábrica, algo desta ordem de grandeza, poderia encontrar a causa. Ou, caso avistasse as luzes, e não estava a contar com isso, o seu trabalho poderia simplificar-se ainda mais. Se ocorressem a meio da noite, por exemplo, e não se registasse a passagem de carros, poderia pesquisar a zona, notar a localização das casas ocupadas e com lâmpadas a iluminar as janelas, a proximidade da estrada, ou talvez até o tráfego fluvial. Suspeitava que os barcos pudessem oferecer uma possibilidade, desde que fossem de dimensões suficientes.

Analisando novamente a pilha de livros, tomou mais apontamentos acerca das transformações sofridas pela vila ao longo dos anos, com incidência especial nas que aconteceram na passagem do século XIX para o século XX.

A lista foi-se alongando com o passar das horas. No início do século XX, houve um pequeno surto de construção de casas que durou entre 1907 e 1914, altura em que se deu o crescimento da parte norte da vila. O

pequeno porto foi alargado em 1910, depois em 1916, e uma terceira vez em 1922; muitas escavações, se acrescentarmos a exploração das pedreiras e as minas de fósforo. O caminho-de-ferro teve início em 1898 e, de 1908 a 1915, foram construídas três grandes instalações industriais: uma fábrica de têxteis, uma mina de fósforo e uma fábrica de papel. Das três, só a fábrica de papel continuava a laborar - a fábrica de têxteis tinha fechado quatro anos antes e a mina foi encerrada em 1987 - o que parecia torná-la a única possibilidade a ter em conta.

Voltou a confirmar os factos para se assegurar que estavam certos e arrumou os livros, de forma a que Lexie pudesse voltar a colocá-los nas estantes. Recostou-se na cadeira, espreguiçou-se e deu uma olhadela ao relógio. Era quase meio dia. No conjunto, pensou que aquelas horas tinham sido úteis e olhou por cima do ombro para a porta aberta por detrás de si.

Lexie não voltara para ver como ele estava. De certo modo, agradava-Lhe a ideia de não conseguir compreendê- la e, por momentos, desejou que ela vivesse na terra dele, ou mesmo nos arredores. Seria interessante ver o desenvolvimento das relações entre eles. Momentos depois, ela entrou na sala.

- Olá! - saudou Lexie. - Como é que isso vai?

Jeremy voltou-se.

- Bem, obrigado.

Ela enfiou o casaco.

- Ouça, estava a pensar em sair para comprar o almoço e vim perguntar-lhe se queria que Lhe trouxesse qualquer coisa.

- Vai ao Herbs? - perguntou ele.

- Não. Se achou que ao pequeno-almoço aquilo era mau, devia ver o que acontece à hora do almoço. Mas não me importo de, no regresso, lhe trazer comida feita.

Ele hesitou, mas por pouco tempo.

- Ora bem, seria correcto eu acompanhá- la aonde decidiu ir? Não me importava de ir esticar as pernas. Estive aqui sentado durante toda a manhã e adoro conhecer sítios novos. Talvez até pudesse mostrar-me um pouco da vila - insinuou Jeremy. - Se não se importa, é claro.

Lexie esteve para dizer não mas, uma vez mais, recordou as palavras da avó e ficou com as ideias baralhadas. Devia ou não devia? Apesar de todo o seu bom senso (obrigadinha, avó! ), disse apenas:

- Não me importo nada. Mas como disponho apenas de uma hora não o poderei ajudar muito.

Jeremy pareceu quase tão surpreendido quanto ela e deixou-se ficar parado onde estava, mas depois seguiu-a.

- Tudo terá a sua utilidade - sentenciou. - Ajuda-me a preencher os espaços vazios, percebe. É importante ver como correm as coisas em lugares como este.

- Na nossa vila de rústicos, é isso que quer dizer?

- Não disse que era uma vila de rústicos. As palavras são suas.

- Pois. Mas os pensamentos são seus, não são meus. Adoro esta

terra.

- Certamente que sim. Que outro motivo a levaria a viver aqui?

- Um dos motivos é não ser Nova Iorque.

- Já viveu lá?

- Morei em Manhattan. Em West Sixty-Nine.

Ele quase tropeçou nos próprios sapatos.

- Isso fica a uns quarteirões da minha casa.

Lexie sorriu.

- O mundo é pequeno, não é?

A andar depressa, Jeremy lutava para se manter ao lado dela enquanto Lexie se dirigia para a escada.

- Está a brincar, não está?

- Não. Morei lá, mais o meu namorado, durante quase um ano. Ele trabalhava na Morgan Stanley, enquanto eu estagiava na Biblioteca da Universidade de Nova Iorque.

- Nem posso acreditar.

- Em quê? Que vivi em Nova Iorque e voltei para aqui? Ou que vivi perto de si? Ou que vivi com o meu namorado?

- Em tudo isso. Ou em coisa nenhuma. Não tenho a certeza - confessou Jeremy. Estava a tentar absorver a ideia de que esta bibliotecária de vila de província tinha vivido no bairro em que ele morava.

Ao reparar na expressão dele, Lexie não conseguiu conter o riso.

- Sabe que vocês são todos iguais, não sabe?

- Quem?

- Os habitantes das grandes cidades. Levam a vida a pensar que não existe no mundo um lugar tão especial como Nova Iorque e que nenhum lugar tem tanto para oferecer.

- Tem razão - admitiu Jeremy.

- Mas isso é porque o resto do mundo não resiste à comparação.

Olhando-o de relance, ela fez uma expressão que dizia claramente: Não acabaste de dizer aquilo que eu penso que disseste, pois não

Jeremy encolheu os ombros, a fingir-se inocente.

- Isto é, digamos... que Greenleaf não pode comparar-se exactamente com o Four Seasons ou com o Plaza, pois não? Quero dizer, até você tem de admitir isso.

Ela mostrou-se indignada com a atitude dele e aumentou o ritmo da passada. Decidira, naquele preciso momento, que a avó não sabia o que estava a dizer.

Mas ele ainda não desistira.

- Vá lá... admita isso. Sabe que tenho razão, não sabe?

Tinham atingido a porta principal da biblioteca e Jeremy segurou a porta para ela passar. Por detrás deles, uma mulher idosa que trabalhava no vestíbulo estava a olhá-los intensamente. Lexie aguentou até sair, mas, chegada à rua, voltou-se para ele.

- As pessoas não vivem em hotéis - contrapôs.

- Vivem em comunidades. E é isso que temos aqui. Uma comunidade. Em que as pessoas se conhecem e se preocupam umas com as outras. Em que as crianças podem brincar na rua à noite, sem terem medo de estranhos.

Ele ergueu as duas mãos.

- Oh, não me interprete mal. Adoro comunidades. Cresci no seio de uma. Sabia o nome de todas as pessoas do meu bairro, que viviam ali havia anos. Algumas ainda lá vivem; por isso, acredite no que Lhe digo, conheço bem a importância de conhecer os vizinhos e quão importante é que os pais saibam o que os Filhos estão a fazer, com quem é que eles andam. Foi assim que cresci. Mesmo quando me ausentava, as pessoas reparavam. O que estou a tentar dizer é que Nova Iorque também tem comunidades, que depende da zona onde se vive. É claro que o meu bairro está cheio de jovens em início de carreira. Contudo, se for a Park Slope, em Brooklyn, ou a Astoria, em Queens, verá os miúdos a passear pelos jardins, a jogar basquetebol ou futebol, entretidos a fazer as mesmas coisas que fazem os miúdos daqui.

- Como se eu acreditasse que costuma pensar nessas coisas.

Logo de seguida, lamentou o tom desagradável com que repreendera Jeremy. Ele, porém, não parecia afectado.

- Costumo - replicou.- E acredite no que Lhe digo, se tivesse filhos, gostaria de morar onde moro. Tenho um monte de sobrinhos e sobrinhas a viver na cidade, qualquer deles em bairros onde há muitas outras crianças e pessoas que se preocupam com elas. Em vários aspectos, são bairros muito parecidos com esta terra.

Sem poder avaliar se ele lhe estava a contar a verdade, Lexie manteve-se calada.

- Escute - prosseguiu Jeremy -, não estou a tentar arranjar uma zaragata. Na minha opinião os miúdos crescerão bem desde que os pais se envolvam na educação deles, seja aonde for que vivam. As pequenas cidades não possuem um monopólio dos valores. Isto é, tenho a certeza de que, se investigar um pouco, também encontrarei aqui muitos miúdos com problemas. Miúdos são miúdos, seja aonde for que vivam - acrescentou, a sorrir, a tentar demonstrar-lhe que não se sentia ofendido. - E, além disso, não percebo muito bem como é que nos deixámos envolver nesta conversa sobre miúdos. A partir de agora, prometo não voltar a tocar no assunto. Apenas tentava demonstrar a minha surpresa por você ter morado em Nova Iorque, a poucos passos de mim.

Fez uma pausa.

- Paz?

Olhou fixamente para ele, antes de respirar fundo. Talvez ele tivesse razão. Não, sabia que ele tinha razão. E teve de admitir que fora ela quem provocara aquela escalada. O que a confusão de ideias pode levar uma pessoa a fazer. Como é que se deixara chegar àquele ponto?

- Paz! - acabou por dizer.

- Com uma condição.

- Qual é?

- O transporte é por sua conta. Não trouxe o carro.

Jeremy pareceu aliviado.

- Deixe-me só procurar as chaves.

Como nenhum estava particularmente esfomeado, Lexie encaminhou Jeremy para um minimercado, de onde saíram minutos depois com uma caixa de bolachas, fruta fresca, várias espécies de queijo e duas garrafas de Snapple.

Chegados ao carro, Lexie colocou tudo junto aos pés.

- Há algum lugar que deseje ver especialmente? - perguntou.

- Riker's Hill. Há alguma estrada até ao cimo?

Ela acenou que sim.

- Não é bem uma estrada. É um caminho construído pelos madeireiros, mas agora é usado principalmente pelos caçadores. Olhe que é mau... Não sei se quererá levar o carro até lá acima.

- Não interessa. É alugado. Além disso, começo a estar habituado às más estradas da região.

- Muito bem, depois não diga que não foi avisado. Praticamente não falaram enquanto se encaminhavam para a saída da vila; passaram ao lado do cemitério de Cedar Creek e atravessaram uma pequena ponte. Não tardou que a estrada fosse delimitada de ambos os lados por árvores de folha persistente. O céu azul dera lugar a grandes manchas cinzentas, que recordaram a Jeremy as tardes de Inverno lá mais para norte. Ocasionalmente, bandos de estorninhos levantavam voo à passagem do carro, voando em formação, como se estivessem presos por fios.

Lexie não se sentia bem com o silêncio, pelo que começou a descrever os projectos de urbanização que nunca passaram da imaginação, os nomes das árvores, Cedar Creek, sempre que a vila podia ver-se por entre o arvoredo. O morro de Riker's Hill aparecia do lado esquerdo, de aspecto triste e pouco hospitaleiro, naquela tarde melancólica.

Da primeira vez, Jeremy tinha feito este caminho depois de deixar o cemitério e tinha feito a inversão de marcha mais ou menos por ali. Tinha-o feito um ou dois minutos adiantado, como veio a saber, porque Lexie lhe disse para virar no cruzamento seguinte, que parecia seguir em curva para o outro lado de Riker's Hill. Inclinada para o pára-brisas, ela não tirava os olhos da estrada.

- A curva é já a seguir - anunciou.

- Será melhor abrandar.

Jeremy fez o que Lhe foi pedido mas, como ela se mantivesse atenta ao caminho, olhou-a de lado e notou-lhe o ligeiro sulco de concentração na linha divisória entre as sobrancelhas.

- Muito bem... é ali - apontou Lexie.

E tivera razão: aquilo não era bem uma estrada. Pedras e sulcos, uma espécie de entrada do Greenleaf, mas pior. Ao sair da estrada principal o carro iniciou uma marcha de saltos e solavancos, obrigando Jeremy a abrandar ainda mais.

- Riker's Hill pertence ao domínio público?

Ela assentiu.

- O estado comprou as terras a uma das grandes companhias madeireiras, Weyerhaeuser, Georgia-Pacific ou outra do género, quando eu ainda era pequena. Faz parte da história local. Mas não é um parque ou coisa que o valha. Julgo que houve diversos planos para instalar lá um parque de campismo, mas o estado nunca se envolveu.

Os pinheiros pareciam querer juntar-se e tornavam a estrada mais estreita, mas a picada parecia melhorar à medida que subiam, seguindo praticamente em ziguezague a caminho do cume. De vez em quando aparecia um trilho, que ele supôs ser usado pelos caçadores.

A partir de certa altura, as árvores começaram a rarear e o céu tornou-se mais visível; com a aproximação do cimo do monte, a vegetação pareceu mais castigada pelo mau tempo e, depois, quase devastada. Dezenas de árvores tinham sido abertas ao meio; as que ainda se mantinham de pé seriam menos de um terço. O declive tornou-se menos acentuado, para dar lugar ao terreno plano do alto do morro. Jeremy encostou a um dos lados. Lexie apontou para a chave, para que ele desligasse o motor, e ambos saíram do carro.

Lexie cruzou os braços enquanto caminhavam. O ar parecia mais frio lá em cima, a brisa era mais invernal e parecia picar a pele. O céu também parecia mais próximo: as nuvens haviam deixado de ser massas informes, torciam-se e enrolavam-se em formas distintas. Podiam ver a vila, lá em baixo, os telhados encostados uns aos outros e alinhados ao longo das ruas direitas, uma das quais levava ao cemitério de Cedar Creek. Logo a seguir à vila, o velho rio de águas salobras parecia uma tira de aço. Jeremy conseguiu distinguir a ponte atravessada pela estrada e um pitoresco viaduto de caminho-de-ferro que ficava um pouco mais longe; por cima

deles, voando em círculos, um falcão de cauda vermelha. Olhando com mais atenção, Jeremy conseguiu distinguir o pequeno edifício da biblioteca e até o local onde ficava o Greenleaf, embora as vivendas não fossem visíveis por causa das árvores.

- Acho a vista espantosa - acabou por confessar.

Lexie apontou para os limites da vila e indicou-lhe para onde queria que ele olhasse.

- Está a ver aquela casa pequenina lá em baixo? Quase isolada, perto da lagoa? É onde estou a morar agora. E, mais adiante, é a casa da Doris. Foi ali que cresci. Em pequena, por vezes, olhava para o monte e imaginava que me via lá em cima a olhar para a planície.

Ele sorriu. A brisa remexia-Lhe o cabelo e ela continuou.

- Quando éramos adolescentes, eu e os meus amigos costumávamos vir até cá acima e passávamos horas aqui. Durante o Verão, o calor faz tremeluzir as luzes das casas, como se fossem estrelas. E os pirilampos... bom, em Junho há tantos que quase parece haver uma outra cidade no céu. Embora toda a gente saiba da existência deste lugar, não vinham cá muitas pessoas. Para mim e os meus amigos foi sempre considerado um local secreto, de que só nós podíamos usufruir.

Fez uma pausa, apercebendo-se de estar a sentir um nervosismo estranho. Não fazia ideia das razões que poderiam provocar tal nervosismo.

- Recordo-me de um dia em que se esperava uma grande tempestade. Os meus amigos e eu conseguimos que um dos rapazes nos trouxesse cá acima no seu camião. Sabe, um daqueles monstros com grandes pneus que, se necessário, poderiam descer ao fundo do Grand Canyon. Portanto, viemos todos cá para cima para observarmos os relâmpagos, à espera de os vermos a rasgar o céu. Não nos detivemos a pensar que iríamos colocar-nos no ponto mais alto da região, qualquer que fosse a direcção da trovoada. A princípio, quando os relâmpagos começaram, foi belo. O céu iluminava-se, por vezes com um risco em ziguezague, outras vezes mais parecia uma lâmpada estroboscópica e nós contávamos em voz alta até ouvirmos o estouro do trovão. Queríamos saber a que distância estava a

trovoada, percebe? No entanto, quase sem darmos por isso, tínhamos a tormenta por cima das cabeças. O vento soprava tão forte que fazia oscilar o camião e a chuva não permitia ver o que quer que fosse. Foi então que os raios

começaram a atingir as árvores à nossa volta. Descargas gigantescas desciam do céu, tão perto que faziam tremer o chão e foi então que vimos as copas dos pinheiros a explodirem.

Jeremy observava-a enquanto ela falava. Era o máximo que dizia acerca de si própria desde que se tinham conhecido e ele tentava imaginar como seria a vida dela naquele tempo. Quem era ela na escola secundária? Uma das líderes mais populares da claque? Uma das raparigas estudiosas, que passavam a hora de almoço na biblioteca? Passado, história antiga, quem é que se preocupava com a escola secundária? Porém, mesmo agora, quando se deixava embalar pelas memórias, Jeremy não conseguia perceber como é que ela tinha sido.

- Julgo que estava aterrorizada - insinuou. - Os raios conseguem atingir cinquenta mil graus, como sabe - acrescentou, a olhar de relance para ela. - Dez vezes mais quente do que a superfície do Sol.

Lexie sorriu, bem-disposta.

- Não sabia disso. Mas tem razão, não penso que alguma vez tivesse sentido tanto medo.

- O que é que aconteceu?

- A tempestade passou, como sempre acontece. Voltámos para casa, logo que conseguimos recompor-nos. Mas recordo-me de a Rachel me apertar a mão com tanta força que fiquei com as unhas dela marcadas na pele.

- Rachél? Será a mesma que é empregada de mesa no Herbs?

- Sim, essa mesma - esclareceu, a observá-lo, de braços cruzados. - Porquê? Atirou-se a si durante o pequeno-almoço desta manhã?

Ele mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

- Bom, não diria isso. Pareceu- me apenas um pouco... atiradiça.

Lexie riu-se.

- Não me surpreende. Ela... bom, é a Rachel. Ela e eu fomos as melhores amigas enquanto crescemos e ainda a considero uma espécie de irmã. Penso que será sempre assim. Contudo, depois que fui para a universidade e para Nova Iorque... bem, depois de eu regressar nunca mais foi como dantes. A situação mudou, na falta de uma palavra melhor. Não me compreenda mal... é uma excelente rapariga, muito engraçada para fazer companhia a qualquer pessoa, sem uma ponta de malícia naquele corpo, mas...

Calou-se. Jeremy observou-a mais de perto.

- Você agora vê o mundo com olhos diferentes - insinuou.

Lexie suspirou.

- Sim, acho que é isso.

- Julgo que acontece a toda a gente quando cresce - respondeu Jeremy. - Ficamos a saber o que somos e o que queremos, altura em que descobrimos que as pessoas que conhecemos desde sempre vêem as coisas de maneira diferente. Por isso, conservamos as memórias maravilhosas, mas damos connosco a andar para diante. É perfeitamente normal.

- Eu sei. Porém, numa vila desta dimensão, é um pouco difícil de aceitar. Há por aqui um número limitado de trintonas, as solteiras são ainda menos. Isto por aqui é um pequeno mundo.

Jeremy acenou com a cabeça e sorriu:

- Trintonas?

De súbito, ela lembrou-se de que na véspera ele tentara adivinhar- Lhe a idade.

- Exacto - confessou com um encolher de ombros. - Acho que estou a ficar velha.

- Ou a permanecer jovem - contrapôs Jeremy. - A propósito, é assim que eu penso em mim próprio. Sempre que penso em enveLhecimento começo a usar as calças mais descidas, mostro o elástico das boxer. ponho

o boné de basebol com a pala para trás e vou passear para o centro da vila, para ouvir o rap.

Lexie não pôde deixar de sorrir ante a imagem. A despeito do ar frio, sentia-se confortável com o pensamento inesperado, e no entanto estranhamente inevitável, de estar a apreciar a companhia dele. Ainda não tinha a certeza de gostar dele; de facto, tinha quase a certeza de que não gostava e, por momentos, lutou para conciliar os dois sentimentos. O que significava, era evidente, que seria melhor evitar qualquer referência ao assunto. Levou um dedo ao queixo, a dizer-lhe:

- Pois, estou a ver. Você parece mesmo considerar que o estilo pessoal é importante.

- Sem dúvida. O que é certo é que, ontem, as pessoas ficaram especialmente impressionadas com a minha indumentária, incluindo você.

Ela riu-se e ficou a observá-lo, ambos a apreciarem o silêncio momentâneo. Lexie foi a primeira a quebrá-lo, a perguntar:

- Aposto que a sua profissão o obriga a viajar muito, não é?

- Umas quatro ou cinco viagens por ano, cada uma a durar um par de semanas.

- Já tinha estado numa vila como esta?

- Não, realmente não. Cada lugar onde vou tem o seu próprio encanto, mas posso dizer com toda a franqueza que nunca estive num lugar como este. E você? Para além de Nova Iorque, é claro.

- Frequentei a Universidade de Carolina do Norte, em Chapel Hill e passei muito tempo em Raleigh. Também fui a Charlotte, quando andava no curso secundário. A nossa equipa de futebol disputou o campeonato estadual no meu último ano, pelo que a vila despovoou-se praticamente para assistir ao jogo. Na estrada, formámos um comboio de automóveis com seis quilómetros de extensão. Também fizemos uma viagem a Washington, quando era pequena. Mas nunca fui ao estrangeiro, nada de grandes viagens.

Enquanto falava, apercebia-se de quanto a sua vida pareceria mesquinha aos olhos de Jeremy. Este, como se estivesse a ler- Lhe o

pensamento, deixou escapar um ligeiro sorriso.

- Havia de gostar da Europa. As catedrais, a beleza dos campos, as tasquinhas e as praças das cidades. O estilo de vida mais descontraído... devia adaptar-se bem.

Lexie baixou os olhos. Bonitas ideias, mas...

Ali é que estava o busílis. No mas. A vida mostrava uma desagradável tendência para tornar raras as oportunidades exóticas e para as afastar muito no tempo. Muitas pessoas não podiam ir além da imaginação. Como ela. A questão não era acreditar na Doris ou roubar algum tempo ao trabalho da biblioteca. E por que diabo estaria ele a falar-lhe de tudo aquilo? Para lhe demonstrar que era mais cosmopolita do que ela? Bom, detestava confessar uma coisa daquelas, mas já sabia isso antes de ele ter aparecido.

No entanto, mesmo enquanto ruminava estes pensamentos, notou que outra voz interior tentava imiscuir-se, dizer-lhe que ele estava a tentar lisonjeá-la. Parecia estar a dizer-lhe que a considerava diferente, mais cosmopolita do que se poderia esperar. Que ela não destoaria em qualquer lugar.

- Sempre desejei viajar - admitiu, como que a tentar dominar o conflito de vozes que lhe ia na cabeça.

- Deve ser agradável, para quem puder.

- É, por vezes. Contudo, acredite ou não, o que me dá mais prazer é conhecer outras pessoas. Quando olho para trás e recordo lugares onde estive, vejo mais rostos do que coisas.

- Ora bem, está a falar como um romântico - insinuou Lexie. Oh, era difícil resistir-Lhe, àquele Mr. Jeremy Marsh. Primeiro o mulherengo, agora o grande altruísta; bastante viajado mas com os pés assentes na terra; mundano mas sem perder a consciência das coisas que mais contam. Fosse ele onde fosse, conhecesse quem conhecesse, ela não tinha dúvidas de que ele possuía uma capacidade inata de levar as outras pessoas, em especial as mulheres, a pensarem que estava em sintonia com elas. O que, sem dúvida, a conduzia directamente à primeira impressão que ele Lhe provocara.

- Talvez seja um romântico - admitiu Jeremy, a olhá-la de lado.

- Sabe o que me agradou mais em Nova Iorque? - perguntou Lexie, a mudar de assunto. Jeremy ficou a olhá-la, na expectativa. - Gostei do facto de estar sempre a acontecer qualquer coisa. Havia sempre pessoas a percorrer apressadamente os passeios e táxis a apitar, a qualquer hora. Estava sempre a passar-se qualquer coisa, havia sempre algo para ver, um novo restaurante para experimentar. Muito excitante, em especial para alguém ido de uma terra como esta. Foi quase como ir para Marte.

- Por que é que não ficou?

- Suponho que poderia ter ficado. Mas não era o lugar para mim. Julgo que poderá pensar-se que as razões que me levaram até lá se modificaram. Fui com uma pessoa.

- Ah! - exclamou Jeremy. - Foi para o seguir.

Ela assentiu.

- Conhecemo-nos na faculdade. Parecia tão... como dizer... perfeito, acho eu. Tinha sido criado em Greensboro, era de boas famílias, inteligente. Também verdadeiramente bonito. Suficientemente belo para levar uma mulher a não dar ouvidos à sua intuição. Olhou para mim e, logo de seguida, dei comigo a acompanhá-lo até à metrópole. Não consegui resistir-lhe.

Jeremy mostrou-se admirado.

- De verdade?

Lexie sorriu para dentro. Os homens nunca gostam de ouvir falar de outros homens bonitos, especialmente quando se tratou de uma relação séria.

- Tudo foi fantástico durante um ano ou dois. Estávamos muito apaixonados - confessou, parecendo perder-se em pensamentos, até respirar fundo. - Fiz um internato na Biblioteca da Universidade de Nova Iorque, o Avery foi trabalhar para a Wall Street, até que um dia o encontrei na cama com uma colega. O que ajudou a fazer-me compreender que ele não era o homem que eu queria; por isso, fiz a mala e regressei. Nunca mais o vi.

O vento estava a aumentar, quase assobiava ao subir pelas ladeiras, a transportar um suave cheiro a terra.

- Tem fome? - perguntou Lexie, a querer mudar novamente de assunto. - É muito bonito estarmos a conversar aqui no campo, mas se não engolir algum alimento tenho propensão a ficar irritada.

- Estou esfomeado.

Regressaram ao carro e dividiram o almoço. Jeremy abriu a caixa de bolachas no banco da frente. Ao notar que a vista não era a melhor, pôs o motor a funcionar, manobrou à volta do cume e colocou o carro no ângulo certo para poder olhar de novo a vila.

- Então, voltou para aqui e começou a trabalhar na biblioteca e...

- E mais nada - respondeu ela.

- É o que estou a fazer há sete anos.

Ele fez contas de cabeça, concluindo que ela teria cerca de 31 anos.

- Outros namorados durante todo este tempo? - indagou. Com o copo de sumo seguro nas pernas, Lexie partiu um bocado de queijo e colocou-o em cima de uma bolacha. Ficou a pensar se deveria ou não responder, mas decidiu-se; que diabo, de qualquer das maneiras, ele ia-se embora.

- Claro. Houve alguns, a espaços.

Falou-lhe do advogado, do médico e, mais recentemente, de Rodney Hopper. Não mencionou Mr. Renaissance.

- Bom... não está mal. Parece que é feliz - reflectiu Jeremy.

- Pois sou - anuiu ela com presteza. - E você, não é?

- Na maior parte do tempo. Uma vez por outra, perco as estribeiras, mas acho que isso é normal.

- É nessas alturas que começa a usar as calças descaídas?

- Exactamente - respondeu, a sorrir. Pegou numa mão-cheia de bolachas, equilibrou umas quantas em cima de uma perna e começou a cobri-las de queijo. Levantou os olhos, com ar grave. - Não se importaria

se Lhe fizesse uma pergunta de carácter pessoal? É claro que não tem de me responder. Não a interpretarei mal, acredite. Trata-se apenas de curiosidade.

- O quê, mais pessoal do que falar-Lhe dos meus namorados anteriores?

Ele encolheu os ombros com uma expressão de timidez, mostrando a Lexie uma visão de como ele teria sido em menino: rosto estreito e liso, cabelo curto, camisa e calças sujas por causa da brincadeira no exterior.

- Avance. Pergunte o que quiser.

Ele concentrou-se na tampa do copo de sumo ao falar, mostrando uma relutância súbita em encará-la de frente.

- Quando aqui chegámos, apontou a casa da sua avó. E disse que era lá que tinha crescido.

Lexie assentiu, sem perceber o que poderia ele perguntar acerca daquilo.

- Porquê?

Ficou a olhar através da janela; o hábito fê-la procurar a estrada que levava à saída da vila. Depois, falou lentamente.

- Os meus pais regressavam de Buxton, que fica mais junto à costa. Fora lá que se tinham casado e era onde tinham uma pequena casa de praia. É algo difícil chegar lá a partir daqui, mas a mamã dizia que aquele era o lugar mais belo do mundo; por isso, o meu pai comprou um pequeno barco, para não estarem dependentes do barco de carreira. Era a sua escapadela, uma fuga a dois daqui para Fora, percebe? Existe lá um belo farol que se avista do alpendre e, de vez

em quando também vou até lá como eles costumavam fazer só para me afastar disto tudo.

Os lábios arrepanharam-se-lhe no mais ligeiro dos sorrisos, antes de prosseguir.

- Mas, continuando, no regresso os meus pais vinham cansados. Mesmo sem utilizar o barco de carreira, são precisas umas duas horas para lá chegar; tudo leva a crer que na volta o meu pai adormeceu ao volante e o carro caiu da ponte. Quando, na manhã seguinte, a Polícia encontrou o carro e o tirou da água, estavam os dois mortos.

Jeremy ficou calado por muito tempo.

- Terrível - acabou por dizer. - Que idade é que tinha?

- Dois anos. Nessa noite fiquei com a minha avó e no dia seguinte ela foi ao hospital com o meu avô. Quando regressaram disseram-me

que a partir daquele dia eu passava a viver com eles. E assim foi. Contudo, acontece uma coisa estranha; sei o que aconteceu e, contudo,

o facto nunca me pareceu muito real. Enquanto cresci não tive a sensação de que me faltava fosse o que fosse. Para mim, os meus avós pareciam-se com os pais de todas as outras pessoas, com a excepção de eu os tratar pelos nomes de baptismo - recordou, a sorrir.

- A propósito, a ideia foi deles. Julgo que não desejavam que, por estarem a criar-me, eu os visse como avós, mas também não eram os meus pais.

Quando acabou, voltou a olhar para ele, a reparar na forma como os ombros lhe enchiam a camisola e a notar outra vez a covinha.

- Agora é a minha vez de fazer perguntas. Já falei demasiado e sei que a minha vida, quando comparada com a sua, deve parecer monótona. Não tanto por causa dos meus pais, quero dizer, mas por viver aqui.

- Não, não tem nada de monótona. É interessante. É como... ler um livro e, ao folhear as páginas começar a experimentar algo de inesperado.

- Bonita metáfora.

- Pensei que devia agradar-lhe.

- Então, e sobre si? O que é que o fez querer ser jornalista?

Durante os minutos seguintes ele falou dos anos passados na faculdade, dos planos para vir a ser professor e das voltas da vida que o

tinham conduzido à situação presente.

- Disse-me que tinha cinco irmãos?

Ele assentiu.

- Cinco irmãos mais velhos, sou o bebé da família.

- Por qualquer razão, não consigo imaginá-lo com irmãos.

- Porquê?

- Parece-me mais um típico filho único.

Ele abanou a cabeça.

- É uma pena que não tenha herdado os dons psíquicos do resto da sua família.

Lexie sorriu e desviou o olhar. Lá longe, os falcões de cauda vermelha voavam em círculos por cima da vila. Colocou a mão na janela para sentir a frescura do vidro contra a pele.

- Duzentas e quarenta e sete - anunciou.

Jeremy olhou de novo para ela:

- Perdão?

- É o número de mulheres que visitaram a Doris para saberem o sexo dos seus bebés. Recordo-me de, quando estava a crescer, as ver sentadas na cozinha a conversar com a minha avó. Engraçado, ainda me recordo de pensar que todas elas tinham a mesma expressão: os olhos cintilantes, a frescura brilhante da pele e a excitação genuína. Há verdade na afirmação das velhas comadres quando dizem que as mulheres grávidas brilham; recordo-me de pensar que, quando crescesse, queria ser exactamente como elas. Doris falava com as mulheres durante algum tempo, queria ter a certeza de que elas desejavam mesmo saber; depois pegava-lhes na mão e, de súbito, caía sobre a cozinha um silêncio absoluto. Na sua maioria, mal mostravam sinais de gravidez e, passados uns segundos, ela dava a sua opinião. Acertava sempre. Duzentas e quarenta e sete mulheres fizeram a pergunta, acertou duzentas e quarenta e sete vezes. Doris registou tudo

num livro, incluindo os nomes e as datas das visitas. Pode verificar, se quiser. O livro continua guardado na cozinha.

Jeremy limitou-se a olhar para ela. Impossível, pensou, simples acaso estatístico. Um bambúrrio que roçava os limites da credibilidade, mas não deixava de ser um acaso. E não tinha dúvidas de que o livro registasse apenas os palpites que se tinham revelado acertados.

Lexie interrompeu-lhe o raciocínio:

- Sei o que está a pensar, mas pode também consultar os registos do hospital. Ou falar com as mulheres. Interrogar quem lhe apetecer, verificar se ela alguma vez se enganou. Nunca se enganou. Até os médicos de toda a vila lhe dirão que ela possui um dom.

- Nunca pensou que ela pudesse conhecer a pessoa que fazia os ultra-sons?

- Não era nada disso - insistiu Lexie.

- Como é que pode ter a certeza?

- Porque foi nessa altura que ela parou. Quando essa tecnologia chegou finalmente a esta vila. Deixou de haver razões para as pessoas a visitarem, uma vez que podiam ver por si próprias a imagem do bebé. O número de mulheres começou a diminuir, até quase desaparecer. Agora, haverá uma ou duas pessoas por ano, quase sempre gente do campo que não dispõe de seguros médicos. Pode dizer-se que as aptidões dela não são muito procuradas por estes dias.

- E a adivinhação?

- É o mesmo. Por estas bandas, não existe uma grande procura para alguém com as capacidades dela. Toda a região leste deste estado

está em cima de um aquífero. Pode furar um poço em qualquer sítio, encontra-se água por toda a parte. Contudo, quando ela era criança em Cobb County, na Georgia, os fazendeiros vinham bater-Lhe à porta a pedir ajuda, especialmente nas épocas de seca. E, mesmo não tendo mais do que oito ou nove anos, descobria sempre água.

- Interessante - comentou Jeremy.

- Deduzo que continua a não acreditar.

Ele mudou de posição.

- Terá de existir uma explicação. Há sempre.

- Não acredita em qualquer espécie de magia?

- Não.

- É pena - comentou ela.

- Porque por vezes ela é real.

Jeremy sorriu.

- Bom, enquanto estou aqui talvez suceda qualquer coisa que me faça mudar de opinião.

Ela também sorriu.

- Já sucedeu. Só que é demasiado teimoso para o admitir.

Terminado o almoço improvisado, Jeremy pôs o carro em movimento e começaram a descer Riker's Hill aos solavancos, com as rodas da frente a saírem de um sulco para mergulharem no seguinte. Os amortecedores rangiam e gemiam; quando atingiram o sopé do morro, Jeremy tinha os nós dos dedos brancos, dada a força que fazia no volante.

Regressaram pelo mesmo caminho; ao passar pelo cemitério de Cedar Creek, Jeremy notou que o olhar se lhe dirigia para o cume de Riker's Hill; apesar da distância, conseguiu discernir o lugar onde tinham estado parados.

- Temos tempo para vermos mais alguns sítios? Gostava de dar uma vista de olhos à marina, à fábrica de papel e talvez ao viaduto de caminho-de-ferro.

- Temos tempo - respondeu Lexie.

- Desde que não demoremos demasiado em cada um dos sítios, que ficam todos praticamente na mesma zona.

Dez minutos mais tarde, seguindo as indicações dela, voltou a parar. Estavam nos limites do centro da vila, a alguns quarteirões de distância do Herbs, perto do passeio de madeira que seguia ao longo da margem do cais. O rio Pamlico tinha ali mais de mil e quinhentos metros de largura e as águas corriam agitadas, com a corrente a formar ondas com cristas de espuma que se apressavam a correr para a foz. Mais afastada, perto do viaduto ferroviário, ficava a fábrica de papel, a cuspir fumo pelas duas chaminés. Jeremy esticou-se ao sair do carro e Lexie cruzou os braços. Tinha as faces a ficar vermelhas devido ao frio.

- Está mais frio, ou é apenas imaginação minha? - perguntou.

- Está bastante frio - concordou ele.

- Parece mais frio do que lá em cima, mas talvez seja por nos termos acomodado ao calor do carro.

Jeremy esforçou-se por acompanhá-la quando ela começou a andar para o caminho de madeira. Lexie abrandou finalmente o passo, depois parou e encostou-se aos varões de protecção, enquanto Jeremy observava o viaduto do caminho-de-ferro. Lançado sobre o rio a altura suficiente para deixar passar barcos grandes, fora construído com vigas cruzadas e lembrava uma ponte suspensa.

- Não sabia até que ponto estava interessado em aproximar-se - esclareceu Lexie. - Se tivéssemos mais tempo, tê- lo-ia levado até à outra margem do rio, mas é provável que daqui desfrute de uma vista melhor - prosseguiu. Apontou para o outro lado da vila. - A marina é acolá, perto da estrada. Está a ver os mastros dos barcos atracados?

Jeremy acenou que sim. Por qualquer razão, esperava algo mais imponente.

- Conseguem receber barcos grandes?

- Julgo que sim. Por vezes, alguns grandes iates de New Bern ficam aqui durante uns dias.

- E quanto a barcaças?

- Acho que podem. O rio é dragado para permitir a entrada das barcaças dos madeireiros, mas habitualmente atracam na outra margem.

Acolá - informou, a apontar o que parecia uma pequena enseada. - De momento, estão lá duas, ambas carregadas.

Seguiu-lhe o olhar e em seguida voltou-se, para coordenar as localizações. Com Riker's Hill a ver-se ao longe, o viaduto e a fábrica de papel pareciam perfeitamente alinhados. Coincidência? Ou pormenor sem qualquer importância. Olhou na direcção da fábrica de papel, a tentar descobrir se as pontas das chaminés seriam iluminadas de noite. Teria de verificar isso.

- A madeira é toda expedida em barcaças, ou usam também o transporte ferroviário?

- Para lhe ser franca, nunca reparei. Mas tenho a certeza de que isso será fácil de confirmar.

- Sabe quantos comboios passam pelo viaduto?

- Também não faço ideia. Por vezes, de noite, ouço-os apitar e mais de uma vez tive de parar na passagem de nível para deixar passar o comboio, mas não disponho de números. Sei que fazem muitos transportes a partir da fábrica. É lá que a linha acaba.

De olhos pregados no viaduto, Jeremy acenou que estava a perceber.

Lexie sorriu e prosseguiu:

- Sei o que está a pensar. Está a admitir a possibilidade de as luzes dos comboios que passam através das traves do viaduto provocarem as luzes do cemitério, não está?

- Pus essa hipótese.

- Não se trata disso - afirmou Lexie, a abanar a cabeça.

- Tem a certeza?

- À noite, os comboios ficam no cais da fábrica para poderem ser carregados na manhã seguinte. Assim, o farol da locomotiva brilha na direcção contrária, para o outro lado de Riker's Hill.

A reflectir sobre o que acabava de ouvir, Jeremy juntou-se a ela, junto do gradeamento de protecção. O vento levantava-lhe o cabelo, fazendo-o

parecer bravio. Ela protegeu as mãos nas algibeiras do casaco.

- Estou a perceber por que gostou de crescer nesta terra - comentou ele.

Lexie voltou-se, de forma a ficar encostada ao gradeamento, e dirigiu o olhar para o centro da vila, para as pequenas lojas engalanadas com bandeiras americanas, um reclame de barbearia, um pequeno jardim, situado no final do passeio de madeira. Carregadas de sacos, as pessoas andavam pelos passeios, entravam e saíam das lojas. Apesar do frio, ninguém parecia ter pressa.

- Bom, é bastante parecido com Nova Iorque, tenho de admitir.

Ele riu-se.

- Não era isso que pretendia dizer. Queria dizer que

os meus pais teriam gostado de criar os filhos numa terra como esta. Com grandes relvados verdes e bosques para eles brincarem. Até um rio, onde eles poderiam nadar no tempo quente. Deve ter sido um lugar... idílico.

- Ainda é. É assim que as pessoas justificam o facto de viverem aqui.

- Parece que vicejou com estes ares.

Por instantes, ela pareceu quase triste:

- Pois, mas frequentei a universidade. Muitas das pessoas daqui nunca o conseguem. É um distrito pobre e a vila tem passado por dificuldades desde que a fábrica de têxteis e a mina de fósforo fecharam; muitos pais não investem o suficiente numa boa educação dos filhos. Essa é por vezes a grande dificuldade: convencer alguns miúdos de que a vida tem mais para nos oferecer do que trabalhar na fábrica de papel, do outro lado do rio. Vivo aqui porque quero. Fiz a minha escolha. No entanto, muitas das pessoas continuam por cá por não terem possibilidades de se irem embora.

- Isso acontece por toda a parte. Nenhum dos meus irmãos frequentou a universidade, por isso eu sou uma espécie de estranho, pois a educação foi-me facilitada. Os meus pais fazem parte da classe trabalhadora e viveram toda a sua vida em Queens. O meu pai conduzia autocarros na

cidade. Passou quarenta anos de vida sentado atrás do volante, até se reformar.

Ela parecia divertida.

- Tem graça. Ontem pareceu-me um janota de Upper East Side. Está a ver, com o porteiro a cumprimentá-lo pelo nome, jantares de cinco pratos, um mordomo para anunciar os convidados.

Jeremy encolheu-se, a fingir horror.

- Primeiro e único filho; e agora isto? Estou a começar a pensar que me julga um indivíduo estragado com mimos.

- Não, estragado não... apenas...

- Não diga - pediu ele, erguendo a mão. - Prefiro não saber. Em especial por não ser verdade.

- Como é que soube o que eu ia dizer?

- Porque está obcecada por duas ideias, nenhuma delas particularmente lisonjeira.

Lexie ergueu ligeiramente os cantos dos lábios.

- Desculpe. Não fiz por mal.

- Fez, sim senhora - repreendeu, sem deixar de sorrir. Voltou-se, de forma a ficar também encostado ao gradeamento, de cara exposta ao vento. - Mas não se preocupe, não tomei isso como uma ofensa pessoal. Isto, por não ser um menino rico, estragado com mimos.

- Não é. É um jornalista objectivo

- Exactamente.

- Mesmo quando recusa mostrar-se compreensivo em relação a tudo o que considere misterioso.

- Exactamente.

Lexie riu-se.

- Que me diz acerca do suposto carácter misterioso das mulheres? Também não acredita nisso?

- Oh, sei que é verdadeiro - replicou Jeremy, a pensar nela, em especial. - Contudo, é diferente de acreditar na possibilidade da fusão a frio.

- Porquê?

- Porque as mulheres constituem um mistério subjectivo, não um mistério objectivo. Nada acerca delas pode ser avaliado cientificamente, embora existam, com certeza, diferenças genéticas entre os dois sexos. As mulheres só são consideradas misteriosas pelos homens porque estes não se apercebem de que homens e mulheres vêem o mundo de formas diferentes.

- Ah vêem?

- Claro. É preciso percebermos a evolução e os melhores métodos de preservação da espécie.

- Também é especialista nesse domínio?

- Sim, tenho alguns conhecimentos sobre a questão.

- E, portanto, considera-se também um especialista em mulheres, é isso?

- Não, nada disso. Sou tímido, recorda-se?

- Pois recordo. O problema é que não acredito.

Ele cruzou os braços.

- Deixe-me adivinhar... você pensa que o meu problema é a aversão a compromissos.

Lexie olhou-o demoradamente:

- Acho que fez um bom resumo da questão.

Jeremy riu-se.

- Que posso eu dizer? O mundo do jornalismo de investigação é sedutor, há legiões de mulheres desejosas de ter um lugar nele.

Ela rolou os olhos.

- Por favor. Você não é uma estrela de cinema nem canta numa banda de rock. Escreve para a Scientific American.

- E?

- Bom, posso ser do Sul mas, mesmo assim, não imagino o seu magazine a ser assaltado pelas fãs.

Ele olhou-a com um ar triunfante.

- Julgo que acaba de se contradizer a si própria.

Lexie ergueu uma sobrancelha.

- Mr. Marsh, o senhor julga-se muito inteligente, não julga?

- Ah, então voltamos ao Mr. Marsh?

- É provável. Ainda não decidi - respondeu, a ajeitar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

- Mas esqueceu-se de um pormenor: não necessita das fãs... à sua volta. Só precisa de ir aos lugares certos e derramar por lá o encanto.

- E considera-me encantador?

- Diria que algumas mulheres poderão considerá-lo encantador.

- Mas você não.

- Não estamos a falar de mim. Estamos a falar de si e neste preciso momento está a fazer o que pode para mudar de assunto. O que, provavelmente, significa que tenho razão e você não quer admiti-lo.

Jeremy encarou-a com ar apreciativo.

- É muito inteligente, Miss Darnel.

Ela assentiu.

- Já ouvi isso.

- E encantadora - acrescentou, a pressioná-la.

Lexie sorriu-lhe e afastou o olhar para longe. Olhou para o passeio de madeira, para o outro lado da rua, para o céu, e suspirou. Decidiu que não estava disposta a responder à lisonja. No entanto, não conseguiu deixar de corar.

Como se estivesse a ler-lhe o pensamento, Jeremy mudou de assunto.

- Então, o que é que vai acontecer no próximo fim-de-semana?

- Ainda cá estará? - perguntou Lexie.

- É provável. Em parte, pelo menos. Mas tenho curiosidade de saber o que pensa sobre isso.

- Para além de pensar que põe as pessoas malucas durante uns dias? Nesta altura do ano é... uma necessidade. O dia de Acção de Graças e o Natal são um desassossego, mas depois, até à Primavera não há mais nada. E, entretanto, o tempo é frio, cinzento e chuvoso. Por isso, há uns anos, o Conselho Municipal decidiu realizar o Circuito das Mansões Históricas. Depois, em cada ano que passa são acrescentadas novas festividades, sempre na esperança de tornar o fim-de-semana muito especial. Este ano é o cemitério, no ano passado foi a parada, há dois anos acrescentaram o baile na noite de sexta-feira. Começa a fazer parte da tradição da vila, de modo que muitos dos habitantes andam ansiosos pelo início da festa - esclareceu.

Quando acabou olhou para ele: - Por mais piroso que pareça, acaba por ter a sua graça.

A observá-la, Jeremy ergueu uma sobrancelha, a recordar-se da dança no celeiro de que falava o folheto.

- Há baile? - indagou, a fingir ignorância.

Ela acenou que sim.

- Na noite de sexta-feira. No celeiro de tabaco do Myers. É um baile e tanto, com música ao vivo e tudo. É a única noite do ano em que a Lookilu Tavern fica quase deserta.

- Ora bem, se eu lá for, talvez queira dançar comigo. Lexie sorriu-lhe, antes de finalmente Lhe lançar um olhar quase sedutor.

- Vou dizer- Lhe como vai ser. Se já tiver resolvido o mistério, dançarei consigo.

- Promete?

- Prometo. Mas, para que isso aconteça, fica acordado entre nós que tem de resolver primeiro o mistério.

- É justo - anuiu Jeremy.

- Estou ansioso. É que quando se trata do Lindy ou do fox-trot... - abanou a cabeça e respirou fundo. - Bom, só desejo que você consiga aguentar a pedalada.

Ela riu-se.

- Farei o meu melhor.

De braços cruzados, Lexie ficou a observar o sol a tentar, e falhar, a penetração através da nuvens escuras.

- Esta noite - informou.

Jeremy franziu a testa.

- Esta noite?

- Se for ao cemitério, esta noite poderá avistar as luzes.

- Como é que sabe?

- Vem aí o nevoeiro.

Jeremy seguiu-Lhe o olhar.

- Como é que pode garantir isso? Não estou a ver qualquer modificação do tempo.

- Olhe para trás de mim, para o outro lado do rio - pediu ela. - As pontas das chaminés da fábrica de papel já estão escondidas pelas nuvens.

- Sim, claro... - concordou ele, sem mais nada para dizer.

- Volte-se e observe. Vai ver.

Ele olhou por cima do ombro e desviou os olhos, depois olhou uma vez mais, a observar os contornos da fábrica de papel.

- Tem razão - concluiu.

- Pois claro que tenho.

- Aposto que deu uma vista de olhos quando eu não estava a reparar, não foi?

- Não. Mas sei, tão simples quanto isso.

- Ah! Temos, então, mais um desses enfadonhos mistérios?

Lexie afastou-se do gradeamento.

- Se é isso que prefere chamar-lhe - zombou. - Mas temos de ir. Está a fazer-se tarde e tenho de regressar à biblioteca. Dentro de quinze minutos tenho de começar a leitura para as crianças.

Enquanto caminhavam para o carro, Jeremy reparou que o cume de Riker's Hill também estava encoberto. Sorriu, a pensar que tinha descoberto como é que ela poderia ter visto aquilo. Olhou lá para cima e concluiu que devia estar a acontecer o mesmo na outra margem do rio. Belo truque.

- Agora, diga-me - começou Jeremy, a tentar esconder o sorriso de troça -, como parece possuir talentos escondidos, como é que pode ter a certeza de que as luzes poderão ser avistadas logo à noite?

A resposta demorou algum tempo.

- Sei, é tudo - confirmou Lexie.

- Muito bem, parece que está decidido. Acha que devo lá ir, não acha?

Porém, mal tinha proferido aquelas palavras, lembrou-se do jantar para que tinha sido convidado e, de repente, Lexie notou-lhe um ar preocupado, cujo motivo não entendeu.

- O que foi?

- Oh, o presidente da Câmara oferece um jantar com algumas pessoas que pensa que eu devo conhecer - esclareceu. - Uma pequena reunião, algo do género.

- Para si?

Ele sorriu.

- O quê? Está admirada?

- Não, apenas surpreendida.

- Porquê?

- Porque não ouvi falar disso.

- Também só soube esta manhã.

- Mesmo assim, é surpreendente. Mas eu não me preocuparia por poder não avistar as luzes por causa do jantar do presidente da Câmara, pois, de qualquer das formas, as luzes só aparecem tarde. Tem tempo mais que suficiente.

- Tem a certeza?

- Falo por experiência própria. Avistei- as um pouco antes da

meia-noite.

Jeremy parou.

- Espere lá... também viu as luzes? Não me tinha falado disso.

Ela sorriu.

- Você não perguntou.

- Está sempre a dar-me essa resposta.

- Bem, senhor jornalista, só acontece porque o senhor está sempre a esquecer-se de perguntar.

# OITO

Do outro lado da vila, no Herbs, o ajudante Rodney Hopper estava a ruminar sobre a sua caneca de café; como gostaria de saber onde é que a Lexie tinha ido com aquele... menino da cidade.

Tinha pretendido fazer uma surpresa à Lexie, ir à biblioteca convidá-la para almoçar, para que o menino da cidade soubesse exactamente em que pé estavam as coisas. Era até possível que ela o deixasse acompanhá-la ao carro, deixando o menino da cidade a roer-se de inveja.

Oh, ele sabia exactamente o que o menino da cidade via na Lexie. E tinha de estar vigilante. Com mil diabos, pensava Rodney, era impossível não reparar. Era a mulher mais bonita da região, provavelmente de todo o estado. Ou até, por que não, de todo o mundo.

Normalmente, não se teria preocupado por saber que um homem estava a fazer pesquisas na biblioteca, nem ficou preocupado quando ouviu falar naquele pela primeira vez. No entanto, quando começou a ouvir toda a gente a murmurar acerca do novo estranho que estava na vila, quisera observar por si mesmo. E as pessoas tinham razão: bastava um olhar para perceber o motivo que levava toda a gente da vila a falar do menino da cidade. As pessoas que faziam pesquisas na biblioteca tendiam a ser mais velhas e a mostrarem a expressão ausente dos eruditos, a que se juntavam os óculos de leitura, o ar desmazelado e o hálito a café. Mas este tipo não era assim; não, este tipo parecia acabado de sair do salão de beleza da Della. Mas nem isso o teria preocupado tanto, se não se desse o facto de, naquele momento, eles andarem sozinhos a divertir-se pela vila.

Rodney franziu a testa. Mas onde andariam eles?

Não estavam no Herbs. Nem no restaurante do Pike. Não, andara a esquadrinhar os parques de estacionamento e não vira qualquer dos carros. Poderia ter entrado para perguntar por eles, mas como talvez já fosse conhecido o facto de eles andarem juntos, achou que poderia não ser uma boa ideia. Todos os amigos zombavam dele por causa da Lexie, especialmente quando ele anunciava que ia outra vez sair com ela. Dir-lhe-

iam que lhe saltasse para cima, que ela andava com ele só para Lhe ser simpática, mas ele sabia o que estava a fazer. Ela aceitava sempre que lhe sugeria que saíssem, não era verdade? Pensou melhor. Bom, pelo menos na maioria das vezes. Ela nunca o beijava no final, mas isso era o que menos interessava. Era paciente, a sua altura haveria de chegar. De cada vez que saíam, davam mais um passo a caminho de um relacionamento mais profundo. Ele sabia que sim. Sentia que sim. Sabia perfeitamente que os amigos falavam por inveja.

Esperou que a Doris soubesse alguma coisa, mas aconteceu que também ela não estava. Informaram-no de que tinha ido falar com os contabilistas e que não deveria demorar-se. O que, como é óbvio, não o ajudou nada, pois a hora do almoço estava a esgotar-se e não podia continuar ali à espera dela. Além disso, o mais provável era que negasse saber alguma coisa sobre o paradeiro da Lexie. Segundo ouvira dizer, a Doris gostava do menino da cidade, o que poderia concorrer para alterar toda a situação.

Rachel interpelou-o:

- Desculpa, meu querido. Estás a sentir-te bem?

Rodney levantou os olhos e viu-a ao lado da mesa, com o bule do café na mão.

- Não é nada, Rachel. Acontece que estou em dia não.

- Os maus andam a causar-te problemas?

Rodney fez um aceno de cabeça.

- Bem podes dizê-lo.

Rachel sorriu, estava bonita, embora Rodney não parecesse reparar. Desde há muito que a considerava quase uma irmã.

Ela encorajou-o:

- Bom, tudo há-de resolver-se.

- É provável que tenhas razão - concordou o ajudante. Rachel cerrou os lábios. Por vezes preocupava-se com o Rodney.

- Tens a certeza de que não queres nada para comer? Sei que estás com pressa e posso dizer-lhes que sejam rápidas.

- Não, não sinto muita fome. E tenho no carro proteínas em pó, que poderei tomar mais tarde. Ficarei óptimo - sossegou-a, ao estender a caneca. - Mas bebo mais uma caneca.

- É para já - anuiu Rachel, já a despejar o café.

- Olha lá, por acaso viste se a Lexie passou por aqui? Talvez a comprar comida para fora?

Rachel negou com a cabeça.

- Não a vi em todo o dia. Já foste à biblioteca? Se for importante posso ligar para lá.

- Não, não é assim tão importante.

Ela inclinou-se sobre a mesa, como se procurasse o que havia de dizer a seguir.

- Esta manhã, vi que estavas a conversar com o Jeremy Marsh.

- Quem? - perguntou Rodney, a fingir-se inocente.

- O jornalista de Nova Iorque. Não te recordas?

- Ah, pois. Pensei que devia dar-me a conhecer.

- Um homem bonito, não é?

- Nunca reparo se os outros homens são bonitos - resmungou ele.

- Pois bem, este é. Não me importava de ficar todo o dia a olhar para ele. Aquele cabelo! Provoca-me desejos de o pentear com os dedos. Toda a gente fala dele.

- Óptimo - resmungou Rodney, a sentir-se cada vez pior.

- Convidou-me a ir a Nova Iorque - gabou-se Rachel. Ao ouvir aquilo, Rodney empertigou-se.

- Convidou-te?

- Bom, pareceu-me que sim. Disse que devia fazer uma visita à cidade, e embora não o tivesse dito com as palavras todas, fiquei com a sensação de que desejava que fosse visitá-lo.

- De verdade? - indagou Rodney.

- Mas, Rachel, isso é óptimo.

- O que é que pensaste dele?

Rodney agitou-se na cadeira.

- Não falámos o suficiente.

- Devias ter falado. É realmente interessante e muito inteligente. E aquele cabelo! Já te falei no cabelo dele?

- Já - respondeu o ajudante, a beber um gole de café, a tentar ganhar tempo para avaliar melhor a situação. Teria ele convidado a Rachel para ir a Nova Iorque? Ter-se-ia a Rachel convidado a si própria? Como é que ele poderia saber? Percebia que o menino da cidade a achasse atraente, mas... mas... a Rachel tinha propensão para exagerar, além de que a Lexie e o menino da cidade andavam não se sabia por onde. Parecia-lhe haver ali algo que não se encaixava muito bem.

Começou a preparar-se para sair.

- Bom, ouve, se vires a Lexie diz- Lhe que passei por cá, à procura dela, está bem?

- Vai descansado. Queres que te encha um copo de plástico com café?

- Não, obrigado. Já não estou a sentir-me bem do estômago.

- Oh, coitado! Acho que na cozinha há umas pastilhas para isso. Queres que as vá buscar?

Rodney encheu o peito de ar e tentou readquirir o ar oficial.

- Olha, Rachel, para te ser franco, acho que não ia adiantar nada.

Noutro ponto da vila, perto do escritório do contabilista, o presidente Gherkin chamou pela Doris.

- Aqui está a mulher que eu queria encontrar - bradou. Doris voltou-se e viu o presidente aproximar-se; vendo-o metido num casaco vermelho e numas calças de xadrez, não conseguiu deixar de pensar se o presidente seria daltónico. Na maioria das ocasiões, o homem parecia ridículo.

- O que é que queres de mim, Tom?

- Bem, não sei se já ouviste dizer que estamos a preparar um jantar especial para o nosso convidado, Jeremy Marsh - começou o presidente. - Está a escrever uma grande história, como sabes, e...

Doris concluiu a frase mentalmente, para depois dizer as palavras juntamente com ele:

- percebes a importância que isso pode vir a ter para a vila.

- Já ouvi dizer. Sei que tem um interesse especial para o teu negócio.

- Neste caso, estou a pensar nos interesses de toda a comunidade - esclareceu o presidente, ignorando o comentário dela.

- Passei a manhã toda a preparar as coisas, de modo a que tudo corra bem. Mas queria saber se nos poderias ajudar com algo que se coma.

- Queres que seja eu a fornecer o jantar?

- Repara que não se trata de uma questão de caridade. A vila não deixará de te compensar pelas tuas despesas. Estamos a pensar fazer a reunião na plantação Lawson, logo à saída da vila. Já falei com os tipos de lá e eles disseram que nos cederiam de bom grado as instalações. Acho que podíamos fazer uma pequena reunião, que talvez sirva de ponto de partida para o Circuito das Mansões Históricas. Já falei para o jornal, passará por lá um repórter...

- E quando é que estás a pensar fazer a tua pequena reunião? - perguntou Doris, interrompendo-o.

Por momentos, pareceu confundido com a interrupção.

- Bem, esta noite, é claro... mas, como ia a dizer...

- Esta noite? - indagou a Doris, a interrompê-lo pela segunda vez.

- Pretendes que eu prepare uma das tuas pequenas reuniões para esta noite?

- Doris, é por uma boa causa. Sei que é uma falta de consideração comprometer-te assim de chofre, mas poderão estar a preparar-se acontecimentos importantes e temos de tirar partido deles. Tanto eu como tu sabemos que és a única pessoa capaz de resolver esta situação. Nada de complicado, certamente. Estive a pensar que poderias apresentar a tua galinha com pesto, mas sem as sanduíches...

- O Jeremy Marsh tem conhecimento disto?

- É claro que tem. Até falei com ele esta manhã, pareceu verdadeiramente entusiasmado com a ideia.

- De verdade? - indagou Doris, a inclinar a cabeça para trás, a duvidar.

- E estava a contar que a Lexie também assistisse. Sabes como ela é importante para as pessoas desta vila.

- Duvido que ela possa. Detesta esse tipo de eventos, só vai quando é absolutamente necessário.

- Talvez tenhas razão. Mas, de qualquer forma, como eu ia dizendo, gostava de aproveitar a ocasião para promover o fim-de-semana.

- Não estarás a esquecer-te de que eu sou contra a utilização do cemitério como atracção turística?

- De maneira nenhuma - atalhou o presidente.

- Lembro-me exactamente do que me disseste. Contudo, pretendes que a tua voz seja ouvida, não é? Se não compareceres não haverá ninguém que defenda os teus pontos de vista.

Doris ficou a olhar para o presidente Gherkin durante um bom bocado. Não havia dúvida de que o homem sabia os botões que devia premir. E tinha razão, num aspecto. Se ela não fosse, se só lá estivessem o presidente e os conselheiros municipais, imagine-se o que Jeremy iria escrever sobre a vila. Tom tinha razão: ela era a única pessoa que podia organizar uma reunião daquelas em tão curto espaço de tempo. Ambos sabiam que ela

estava a preparar-se para as festas do fim-de-semana, que tinha a cozinha fornecida de comida suficiente.

Capitulou:

- Está bem. Eu tomo conta disso. Mas não penses, nem um segundo, que vou servir essa gente toda. Organizarei um bufete e vou sentar-me à mesa como os restantes convidados.

O presidente Gherkin sorriu.

- Doris, nem eu permitiria que não fosse assim.

O ajudante Rodney Hopper estava sentado no carro estacionado em frente da biblioteca, a tentar decidir se deveria ou não entrar para falar com a Lexie. Viu que o carro do menino da cidade estava no parque de estacionamento, o que significava que tinham regressado do passeio, fosse lá aonde fosse. Além disso, via a luz a brilhar nas janelas do gabinete de Lexie.

Imaginava-a à secretária, a ler, com as pernas dobradas sob o corpo, a ajeitar as madeixas de cabelo por detrás da orelha enquanto ia folheando as páginas de um livro. Queria falar com ela, mas havia um problema: sabia que não dispunha de um motivo aceitável. Nunca passava pela biblioteca para conversar porque, honestamente, não tinha a certeza de que Lexie pretendesse que ele lá fosse. Nunca tinha sugerido que ele passasse por lá para a ver e, sempre que ele pretendia conduzir a conversa nessa direcção, ela mudava de assunto. Fazia sentido, até certo ponto, pois ela devia estar a trabalhar, mas, ao mesmo tempo, sabia que um pequeno encorajamento da parte de Lexie para que ele a visitasse seria mais um pequeno progresso nas relações deles.

Tal exigiria, é claro, que a relação deles existisse e, de momento, Rodney não estava totalmente convencido de que isso fosse verdade. No dia anterior sentira-se satisfeito com o estado da relação. Bom, não se poderia dizer que Ficara totalmente satisfeito. Gostaria que as coisas andassem um pouco mais depressa, mas isso não era o mais importante. Importante era que, na véspera, tinha a certeza de que não havia concorrentes, mas hoje, os dois estavam sentados lá em cima, provavelmente a rirem-se e a dizerem piadas um ao outro, a divertirem-se

à grande. E ele estava para ali, sentado num automóvel parado, a olhá-los do exterior.

Contudo, também era possível que a Lexie e o menino da cidade não estivessem juntos na mesma sala. Talvez a Lexie estivesse... bom, a fazer o seu trabalho de bibliotecária, enquanto o menino da cidade estaria encolhido a um canto, a ler qualquer livro bafiento. Talvez a Lexie estivesse apenas a mostrar-se hospitaleira, pois o tipo estava de visita à vila. Pensou maduramente, até decidir que fazia sentido. Com mil diabos, não andava toda a gente meio parva para que o tipo se sentisse bem-vindo? E o presidente estava à frente do comité. Naquela manhã, quando ele tinha o menino da cidade onde o queria, no preciso momento em que ia estabelecer-lhe os limites, o presidente (que presidente! ) ajudara o tipo a safar-se. E pumba! O menino da cidade e a Lexie foram apanhar flores e observar o arco-íris.

Porém, uma vez mais, poderia não ter sido assim. Odiava não saber o que estava a acontecer e, quando estava quase decidido a entrar na biblioteca, os seus pensamentos foram interrompidos por um toque na janela. Passou um segundo até conseguir ver quem era.

O presidente. O senhor Empata, que aparece nos piores momentos. " Já era a segunda vez.

Rodney baixou o vidro e deu entrada a uma lufada de ar frio. O presidente Gherkin inclinou-se, apoiando as mãos no carro.

- És mesmo o homem de quem eu andava à procura. Ia a passar e, quando te vi, lembrei-me de que esta noite iremos precisar de um representante das forças de segurança.

- Para quê?

- Para a nossa pequena reunião, é claro. Em honra de Jeremy Marsh, o nosso distinto convidado. Logo à noite, na plantação Lawson.

Rodney pestanejou.

- Está a brincar, não está?

- Não, de forma alguma. De facto, encarreguei agora mesmo o Gary de fazer uma chave da vila para Lhe entregar.

- Uma chave da vila - repetiu Rodney.

- Com certeza, mas não digas a ninguém. Pretendo fazer uma surpresa. Contudo, como a reunião está a tomar um carácter mais oficial, não deixarei de agradecer a tua presença. Dará ao serão um ar um pouco mais. cerimonioso. Gostaria que estivesses ao meu lado no momento de lhe oferecer a chave.

Lisonjeado, o ajudante do xerife encheu um pouco mais o peito. Mesmo assim, não havia qualquer hipótese de lhe ser atribuída uma missão daquelas.

- Senhor presidente, não lhe parece que essa é uma missão mais apropriada para o meu chefe?

- Bom, certamente. Mas tanto tu como eu sabemos que, neste momento, ele anda pelas montanhas, à caça. E como és tu o responsável quando ele se ausenta, é uma daquelas missões que te cai no regaço.

- Não sei, Tom. Teria de arranjar quem me substituísse. É uma pena, mas penso que não vou conseguir.

- É uma pena. Mas compreendo. O dever é sagrado.

Rodney respirou de alívio.

- Obrigado.

- Embora tenha a certeza de que a Lexie gostaria de te ver lá.

- A Lexie?

- Bom, tem de ser. Ela dirige a biblioteca, o que a torna uma das personalidades que têm de estar presentes. Ia agora mesmo convidá-la. Mas não tenho dúvidas de que ela gostará de conversar com o nosso convidado, mesmo sem a tua presença - insinuou, ao endireitar-se.

- Tudo bem. Como te disse, compreendo.

- Espere! - exclamou Rodney, a pensar rapidamente, a tentar a recuperação. - Disse que era esta noite, não foi?

O presidente acenou que sim.

- Nem sei o que estava a pensar, mas penso que o Bruce já está escalado, que poderei compor as coisas.

O presidente sorriu.

- Ainda bem. Agora deixa que vá até lá dentro para falar com Miss Darnell. Não estavas a pensar em ir falar com ela, pois não? Não me importo de esperar.

- Não - asseverou Rodney. - Diga-Lhe apenas que nos veremos mais tarde.

- Fica descansado, ajudante.

Depois de conseguir mais algumas informações para Jeremy e de passar rapidamente pelo gabinete, Lexie viu- se rodeada por vinte crianças, algumas aconchegadas ao colo das mães. A bibliotecária sentou-se no chão, a ler o terceiro livro. A sala estava barulhenta, como acontecia sempre. De um dos lados, fora colocada uma mesa baixa com bolos e sumos; num canto, algumas crianças menos interessadas brincavam com os muitos brinquedos que estavam arrumados nas estantes. Outras pintavam com os dedos, em cima de uma mesa torta que a própria Lexie concebera. A sala estava pintada com cores alegres, as estantes eram em tons pastel, sem nexo aparente a não ser o aspecto alegre. Apesar dos protestos de empregados e voluntários mais velhos, que pretendiam que as crianças estivessem sentadas e quietas durante a leitura, como sempre acontecera, Lexie queria que as crianças se divertissem na biblioteca. Queria que elas se excitassem por estarem ali, mesmo que tal exigisse a existência de brinquedos e de uma sala que não poderia considerar-se calma. Com o passar do tempo, recordava-se de numerosas crianças que iam lá, durante um ano mais, antes de descobrirem o prazer da leitura, mas isso não a perturbava. Desde que continuassem a comparecer.

Hoje, porém, sentia a mente ocupada com os pormenores do almoço que partilhara com Jeremy. Embora não pudesse ser descrito como um namoro, quase tivera essa sensação, o que tornava a situação um pouco desconcertante. Ao pensar agora no caso, apercebia-se de que tinha revelado mais de si própria do que gostaria de ter feito e tentava recordar-se do que a levara a proceder assim. Não se tratara de qualquer pedido

dele. Tinha acontecido, pura e simplesmente. Mas por que diabo continuava a lutar com aquilo?

Não gostava de se considerar neurótica, mas aquela análise infindável não era normal. E, além disso, dizia a si mesma, fora mais uma visita guiada do que um namoro. Porém, por mais que desejasse parar de pensar nele, o rosto de Jeremy não deixava de lhe aparecer: o sorriso ligeiramente zombeteiro, a expressão de divertimento com que a ouvia. Não conseguia deixar de reflectir sobre a ideia que ele faria da vida naquela terra, para não falar da ideia que faria dela mesma. Até corara quando ele a achara sedutora. O que quereria ele dizer? Talvez, pensava, fosse uma consequência de ela ter despejado o saco sobre o seu passado, o que a deixara vulnerável.

Mentalmente, tomou uma nota para não voltar a proceder assim. E, no entanto.

Não fora mau de todo, tinha de admitir. Uma conversa com um novo conhecido, com alguém que ainda não conhecia toda a gente e tudo o que sucedia na vila, tinha sido bem agradável. Quase se esquecera de que poderia tornar-se algo especial. E ele tinha-a surpreendido. Doris tinha razão, pelo menos em parte. O homem era mais inteligente do que ela julgara a princípio e, mesmo que se recusasse a encarar a hipótese de existência de mistérios, compensava essa teimosia com a forma bem-humorada com que aceitava as diferenças de crenças e maneiras de viver que havia entre eles. Até conseguia rir-se de si próprio, mais uma característica que o tornava atraente.

Enquanto continuava a ler para as crianças - não era um livro difícil, graças a Deus - a cabeça recusava-se a descansar.

Pois bem, gostava dele. Estava disposta a admiti-lo. Contudo, nem essa certeza fazia calar a vozinha interior que a avisava para não se deixar magoar. Tinha de agir com cautela, pois, por mais que parecessem dar-se bem, Jeremy Marsh podia magoá-la, desde que ela permitisse que tal acontecesse.

Jeremy estava debruçado sobre uma série de mapas das ruas de Boone Creek, cartas antigas, datadas de meados do século xIx. Quanto mais antigas, mais pormenores pareciam conter; ao ver como a vila tinha

mudado, década após década, ia acrescentando novas notas. A partir de uma pequena aldeia encolhida numa dezena de ruas, a vila expandira-se em todas as direcções.

O cemitério, como ele já sabia, ficava situado entre o rio e Riker's Hill; mais importante: apercebeu-se de que uma linha traçada entre Riker's Hill e a fábrica de papel passaria directamente por cima do cemitério. A distância entre os dois pontos não chegava a cinco quilómetros e ele sabia que era possível, mesmo em noites de nevoeiro, que a refracção da luz viajasse entre os dois pontos. Gostaria de saber se a fábrica trabalhava com um terceiro turno, o que obrigaria a manter o lugar profusamente iluminado, mesmo durante a noite. Com a espessura certa de nevoeiro e a luz suficiente, tudo seria explicado de uma vez para sempre.

Depois de reflectir, apercebeu-se de que deveria ter notado a relação estreita entre Riker's Hill e a fábrica de papel quando tinha subido ao monte. Em vez disso, estivera a apreciar a paisagem, a olhar a vila lá de cima e a passar tempo com a Lexie.

Ainda estava a procurar compreender a súbita mudança de comportamento dela. Ontem não quisera ter nada a ver com ele, e hoje... bom, hoje foi um dia diferente, não foi? E ficava danado por não conseguir deixar de pensar nela, não da forma habitual, em que havia sempre roupas amontoadas aos pés da cama. Já nem se recordava de quando lhe tinha acontecido algo semelhante. Provavelmente com a Maria, mas isso fora há muito tempo. Numa outra vida, quando era

uma pessoa muito diferente. Contudo, hoje a conversa tinha sido tão natural, tão agradável que, apesar da necessidade de terminar o estudo dos mapas, tudo o que desejava verdadeiramente era conhecê-la ainda melhor.

Por estranho que lhe parecesse, antes de compreender o que estava a suceder, levantou-se da secretária e começou a dirigir-se para a escada. Sabia que ela estava a ler para as crianças, não tinha intenção de a perturbar, mas, de súbito, sentira a necessidade de a ver. Desceu a escada, virou a esquina e caminhou para junto de uma das paredes de vidro. Não tardou a avistar Lexie sentada no chão, rodeada por crianças.

Lia de forma viva, fazendo-o sorrir com as expressões que adoptava: olhos esbugalhados, o O" que fazia com os lábios, a maneira como se

inclinava para diante para dar ênfase a qualquer pormenor da história. As mães estavam sentadas, a sorrir. Dois dos miúdos não mexiam um dedo; os outros pareciam ter um motor interno.

- Ela é extraordinária, não acha?

Surpreendido, Jeremy virou a cabeça.

- Presidente Gherkin, o que faz o senhor por aqui?

- Venho vê-lo, é claro. E também a Miss Lexie. Acerca do jantar desta noite. Praticamente, temos tudo preparado. Julgo que ficará impressionado.

- Ficarei, certamente.

- Mas, como não me canso de dizer, ela é impressionante, não acha?

Jeremy não respondeu e o presidente franziu a testa, antes de prosseguir.

- Notei a forma como estava a olhar para ela. Um

homem é traído pela maneira de olhar. Os olhos nunca mentem.

- Isso quer dizer o quê?

O presidente sorriu.

- Bom, eu cá não sei. Porque é que não me esclarece?

- Não há nada a esclarecer.

- Certamente que não - respondeu Gherkin.

Jeremy abanou a cabeça.

- Por favor, senhor presidente... Tom...

- Oh, não ligue. Estava apenas a provocá-lo. Deixe que lhe fale um pouco da nossa pequena reunião desta noite.

O presidente Gherkin informou Jeremy da localização e deu-lhe uma série de informações que, sem grande surpresa, se referiam a vários pontos

de referência locais. Jeremy não ficou com dúvidas de que Tully tinha ensinado ao presidente tudo o que este sabia.

- Acha que será capaz de lá chegar? - perguntou Gherkin para terminar.

- Tenho um mapa - informou Jeremy.

- Poderá ser uma ajuda, mas não se esqueça de que aquelas estradas secundárias podem tornar-se um tanto difíceis. É fácil perder-se, se não tiver cuidado. Pode considerar a hipótese de ir com alguém que conheça o caminho.

Quando Jeremy se voltou para o olhar com curiosidade, Gherkin apontou para a parede de vidro.

- Pensa que devo pedir à Lexie? - inquiriu Jeremy. Os olhos do presidente cintilaram.

- Isso é consigo. Se acha que ela concorda. Muitos homens consideram-na a jóia da região.

- Ela dirá que sim - afiançou Jeremy, sentindo-se mais esperançado do que convencido.

O presidente pareceu duvidar.

- Julgo que poderá estar a sobrestimar as suas próprias qualidades. Contudo, se está tão confiante, parece que concluí a missão que me trouxe aqui. Vim cá para a convidar pessoalmente, mas como você decidiu encarregar-se disso, limito-me a despedir-me. Até logo.

Gherkin voltou-se para sair e, uns minutos depois, Jeremy viu que Lexie tinha terminado a leitura. Viu-a fechar o livro e as mães das crianças a prepararem-se para sair, o que lhe fez sentir um aumento da adrenalina no sangue. A sensação surpreendeu-o. Quando é que a tinha sentido pela última vez?

Algumas mães chamaram os filhos que não tinham ouvido a leitura e momentos depois Lexie acompanhou o grupo até à saída da sala de leitura das crianças. Ao ver Jeremy, caminhou para ele.

- Presumo que está pronto para começar com os diários - conjecturou.

- Se tiver tempo para mos trazer - respondeu Jeremy.

- Ainda preciso de dar mais uma vista de olhos pelos mapas. Há, contudo uma outra questão.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça para o lado.

- Qual é?

Ao responder-Lhe, Jeremy pareceu sentir borboletas no estômago. Esquisito.

- O presidente passou por cá para me falar do jantar desta noite, na plantação Lawson, mas não tem a certeza de eu conseguir chegar lá sozinho; por isso, sugeriu que eu levasse comigo alguém que conheça o caminho. E, bom, como a Lexie é praticamente a única pessoa que eu conheço na vila, estava a pensar se não se importaria de me acompanhar.

Durante uns momentos não obteve resposta.

- Tretas! - foi o único comentário de Lexie.

A resposta apanhou Jeremy desprevenido.

- Perdão?

- Oh, não tem nada a ver consigo. É o presidente e a sua maneira de compor as coisas. Ele sabe que, sempre que posso, evito esse género de eventos não directamente relacionados com a biblioteca. Presumiu que eu recusaria se fosse ele a convidar-me; por isso, engendrou uma maneira de ser você a pedir- me. Deixou a questão para ser resolvida entre nós.

Jeremy ficou a pensar, tentando recordar a troca de palavras com o presidente, mas só se lembrou de palavras soltas. Quem tinha sugerido a ideia de levar a Lexie? Ele ou o presidente?

- Por que razão me vejo, subitamente, no meio de uma telenovela?

- Porque é verdade. Chama-se viver numa pequena vila do Sul. Ele fez uma pausa, sem saber como agir.

- Pensa realmente que o presidente planeou isto tudo?

- É claro que planeou. Pode parecer tão inteligente como um molho de feno, mas tem a estranha habilidade de levar as pessoas a fazerem exactamente o que ele quer, ficando, ainda por cima, com a sensação de que a ideia foi delas desde o início. Por que diabo pensa que ainda está a viver no Greenlea?

Jeremy enfiou as mãos nos bolsos, a reflectir sobre o que acabava de ouvir.

- Bom, como sabe, não tem obrigação de ir. Tenho a certeza de que acabarei por encontrar a plantação.

Lexie pôs as mãos nas ancas e olhou-o de frente.

- Agora está a tentar pôr-me de lado?

Ele ficou imóvel, sem saber que resposta havia de dar.

- Bom, limitei-me a pensar que como o presidente.

- Quer que eu vá consigo ou não quer?

- Quero, mas se não...

- Então, peça-me novamente.

- Perdão?

- Peça-me para o acompanhar esta noite. Desta vez como sendo um pedido seu, sem usar a desculpa de que precisa que lhe indiquem o caminho. Diga algo assim: Gostaria muito de a levar hoje a jantar. A que horas poderei ir buscá-la? ".

Jeremy olhou para Lexie, a tentar decidir se ela estaria a falar a sério.

- Quer que eu diga essas palavras?

- Se não as disser, continuará a ser uma ideia do presidente da Câmara e não irei. Contudo, se me pedir, tem de o fazer como deve ser, falar com o tom devido.

Jeremy agitou-se, mais parecendo um menino de escola nervoso.

- Gostaria muito de a levar hoje a jantar. A que horas poderei ir buscá-la?

Ela sorriu e pôs-lhe a mão num braço.

- Como queira, Mr. Marsh - chilreou. - Terei muito prazer.

Minutos mais tarde, ainda com a cabeça a andar à roda, Jeremy estava a ver a Lexie retirar os diários de uma caixa fechada, que se encontrava na sala dos livros raros. Uma mulher de Nova Iorque nunca usaria com ele o tom que Lexie tinha usado. Não conseguia decidir se ela tinha sido razoável, irracional ou algo a meio caminho. Peça-me outra vez e use o tom devido. " Que espécie de mulher faria aquilo? E por que diabo é que ele achara a situação tão... constrangedora?

Não tinha certezas e, de repente, o artigo e as oportunidades de entrada na televisão tornaram-se meros pormenores secundários. Em vez disso, ao observar a Lexie, só pensava no calor que sentiu quando ela lhe pôs uma mão gentil no braço.

# NOVE

À noite, com o nevoeiro a tornar-se tão espesso como puré, Rodney Hopper deu consigo a pensar que parecia ir realizar-se um concerto de Harry Manilow na plantação Lawson.

Passara os últimos vinte minutos a dirigir o tráfego no parque de estacionamento e a assistir, incrédulo, à procissão de gente excitada que se dirigia para a porta. Até agora, já tinha visto chegar dois médicos, o Dr. Benson e o Dr. Tricket, o dentista, Dr. Albert, todos os oito membros do Conselho Municipal, incluindo o Tully e o Jed, o presidente da Câmara, o pessoal da Câmara de Comércio, todo o conselho escolar, os nove comissários distritais, os voluntários da Sociedade Histórica, três contabilistas, toda a equipa do Herbs, o barman do Lookilu, o barbeiro e até o Toby, que ganhava a vida a esvaziar fossas sépticas mas que, apesar disso, se apresentara todo elegante. A plantação Lawson estava ainda mais cheia do que na quadra do Natal, quando o lugar era decorado e aberto ao público, na primeira sexta-feira de Dezembro.

Esta noite não era a mesma coisa. Não se tratava de uma celebração em que amigos e conhecidos se juntavam para desfrutar da companhia uns dos outros, antes de iniciada a época das festas. Esta era uma festa em honra de alguém que não tinha qualquer ligação à vila, que não se preocupava minimamente com aquela terra. Pior ainda, mesmo estando ali em missão oficial, subitamente foi assaltado por uma dúvida: não sabia se valera a pena ter-se dado ao trabalho de passar as calças a ferro, pois era provável que a Lexie nem reparasse nesse pormenor.

Sabia tudo o que estava a passar-se. Depois de a Doris ter regressado ao Herbs para preparar o jantar, o presidente da Câmara tinha passado por lá e dera a desgraçada notícia acerca de Jeremy e Lexie, mas Rachel telefonara-Lhe logo de seguida. Pensou que a Rachel era uma querida, sempre o fora. Sabia o que ele sentia pela Lexie, mas não zombava dele, como as outras pessoas faziam. De qualquer das formas, ficou com a impressão de que a Rachel também não estava muito entusiasmada com a ideia de ver a Lexie e o Jeremy juntos. Mas era melhor do que ele a

esconder o que sentia; de momento, Rodney preferiria estar em qualquer outro sítio. Naquela noite tudo concorria para o pôr maldisposto.

Especialmente a forma como a vila estava a reagir. Tanto quanto se recordava, as gentes da terra não andavam tão excitadas acerca do Futuro da vila desde a altura em que o Raleigh News Observer mandou um repórter escrever um artigo sobre Jumpy Walton, quando este estava a tentar construir uma réplica do avião dos irmãos Wright, com que planeava voar para comemoração do centésimo aniversário do início da aviação, em Kitty Hawk. Jumpy, que sempre tivera uns quantos parafusos mal apertados, há muito clamava ter a réplica quase pronta; porém, quando abrira a porta do celeiro para mostrar com orgulho o que já havia conseguido, o repórter apercebeu-se de que Jumpy não fazia a mínima ideia do que estava a fazer. No celeiro, a réplica parecia uma versão agigantada e tortuosa de uma galinha feita de contraplacado e arame.

Agora, a vila apostava a sua prosperidade na existência de fantasmas no cemitério, acreditava que o menino da cidade traria o mundo até ali por causa deles. Rodney tinha fortes dúvidas. Além disso, para ser honesto, não se importava se o mundo viria ou não, desde que a Lexie continuasse a fazer parte do mundo dele.

Na vila, e mais ou menos à mesma hora, Lexie passou para o alpendre no momento em que Jeremy começou a percorrer o caminho de acesso à casa, trazendo na mão um pequeno ramo de flores silvestres. Considerou o gesto bonito e desejou que ele não notasse quanto se sentira esfrangalhada até há poucos minutos.

Por vezes, era difícil ser mulher e esta noite estava a ser das mais difíceis. Em primeiro lugar, havia que considerar a questão de ter recebido, ou não ter recebido, um convite para sair. O pedido fora certamente mais parecido com um convite para sair do que tinha sido o do almoço, mas não se tratava bem de um jantar romântico, a dois, e continuava com dúvidas quanto a ter aceitado colaborar numa reunião como aquela. Além disso, havia toda a questão da maneira como gostaria de ser apreciada, não só por Jeremy mas também por toda a gente que iria vê-los juntos. A tudo isto havia que acrescentar o pormenor de ela se sentir mais confortável com calças de ganga e de não querer usar roupa decotada,

uma confusão que acabou por levá-la a desistir. No final, decidiu-se pela aparência

profissional: fato castanho de casaco e calças, com uma blusa cor de marfim.

E agora ele estava ali, com o seu ar de Johnny Cash, como se não

estivesse a ligar qualquer importância àquele serão.

- Conseguiu encontrar a casa - observou Lexie.

- Não foi muito difícil. Mostrou-me onde morava quando estivemos no Riker's Hill, recorda-se? - esclareceu, ao dar-lhe o ramo de flores. - Por favor. São para si.

Lexie recebeu as flores com um sorriso, mostrou-se encantadora.

E desejável, também. Mas encantadora, parecia mais apropriado.

- Obrigada. Como é que correu a investigação dos diários.

- Bem - respondeu ele. - Nada de muito especial naqueles

que já analisei.

- Espere um pouco - aconselhou Lexie, a sorrir. - Quem sabe

O que poderá encontrar? - acrescentou, a levar o ramo de flores ao nariz. - A propósito, as flores são lindas. Dê-me só um minuto para ir pô-las numa jarra e pegar no casaco comprido; a seguir, estaremos prontos para partir.

Ele mostrou as palmas das mãos.

- Fico à espera.

Minutos depois, estavam a atravessar a vila na direcção oposta ao

cemitério. Como o nevoeiro continuava a aumentar, Lexie dirigiu

Jeremy através das estradas secundárias até chegarem a uma alameda sinuosa, delimitada de ambos os lados por carvalhos que parecia terem sido plantados há cem anos. Embora não conseguisse ver a casa, ele

abrandou ao aproximar-se de uma sebe altíssima que presumiu limitar um espaço circular. Inclinou-se sobre o volante, sem saber para que lado virar.

- Será melhor arrumar aqui - sugeriu Lexie. - Duvido que arranjemos um lugar mais perto da casa e, além disso, ser-lhe-á mais fácil sair, logo que tiver necessidade disso.

- Tem a certeza? Ainda nem se vê a casa.

- Confie em mim. Por que é que pensa que eu trouxe o casaco comprido?

Ele decidiu-se, depois de uma ligeira hesitação. Por que não?

E assim, instantes volvidos, seguiam pelo caminho de acesso, com

Lexie a fazer o possível por manter o casaco fechado. Seguiram a curva

do caminho, perto da sebe, e não tardaram a encontrar-se em frente da velha mansão georgiana, profusamente iluminada.

Contudo, não foi a casa a primeira coisa em que Jeremy reparou. O que viu primeiro foram os automóveis. Montes de carros, arrumados ao acaso, com as frentes apontadas em todas as direcções, como se cada condutor tivesse preparado uma fuga apressada. Muitos outros continuavam a circular por entre o caos, a fazer brilhar os faróis ou com os condutores a tentarem metê-los em espaços incrivelmente estreitos.

Jeremy parou, a observar a cena.

- Pensei que seria uma pequena reunião com alguns amigos.

Lexie acenou com a cabeça.

- Esta é versão do presidente da Câmara, o que ele considera uma pequena reunião. Tem de lembrar-se de que ele conhece toda a gente do distrito.

- E você sabia o que estava para acontecer?

- É claro.

- Por que não me avisou de que isto ia ser assim?

- Como não me canso de lhe dizer, você continua a esquecer-se de perguntar. Além disso, pensei que soubesse.

- Como é que poderia adivinhar que ele estava a programar uma festa assim?

Lexie sorriu, a olhar para a mansão.

- É impressionante, não acha? Não que eu pense que você a mereça.

Ele limitou-se a resmungar um comentário zombeteiro:

- Como sabe, só estou aqui para apreciar o seu encanto sulista.

- Obrigada. E não se preocupe com o serão. Não vai ser tão cansativo como está a imaginar. Toda a gente se mostra amigável e, quando em dúvida, recorde-se apenas de que é o convidado de honra.

Doris tinha de ser a mais eficiente fornecedora de refeições de todo o mundo, pensava Rachel, pois tudo fora feito sem uma falha e ainda lhes sobrara tempo. Em vez de ter de servir pratos de comida durante todo o serão, Rachel andava por entre a multidão a passear a sua melhor imitação de vestido de noite de Chanel, quando avistou Rodney a subir para a varanda.

Metido no seu uniforme impecavelmente engomado, pareceu-lhe bastante oficial, como um Marine num daqueles cartazes da Segunda Guerra Mundial, exibidos no edifício da vFW, em Main Street. Na sua maioria, os outros ajudantes transportavam demasiadas asas de frango e cervejas na parte média do corpo, mas as horas vagas de Rodney eram passadas no ginásio que tinha montado na garagem. Mantinha a porta da garagem aberta e muitas vezes, depois de acabar o trabalho e quando ia de regresso a casa, Rachel parava para conversarem um pouco, como velhos amigos que eram. Em miúdos tinham sido vizinhos e a mãe dela guardava fotografias dos dois a tomarem banho na mesma banheira. Nem todos os velhos amigos podiam gabar-se disso.

Rachel tirou o batom da mala e passou-o pelos lábios, consciente do fraquinho que nutria pelo rapaz. Na realidade, as suas vidas tinham divergido durante algum tempo, mas no último par de anos a situação tinha vindo a melhorar. Dois verões antes, tinham-se encontrado lado a

lado no Lookilu e ela vira a expressão com que Rodney assistia ao noticiário, onde estavam a descrever um trágico incêndio em Raleigh, que custara a vida a um jovem. Observar os olhos dele ao ser anunciada a morte de um estranho constituíra para ela uma revelação, algo de que não estava à espera. Voltara a reparar na mesma expressão durante a última Páscoa, quando as autoridades policiais patrocinaram a caça aos ovos em Masonic Lodge; tinha-a chamado à parte para Lhe contar os lugares menos prováveis em que ele tinha escondido os prémios. Parecera mais excitado do que as próprias crianças, com uma expressão que contrastava com os seus enormes bíceps e Rachel lembrava-se de ter pensado que ele seria o pai de que qualquer mulher se orgulharia.

Olhando para trás, achava que fora aquele o momento em que se apercebera de que os seus sentimentos em relação a ele tinham mudado. Não que se tivesse apaixonado por ele de um momento para o outro, mas fora o momento em que deixara de pensar que as suas hipóteses eram nulas. Não que as probabilidades fossem muitas. Rodney era louco pela Lexie. Sempre tinha sido assim, nunca deixaria de ser e Rachel estava desde há muito convencida de que os sentimentos do Rodney para com ela nunca iriam mudar. Houve alturas em que não fora fácil e outras em que não se preocupara minimamente com a situação, mas, ultimamente, chegara à conclusão de que as alturas em que não se preocupava eram cada vez menos espaçadas no tempo.

A acotovelar a multidão, ia a pensar que teria sido melhor não Lhe ter falado de Jeremy Marsh durante a hora do almoço. Deveria ter procurado saber aquilo que preocupava o Rodney. Agora, porém, parecia que toda a vila falava de Lexie e Jeremy; o falatório começou no lojista que lhes vendeu o almoço, até se espalhar como fogo logo que o presidente da Câmara anunciou o jantar. Continuava a sonhar com a ida a Nova Iorque, mas ao repetir mentalmente a conversa com o jornalista, começara a chegar à conclusão de que ele estava apenas a manter uma conversa e não a fazer-lhe um convite. Por vezes, exagerava na avaliação de situações daquele género. Contudo, o Jeremy Marsh era tão... perfeito. Culto, inteligente, sedutor, famoso e, acima de tudo, não era da terra. Rodney não tinha a mínima possibilidade de concorrer com ele e, no fundo, Rachel suspeitava que o rapaz também estava convencido disso. Mas, por outro lado, Rodney estava ali e não tinha planos para partir, o que era uma

vantagem de outro género, para quem a quisesse considerar assim. E Rachel tinha de admitir que o rapaz era responsável e também, à sua maneira, bem-parecido.

- Boa noite, Rodney - saudou, a sorrir.

Rodney olhou por cima do ombro.

- Oh, viva, Rach. Como estás?

- Bem, obrigada. Que festa, hem?

- Fantástica - respondeu o ajudante, sem esconder o sarcasmo.

- Como é que estão as coisas lá por dentro?

- Bastante bem. Acabam de desfraldar a bandeira.

- Bandeira?

- Sim. Aquela tira de pano a dar-lhe as boas-vindas à vila. Com o nome dele em grandes letras azuis e tudo.

Rodney expirou, fazendo o peito abaixar-se ligeiramente.

- Fantástico! - comentou de novo.

- Devias ter visto tudo o que o presidente tinha para Lhe oferecer.

Não só a bandeira e a comida, pois mandou também fazer uma chave da vila.

- Ouvi dizer - replicou Rodney.

- E os Mahi-Mahis também cá estão - prosseguiu Rachel, a referir-se ao quarteto da barbearia. Cidadãos locais, cantavam juntos há quarenta e três anos, e embora dois dos músicos tivessem de usar bengalas, além de outro ter um tique nervoso que o obrigava a cantar de olhos fechados, eram, sem sombra de dúvida, os mais famosos artistas num raio de 160quilómetros.

- Impressionante! - comentou Rodney.

O tom de voz dele obrigou Rachel a fazer a primeira pausa.

- Estou a ver que não estás interessado em ouvir nada disto, pois não?

- Não, realmente não estou.

- Nesse caso, por que é que vieste?

- Foi o Tom quem me meteu nisto. Um dia, hei-de pensar para onde é que devo mandá-lo, ainda antes de ele abrir a boca.

- Não será assim tão mau - contrapôs Rachel. - Bem vês como as pessoas estão esta noite. Toda a gente quer falar com Jeremy.

Não haverá maneira de ele e a Lexie arranjarem um cantinho para conversar. Aposto, dez contra um, que durante toda a noite não poderão trocar mais de uma dezena de palavras entre si. E, só para que saibas, reservei um prato de comida para ti, para o caso de não teres conseguido arranjar alguma coisa para comer.

Depois de uma ligeira hesitação, Rodney sorriu. A Rachel preocupava-se sempre com ele.

- Obrigado, Rach.

Apercebeu-se, pela primeira vez, do que a rapariga trazia vestido, nos olhos ardentes e nas pequenas argolas de ouro que usava nas orelhas. Acrescentou:

- Esta noite estás bonita.

- Obrigada.

- Queres fazer-me companhia durante algum tempo?

Ela sorriu.

- Adorava.

Jeremy e Lexie procuraram o caminho por entre a massa de carros parados, com a respiração a provocar pequenas nuvens de vapor quando estavam a aproximar-se da mansão. No cimo da escada, lá mais adiante, Jeremy viu casais a entrar uns atrás dos outros e não levou muito tempo a reconhecer Rodney Hopper, que estava de pé, junto da porta. Rodney viu-o ao mesmo tempo e o seu sorriso transformou- se de imediato numa

carranca. Mesmo de longe, o homem parecia grande, ciumento e, ainda mais importante, estava armado, o que não concorria para que Jeremy se sentisse muito à vontade.

Lexie seguiu-lhe o olhar.

- Oh, não se preocupe com o Rodney - aconselhou. - Está comigo.

- É isso que me preocupa - replicou ele. - Tenho a impressão de que ele não se sente particularmente feliz por nos ver juntos.

Ela sabia que Jeremy tinha razão, embora se sentisse agradecida por ver a Rachel ao lado do ajudante. Rachel arranjava sempre maneira de manter o Rodney calmo e Lexie, desde há muito, pensava que ela era a mulher ideal para o Rodney. Não conseguira, porém, dizê-lo de maneira a não ferir os sentimentos do amigo. Não era o género de conversa aceitável para quando dançavam no Shriners' Benefit Hall, pois não?

- Se isso o faz sentir-se melhor, deixe a conversa por minha conta - aconselhou Lexie. - Estava a contar com isso.

Rachel mostrou-se radiante ao vê-los a subir a escada.

- Eh, vivam os dois! - exclamou. Quando se aproximaram estendeu a mão para apalpar o casaco da Lexie. - Lex, adoro esse teu casaco!

- Obrigada, Rachel. Também estás com o aspecto de uma rapariga de um milhão de dólares.

Jeremy manteve-se calado, a fingir examinar as unhas e a evitar o olhar rancoroso que Rodney lançava na sua direcção. No silêncio momentâneo, Rachel e Lexie trocaram olhares. Percebendo o que Lexie pretendia, Rachel avançou.

- Ora vejam, o Mr. Famoso Jornalista - chilreou.

- Vejam só, basta olharem para si uma vez e os corações das mulheres ficarão a palpitar durante toda a noite - prosseguiu, a exibir um sorriso rasgado.

- Quase me odeio por perguntar, Lexie, mas não ficarias aborrecida se eu o acompanhasse até ao salão? Sei que o presidente da Câmara está à

espera dele.

- Estás à vontade - concordou Lexie, a saber que precisava de um momento a sós com Rodney. Fez um sinal a Jeremy: - Vá indo. apanho-o dentro de um minuto.

Rachel agarrou o braço de Jeremy que, antes de poder aperceber-se do que estava a acontecer, já estava a ser levado dali para fora.

- Ora diga-me, alguma vez esteve numa plantação sulista tão bonita como esta? - indagou Raquel.

- Não posso responder que sim - respondeu Jeremy, a pensar se não estaria a ser lançado às feras. Quando eles passaram, Lexie arrepanhou os lábios num agradecimento silencioso à amiga e Rachel piscou-Lhe um olho.

Lexie virou-se para Rodney.

- Não é aquilo que pensas - começou e Rodney ergueu as duas mãos a tentar que ela não continuasse e a dizer:

- Escuta, não me deves explicações. Já vi esse filme, recordas-te?

Ela sabia que ele estava a referir-se a Mr. Renaissance e o seu primeiro impulso foi dizer que ele estava enganado. Pretendia dizer-Lhe que, desta vez, não ia deixar-se levar pelos sentimentos, mas também sabia que já fizera aquela mesma promessa anteriormente. Afinal, fora essa a promessa que fizera a Rodney, quando ele tentou delicadamente avisá-la de que Mr. Renaissance não fazia tenção de ficar na vila.

- Gostaria de saber o que hei-de dizer - acrescentou Lexie, a odiar o tom de remorso na voz.

- Não tens de dizer nada.

Ela sabia que não tinha obrigação. Não formavam um casal, nunca tinham sido um casal, mas Lexie sentia a estranha sensação de estar a confrontar um ex-marido depois de um divórcio recente, quando as feridas ainda sangram. Uma vez mais, desejava apenas ultrapassar a questão, mas uma vozinha interior recordava-lhe que ela tivera o seu papel na manutenção da chama acesa nos dois últimos anos, mesmo que tal tivesse

mais a ver com questões de segurança e conforto do que com anseios românticos.

- Bom, como sabes, estou apenas a tentar que as coisas, aqui na nossa terra, regressem à normalidade - explicou.

- Também eu.

Por instantes, ficaram ambos calados. No silêncio, Lexie olhou-o de soslaio, a desejar que Rodney conseguisse expressar o que sentia com um pouco mais de subtileza.

- A Rachel está muito bonita, não está? - perguntou ela. Rodney deixou cair o queixo para o peito, antes de olhar de novo para Lexie. Pela primeira vez, mostrou um ligeiro sorriso.

- Pois está.

- Ainda anda com o Jim? - indagou Lexie, referindo-se ao homem da Terminix. Tinha-os visto juntos no camião verde com um escaravelho gigante pintado, a caminho de Greep>

# DEZ

Quando o serão estava prestes a terminar, Jeremy encontrava-se na varanda, na companhia do presidente Gherkin, enquanto Doris e Lexie conversavam, ligeiramente afastadas deles.

- Sinceramente, espero que o serão lhe tenha agradado - dizia o presidente -, e que tenha podido avaliar por si mesmo a oportunidade magnífica proporcionada por esta história.

- Apreciei devidamente. Mas eu não merecia toda a sua canseira - protestou Jeremy.

- Disparate - replicou Gherkin.

- É o mínimo que podemos fazer. Além disso, quis que visse aquilo de que o povo desta vila é capaz quando fixa um objectivo. Pode imaginar o que nós faríamos com essa gente da televisão. É certo que ainda tem o fim-de-semana para desfrutar o ambiente da vila. A atmosfera de aldeia, a sensação de regresso ao passado nas visitas às mansões. Nunca poderia ter imaginado nada de semelhante.

- Não tenho dúvidas sobre isso - admitiu Jeremy.

Gherkin sorriu.

- Bom, escute, ainda tenho umas coisas a tratar lá dentro. Os deveres de um presidente nunca estão terminados.

- Compreendo. E, a propósito, obrigado por isto - disse Jeremy, a mostrar a chave da vila.

- Oh, o senhor é sempre bem-vindo. Mereceu-a - respondeu ao estender a mão a Jeremy.

- Mas não alimente ideias esquisitas. Essa chave não serve para abrir a caixa-forte do banco, ou coisa do género. Foi apenas um gesto simbólico.

Jeremy sorriu enquanto Gherkin lhe apertava efusivamente a mão. Depois de o presidente entrar na mansão, Doris e Lexie aproximaram-se

de Jeremy, ambas sorridentes. Apesar disso, ele não deixou de notar que Doris parecia exausta.

- Bolas! - exclamou Doris.

- O quê? - indagou Jeremy.

- Você mais os seus engenhosos métodos de citadino.

- Desculpe, não estou a perceber.

- Devia ter ouvido o que algumas daquelas pessoas diziam de si - zombou Doris. - Não consegui deixar de considerar-me feliz por tê-lo conhecido antes.

Jeremy sorriu, parecendo embaraçado.

- Foi um serão algo maluco, não foi?

- Não me fale nisso - concordou Doris. - O meu grupo de estudo da Bíblia passou a noite a falar de si, a dizer que é bonito. Um par delas gostaria de o levar para casa, mas, felizmente, consegui dissuadi-las. Além disso, não penso que os maridos delas se sentissem muito entusiasmados com a ideia.

- Fico-Lhe agradecido.

- Comeu o suficiente? Se tem fome, acho que ainda posso arranjar-lhe qualquer coisa.

- Não, estou óptimo. Obrigado.

- Tem a certeza? A sua noite ainda mal começou, não é verdade?

- Ficarei bem - assegurou-Lhe.

No silêncio que se seguiu, olhou à volta e notou que o nevoeiro se tornara ainda mais espesso.

- Dito isto, julgo que chegou a altura de me pôr a caminho. Detestaria perder a minha oportunidade de sentir o sopro do sobrenatural.

- Não se preocupe. Não vai perder as luzes - asseverou Doris. - Só aparecem mais tarde, ainda dispõe de umas duas horas.

Para surpresa de Jeremy, Doris inclinou-se e apertou-o num abraço cansado.

- Só queria agradecer-lhe por ter perdido o seu tempo a aturar toda a gente. Não é fácil encontrar estranhos que sejam assim tão bons ouvintes.

- Não há problema. Apreciei a experiência.

Depois de Doris os ter deixado, Jeremy voltou a atenção para Lexie, a pensar que ser criada por uma avó como aquela deveria ter sido o mesmo que ter crescido junto da mãe.

- Está disposta a acompanhar-me?

Lexie acenou que sim, mas não disse palavra. Em vez disso, beijou Doris na face, despediu-se da avó e passados momentos acompanhou Jeremy até ao carro, qualquer deles a esmagar a gravilha debaixo dos pés. Ela parecia ausente, a olhar para longe mas sem ver nada. Depois

de alguns passos em silêncio, Jeremy deu-Lhe um toque de ombro com ombro.

- Sente-se bem? Acho-a muito calada.

Ela abanou a cabeça, voltando a dar-lhe atenção.

- Estou a pensar na Doris. Este serão deixou-a exausta e, provavelmente sem motivo, estou preocupada com ela.

- Pareceu-me óptima.

- Pois, assume aquele ar resoluto. Mas tem de aprender a trabalhar menos. Sofreu um ataque cardíaco há uns dois anos, mas gosta de fingir que a doença nunca aconteceu. E, depois disto, ainda tem pela frente um longo Fim-de-semana.

Jeremy não sabia bem o que havia de dizer; nunca lhe tinha passado pela cabeça que a Doris não fosse uma pessoa saudável.

Lexie reparou no desconforto dele e sorriu.

- No entanto, ela divertiu-se, disso tenho a certeza. Ambas tivemos a oportunidade de falar com muitas pessoas que não víamos há algum

tempo.

- Pensei que todos os presentes se vissem constantemente.

- Pois vemos. Mas as pessoas têm as suas vidas, o normal é dispormos apenas de uns minutos entre um aFazer e outro. Mas gostei desta noite - confessou, ao olhar para ele. - E Doris teve razão. Toda a gente o adorou.

Parecia quase chocada por ter de admiti-lo.

De mãos nos bolsos, Jeremy respondeu:

- Bem, não devia ter ficado surpreendida. Sou uma pessoa adorável, como sabe.

Ela rolou os olhos, parecendo mais divertida do que zangada. A

mansão desapareceu lá atrás, logo que rodearam a sebe.

- Escute, sei que não são contas do meu rosário, mas como é que correram as coisas com o Rodney?

Ela hesitou e finalmente deu de ombros.

- Tem razão. Não são contas do seu rosário.

Jeremy procurou um sorriso, mas não o viu.

- Bom, a única razão da pergunta era eu saber se tenho de me esgueirar da vila a coberto da escuridão, para não lhe dar a oportunidade de me esmagar a cabeça com aquelas mãos nuas.

Agora teve direito a um sorriso.

- Estará em segurança. Além do mais, se resolvesse ir-se embora, destroçaria o coração do presidente da Câmara. Nem todos os visitantes têm direito a uma festa assim ou à chave da vila.

- É a primeira que recebo. Habitualmente, só recebo correio a insultar-me.

Lexie riu-se, um som bonito. Ao luar, as feições não revelavam

nada dela; Jeremy recordou a animação que ela mostrara por estar entre as pessoas da cidade.

Quando chegaram junto do carro, Jeremy abriu-Lhe a porta. Ao entrar, ela roçou ligeiramente o ombro dele, deixando-o a matutar se fizera aquilo como resposta à maneira como ele a tinha tocado, ombro com ombro; talvez nem tivesse reparado. Deu a volta ao carro e sentou-se ao volante, mas hesitou antes de ligar o motor.

- O que é? - indagou Lexie.

- Estava a pensar... - respondeu ele, sem explicar o quê. As palavras pareceram ficar a pairar dentro do carro e ela fez um aceno de cabeça.

- Pareceu-me ouvir qualquer coisa.

- Engraçado. Eu estava a tentar dizer que sei que é tarde, mas quer vir comigo ao cemitério?

- Para que você não tenha medo?

- Mais ou menos.

Ela consultou o relógio. Era tarde...

Não devia ir. Na verdade, não devia. Já abrira uma excepção ao acompanhá-lo esta noite, mas passar as próximas horas junto dele seria escancarar ainda mais a porta. Sabia que nada de bom poderia resultar dali e não encontrou uma única razão para dizer que sim. Porém, antes que desse por isso, as palavras saíram.

- Tenho de passar por casa para vestir uma roupa mais confortável.

- Excelente. Sou todo a favor da ideia de você vestir uma roupa mais confortável.

- Aposto que sim - concordou Lexie, com ar de quem sabe.

- Ora bem, não comece com ideias esquisitas - protestou Jeremy, a fingir-se ofendido.

- Julgo que ainda não nos conhecemos o suficiente para isso.

- Essa tem direitos de autor.

- Sei que já ouvi isto em qualquer lado.

- Ora bem, da próxima vez use frases suas. E, só para que conste, não quero que se lhe metam ideias engraçadas na cabeça acerca desta noite.

- Nunca tenho ideias engraçadas. Sou completamente destituído de sentido de humor.

- Sabe o que quero dizer.

- Não - confessou, a fazer de inocente.

- O que é que quis dizer?

- Limite-se a conduzir o carro, está bem? Antes que eu mude de ideias.

- Pronto, pronto - acudiu Jeremy, a rodar a chave de ignição. - Meu Deus, por vezes consegue ser agressiva.

- Obrigada. Já me disseram que essa era uma das minhas melhores qualidades.

- Quem é que disse?

- Gostava de saber, não gostava?

O Tauros rolou pelas ruas cobertas de nevoeiro, com as luzes amarelas da iluminação pública a fazerem a noite parecer ainda mais lúgubre.

Lexie abriu a porta mal entraram no caminho de acesso à casa dela.

- Espere aqui - ordenou, arrumando uma mecha de cabelo atrás

da orelha. - Demoro-me uns minutos.

Ele sorriu, a apreciar o facto de ela se mostrar nervosa.

- Precisa da minha chave da vila para abrir a porta? Empresto-a de boa vontade.

- Escute, Mr. Marsh, não comece a pensar que é um ser especial. A minha mãe também recebeu uma chave da vila.

- Voltámos ao Mr. Marsh? Agora que eu começava a pensar que

estávamos a dar-nos lindamente.

- E eu começo a pensar que o serão Lhe deu volta à cabeça.

Saltou do carro e atirou com a porta, numa tentativa de ser dela a

última palavra. Jeremy riu-se, a pensar como ambos eram parecidos.

Incapaz de resistir, baixou o vidro da janela do lado do passageiro e inclinou-se por cima do banco.

- Escute, Lexie?

Ela voltou-se.

- O que é?

- Como a noite deve estar fria, se lhe apetecer traga uma garrafa de vinho.

Lexie pôs as mãos nas ancas.

- Porquê? Para ver se consegue conquistar-me com a ajuda do álcool?

Ele riu-se.

- Só se estiver de acordo.

Os olhos dela estreitaram-se mas, como anteriormente, parecia mais divertida do que zangada.

- Para que saiba, não costumo ter vinho em casa, Mr. Marsh, mas diria não, mesmo que tivesse.

- Mas bebe?

- Não muito. Portanto, espere aqui - avisou, a apontar para o caminho de acesso.

- Vou enfiar umas calças de ganga.

- Prometo não tentar espreitar pela janela.

- Boa ideia. Se lhe passasse uma coisa tão estúpida pela cabeça, teria certamente de informar o Rodney.

- Não me parece muito boa ideia.

- Acredite-me - respondeu Lexie, a tentar afivelar uma máscara

severa -, não seria nada boa.

Jeremy ficou a vê-la caminhar para casa, convencido de que nunca conhecera ninguém como ela.

Quinze minutos depois, pararam em frente do cemitério de Cedar Creek. Ele arrumou o carro de forma a que os faróis iluminassem o cemitério; o seu primeiro pensamento foi de que naquele lugar até o nevoeiro parecia diferente. Era denso e impenetrável nuns pontos, mas noutros sítios parecia pouco espesso e a ligeira brisa vergava e torcia as gavinhas finas, fazendo-as parecer quase vivas. Os longos ramos da magnólia eram apenas manchas escuras, os jazigos a desmoronarem-se concorriam para a atmosfera irreal. A escuridão era tal que Jeremy não conseguia vislumbrar o mais pequeno raio de luar.

Deixando o motor a trabalhar em ponto morto, abriu a bagageira. Ao olhar lá para dentro Lexie arregalou os olhos.

- Parece que traz aí tudo o que é preciso para montar uma bomba.

- Não. É apenas um conjunto de coisas úteis. Como sabe, os homens adoram brinquedos.

- Pensei que trouxesse apenas uma câmara de vídeo ou algo parecido.

- É verdade. Trago quatro.

- Para que necessita de quatro?

- Para filmar os ângulos todos. Por exemplo, o que fazer se os fantasmas aparecerem de uma direcção inesperada? Poderia não lhes ver os rostos.

Lexie ignorou o comentário.

- E esta coisa? - indagou, a apontar para uma caixa electrónica.

- Um detector de radiações de alta frequência. E este - informou ao apontar outro instrumento - é uma espécie de complemento daquele. Detecta a actividade electromagnética.

- Está a brincar.

- Não. Está tudo no guia oficial de caça aos fantasmas. É normal encontrar um aumento de actividade espiritual em lugares onde haja grandes concentrações de energia; este instrumento ajuda a detectar qualquer campo de energia anormal.

- Alguma vez registou um campo de energia anormal?

- Por acaso, já me aconteceu. Numa casa tida como assombrada, nem mais nem menos. Infelizmente não tinha nada a ver com fantasmas. O microondas do dono da casa não estava a funcionar bem.

- Ah! - comentou Lexie.

Jeremy olhou para ela.

- Agora é você que usa as minhas frases.

- Foi tudo o que consegui dizer. Desculpe.

- Não faz mal. Podemos partilhá-las.

- Por que é que possui todo este material?

- Porque para negar a possibilidade de existência de fantasmas, tenho de me valer de tudo aquilo que os investigadores dos fenómenos paranormais utilizam. Não quero ser acusado de ignorar seja o que for, essa gente tem as suas regras. Além disso, ao saberem que usei um detector electromagnético, os leitores ficarão muito mais impressionados. Pensarão que eu sei o que estou a fazer.

- E sabe?

- É claro. Já Lhe disse, sigo o guia oficial.

Lexie riu-se.

- Nesse caso, como é que posso ajudá-lo? Precisa da minha ajuda para transportar esta tralha?

- Vamos utilizar tudo. Porém, se considera isto um trabalho de homem, estou certo de que poderei fazer tudo sozinho, enquanto você arranja as unhas, ou algo assim.

Ela agarrou numa das câmaras de filmar, pô-la a tiracolo e pegou noutra.

- Muito bem, Sr. Machão, para onde vamos?

- Depende. Onde é que pensa que deveríamos ficar? Uma vez

que já avistou as luzes, talvez tenha algumas ideias.

Lexie apontou na direcção da magnólia, a direcção que seguia

quando ele a vira pela primeira vez no cemitério.

- Acolá - apontou. - É de onde se avistam as luzes.

Era o ponto situado exactamente em frente de Riker's Hill, embora o monte estivesse escondido pelo nevoeiro.

- Aparecem sempre no mesmo sítio?

- Não faço ideia. Era onde estavam quando eu as avistei.

Durante a hora seguinte, enquanto Lexie filmava com uma das

máquinas, Jeremy preparou o resto do equipamento. Colocou as outras três câmaras a formar um grande triângulo, montou-as nos tripés, aplicou filtros especiais nas lentes de duas delas e ajustou os

ângulos de focagem para cobrir toda a zona. Pendurou quatro microfones em árvores próximas, enquanto um quinto foi colocado no centro, no local onde instalou o detector de radiações de alta frequência e o detector electromagnético, bem como o gravador central de som.

Imerso na tarefa de verificar se tudo estava em condições, ouviu Lexie a chamá-lo.

Voltou-se e viu-a com os óculos de visão nocturna, parecendo um escaravelho.

- Muito atraente. Julgo que acabou de descobrir o seu estilo.

- Estas coisas são óptimas. Consigo ver tudo.

- Vê algo com que deva preocupar-me?

- Para além de um par de pumas e ursos famintos, parece estar só.

- Bom, isto está quase pronto. Só falta espalhar um pouco de farinha e desenrolar o fio.

- Farinha? Está a falar de farinha para fazer pão?

- É para ter a certeza de que ninguém mexe no equipamento. Com a farinha poderei verificar a existência de marcas de passadas, enquanto o fio me permite detectar a aproximação de quaisquer pessoas.

- Muito inteligente. No entanto, sabe que estamos aqui sozinhos, não sabe?

- Nunca se pode ter a certeza - replicou Jeremy.

- Oh, eu tenho a certeza. Mas faça lá os seus preparativos que eu encarrego-me de apontar a máquina de filmar na direcção certa. A propósito, está a sair-se muito bem.

Ele ria-se enquanto abria o saco da farinha e começava a espalhá-la, rodeando as máquinas de filmar com uma camada de pó branco. Fez o mesmo com os microfones e com o restante equipamento; depois atou a ponta do Fio a um ramo e fez uma grande cerca, a englobar toda a zona, como se estivesse a vedar a cena de um crime. Colocou um outro fio uns sessenta centímetros abaixo do primeiro e pendurou-lhe uns pequenos guizos a todo o comprimento. Quando acabou, voltou para junto de Lexie.

- Não sabia que houvesse tanto a fazer - comentou ela. - Acho que está a desenvolver um nível totalmente novo de respeito por mim, não é verdade?

- Não me parece. Estava apenas a tentar arranjar assunto de conversa.

Jeremy sorriu e fez um aceno de cabeça na direcção do carro.

- Vou desligar as luzes do carro. Esperemos que tudo isto não tenha sido em vão.

Logo que desligou o motor, o cemitério mergulhou na escuridão e ele teve de habituar os olhos. Tentou, mas não conseguiu ver nada, o cemitério provou ser mais escuro do que uma caverna. Depois de se arrastar até ao

portão como um espeleólogo no escuro, tropeçou numa raiz exposta do lado de dentro do cemitério e quase caiu.

- Pode trazer-me os óculos de visão nocturna? - bradou.

- Não - foi a resposta. - Como disse, estas coisas são giras. Além disso, você está a sair-se muito bem.

- Mas não vejo nada.

- Pode dar mais alguns passos. Caminhe a direito.

Ele avançou com cautela, de braços estendidos, até que parou.

- E agora?

- Está uma cripta à sua frente, por isso mova-se para a esquerda - mandou Lexie. Parecia divertir-se com a situação, pensou Jeremy.

- Esqueceu-se de dizer como mandam as regras".

- Quer que o ajude, ou não?

- O que quero são os meus óculos - respondeu ele, quase a implorar.

- Pois, terá de vir buscá-los.

- Bem podia chegar até aqui e conduzir-me pela mão.

- Podia, mas não vou. É muito mais divertido vê-lo vaguear por aí como uma alma penada. Agora ande para a esquerda. Eu digo-lhe quando deve parar.

O jogo prosseguiu daquele jeito até que, finalmente, Jeremy conseguiu chegar ao pé dela. Sentou-se e Lexie, sempre a rir-se, tirou os óculos.

- Aí tem os seus óculos.

- Obrigadinho.

- Não tem de quê. Estou contente por ter ajudado!

Durante mais ou menos meia hora, Lexie e Jeremy entretiveram-se a recordar episódios da festa. Estava demasiado escuro para poder ver

a cara de Lexie, mas, mesmo assim, Jeremy apreciava a proximidade dela, no meio da escuridão que os envolvia.

A mudar o tema da conversa, ele pediu:

- Fale-me da altura em que avistou as luzes. Esta noite toda a gente resolveu contar-me uma história acerca disso.

Embora as feições dela fossem meras sombras, Jeremy teve a impressão de vê-la recuar no tempo, para uma altura em que havia algo que não tinha a certeza de querer recordar.

- Tinha oito anos - começou, a falar com voz suave. - Por qualquer razão, comecei a ter pesadelos em que entravam os meus pais. Doris mantinha as fotografias deles penduradas na parede e era como eu os via sempre nos meus sonhos: a mamã vestida de noiva e o papá de smoking. Só que houve uma vez em que eles estavam presos dentro do carro, depois de terem caído no rio. Era como se estivesse a vê-los através das janelas do carro, podia ver o medo e o pânico nas caras deles e a água a encher lentamente o automóvel. A minha mãe com uma expressão de verdadeira tristeza, como se soubesse que era o fim e, de súbito, o carro começava a afundar-se mais depressa e eu ficava a assistir a tudo de um plano superior.

Suspirou, depois de ter narrado o sonho com uma voz estranhamente isenta de emoção.

- Acordava aos gritos. Não sei quantas vezes aconteceu, agora tudo se me confunde um pouco na memória, mas deve ter durado o suficiente para convencer a Doris de que não se tratava de uma fase passageira. Suponho que outros pais me teriam levado a um psiquiatra, mas Doris... bem, uma vez, ia a noite adiantada, acordou-me e mandou-me vestir roupa quente; do que me recordo a seguir é de estarmos neste lugar. Disse que ia mostrar-me uma coisa maravilhosa.

Lembro-me de que era uma noite como esta; por isso, para evitar que eu caísse, Doris não me largou a mão. Caminhámos por entre as pedras tumulares, antes de nos sentarmos durante algum tempo, até à chegada das luzes. Pareciam quase vivas, tudo se iluminou verdadeiramente... até que foram desaparecendo. E a seguir fomos para casa.

Quase a ouviu encolher os ombros.

- Embora de tenra idade, soube o que tinha acontecido; e quando cheguei a casa não consegui adormecer, porque tinha acabado de ver os fantasmas dos meus pais. Era como se eles tivessem vindo visitar- me. Depois dessa noite, deixei de ter pesadelos.

jeremy manteve-se silencioso.

Ela acercou-se um pouco mais.

- Acredita em mim?

- Acredito; na verdade, acredito. A sua história seria a que eu reteria de entre as que ouvi esta noite, mesmo que não conhecesse a narradora.

- Bom, só para que conste, preferia que a minha história não fosse material para o seu artigo.

- Tem a certeza? Poderia ser famosa.

- Não estou interessada. Estou a observar directamente a forma como a fama pode estragar uma pessoa.

Ele riu-se.

- Nesse caso, como esta conversa não é para divulgar, posso perguntar-lhe: essa recordação foi uma das razões de querer vir aqui esta noite? Ou foi por desejar desfrutar da minha refulgente companhia?

- Ora bem, tenho a certeza de que a segunda razão não teve nada a ver com a minha vinda - esclareceu, embora ao dizê-lo soubesse que tinha. Também se convenceu que ele pensava o mesmo, mas, na breve pausa que se seguiu à sua resposta, sentiu que o tinha magoado. - Desculpe.

- Não tem importância - asseverou Jeremy.

- Lembre-se, tenho cinco irmãos mais velhos. Os insultos eram uma constante

numa família como a nossa, por isso estou habituado.

Lexie recompôs-se.

- Bem, para responder à sua pergunta... é provável que deseje voltar a ver as luzes. Para mim, nunca mais deixaram de ser uma fonte de conforto.

Jeremy arrancou um tufo de ervas e atirou-o para longe.

- A sua avó foi uma senhora inteligente. Quero dizer, ao fazer o que fez.

- Ela é uma senhora inteligente.

- Obrigado pela correcção - desculpou-se Jeremy; mas reparou

que, a seu lado, Lexie se inteiriçou, como se estivesse a esforçar-se para ver ao longe.

- Penso que chegou a altura de ligar o seu equipamento - informou.

- Porquê?

- Porque estão a aproximar-se. Não sente?

Estava prestes a soltar uma piada, de dizer que era à prova de

fantasmas, quando reparou que agora conseguia ver a companheira e

até o equipamento instalado mais longe. E, verificou, também conseguia ver o caminho até ao carro. Não havia dúvidas de que aquele lugar estava a ficar iluminado.

Lexie incitou-o:

- Eh, está a desperdiçar a sua oportunidade.

Semicerrou os olhos, a tentar assegurar-se de que não estava a ser

vítima de qualquer ilusão de óptica, e usou o controlo remoto para

ligar todas as máquinas de filmar. Ao longe, viu os sinais vermelhos

acenderem-se, as máquinas tinham começado a funcionar. Mesmo

assim, não havia mais nada a fazer para tentar perceber o que estava a passar-se.

Olhou à sua volta, à procura de carros de passagem ou de casas

iluminadas e, ao olhar de novo para as máquinas de filmar, decidiu

que não estava a ter alucinações. Não só via as máquinas, como

também o detector electromagnético colocado no centro do triângulo. Pegou nos óculos de visão nocturna.

- Não vai precisar disso - avisou Lexie.

Mas ele pô-los e passou a ver a paisagem com um brilho esverdeado fosforescente. À medida que a luz aumentou de intensidade, o nevoeiro começou a encurvar-se e a rodopiar, a assumir formas diversas.

Consultou o relógio: eram 2.44. Tomou um apontamento.

Reflectia se o luar não teria aparecido de repente; tinha dúvidas, que esclareceria quando voltasse ao seu quarto no Greenleaf.

Mas aqueles eram pensamentos secundários, O nevoeiro, como Lexie havia previsto, continuava a clarear e ele baixou os óculos por momentos, para verificar a diferença das imagens. A luz continuava a aumentar, mas a mudança parecia mais significativa sem os óculos. Estava ansioso por poder comparar as imagens captadas pelas câmaras de vídeo. Porém, de momento, limitava-se a olhar em frente, agora sem os óculos.

Sustendo a respiração, reparou que o nevoeiro à sua frente ia ficando mais prateado, para depois mudar para um amarelo pálido, a seguir para branco opaco, até finalmente adquirir um brilho que quase cegava. Por um instante, mas apenas durante um instante, todo o cemitério se tornou visível, como se fosse um campo de futebol iluminado para o começo de um jogo, e pedaços do nevoeiro iluminado começaram a rodar em pequenos círculos, até se separarem do núcleo central, como uma estrela a explodir. Por um instante, Jeremy imaginou ver formas de pessoas ou coisas, mas a luz começou a recuar, como se fosse puxada por um fio, de regresso ao centro e, antes de ele se aperceber bem do que estava a acontecer, as luzes desapareceram e o cemitério voltou a mergulhar na escuridão.

Pestanejou, como para se convencer do que realmente acontecera, e voltou a consultar o relógio. Desde que começara até acabar, o episódio tinha demorado apenas vinte e dois segundos. Mesmo sabendo que tinha de verificar o equipamento, houve um breve instante em que conseguiu

apenas ficar a olhar para o sítio onde os fantasmas de Cedar Creek tinham feito a sua aparição.

Fraude, erros inocentes e coincidência eram as explicações comuns para eventos considerados sobrenaturais e, até àquela data, todas as investigações de Jeremy de fenómenos daquele género tinham podido ser enquadrados numa das três categorias. A primeira tendia a ser a explicação prevalecente em situações em que alguém podia sair beneficiado. William Newell, por exemplo, que, em 1869, proclamava ter achado os restos petrificados de um gigante nas terras da sua quinta de Nova Iorque, uma estátua que ficou conhecida por Gigante de Cardiff, incluía-se nessa categoria. Timothy Clausen, o guia de espíritos, era outro exemplo.

A fraude, porém, também englobava aqueles que desejavam simplesmente ver quantas pessoas conseguiam enganar, não por dinheiro, mas apenas para verem até onde podiam ir. Doug Bower e Dave C, os agricultores ingleses que criaram o fenómeno conhecido por círculo da seara, foram outro exemplo; o cirurgião que fotografou o Monstro de Loch Ness, em 1933, foi outro. Em ambos os casos, a patranha foi concebida como uma piada, mas o interesse do público aumentou tão rapidamente que tornou difícil a confissão do embuste.

Os erros inocentes, por outro lado, não passam disso mesmo. Um balão meteorológico que se toma por um disco voador, um urso que é considerado o Bigfoot, um achado arqueológico que depois se descobre ter sido trazido para o sítio onde foi encontrado centenas ou milhares de anos depois de ter sido enterrado pela primeira vez. Nos casos deste tipo, as testemunhas viram qualquer coisa, mas as suas mentes transformaram o que foi visto numa coisa totalmente distinta.

A coincidência é responsável por quase tudo que não possa ser enquadrado nas outras duas categorias; é função de uma simples probabilidade matemática. Por mais improvável que um evento possa parecer, enquanto for teoricamente possível, mais certo é vir a acontecer em qualquer altura, em qualquer lugar e a qualquer pessoa. Pensemos, por exemplo, no romance Futility, de Robert Morgan, publicado em 1898, catorze anos antes de o Titanic ser lançado à água; o romance narra a história do maior e mais imponente navio de passageiros de todo o mundo, que larga do porto de Southampton para a sua primeira viagem, para se

afundar depois de chocar com um icebergue, e dos passageiros, gente rica e famosa, que morreram nas águas geladas do Atlântico Norte porque o navio não tinha salva-vidas em número suficiente. Ironicamente, o nome do navio de ficção era Titan.

Porém, o que tinha acontecido ali não se englobava em nenhuma daquelas categorias. Para Jeremy, as luzes não pareceram produto de fraude ou coincidência, nem sequer um erro inocente. Haveria uma explicação lógica algures mas, sentado naquele cemitério, ainda abalado pelo acontecimento, não fazia ideia de qual pudesse ser.

Durante todo o tempo, Lexie havia permanecido sentada, em absoluto silêncio.

- Então? - indagou finalmente. - O que é que acha?

- Ainda não sei - confessou Jeremy. - Vi qualquer coisa, disso

tenho a certeza.

- E alguma vez tinha visto algo semelhante?

- Não. Na verdade, foi a primeira vez que vi qualquer coisa que me parecesse remotamente misteriosa.

- É espantoso, não é? - indagou Lexie, falando com suavidade. - Quase me tinha esquecido de quanto pode ser belo. Já ouvi falar de auroras boreais e por vezes pensei se teriam alguma semelhança com isto.

Jeremy não Lhe deu resposta. Estava a recriar as luzes mentalmente, a pensar que a forma como tinham aumentado de intensidade fazia lembrar as luzes de automóveis a aproximarem-se depois de saírem de uma curva. Pensou que teriam de ser provocadas por um qualquer tipo de veículu em deslocamento. Olhou para a estrada, à espera da passagem dos carros, embora a ausência deles não o surpreendesse por completo.

Lexie deixou-o em silêncio durante um minuto, quase a conseguir ouvir os pneus a rodarem-lhe na cabeça. Finalmente, inclinou-se e tocou-lhe no braço com um dedo, para o fazer descer à terra.

- Então? - indagou. - O que é que vamos fazer?

Jeremy sacudiu a cabeça, voltando a dar-Lhe atenção.

- Há alguma estrada aqui à volta? Qualquer outra estrada importante?

- Só aquela por onde viemos e que atravessa a vila.

- Hum! - murmurou Jeremy, de cenho franzido.

- O quê? O ah! não funcionou desta vez?

- Ainda não. Mas ando lá perto - insinuou. Apesar da escuridão total, pensou vê-la sorrir.

- Por que será que tenho a impressão de que você já sabe como é que as luzes são provocadas?

- Eu não sei nada - defendeu-se Lexie, olhando-o com timidez fingida.

- Como é que chegou a essa conclusão?

- É apenas uma impressão que eu tenho. Sou bom a conhecer as pessoas. Um tipo chamado Clausen revelou-me os seus segredos.

Ela riu-se.

- Bom, então já sabe o que eu penso.

Deu-Lhe um momento para pensar, antes de se inclinar para ele. Na escuridão, aqueles olhos eram sedutores e, embora em espírito estivesse longe dali, Jeremy reviu mentalmente a imagem dela na festa, recordou-se de quanto ela lhe parecera bela.

- Não se recorda da minha história? - sussurrou.

- Foram os meus pais. É provável que quisessem conhecê-lo.

Talvez fosse a expressão de orfandade com que disse aquilo, uma expressão simultaneamente triste e resoluta, mas ele sentiu um pequeno nó na garganta; foi tudo o que conseguiu fazer para não a tomar nos braços ali, naquele preciso momento, na esperança de a abraçar para sempre.

Hora e meia mais tarde, depois de recolhido todo o equipamento, estavam de volta à porta da casa dela.

Nenhum falou muito durante o caminho de regresso e, quando pararam à porta, Jeremy verificou que tinha passado muito mais tempo a pensar em Lexie do que a reflectir sobre as luzes. Não queria que a noite acabasse, ainda não.

A hesitar em frente da porta, Lexie levou a mão à boca, para esconder um bocejo, e depois soltou uma gargalhada, fruto do embaraço.

- Desculpe. Não estou habituada a estar a pé até tão tarde.

- Não tem importância - respondeu Jeremy, olhando-a nos olhos.

- Passei um serão fantástico.

- Também eu - respondeu Lexie, muito convicta. Jeremy avançou um pequeno passo e ela, quando se apercebeu de que ele estava a pensar em beijá-la, fingiu procurar algo nos bolsos do casaco.

- Nesse caso, suponho que devo dar o serão por terminado - acrescentou, na esperança de que ele percebesse a insinuação.

- Tem a certeza? Se quisesse, podíamos ver as gravações em sua casa. Talvez pudesse ajudar-me a descobrir a verdadeira origem das luzes.

Lexie olhou para longe, com expressão de tristeza.

- Por favor, não me estrague o que consegui, está bem? sussurrou.

- Estragar o quê?

- Isto... tudo - acrescentou, de olhos fechados, a tentar ordenar as ideias.

- Ambos sabemos por que quer entrar, mas, mesmo que eu o desejasse, não o deixaria passar aquela porta. Por favor, não faça mais perguntas.

- Cometi algum erro?

- Não. Não cometeu qualquer erro. Passei um dia fantástico, um dia maravilhoso. Na realidade, o meu melhor dia desde há muito

tempo.

- Então, o que é?

- Nunca deixou de me fazer a corte desde que aqui chegou, por isso sabemos o que vai acontecer se eu o deixar entrar aquela porta. Mas você vai-se embora. E quando já não estiver cá, quem vai sofrer sou eu. Então, porquê começar algo que não tem intenção de acabar?

Com outra pessoa, com qualquer outra pessoa, ele teria dito uma frivolidade qualquer, ou mudado de assunto enquanto concebia um outro plano de entrada. No entanto, ali no alpendre, a olhar para ela, não conseguiu encontrar as palavras adequadas. E o mais estranho é que não desejou encontrá-las.

- Tem razão - admitiu. Forçou um sorriso. - Vamos considerar que o serão acabou. De qualquer das formas, talvez seja melhor ir tentar descobrir de onde vêm aquelas luzes.

Por instantes, ela não teve a certeza de ter ouvido bem

mas, quando ele deu um pequeno passo para trás, olhou-o nos olhos e limitou-se a dizer:

- Obrigada.

- Boa noite, Lexie.

Ela retribuiu com um aceno de cabeça e, após uma pausa embaraçosa, virou-se para a porta. Jeremy entendeu o gesto como sinal para se ir embora e saiu do alpendre logo que Lexie tirou as chaves da algibeira do casaco. Estava a enfiar a chave na fechadura, quando ouviu a voz dele, vinda de trás.

- Eh, Lexie?

No nevoeiro, ele era apenas uma sombra.

- O que é?

- Talvez não acredite, mas a última coisa que desejaria fazer seria magoá-la, ou agir de forma que a levasse a arrepender-se de nos termos conhecido.

Embora o comentário Lhe merecesse um sorriso breve, Lexie voltou-se sem uma palavra. A ausência de resposta dizia muito. Pela primeira vez na

vida, Jeremy ficou não só desapontado consigo mesmo, como também desejou ser alguém totalmente diferente.

# ONZE

Os pássaros chilreavam, o nevoeiro tinha começado a dissipar-se e um guaxinim atravessou o alpendre quando telemóvel de Jeremy tocou. A luz cinzenta e crua da madrugada passava pelas cortinas puídas, atingindo-o num olho como o soco de um pugilista profissional.

Um olhar rápido para o relógio mostrou-lhe que eram oito horas, demasiado cedo para falar com alguém, especialmente depois de passar a noite em claro. Estava a ficar velho para noitadas daquele género e franziu a testa antes de estender a mão para o telemóvel.

- É melhor que seja um assunto importante - resmungou.

- Jeremy? És tu? Onde é que te meteste? Por que não me telefonaste? Tenho estado a tentar encontrar-te!

Nate, pensou Jeremy, a fechar de novo os olhos. Santo Deus, o Nate. Entretanto, o amigo continuava a falar. Jeremy pensou que ele deveria ser um primo há muito esquecido do presidente da Câmara. Deviam pô-los aos dois numa sala e ligá-los a um gerador; poderiam gerar electricidade para iluminar Brooklyn durante um mês.

- Disseste que manterias o contacto!

Com dores por todo o corpo, Jeremy tentou sentar-se na beira da cama.

- Nate, desculpa. Não tenho tido tempo e a recepção aqui em baixo não é lá muito boa.

- Devias manter-me informado! Ontem, passei o dia a tentar ligar para ti, mas fui sempre direito au voice-mail. Nem calculas o que está a acontecer. Os prudutores não me largam, sempre a aparecerem com ideias sobre aquilo que poderás querer discutir. Isto está mesmo animado. Um deles sugeriu que escrevesses um artigo sobre dietas de alto valor proteico. Estás a ver, aquelas em que se diz que podemos comer bacon e bifes à vontade, sem por isso deixarmos de perder peso.

Jeremy sacudiu a cabeça, a tentar manter-se acordado.

- Espera! Estás a falar de quê? Quem é que pretende que eu fale de uma dieta?

- O Good Morning America. De quem é que pensavas que eu estava a falar? Como eu disse, teremos de voltar a conversar com eles mas penso que estarás à vontade no assunto.

Jeremy massajou a testa; por vezes, aquele homem provocava-lhe dores de cabeça.

- Nate, não estou interessado em escrever sobre uma nova dieta. Sou um jornalista especializado em ciências, não sou a Oprah.

- Portanto, podes dar o teu melhor neste tema. É o que vais fazer, certo? E as dietas têm algo a ver com a química e com a ciência. Estou certo ou estou errado? Com mil diabos, sabes que tenho razão, e conheces-me: quando tenho razão, tenho mesmo razão. Além disso, estou apenas a lançar umas novas ideias...

- Vi as luzes! - interrompeu Jeremy.

- Quero dizer, se tens qualquer coisa melhor, podemos falar. Mas, neste caso, estou a avançar às cegas e esta dieta pode muito bem ser a maneira de trabalhares com...

- Vi as luzes! - exclamou de novo Jeremy, elevando a voz. Desta vez foi ouvido.

- Estás a falar das luzes do cemitério? - indagou.

Jeremy continuava a massajar as têmporas.

- Pois, essas luzes.

- Quando? Por que é que não me ligaste? Isso já me fornece algo para começar. Oh, por favor, diz-me que filmaste tudo?

- Pois filmei, mas ainda não vi os filmes, não sei como é que ficaram.

- Então, as luzes existem?

- Sim. Mas julgo que também descobri a sua origem.

- Nesse caso não são verdadeiras...

- Escuta, Nate, estou cansado, por isso ouve-me durante um minuto, está bem? Na noite passada fui ao cemitério e vi as luzes. E para ser honesto, pela forma como aparecem, tenho de dizer que percebo as razões que levam as pessoas a considerar que se trata de fantasmas. Estão ligadas a uma lenda bastante interessante e a vila tem um circuito planeado para o fim-de-semana, para a aproveitar. Porém, depois de sair do cemitério fui à procura da origem e estou praticamente convencido de que a encontrei. Tudo o que tenho a fazer é descobrir como e porquê as luzes aparecem em determinadas alturas, mas também já tenho algumas ideias sobre isso; espero ter tudo definido no final do dia.

Por momentos, Nate não encontrou resposta, o que era raro. Contudo, sendo um profissional calejado, recuperou rapidamente.

- Muito bem, muito bem, dá-me um segundo para pensar qual a melhor maneira de utilizarmos isso. Estou a pensar naqueles tipos da televisão.

Em quem é que ele havia de estar a pensar? reflectiu Jeremy.

- Muito bem, o que é que pensas desta ideia? - prosseguiu Nate.

- Abrimos com a própria lenda, como quem prepara o ambiente. Cemitério no meio do nevoeiro, grandes planos de algumas sepulturas, talvez umas imagens rápidas de um corvo negro, sinal de mau agoiro, a ouvir a tua voz...

O homem era um mestre em clichés de Hollywood; Jeremy olhou de novo para o relógio, a pensar que era demasiado cedo para estar com aquelas conversas.

- Nate, estou cansado. Vê se concordas com isto? Vais reflectir sobre o assunto e depois telefonas-me, está bem?

- Pois, pois. Pode ser assim. É para isso que cá estou, não é verdade? Para te facilitar a vida. Olha, achas que devo ligar ao Alvin?

- Ainda não tenho a certeza. Deixa-me ver primeiro os filmes; depois falarei com o Alvin, para ouvir a opinião dele.

Nate ardia de entusiasmo.

- Certo. Bom plano, excelente ideia! Que grandes notícias! Uma verdadeira história de fantasmas! Os tipos vão adorar! Já te disse que eles ficaram entusiasmados com a ideia, não disse? Acredita em mim, disse-lhes que estavas a preparar esta história e não estarias interessado em discutir a última coqueluche das dietas. No entanto, agora que temos um ponto a nosso favor, vão ficar malucos. Estou ansioso por lhes contar e, escuta, ligo-te dentro de umas horas; por isso mantém o telefone sempre ligado. Isto está a andar depressa...

- Até logo, Nate. Falarei contigo mais tarde.

Jeremy deixou-se rolar para a cama e cobriu a cabeça com uma almofada; contudo, ao verificar que não conseguia adormecer, levantou-se a gemer e encaminhou-se para a casa de banho, a esforçar- se por ignorar as criaturas empalhadas que pareciam espiar-Lhe todos os movimentos. No entanto, estava a habituar-se de tal maneira à presença delas que, ao despir-se, resolveu tirar partido da pose do animal e pendurou a toalha nas suas patas estendidas.

Saltando para debaixo do chuveiro, abriu a água na temperatura máxima que aguentou e deixou-se ficar ali durante vinte minutos, até ter a pele vermelha como uma ameixa. Só então começou a sentir-se voltar à vida. Qualquer pessoa sentiria o mesmo com menos de duas horas de sono.

Depois de vestir as calças de ganga, pegou nas cassetes e foi para o carro. O nevoeiro pairava sobre a estrada, como se fosse gelo seco a evaporar-se de um fosso de orquestra, o céu apresentava-se com cores tão feias quanto as da véspera, levando-o a suspeitar de que as luzes voltariam a aparecer naquela noite, o que não só constituía um bom augúrio para o turismo do fim-de-semana, como também significava que talvez estivesse na altura de chamar o Alvin. Mesmo que os filmes estivessem bons, Alvin era um mágico com a máquina de filmar, poderia captar imagens que provocariam o inchaço do dedo do Nate, tantas as chamadas telefónicas que ele faria.

Contudo, o próximo passo era verificar o que tinha conseguido filmar, mesmo que fosse apenas para confirmar se tinha captado alguma coisa. O Greenleaf não possuía gravador de vídeo, o que não era de surpreender, mas ele tinha visto um aparelho na sala de livros raros; enquanto rolava

pela estrada sossegada que conduzia à vila, pôs-se a imaginar como é que a Lexie iria comportar-se quando ele entrasse na biblioteca. Voltaria a mostrar-se distante e profissional? Teriam permanecido os bons sentimentos gerados pelo dia que passaram juntos? Ou recordaria apenas os últimos momentos passados no alpendre, quando ele a tinha pressionado em demasia? Não fazia ideia do que iria acontecer, mesmo depois de ter dedicado uma boa parte da noite a tentar imaginá-lo.

A situação era clara, tinha identificado a fonte de luz. Como a maioria dos mistérios, também este não era muito difícil de solucionar por quem soubesse o que deveria procurar; a consulta rápida a um portal da Internet patrocinado pela NASA eliminara uma segunda possibilidade. Descobriu que a Lua não poderia ser responsável pelas luzes. Estava-se, de facto, na lua nova, numa altura em que o satélite estava encoberto pela sombra da Terra, o que o levou a suspeitar que o fenómeno só acontecia naquela fase. Tinha lógica: sem luar, qualquer raio de luz, por mais ténue que fosse, tornar- se-ia muito mais visível, especialmente quando reflectido pelas gotículas de água do nevoeiro.

Todavia, ao estar ali de pé, ao frio, com a resposta ao alcance da mão, só conseguia pensar em Lexie. Parecia-Lhe impossível que a tivesse conhecido apenas dois dias antes. Não fazia sentido. É certo que Einstein tinha postulado que o tempo é relativo, uma conclusão que poderia explicar tudo. Como é que era a velha máxima acerca da relatividade? Um minuto com uma mulher bela passa num instante, mas um minuto com a mão encostada a um bico de gás aceso pareceria uma eternidade. Sim, era isso. Ou perto disso, pelo menos.

Uma vez mais, lamentou o seu comportamento no alpendre, a desejar pela centésima vez não a ter levado a acreditar que pretendia

beijá-la. Lexie tornara os seus sentimentos óbvios, mas ele tinha-os ignorado. O Jeremy normal já teria esquecido o caso, encolhendo os ombros por não lhe atribuir significado. Por qualquer razão, desta vez não estava a ser tão fácil.

Desde que a Maria partira, embora tivesse namorado bastante e não

se portasse exactamente como um eremita, mal se recordava de ter

passado um dia inteiro com alguém. O normal era apenas o jantar, umas bebidas e conversa suficiente, até se perderem as inibições e poder

chegar-se à parte que mais interessava. De certo modo sabia que, quanto a namorar, era chegado o tempo de crescer, talvez até de tentar assentar e adoptar o estilo de vida dos irmãos. Os irmãos incitavam-no é claro, mas as mulheres deles não lhes ficavam atrás. Existia a opinião generalizada de que ele devia conhecer as mulheres antes de tentar levá-las para a cama, e uma das cunhadas chegara ao ponto de lhe preparar um namoro com uma vizinha divorciada, que pensava o mesmo. Como é óbvio, a mulher recusara um segundo convite para sair, em grande parte devido aos avanços que ele lhe fizera na primeira vez. Nos anos mais recentes, parecera-Lhe mais fácil não conhecer muito bem as mulheres, considerá-las como eternas estranhas, mesmo as que demonstrassem representar uma esperança e um futuro para ele.

Esse era o problema. Não havia esperança nem futuro. Pelo menos para o género de vida em que os irmãos e as cunhadas acreditavam, ou até para a vida que, segundo ele pensava, a Lexie desejava. O divórcio da Maria era a melhor prova. Lexie era a rapariga típica de uma pequena comunidade, com sonhos próprios de quem vive numa pequena cidade, para ela não seria suficiente que ele fosse fiel e responsável, que tivessem muito em comum. As mulheres, ou a maioria delas, queriam algo diferente, uma maneira de viver que ele não podia proporcionar-Lhes. Não por ele não a desejar, não que estivesse enamorado da sua vida de solteiro, mas porque tal vida Lhe era impossível. A ciência podia responder a muitas questões, resolver uma grande diversidade de problemas, mas não conseguia resolver o seu problema pessoal. E o problema era que a Maria o tinha deixado por ele não ser, nem nunca poder vir a ser, o género de marido que ela pretendia.

Como era óbvio, aquela era uma verdade que não confessava a ninguém. Nem aos irmãos, nem aos pais, nem à Lexie. E, nos momentos de maior descontracção, nem a confessava a si mesmo.

Embora a biblioteca estivesse aberta quando ele lá chegou, Lexie ainda não tinha chegado, o que o fez sentir o enorme desapontamento de abrir a porta do gabinete dela para deparar com uma divisão vazia. No entanto, ela já tinha passado por lá: a porta da sala dos livros raros encontrava-se

aberta e, ao acender a luz, viu um bilhete em cima da secretária, em cima dos mapas topográficos de que ela falara. Uma nota que se lia depressa:

Tenho uns assuntos pessoais a resolver. O gravador de vídeo está à sua disposição.

Lexie.

Nenhuma menção da noite anterior, nenhuma menção de perspectivas de voltar a vê-lo. Nem mesmo um cumprimento antes da assinatura. Não era o mais frio dos bilhetes que alguém podia deixar, mas também não revelava o mínimo calor humano.

Contudo, era provável que, uma vez mais, estivesse a ler o que lá não estava. Podia ter que fazer naquela manhã, ou talvez o bilhete fosse curto por ela ter intenções de voltar depressa. Referia-se a um assunto pessoal, o que, com mulheres, podia significar uma consulta médica ou a necessidade de comprar uma prenda de anos para uma amiga. Não havia maneira de saber.

Além disso, disse para si mesmo, tinha que fazer. O Nate estava à espera e a sua carreira dependia daquele trabalho. Jeremy forçou-se a procurar uma forma de concluir a história.

Os gravadores de som não tinham detectado quaisquer sons estranhos, os detectores de alta frequência e electromagnéticos não registaram a mínima variação dos níveis de energia. No entanto, as cassetes de vídeo tinham registado tudo o que ele vira durante a noite anterior; viu as imagens mais de meia dúzia de vezes de cada ângulo possível. As câmaras equipadas com filtros de luz de grande capacidade mostravam de forma bem nítida o brilho do nevoeiro. Embora pudesse extrair daqueles filmes uma boa imagem para acompanhar um artigo, estavam longe da qualidade que se exige em televisão. Quando vistas em velocidade normal, partilhavam da qualidade dos vídeos de produção caseira, uma qualidade que lhe recordava vídeos que já lhe haviam sido oferecidos como prova de outros fenómenos subrenaturais. Anotou a necessidade de comprar uma máquina de filmar a sério, por muito que o editor tivesse de espernear para assinar a nota de despesa.

Contudo, mesmo que as imagens não tivessem a qualidade que ele esperava, a observação da maneira como as luzes foram mudando, ao longo dos vinte e dois segundos em que se mantiveram visíveis, deu-lhe mais uma vez a certeza de que tinha realmente encontrado a resposta. Guardou as cassetes, observou os mapas e calculou a distância entre Riker's Hill e o rio. Comparou as primeiras fotografias que fez do cemitério com outras que encontrou em livros que narravam a história da vila, chegando à que lhe pareceu uma estimativa correcta É quanto à velocidade a que o cemitério estava a afundar-se. Apesar de

não ter encontrado novas informações sobre a lenda de Hettie Doubilet, os relatos da época não faziam referência ao assunto, fez uma chamada para o departamento de gestão dos aquíferos desta parte do estado, mais um telefonema para o departamento de minas, onde obteve informações sobre as pedreiras que ali tinham sido escavadas no princípio do século XX. Depois disso, escreveu algumas palavras num motor de busca da Internet, à procura de tabelas de que precisava; finalmente, depois de ter Ficado à espera durante dez minutos, falou com um tal Mr. Larsen, da fábrica de papel, que se dispôs a ajudá-lo em tudo o que pudesse.

E com isso, com todas as provas a encaixarem-se na perfeição, dispunha da prova absoluta.

A verdade estivera sempre diante dos olhos de toda a gente. Como

acontece com muitos mistérios, a solução tinha sido fácil, difícil era acreditar que ninguém tivesse pensado nela. Ou talvez alguém tivesse encontrado a solução, o que abria novas perspectivas de análise da história.

Não havia dúvidas de que o Nate ficaria entusiasmado mas, apesar dos êxitos da manhã, Jeremy sentia pouca vontade de cantar vitória. Em vez disso, só pensava no facto de a Lexie não estar por ali, para o felicitar ou para zombar dele. Francamente, não o preocupava a forma como ela reagiria se ali estivesse, o que o afligia era ela não estar ali para reagir. Levantou-se e foi observar uma vez mais o gabinete dela.

No essencial, não notou diferenças em relação ao dia anterior. As pilhas de documentos continuavam em cima da secretária, havia livros

espalhados ao acaso e o protector do ecrã do computador estava a apresentar desenhos coloridos em movimento. As luzes do aparelho de registo de chamadas, colocado ao lado de uma pequena planta envasada, piscavam a indicar que havia chamadas novas.

Mesmo assim, não conseguia afastar a sensação de que, sem a Lexie, a sala pareceria sempre totalmente vazia.

# DOZE

- O meu homem mais importante! - gritou Alvin para o microfone. - A vida corre-te bem, aí pelo Sul?

A despeito do ruído de estática no telemóvel de Jeremy, a voz de Alvin ouvia-se com nitidez.

- Estou óptimo. Estou a telefonar para saber se ainda queres vir até cá para me dares uma ajuda.

- Já estou a reunir o equipamento - respondeu, parecendo ofegante.

- O Nate ligou-me há uma hora e pôs-me ao corrente. Encontro-me contigo no Greenleaf lá para o fim do serão; o Nate fez a reserva. Mas, de qualquer forma, o meu voo parte dentro de duas horas. E podes crer que estou ansioso por partir. Mais uns dias como os últimos e ficaria maluco.

- Estás a falar de quê?

- Não tens lido jornais nem visto os noticiários?

- É claro que tenho lido jornais. Ainda não perdi um número do Boone Creek Weekly.

- Do quê?

- Não ligues - aconselhou Jeremy. - Nada de importante.

- Bom, como queiras; desde que partiste, nunca mais deixou de nevar - informou Alvin. - Neve da boa, material do Pólo Norte, em que até as renas do Pai Natal são inúteis. Manhattan está praticamente soterrada. Saíste daqui mesmo a tempo. Desde que partiste, este é o primeiro dia em que as companhias de aviação quase conseguem cumprir os horários. Para conquistar lugar num voo tive de meter cunhas. Como é que podes não saber disto?

Como o Alvin sugeriu, Jeremy ligou-se à Internet e procurou o canal de meteorologia. No mapa dos Estados Unidos, o Nordeste era todo ele um manto branco.

Quem é que ia adivinhar? " pensou.

Desculpou-se:

- Tenho andado muito ocupado.

- Não te preocupes a passar-me a perna. Somos amigos, recordas-te? O Nate tem andado em pânico por não conseguir entrar em contacto contigo, não lês jornais, não vês noticiários. Ambos sabemos o que isso significa. Ficas sempre assim quando arranjas uma nova conquista.

- Escuta, Alvin...

- É bonita? Aposto que é uma beleza, acertei? Consegues sempre encontrar o filão de ouro. Deixas-me doente.

Jeremy hesitou antes de responder, mas acabou por ceder. Se Alvin fosse ter com ele, não tardaria a saber, fosse como Fosse.

- Sim, é bonita. Mas não é o que estás a pensar. Somos apenas amigos.

- Pois, claro - anuiu, soltando uma gargalhada. - Contudo, entre as nossas concepções de amigas existe uma certa diferença.

- Desta vez, não - asseverou Jeremy.

- Ela não tem uma irmã? - indagou Alvin, a ignorar o comentário.

- Não.

- Mas tem amigas, ou não? E lembra-te de que não estou interessado na feia.

Jeremy sentiu que a dor de cabeça estava a regressar e o tom com que Alvin falava fê-lo atingir o limite.

- Não estou com disposição para isto, está bem?

Alvin fez uma pausa.

- Eh, o que é que se passa? - perguntou.

- Estou apenas a dizer umas piadas.

- Algumas das tuas piadas não têm graça.

- Gostas dela, não é? Quer dizer que gostas muito dela.

- Já te disse que somos apenas amigos.

- Não acredito. Estás a ficar apaixonado.

- Não.

- Escuta, companheiro, eu conheço-te; por isso, não vale a pena negares. E acho que é fantástico. Mas, infelizmente, se não quero perder o voo, tenho de desligar. O trânsito está miserável, como é provável que imagines. No entanto, estou ansioso por conhecer a mulher que conseguiu domesticar-te.

- Não fui domesticado - protestou Jeremy.

- Por que é que não ouves o que eu digo?

- Estou a ouvir. Até estou a ouvir coisas que não estás a dizer.

- Sim, está bem. Quando é que chegas?

- Julgo estar aí por volta das 19 horas. Então Falaremos. E, a propósito, cumprimenta-a em meu nome, está bem? Diz-Lhe que estou morto por conhecê-la, a ela e à amiga...

Jeremy desligou a chamada antes que Alvin conseguisse acabár de Falar e, como a dar ênfase à decisão, voltou a enfiar o telemóvel no bolso.

Não admirava que o tivesse mantido desligado. Devia ter sido uma decisão subconsciente, baseada no facto de que, por vezes, ambos os seus amigos mostravam tendência para o irritar. Primeiro o Nate, que parecia ter metido pilhas novas, na sua infindável busca da fama.

E agora este.

Alvin não fazia a mínima ideia daquilo que ele estava a querer dizer-lhe. Podiam ser amigos, terem passado muitas sextas-feiras juntos, a espreitarem mulheres por cima das canecas de cerveja, podiam ter falado da vida durante horas e, bem lá no fundo, o Alvin pensaria honestamente que tinha razão. Mas, não tinha, não podia ter.

AFinal, os factos falavam por si mesmos. Em primeiro lugar, embora tivessem passado muitos anos depois da última vez que Jeremy estivera apaixonado, ainda se recordava do que havia sentido das outras vezes. Teria, com certeza, reconhecido de novo o sentimento e, francamente, não sentia. E partindo do princípio de que mal acabara de conhecer a mulher, a ideia parecia completamente disparatada. Nem a sua mãe, uma italiana que se emocionava com facilidade, acreditava que o verdadeiro amor pudesse florescer de um dia para o outro. Tal como acontecia com os irmãos e as cunhadas, a mãe desejava ardentemente que ele se casasse e tivesse uma família; porém, se Lhe aparecesse à porta, a dizer que tinha conhecido uma pessoa dois dias antes e sabia que era a mulher que Lhe convinha, a mãe era capaz de lhe bater com a vassoura, praguejar em italiano e arrastá-lo para a igreja, convencida de que o filho cometera graves pecados e precisava de se confessar.

A mãe dele conhecia os homens. Casou com um, criou seis rapazes e tinha a certeza de ter aprendido tudo o que havia a aprender. Conhecia exactamente a maneira como os homens tendem a pensar quando se trata de mulheres, e embora se apoiasse no bom senso e não na ciência, tinha a certeza absoluta de que o amor não pode acontecer em apenas dois dias. O amor poderia despertar num período curto, mas o verdadeiro amor precisava de tempo bastante para se transformar num sentimento forte e duradouro. O amor era, acima de tudo, entrega, dedicação e a certeza de que passar anos em companhia de uma certa pessoa daria origem a algo de superior ao que ambos poderiam conseguir se continuassem separados. Contudo, só o tempo poderia mostrar se a escolha tinha sido a mais ajustada.

Por outro lado, a luxúria podia manifestar-se quase de imediato, razão que levaria a sua mãe a bater-lhe com a vassoura. Para ela, a luxúria era fácil de descrever: duas pessoas descobrem que são compatíveis, a atracção mútua aumenta e o primitivo instinto de preservação da espécie faz a sua aparição. Tudo resumido, embora a luxúria fosse uma possibilidade a ter em conta, não era possível que amasse a Lexie.

Assim mesmo. Caso encerrado. Alvin estava enganado, Jeremy tinha razão e, uma vez mais, a verdade tinha-o libertado.

Sorriu, satisfeito, durante alguns instantes, antes de a testa começar a enrugar-se.

E, no entanto...

Bem, havia um problema: também não sentia o ataque da luxúria. Naquela manhã, pelo menos. Pois, ainda mais do que abraçá-la e beijá-la, desejava simplesmente voltar a vê-la. Estar junto dela. Queria vê-la a rolar os olhos quando o ouvia dizer coisas ridículas, queria sentir a mão dela a pousar-lhe no braço, como sucedera no dia anterior. Queria vê-la a arrumar madeixas de cabelo atrás da orelha, um tique nervoso, e ouvi-la contar peripécias da infância. Queria interrogá-la acerca dos sonhos e esperanças que alimentava quanto ao futuro, conhecer os seus segredos.

Essa não era, porém, a parte mais estranha. O mais estranho era não conseguir descortinar um motivo para os seus impulsos. Como era óbvio, não recusaria se ela desejasse dormir com ele, mas, mesmo que Lexie não desejasse tal coisa, o estar junto dela seria suficiente, por agora.

No fundo, não encontrava um motivo, agora que as coisas tinham acontecido. Já tinha tomado a decisão de não voltar a colocar a Lexie na posição para onde a empurrara na noite anterior. Fora necessária muita coragem para ela dizer o que disse. Afinal, nos dois dias que tinham passado juntos, ainda nem sequer conseguira dizer-lhe que já tinha sido casado.

Contudo, se não podia estar apaixonado e não sentia desejo dela, o que é que sentia? Gostava dela? Claro que gostava, mas a palavra também não era suficiente para definir o que sentia. Era demasiado... vaga, de contornos pouco definidos. As pessoas gostam de gelados. Gostam de ver televisão. Não quer dizer nada e, nem de perto, servia para explicar por quê, em primeiro lugar, sentia a necessidade de contar a alguém a verdade acerca dos motivos do seu divórcio. Os irmãos não sabiam a verdade. No entanto, qualquer que fosse a razão, não conseguia afastar a ideia de que desejava contar tudo à Lexie; e agora não sabia onde havia de a procurar.

Dois minutos depois, o telemóvel tocou e ele reconheceu o número mostrado no ecrã. Embora sem disposição, sabia que tinha de atender; se não, o homem podia sofrer o rebentamento de uma artéria.

- Estou. O que é que se passa?

- Jeremy! - gritou Nate. Por causa da estática, Jeremy mal conseguia ouvi-lo.

- Grandes novidades! Nem te passa pela cabeça o que tenho andado a fazer. Isto está uma casa de doidos! Temos uma conferência por telefone com a ABC, às 14 horas.

- Fantástico - foi o único comentário de Jeremy.

- Espera. Não consigo ouvir-te. A chamada está horrível.

- Desculpa.

- Jeremy! Estás a ouvir-me? Não desligues!

- Sim, Nate, estou a ouvir...

- Jeremy! - gritou Nate, ignorando a resposta.

- Escuta, se estás a ouvir-me, vai a um telefone público e liga para mim. Carrega numa tecla se ouviste o que eu disse.

Jeremy premiu o 6.

- Excelente! Fantástico! Catorze horas! Sê igual a ti próprio! Isto é, põe de lado o sarcasmo. Esta gente parece bastante formal...

Jeremy desligou, a imaginar quanto tempo é que o Nate levaria a

descobrir que estava a falar sozinho.

Jeremy esperou. Depois, esperou um pouco mais.

Andou pela biblioteca, passou pelo gabinete da Lexie, espreitou pela janela à procura de sinais do carro dela, a sentir um crescente desconforto à medida que os minutos passavam. Tinha apenas um pressentimento, pois a ausência dela era totalmente inexplicável. Mesmo assim, fez o que pôde para se convencer do contrário. Disse para si mesmo que ela acabaria por aparecer, que provavelmente iria rir-se daqueles pressentimentos ridículos. Contudo, agora que dera a investigação por concluída, para além de poder ainda encontrar alguns relatos pertinentes, cuja leitura ainda não terminara, não sabia muito bem o que fazer a seguir.

O Greenleaf estava fora de questão, não queria passar lá mais tempo do que o estritamente necessário, embora começasse a gostar dos toalheiros feitos com animais empalhados. O Alvin não chegaria antes da noite e a última coisa que desejava fazer era andar às voltas pela vila, onde poderia ser caçado pelo presidente Gherkin. Também não queria passar o dia todo na biblioteca.

Na realidade, gostaria que a Lexie tivesse sido um pouco mais

específica no bilhete que deixou, que tivesse dado uma ideia de

quando contava regressar. Poderia até ter dito aonde ia. Mesmo depois de o ter lido três vezes, o bilhete continuava a não fazer sentido.

Teria a falta de pormenores sido inadvertida ou propositada? Tinha

de sair dali; era-Lhe difícil não pensar o pior.

Depois de reunir as suas coisas, desceu a escada e parou junto ao balcão de atendimento de leitores. A idosa voluntária estava mergulhada na leitura. Em frente dela, Jeremy pigarreou. Quando a senhora levantou os olhos ficou radiante.

- Como está, Mr. Marsh? Vi-o chegar, ainda cedo, mas pareceu-me preocupado; por isso nem lhe falei. Deseja alguma coisa?

Jeremy ajeitou as folhas dos apontamentos debaixo do braço, a parecer o mais desprendido possível.

- Sabe onde posso encontrar Miss Darnell? Deixou-me um bilhete a dizer que tivera de sair, mas não faço ideia de quando ela regressa.

- Interessante - comentou a voluntária -, ela já cá estava

quando entrei - acrescentou, a consultar o calendário que tinha em

cima da secretária. - Não tem qualquer reunião marcada, nem vejo

qualquer outro compromisso. Já foi ao gabinete dela? Talvez esteja

fechada por dentro. É frequente fazê-lo sempre que o trabalho começa a acumular-se.

- Já lá fui. Sabe se ela tem um telemóvel para eu poder contactá-la?

- Não tem, tenho a certeza disso. Disse-me que quando anda por

fora não gosta de ser incomodada.

- Bom... obrigado por tudo.

- Há mais alguma coisa em que eu possa ajudar?

- Não. Preciso da ajuda dela para o meu artigo.

- Lamento não poder ajudá-lo mais.

- Tudo bem.

- Já pensou procurá-la no Herbs? Pode lá estar para ajudar a

Doris nos preparativos para o fim-de-semana. Ou talvez tenha ido a

casa. O problema com a Lexie é nunca se poder prever seja o que for acerca dela.

- De qualquer das formas, obrigado. Se voltar, agradeço que a

informe de que andei à procura dela.

A sentir-se cada vez mais agitado, Jeremy abandonou a biblioteca.

Antes de se dirigir para o Herbs resolveu passar por casa da Lexie, onde reparou que as cortinas estavam corridas. não havia sinais do carro. Mesmo que o cenário não apresentasse nada de novo, voltou a sentir que algures havia algo de errado; a sensação de intranquilidade continuou a aumentar enquanto percorria o caminho de regresso à vila.

A azáfama matinal no Herbs tinha desaparecido; o restaurante estava naquele período indeFinido entre o pequeno-almoço e o almoço, quando o pessoal procedia à limpeza do que Ficara da última enchente e preparava tudo para a próxima. De momento, havia mais empregados do que clientes, eram quatro para um, pelo que não foi difícil descobrir que a Lexie também não estava ali. Rachel estava a limpar uma mesa e, logo que o viu, acenou- lhe com o pano.

- Bom dia, meu querido - cumprimentou ao aproximar-se. - É um pouco tarde, mas, se está com fome, tenho a certeza de que posso arranjar-lhe um pequeno-almoço.

- Não, obrigado - agradeceu, enquanto metia as chaves no bolso. - Não tenho muita fome. Mas é capaz de dizer- me se a Doris está por cá? Se ela puder dispor de um minuto gostaria de lhe falar.

- Regressou ao princípio, não é? - comentou, a sorrir e a fazer um sinal na direcção da cozinha. - Está lá atrás. Vou dizer-lhe que está aqui. E, a propósito, ontem à noite foi uma festa de arromba. As pessoas falaram de si durante toda a manhã, até o presidente passou por cá, a perguntar se tinha recuperado. Julgo que ficou desapontado por não o encontrar aqui.

- Eu gostei.

- Deseja café ou chá, enquanto espera?

- Não, obrigado.

A Rachel desapareceu pela porta dos fundos, para, instantes depois, aparecer a Doris, a enxugar as mãos ao avental. Tinha as faces enfarinhadas mas, mesmo de longe, Jeremy notou-Lhe os papos por baixo dos olhos e reparou que parecia mover-se mais devagar do que era habitual.

- Desculpe por lhe aparecer assim - disse, a apontar para si própria. - Apanhou-me com a mão na massa. A noite passada obrigou-me a atrasar um pouco os preparativos para o fim-de-semana, vai ser-me um bocado difícil recuperar antes da chegada das multidões de amanhã.

A recordar-se do que a Lexie Lhe tinha dito, Jeremy perguntou.

- Quantas pessoas é que espera para o Fim-de-semana?

- Quem sabe? O circuito costuma atrair umas duas centenas de pessoas, por vezes um pouco mais. O presidente alimenta a esperança de atrair um milhar à festa deste ano, mas é muito difícil calcular quantos poderão vir tomar o pequeno-almoço ou almoçar.

- Se o presidente estiver dentro da razão, trata-se de um enorme salto em relação ao ano passado.

- Bom, as estimativas dele valem o que valem. O Tom tem propensão para o optimismo excessivo, mas conseguiu criar um ambiente de insistência para que tudo esteja pronto a tempo. Além disso, mesmo que

não façam o circuito, as pessoas gostam de vir assistir à parada de sábado. Os Shriners não deixarão de andar por aí nos seus carros, como sabe, e as crianças adoram-nos. Também haverá uma exposição de animais, uma novidade deste ano.

- Parece fantástico.

- Seria melhor se não se realizasse a meio do Inverno. O Festival de Pamlico atrai sempre as maiores multidões, mas realiza-se em Junho e quase sempre temos um desses circos itinerantes durante o

fim-de-semana. São festivais capazes de lançar ou afundar um negócio. É uma canseira. Dez vezes superior à que vou sentir agora.

Ele sorriu.

- A vida nunca deixa de me espantar.

- Tem de tentar até encontrar. Tenho a estranha sensação de que gostaria de viver aqui.

Parecia que Doris estava a testá-lo e Jeremy não sabia muito bem como havia de responder-lhe. Por detrás deles, a Rachel estava a limpar uma mesa e a tagarelar com o cozinheiro instalado na outra ponta da sala. Ambos se riam com qualquer coisa que um deles tinha dito.

- Mas, de qualquer das formas - prosseguiu Doris, a libertá-lo do aperto -, estou satisfeita por ter vindo. A Lexie disse-me que lhe tinha mencionado o meu livro. Avisou-me de que o mais provável era o senhor não acreditar em nada do que lá está, mas, se quiser, pode consultá-lo. Tenho-o no escritório, nas traseiras.

- Gostaria de o ver. Ela disse que é um registo impressionante.

- Fiz o melhor que pude. Talvez não esteja à altura dos seus padrões, mais elevados, mas nunca me passou pela cabeça que acabasse por ser lido por outra pessoa.

- Tenho a certeza de que ficarei entusiasmado. Mas, por falar da Lexie, também foi por causa dela que aqui vim. Não a viu? Hoje não foi à biblioteca.

Doris acenou que sabia.

- Foi a minha casa esta manhã. Foi por isso que me lembrei de trazer o livro. Contou-me que o senhor viu as luzes na noite passada.

- Ambos as vimos.

- E então?

- Foram um espanto, mas, como disse, não se trata de fantasmas.

Olhou para ele, satisfeita.

- E parto do princípio de que já descobriu tudo; de contrário, não estaria aqui.

- Julgo que sim.

- Bom para si - comentou. Olhou por cima do ombro. - Desculpe ter de interromper a conversa, mas estou bastante ocupada; vou buscar o meu livro de apontamentos. Quem sabe? Talvez ainda Lhe apeteça escrever um artigo acerca dos meus espantosos poderes.

- Nunca se sabe. É provável.

Ao vê-la desaparecer no interior da cozinha, ficou a pensar na conversa. Tinha sido bastante agradável, mas curiosamente impessoal. E reparou no facto de Doris o ter deixado sem resposta quanto ao lugar onde a Lexie estaria. Nem sequer esboçara uma suposição, o que parecia sugerir que, por qualquer razão, a Lexie começara subitamente a não ser objecto de conversa. Não lhe soava bem. Viu-a aproximar-se de novo. Mostrava o mesmo sorriso agradável de sempre, mas desta vez, o sorriso de Doris pareceu provocar-Lhe um nó no estômago.

- Ora bem, se tiver perguntas acerca disto - começou, ao entregar-Lhe o livro de notas -, não hesite em telefonar. E está autorizado a fazer cópias, desde que o devolva antes de ir-se embora. Tem um valor muito especial para mim.

- Vou fazer como me disse - prometeu Jeremy.

Doris ficou em frente dele, em silêncio, e Jeremy teve a impressão de que aquela era a maneira de ela lhe fazer sentir que a conversa tinha

chegado ao Fim. Mas, ele, pelo contrário, não estava disposto a desistir com tanta facilidade.

- Oh, só mais uma coisa.

- O que é?

- Não se importa que eu devolva o livro à Lexie? Se a vir ainda hoje?

- Será óptimo - anuiu Doris. - Mas, em qualquer caso, eu estarei aqui.

Ao perceber o sentido evidente da resposta, o nó do estômago de Jeremy apertou-se um pouco mais.

- Ela contou-Lhe alguma coisa a meu respeito? Quando a viu esta manhã?

- Não disse muito. No entanto disse que era provável

que o senhor aparecesse por aqui.

- Pareceu-Lhe que ela estava bem?

Doris respondeu lentamente, como se procurasse escolher as palavras com todo o cuidado:

- Por vezes, a Lexie não é fácil de compreender. Portanto, não tenho a certeza de poder responder à sua pergunta. Mas tenho a certeza de que ficará bem, se é isso que pretende saber.

- Estava zangada comigo?

- Não, posso garantir que não. Não estava nada zangada.

Jeremy não replicou, ficou à espera de mais. No silêncio que se seguiu, ouviu a Doris respirar fundo. Pela primeira vez desde que se tinham conhecido, notou-lhe a idade nas rugas à volta dos olhos.

- Jeremy, eu gosto de si, como sabe - confessou Doris, com voz suave. - Mas está a colocar-me numa posição difícil. O que tem de compreender é que tenho de manter certas lealdades, uma delas com a Lexie.

- Isso significa o quê? - perguntou ele, a sentir a garganta seca.

- Significa que sei o que quer e o que está a perguntar-me, mas não posso responder-lhe. De uma coisa pode ter a certeza: se a Lexie quisesse que o Jeremy soubesse onde ela estava, ter-lhe-ia dito para onde ia.

- Ainda voltarei a vê-la? Antes de partir?

- Não sei. Acho que será ela a ter de tomar a decisão.

Ouvido aquele comentário, na cabeça de Jeremy começou a instalar-se a ideia de que a tinha perdido para sempre.

- Não percebo o motivo que a levou a fazer uma coisa destas - reflectiu.

Doris respondeu-lhe com um sorriso triste:

- Sabe, sim. Julgo que sabe.

Perdera-a.

Como se fossem um eco, as palavras continuavam a martelar-Lhe a cabeça. Enquanto conduzia o carro de regresso ao Greenleaf, tentava analisar friamente os factos. Não entrou em pânico. Nunca entrava em pânico. Por mais furioso que se sentisse, por mais que Lhe apetecesse pressionar a Doris para obter informações sobre o paradeiro da Lexie, limitara-se a agradecer-lhe a ajuda e encaminhara-se para o carro, como se não esperasse nada de diferente.

Além disso, conforme recordou a si mesmo, não havia motivos de pânico. Não acontecera nada de terrível à Lexie. Tudo se limitava ao facto de ela não querer voltar a vê-lo. Talvez devesse ter previsto aquela decisão. Tinha esperado demasiado dela, mesmo que ela tivesse, desde o início, tornado perfeitamente claro que não estava interessada.

Abanou a cabeça, a pensar que não devia admirar-se por ela ter desaparecido. Por muito moderna que fosse em certos aspectos, era conservadora noutros e, provavelmente, cansara-se dos avanços demasiado evidentes de que estava a ser alvo. Talvez Lhe fosse mais fácil deixar a vila do que ter de explicar o seu raciocínio a alguém como ele.

Então, como é que a situação poderia evoluir? Ela regressaria, ou não. Se voltasse, não havia problema. Porém, se não regressasse... bem, era

aqui que tudo começaria a ficar mais complicado. Poderia não fazer nada e aceitar a decisão dela, ou poderia tentar encontrá-la. E Jeremy achava que tinha um jeito especial para encontrar pessoas. Utilizando registos públicos, simples conversas e os sítios adequados da Web, aprendera a seguir a mais ténue das pistas directamente até à porta de quem procurasse. Duvidava, contudo, que algum daqueles meios viesse a ser necessário. Afinal, fora ela mesma a fornecer-lhe a resposta de que carecia, estava convencido de que sabia exactamente para onde ela fora. O que significava que podia resolver a situação como Lhe apetecesse.

Chegado a este ponto, teve de parar de novo.

Saber o que deveria fazer não Lhe resolvia o problema. Recordou-se de que tinha uma conferência por telefone dentro de horas, um passo importante para a definição da sua carreira e, se fosse agora à procura da Lexie, duvidava que conseguisse encontrar um telefone público quando chegasse a altura de precisar dele. O Alvin chegaria ao fim do dia - talvez a próxima noite fosse a última com nevoeiro - e embora o Alvin pudesse encarregar-se sozinho das filmagens, no dia seguinte teriam de trabalhar juntos. E não devia esquecer-se de que precisava de dormir um pouco; tinha pela frente outra longa noite e sentia-se cansado até aos ossos.

Por outro lado, não desejava que tudo terminasse assim. Queria ver a Lexie, tinha de a ver. Uma voz interior aconselhava-o a não se deixar dominar pelas emoções e, em termos racionais, não via que ir à procura da Lexie pudesse trazer-lhe qualquer benefício. Mesmo que conseguisse encontrá-la, era provável que ela o ignorasse ou, pior ainda, o achasse um maçador. Entretanto, era provável que o Nate tivesse um enfarte, Alvin ficaria encalhado e furioso, e ele Ficaria sem a história e com o futuro comprometido.

Portanto, a decisão era simples. Ao arrumar o carro em frente do seu quarto do Greenleaf, apontou-a a si mesmo. Analisados todos os dados da situação, a escolha era evidente. Afinal, não andara durante os últimos quinze anos a utilizar a lógica e a ciência sem aprender qualquer coisa.

Naquele momento, disse para si próprio, só Lhe restava fazer as malas.

# TREZE

Pois bem, admitia, era cobarde.

Não lhe era fácil de aceitar a ideia de que tinha fugido, mas não queria esquecer o facto de nos últimos dias não ter andado a pensar com a clareza devida, além de não se sentir obrigada a ser perfeita. A situação era fácil de imaginar: se tivesse continuado em casa, as coisas tenderiam a complicar-se ainda mais. Não interessava que gostasse dele e que Jeremy gostasse dela; de manhã, acordara com a certeza de que tinha de pôr termo à situação antes que fosse demasiado tarde, pelo que, quando parou o carro no caminho arenoso em frente da casa da praia, soube que ter vindo para ali tinha sido a decisão mais acertada.

A propriedade não tinha grande aspecto. A velha casa mostrava os estragos do tempo e perdia-se entre as ervas que a rodeavam. As pequenas janelas rectangulares com cortinas brancas estavam cobertas de uma película húmida e salgada, as paredes mostravam manchas acinzentadas, vestígios da fúria de uma dúzia de tufões. De certa forma, sempre havia considerado a casa da praia uma espécie de cápsula do tempo; a mobília tinha mais de vinte anos, os canos protestavam quando abria a torneira do chuveiro e tinha de usar fósforos para acender os bicos do fogão. Contudo, as recordações de parte da infância passada ali nunca deixavam de a acalmar; depois de arrumar os sacos de artigos de mercearia que comprara para o fim-de-semana, foi abrir as janelas para arejar a casa. Feito isso, agarrou numa manta e instalou-se na cadeira de baloiço colocada no alpendre traseiro, sem desejar mais nada do que olhar o oceano. O marulhar constante das ondas era calmante, parecia hipnótico, e quase teve de suster a respiração ao ver os raios de sol romperem por entre as nuvens e estenderem-se por sobre a água, como dedos apontados lá de cima.

Fazia o mesmo sempre que vinha ali. A primeira vez que viu os raios de luz romperem assim por entre as nuvens foi pouco depois de visitar o cemitério na companhia da Doris, era ainda uma menina, e pensara que os pais haviam encontrado uma outra forma de marcarem presença na vida dela. Como anjos enviados do céu, acreditava, para a protegerem, sempre

presentes mas sem intervirem, como se estivessem cientes de que a filha tomaria sempre as decisões mais acertadas.

Tivera necessidade de acreditar naquelas coisas durante muito tempo, simplesmente por serem frequentes as ocasiões em que a solidão Lhe pesava. Os avós foram sempre amáveis e maravilhosos mas, por muito que os amasse pelos seus cuidados e sacrifícios, nunca conseguira afastar totalmente a ideia de ser diferente das outras crianças. Os pais das amigas jogavam à bola com os filhos durante os fins-de-semana e pareciam jovens mesmo à luz difusa do interior da igreja pela manhã; ao observá-los, ficava a pensar se não lhe faltaria qualquer coisa.

Não eram pormenores que pudesse discutir com a Doris. Nem podia comunicar-lhe a sensação de culpa que deles resultava. Quaisquer que fossem as palavras que utilizasse, nunca deixaria de ferir os sentimentos da avó; tinha consciência disso desde tenra idade.

O sentimento de ser diferente deixara a sua marca. Não só nela mas também em Doris e começou a manifestar-se durante a adolescência. Se Lexie forçava os limites, era frequente que a avó fizesse vista grossa para evitar uma discussão, deixando que a neta acreditasse que podia ser ela a definir as suas próprias normas. Fora um pouco bravia quando era nova, fez asneiras e lamentava muitas delas, mas, por qualquer razão, modificara-se durante os anos passados na universidade. Na sua nova fase de vida, mais madura, adoptara a ideia de que a maturidade implicava calcular os riscos muito antes de ponderar a recompensa, que o sucesso e a felicidade tinham tanto a ver com a necessidade de evitar os erros como com a certeza de deixar uma marca na vida.

Sabia que na noite anterior estivera prestes a cometer um erro. Suspeitara que ele tentaria beijá-la e sentia-se satisfeita por ter sido tão resoluta quando Jeremy pretendeu entrar em sua casa.

Sabia que tinha ferido os sentimentos dele e lamentava que tivesse de ser assim. Porém, é provável que Jeremy não se tivesse apercebido de que o coração dela só acalmara depois de ele ter posto o carro em andamento, pois, em parte, ela desejava que ele entrasse, quaisquer que fossem as consequências. Sabia que era mau, mas não conseguiria evitá-lo. Pior ainda, enquanto andava às voltas na cama durante a noite anterior,

apercebeu-se de que poderia não ter forças para voltar a tomar a decisão acertada.

Agora que podia reflectir honestamente, achava que deveria ter previsto a situação. Com o evoluir da noite, dera consigo a compará-lo com o Avery e com Mr. Renaissance e, para grande surpresa sua, Jeremy aguentou bem as confrontações. Tinha a capacidade mental e o sentido de humor do Avery, e a inteligência e o charme de Mr. Renaissance, mas exibia níveis de autoconfiança superiores aus de qualquer deles. Talvez devesse registar o dia maravilhoso que passara, um dia como já não acontecia há muito tempo. Qual tinha sido o seu último almoço improvisado no campo? Quando é que se tinha sentado em Riker's Hill pela última vez? Ou visitado o cemitério depois de sair de uma festa, quando, em condições normais, teria ido directamente para a cama? Sem dúvida que a excitação e a sensação de inesperado Lhe tinham recordado os dias felizes em que acreditara que o Avery e Mr. Renaissance eram os homens dos seus sonhos.

Porém, enganara-se com qualquer deles, tal como estava a enganar-se agora. Sabia que Jeremy ia resolver o mistério naquele próprio dia - bem, talvez fosse apenas uma sensação, que ela tomava como uma certeza, pois a resposta encontrava-se num dos diários e tudo o que ele tinha a fazer era descobri-la - e não tinha dúvidas de que Jeremy Lhe pediria que comemorasse com ele a solução do mistério. Se tivesse Ficado na vila teriam passado juntos a maior parte do dia; e ela não queria que tal acontecesse. Uma vez mais, lá bem no fundo, porque desejava isso mesmo, sentia-se mais baralhada do que em qualquer outra altura, desde há muitos anos.

Quando Lexie a foi ver logo pela manhã, Doris apercebeu-se de tudo, mas não ficou surpreendida. Lexie sentia a exaustão à volta dos olhos e sabia que devia parecer uma ruína ao aparecer assim de repente. Depois de meter roupa para uns dias numa mala, tinha saído de casa sem sequer tomar duche; nem tentou explicar o que sentia. Mesmo assim, a avó limitou-se a acenar que compreendia quando Lexie a informou do que ia fazer. Cansada como se sentia, Doris pareceu compreender que, embora fosse responsável pelo início dos acontecimentos, não tinha previsto qual

poderia ser o resultado Final. Era o problema das premonições; poderiam ser exactas no imediato, mas para além disso mostravam-se imprevisíveis.

A vinda de Lexie para a casa da praia era inevitável, para Lhe preservar a sanidade mental, na falta de outros motivos; voltaria a Boone Creek logo que a vida regressasse à normalidade. Não tardaria muito. Dentro de poucos dias as pessoas deixariam de falar dos fantasmas, das mansões históricas e do forasteiro; e dos turistas de visita à vila Ficaria apenas a memória. O presidente da Câmara estaria de regresso ao campo de golfe, Rachel arranjaria namorados que lhe não convinham e Rodney talvez encontrasse uma maneira de, por acaso, encontrar a Lexie nas imediações da biblioteca, e suspiraria de alívio ao verificar que a relação deles poderia voltar ao que fora.

Talvez não fosse uma vida excitante, mas era a sua vida; não estava disposta a deixar que alguém, ou alguma coisa, viesse alterar o equilíbrio. Noutro lugar e noutra altura é provável que sentisse de maneira diferente, mas agora não fazia sentido seguir outra linha de pensamento: Sem deixar de observar o movimento da água, forçou-se a não imaginar o que poderia ter acontecido.

Sem sair do alpendre, aconchegou-se na manta. Era uma rapariga crescida e havia de ultrapassar aquela situação, tal como tinha ultrapassado as antecedentes. Disso tinha a certeza. Porém, mesmo a sentir-se confortada com aquela certeza, o rolar das ondas voltou a trazer à superfície os seus sentimentos em relação a Jeremy; precisou de toda a sua força de ânimo para conseguir reter as lágrimas.

De início tudo pareceu relativamente simples; correu ao quarto do Greenleaf enquanto ia elaborando o plano. Pegar no mapa e na carteira, para o que desse e viesse. Deixar o computador por não ir precisar dele. Tal como os apontamentos. Meter o livro da Doris na mala a tiracolo e levá-la consigo. Deixar um bilhete para o Alvin na recepção, mesmo que isso não agradasse ao Jed. Assegurar-se de que levava o carregador do telemóvel. E partir.

Não chegou a precisar de dez minutos para entrar, voltar a sair e pôr-se a caminho de Swan Quarter, de onde o barco de carreira o levaria a Ocracoke, uma aldeia nos Outer Banks. Daí, dirigia-se para norte, pela

Estrada 12, até Buxton. Calculava que tivesse sido aquele o caminho utilizado por ela e tudo o que teria de fazer era seguir-lhe as pegadas; chegaria junto dela em cerca de duas horas.

Mas embora a viagem para Swan Quarter estivesse a ser fácil, pois rolava por uma estrada sem curvas e vazia, deu consigo a pensar em Lexie e carregou no acelerador a fundo, para tentar esquecer o nervosismo. O nervosismo era apenas outra palavra para designar a sensação de pânico, mas ele não estava em pânico. Tinha orgulho nisso. No entanto, sempre que teve de diminuir o andamento, em lugares como Belhaven e Leechville, deu consigo a matraquear o volante com os dedos e a resmungar sozinho.

Para ele, era uma sensação nova e esquisita, que se tornava mais forte à medida que se aproximava do destino. Não saberia explicar porquê, mas também não estava disposto a analisar a conjuntura. Encontrava-se numa das poucas situações em que ia a voar com piloto automático, a fazer exactamente o contrário daquilo que a lógica aconselhava, a pensar apenas na reacção dela quando o visse.

Precisamente quando começava a encontrar explicações para a irracionalidade do seu comportamento, Jeremy encontrou-se na estação marítima, a olhar para um magricelas fardado, que mal levantou os olhos da revista que estava a ler. E ali soube que os barcos de carreira para Ocracoke não tinham um horário semelhante aos que fazem a ligação entre Staten Island e Manhattan, que perdera a última viagem daquele dia, o que significava voltar no dia seguinte ou cancelar por completo o plano, duas opções que não estava disposto a ter em conta.

- Tem a certeza de que não existe outra maneira de eu conseguir chegar ao farol do cabo Hatteras? - indagou, com o coração a aumentar de ritmo. - É importante para mim.

- Pode ir de carro, suponho.

- Quanto tempo é que levo?

- Depende da velocidade com que conduzir.

Obviamente, pensou Jeremy.

- Digamos que sou um condutor rápido.

O homem encolheu os ombros, como se aquela conversa estivesse a aborrecê

# QUATORZE

Lexie pestanejou, a tentar certificar-se de que o que estava a ver era real. Não podia ser ele, porque ele não poderia estar ali. Toda a ideia era tão estranha, tão inesperada, que teve a impressão de estar a ver a cena através dos olhos de qualquer outra pessoa.

Jeremy sorriu ao pousar o saco de viagem.

- Sabe, na realidade não devia olhar-me assim - afirmou. - Os homens gostam de mulheres que consigam ser mais subtis.

Lexie continuou a olhar para ele.

- Você - foi a única resposta.

- Eu - concordou Jeremy com um aceno.

- Está. aqui.

- Pois, estou aqui - voltou a concordar.

Na luz agora a desaparecer, Lexie semicerrou os olhos, enquanto Jeremy a considerava ainda mais bonita do que a mulher de que se recordava.

Ela hesitou, tentando encontrar um motivo para a presença dele ali.

- O que é que... Quero dizer, como é que...

- É uma história algo comprida - admitiu ele. Como ela não fizesse qualquer movimento para se aproximar, Jeremy fez um aceno na direcção do farol.

- É este o farol onde os seus pais se casaram?

- Recorda-se disso?

- Recordo-me de tudo - gabou-se, a martelar as têmporas com os dedos.

- Onde é que se casaram, exactamente?

Falava com um certo à-vontade, como que embrenhado na mais normal das conversas, o que concorria para tornar tudo ainda mais irreal aos olhos dela.

- Acolá - esclareceu, a apontar. - Do lado do oceano, perto da linha da maré.

- Deve ter sido bonito - reconheceu Jeremy, a olhar naquela direcção. - Todo este lugar é bonito. Percebo a razão que a leva a adorar este sítio.

Em vez de responder, Lexie respirou fundo, a tentar acalmar a turbulência das suas emoções.

- Jeremy, o que é que veio aqui fazer?

Houve um ligeiro silêncio, antes de ele responder.

- Não tinha a certeza de que fosse regressar. E apercebi-me de que, se desejava vê-la, o melhor que tinha a fazer era vir ter consigo.

- Mas, porquê?

Jeremy continuou a olhar para o farol.

- Presumi que não tinha outra opção.

- Não sei se percebo o que está a querer dizer-me.

Jeremy observou os pés, depois ergueu os olhos e sorriu, como quem pede desculpa.

- Para lhe ser franco, também passei a maior parte do dia a tentar perceber o mesmo.

Enquanto se mantiveram por perto do farol, o Sol foi descendo no horizonte, até que o céu tomou uma pouco convidativa cor acinzentada. A brisa, húmida e fria, agitava a superfície da areia e levantava a espuma à borda de água.

Lá longe, uma figura com um casacão pesado estava a alimentar as gaivotas, atirando ao ar pedaços de pão. A observar o homem, Lexie sentia que o choque provocado pela aparição de Jeremy começava a desvanecer-se. Em parte, queria estar zangada por ele ter ignorado o seu desejo de

estar só; por outro lado, o que era mais importante, sentia-se lisonjeada por ele ter vindo procurá-la. Avery nunca se preocuparia em vir atrás dela, nem tampouco Mr. Renaissance. O próprio Rodney nunca pensaria ir até ali e, até há poucos minutos, se alguém sugerisse que Jeremy faria tal coisa, só por si a ideia seria suficiente para fazer Lexie soltar uma gargalhada. Portanto, na cabeça de Lexie começava a assentar a noção de que Jeremy era diferente de todas as pessoas que conhecera até então, pelo que não deveria surpreender-se, fosse o que fosse que ele fizesse.

Lá mais adiante, os cavalos tinham começado a vaguear, arrancando uma folha aqui e outra mais adiante enquanto trotavam pela duna. A neblina costeira estava a avançar, a unir o mar e o céu. As andorinhas-do-mar bamboleavam-se perto da linha de água, a moverem as longas pernas semelhantes a caules, em busca de pequenos crustáceos.

No silêncio, Jeremy pôs as mãos em concha e soprou-Lhes, a tentar aquecê-las para não lhe doerem.

- Está zangada por eu ter vindo? - acabou por perguntar.

- Não - admitiu Lexie. - Surpreendida, mas não zangada.

Com isto, trocaram um ligeiro sorriso.

- Como é que conseguiu cá chegar? - perguntou Lexie.

Fez um sinal por cima do ombro, na direcção de Buxton.

- Apanhei uma boleia de uns pescadores que vinham nesta direcção - esclareceu ele. - Deixaram-me na marina.

- Deram-Lhe uma boleia, assim, sem mais nem menos.

- Exacto.

- Teve sorte. Na sua maioria, os pescadores são uns tipos muito rudes.

- Pode ser verdade, mas pessoas são pessoas - comentou Jeremy. - Embora não seja perito em psicologia, sou de opinião que qualquer pessoa, mesmo um estranho, consegue perceber quando um pedido é urgente; na maioria dos casos, as pessoas tomam a decisão correcta - acrescentou.

Ficou muito direito, a clarear a voz. - Porém, se isso não funcionar, ofereço-Lhes um pagamento.

A confissão fê-la sorrir.

- Deixe-me adivinhar. Deixaram-no liso, não foi?

Respondeu-Lhe com um sorriso tímido.

- Julgo que isso depende da perspectiva. De facto, pareceu-me muito dinheiro para uma viagem de barco.

- Naturalmente. É uma grande viagem. Só a gasolina custa um dinheirão. E depois temos o uso e o desgaste do barco...

- Falaram nisso.

- Sem esquecer, é claro, o tempo perdido e o facto de amanhã terem de começar a trabalhar ainda de madrugada.

- Também falaram nisso.

O último dos cavalos, lá longe, desapareceu por detrás da duna.

- Contudo, de qualquer das formas, chegou cá.

Ele acenou que sim, tão espantado quanto ela.

- No entanto, quiseram esclarecer-me de que se tratava de uma viagem só num sentido. Não mostraram qualquer intenção de esperar por mim; por isso, julgo que estou prisioneiro deste lugar.

Lexie ergueu uma sobrancelha.

- Ah, sim? Que medidas é que tomou para assegurar o regresso?

Jeremy presenteou-a com um sorriso travesso.

- Bem, acontece que conheço uma pessoa que está cá, pelo que estava a pensar na utilização do meu estonteante charme para a convencer a dar-me uma boleia para o regresso.

- E se eu tiver decidido ficar aqui durante algum tempo? Ou se lhe disser simplesmente que está por sua conta?

- Ainda não tinha chegado a essa parte do plano.

- E aonde é que tenciona ficar enquanto estiver fora da vila?

- Também ainda não tinha pensado nessa parte.

- Pelo menos, é honesto - admitiu Lexie, a sorrir.

- Mas, diga-me, o que é que faria se eu não estivesse aqui?

- Para onde é que poderia ter ido?

Ela desviou os olhos, a apreciar o facto de ele se recordar daquele pormenor. Lá longe, viu as luzes de uma traineira de apanha de camarão, a navegar a tão baixa velocidade que mais parecia parada.

- Tem fome? - perguntou.

- Estou esfomeado. Não comi durante todo o dia.

- Gostaria de jantar?

- Conhece algum lugar interessante?

- Estou a pensar num lugar bastante bom.

- Aceitam cartões de crédito? - indagou Jeremy. - Gastei todo o dinheiro para conseguir chegar aqui.

- Tenho a certeza de que conseguirei arranjar uma solução.

Voltando as costas ao farol, iniciaram o regresso pela praia, a caminhar pela areia dura junto à água. Existia entre eles um espaço que nenhum parecia disposto a cruzar. Em vez disso, de narizes vermelhos devido ao frio, caminhavam a olhar sempre em frente, como que impelidos para o lugar a que pertenciam.

Em silêncio, Jeremy recordou mentalmente a jornada que o levara até ali, a sentir uma súbita angústia ao pensar em Nate e em Alvin. Perdera a conferência por telefone, pois durante a travessia de Pamlico o telemóvel não teve rede, e pensava que devia ligar de um telefone fixo, logo que possível mas sem se sentir ansioso quanto a isso. Presumia que o Nate estivesse havia várias horas a trabalhar sob pressão à espera do seu telefonema, para, finalmente, entrar em órbita, mas Jeremy pensava

sugerir-Lhe a marcação da reunião com os produtores durante a semana seguinte, quando a história já estivesse delineada e apoiada em documentação visual, ideia que, suspeitava, constituía a verdadeira razão de ser da conferência telefónica. Se isso não se revelasse suficiente para lhes aplacar a ira, se a falta de uma simples chamada podia pôr termo à sua carreira ainda antes de ela ter começado, então, não tinha a certeza de estar interessado em trabalhar para a televisão.

E Alvin... Bem, esse era um caso um pouco mais simples. Não existia qualquer meio de Jeremy regressar a Boone Creek para se encontrar com ele naquela noite; chegara a essa conclusão na altura em que o barco o largou, mas Alvin tinha telemóvel, podia explicar-lhe o que estava a acontecer. O amigo não ficaria muito satisfeito por ter de trabalhar sozinho naquela noite, mas no dia seguinte acertariam tudo. Alvin era das raras pessoas que não deixava que alguma coisa o apoquentasse durante mais de um dia.

Porém, a ser honesto consigo próprio, admitiu que, de momento, não estava verdadeiramente interessado em qualquer daqueles problemas. Pelo contrário, tudo o que parecia interessar-Lhe era estar ao lado de Lexie, numa praia calma situada no meio de nada, e que enquanto caminhavam batidos pela brisa salgada, ela decidiu, calmamente, dar-Lhe o braço.

Lexie seguiu à frente e subiu os degraus gastos da velha casa, entrou e pendurou o casaco no bengaleiro existente ao lado da porta. Jeremy fez o mesmo com o seu e juntou-lhe a bolsa de cabedal. Ao vê-la caminhar à sua frente pela sala, Jeremy voltou a pensar como era bela.

- Gosta de massa? - perguntou Lexie, a interromper-lhe os pensamentos.

- Está a brincar? Fui criado a comer massa. Acontece que a minha mãe é italiana.

- Óptimo. Por que é o que tenciono fazer.

- Vamos comer aqui?

- Julgo que não há outra solução - respondeu ela, a falar por cima do ombro.

- Está sem dinheiro, recorda-se?

A cozinha era pequena, pintada de amarelo a ficar desmaiado, com papel de parede florido, a começar a descolar-se nas pontas, armários robustos e uma pequena mesa pintada, colocada junto da janela. Nas bancadas estavam os géneros de mercearia que Lexie tinha comprado no caminho. Do primeiro saco tirou uma caixa de Cleerios e um pão. Do seu lugar ao pé do lava-loiças, Jeremy viu-Lhe um pedaço de pele quando ela se pôs em bicos de pés para arrumar as coisas no armário.

- Precisa de ajuda? - indagou.

- Não, já está tudo, obrigada - agradeceu ao voltar-se. Depois de ajeitar a blusa, foi até junto do segundo saco e tirou de lá duas cebolas, juntamente com duas grandes latas de tomate San Marzano. - Mas não quer uma bebida, enquanto preparo isto? Se estiver interessado, tenho uma embalagem de seis cervejas no frigorífico.

Jeremy esbugalhou os olhos, a fingir-se chocado.

- Tem cerveja? Pensava que não bebia.

- É verdade.

- Para alguém que não bebe, uma embalagem de seis latas pode provocar grandes estragos - opinou, a abanar a cabeça, antes de prosseguir. - Se não a conhecesse, pensaria que tinha decidido fazer uma farra durante o fim-de-semana.

Lexie fulminou-o com o olhar; porém, como no dia anterior, havia nele algo de divertido.

- É mais do que suficiente para me aguentar durante um mês, se quer saber. Agora decida: quer ou não uma cerveja?

Ele sorriu, aliviado por aquele género de conversa já conhecido.

- Adorava, obrigado.

- Importa-se de ir buscá-la? Estou a fazer o molho.

Jeremy dirigiu-se ao frigorífico e tirou duas latas de Coors Ligt de uma embalagem de seis. Abriu uma lata, depois a outra e colocou uma à frente

dela. Quando Lexie olhou para a cerveja, ele encolheu os ombros, para dizer:

- Detesto beber sozinho.

Ergueu a cerveja numa saudação e ela imitou-o. Tocaram as latas, sem uma palavra. Encostado à bancada, ao lado dela, Jeremy cruzou uma perna sobre a outra.

- Só para que saiba, se precisar de ajuda, sou muito bom a rachar lenha.

- Não me esqueço - garantiu ela.

A sorrir, Jeremy perguntou:

- Há quanto tempo é que esta casa é da família?

- Os meus avós compraram-na logo que acabou a Segunda Guerra Mundial. Na altura a ilha não dispunha de uma única estrada. Tinha de se trazer o carro por cima da areia. Há algumas fotografias na sala que mostram como isto era.

- Importa-se que dê uma vista de olhos?

- Esteja à vontade. O jantar ainda não está pronto. Se quiser lavar-se antes de comer, tem uma casa de banho ao fundo do corredor. No quarto de hóspedes, à direita.

A andar à volta da sala, Jeremy foi analisando as imagens da vida rústica na zona costeira e reparou na mala de viagem de Lexie, deixada ao lado do sofá. Depois de hesitar por instantes, pegou na mala e seguiu pelo corredor. À esquerda, viu um quarto arejado, com uma grande cama em cima de um pedestal e coberta por uma colcha com motivos marinhos. As paredes estavam decoradas com mais fotografias dos Outer Banks. Partindo do princípio de que este era o quarto da Lexie, deixou a mala do lado de dentro, logo junto à porta. Atravessou o corredor e entrou no outro quarto. Decorado com temas náuticos, as cortinas de azul-escuro a proporcionarem um bonito contraste com as mesas-de-cabeceira e a cómoda de madeira. Ao colocar os sapatos e as peúgas aos pés da cama, tentou imaginar como seria dormir ali, a saber que a Lexie estava do outro lado do corredor.

Em frente do lavatório, viu-se no espelho e tentou, com as mãos, restituir uma aparência decente ao cabelo. Tinha a pele coberta de uma fina camada de sal e, depois de lavar as mãos, passou também água pela cara. A sentir-se um pouco melhor, regressou à cozinha e ouviu a letra melancólica dos Beatles na canção Yesterday, que provinha de um pequeno aparelho de rádio pousado no peitoril da janela.

- Já precisa de alguma ajuda? - inquiriu. Ao lado dela, viu uma travessa de tamanho razoável com salada; distinguiu pequenos pedaços de tomate e azeitonas.

Enquanto lavava a alface, Lexie apontou com a cabeça para as cebolas.

- A salada está quase pronta, mas quer fazer o favor de descascar aquelas cebolas?

- É para já. Também quer que as corte em cubos?

- Não, não é preciso. É só descascá-las. A faca está naquela

gaveta.

Jeremy tirou uma faca de carne e pegou nas cebolas que estavam em cima da bancada. Por momentos, trabalharam em silêncio, a

ouvirem a música. Enquanto acabava de lavar a alface e punha as folhas de lado, Lexie tentou ignorar que se encontravam muito próximos. Contudo, não conseguiu resistir à tentação de espreitar pelo canto do olho, de admirar o encanto natural de Jeremy, mais o plano constituído pelas coxas e pernas dele, os largos ombros, as maçãs do rosto elevadas.

Jeremy entregou-lhe uma cebola já sem pele, abstraído dos pensamentos dela.

- Está bem assim?

- Está muito bem.

- Tem a certeza de que não quer que a corte em cubos?

- Não. Se o fizesse estragaria o molho e eu nunca lhe perdoaria.

- Toda a gente corta as cebolas em cubos. Até a minha mãe italiana o faz.

- Mas eu não.

- Nesse caso, vai pôr estas grandes cebolas redondas no molho?

- Não, primeiro corto-as ao meio.

- Posso pelo menos fazer isso?

- Não, obrigada. Não me agradaria pô-lo daqui para fora - respondeu, a sorrir. - E, além disso, a cozinheira sou eu, recorda-se? Você limita-se a olhar e a aprender. Por agora, penso em si apenas como. aprendiz.

Jeremy olhou-a de soslaio. Desde que tinham saído do frio, o rosado das maçãs do rosto tinha desaparecido, deixando-lhe a pele fresca e com o seu brilho natural.

- Aprendiz?

Lexie encolheu os ombros.

- Que mais pode ser? Pode ter uma mãe italiana, mas eu fui criada por uma avó que experimentava toda e qualquer receita que Lhe aparecesse.

- O que fez de si uma especialista?

- Não, mas fez a Doris e, durante muito tempo, fui aprendiza. Aprendi por osmose e agora é a sua vez.

Jeremy pegou na segunda cebola.

- Diga-me, o que é que a sua receita tem de tão especial? Para além de incluir cebolas do tamanho de bolas de basquetebol, quero eu dizer?

Ela pegou na cebola descascada e cortou-a ao meio.

- Ora bem, como a sua mãe é italiana, já deve ter ouvido falar em tomate de San Marzano.

- É claro que sim. É uma qualidade de tomate originária de San Marzano.

- Pois, pois. Na realidade é o tomate mais doce e mais saboroso, especialmente para molhos. Agora, observe e aprenda.

Tirou um tacho do armário que havia por baixo do fogão e pousou-o a seu lado, depois rodou o botão do gás e acendeu o bico respectivo. A chama azulada despertou e ela pôs o tacho vazio em cima dela.

- Estou impressionado, até agora - comentou Jeremy, ao acabar de descascar a segunda cebola. Pegou na cerveja e voltou a encostar-se à bancada. - Devia ter um programa de culinária.

Ignorando-o, despejou as duas latas de tomate no tacho e juntou-Lhes um pacote de manteiga. Jeremy espreitou por cima do ombro dela e ficou a ver a manteiga a derreter-se.

- Parece saudável - observou.

- O meu médico sempre me disse que preciso de mais colesterol na minha dieta.

- Sabe que tem propensão a ser sarcástico?

- Já ouvi dizer - admitiu, a erguer a cerveja numa saudação. - Mas agradeço-Lhe que tenha reparado.

- Ainda não preparou a outra cebola?

- Sou o aprendiz, ou não sou?

Cortou-a também ao meio e acrescentou as quatro metades ao

molho. Com uma grande colher de pau, ficou a mexer o molho

durante algum tempo; quando a mistura começou a Ferver, baixou a altura da chama.

- Muito bem! - exclamou, com ar satisfeito, ao voltar para

junto do lava-loiça.

- Por agora estamos despachados. Ficará pronto dentro de hora e meia.

Enquanto ela lavava as mãos, Jeremy foi espreitar o tacho e franziu

a testa.

- É tudo? Sem alho? Sem sal e pimenta? Sem chouriço? Sem pedaços de carne?

Lexie abanou a cabeça.

- Apenas três ingredientes. É claro que

depois pomos o molho por cima do esparguete e, por fim, espalhamos queijo parmesão acabado de ralar.

- Isto não é lá muito italiano.

- Na verdade, é. É assim que se faz em San Marzano, há centenas

de anos. A propósito, San Marzano fica na Itália - respondeu, ao

fechar a torneira e a sacudir as mãos por cima do lava-loiça, para

acabar de as secar num pano da loiça. - Mas, como dispomos de algum tempo, vou-me arranjar antes de jantarmos. Isso significa que vai ficar sozinho durante um bocado.

- Não se preocupe comigo. Entretenho-me com qualquer coisa.

- Se quiser, pode tomar um duche. Vou arranjar-lhe toalhas.

Ainda a sentir o sal no pescoço e nos braços, não perdeu tempo a decidir-se.

- Obrigado. Excelente ideia.

- Dê-me apenas um minuto para lhe preparar tudo, está bem?

Sorriu e agarrou a cerveja ao encolher-se para passar, a sentir os

olhos dele fixados nas suas ancas. Tentou imaginar se ele estaria a sentir-se tão constrangido quanto ela.

Abriu a porta do armário que havia no final do corredor, agarrou num molho de toalhas e colocou-as em cima da cama do quarto de hóspedes. Por baixo do lavatório havia diversos champôs e um sabonete inteiro. Colocou-os à vista. Ao fazê-lo, viu-se no espelho e subitamente pareceu-lhe ver também a imagem de Jeremy, saído do duche, com a toalha

enrolada à volta do corpo. A imagem fê-la sentir o coração acelerar. Respirou fundo, a sentir-se novamente adolescente.

Ouviu-o a chamá-la.

- Eh, onde é que se meteu?

- Estou na casa de banho - respondeu, espantada por conseguir falar com uma voz tão calma.

- Estou a preparar tudo aquilo de que vai precisar.

Ele apareceu atrás dela.

- Por acaso, não haverá por essas gavetas uma máquina de barbear descartável?

- Não, lamento. Vou procurar também na minha casa de banho,

mas...

- Não é nada do outro mundo - replicou, a passar a mão pelo queixo. - Passarei a noite com este aspecto desmazelado.

Mesmo desmazelado serviria perfeitamente, pensou Lexie, a sentir-se corar. Rodando para ele não reparar, apontou os champôs.

- Use aquele que lhe agradar. E não se esqueça que a água quente leva algum tempo a aparecer, terá de ser paciente.

- Serei paciente. Mas queria pedir-Lhe para usar o seu telefone. Preciso de fazer umas chamadas.

Lexie acenou que sim.

- O telefone está na cozinha.

Ao passar por ele, sentiu-Lhe de novo o olhar, embora não se virasse para confirmar. Em vez disso, foi para o seu quarto, fechou a porta e quedou-se do lado de dentro, embaraçada pelos sentimentos loucos que a assaltavam. Não tinha acontecido nada, nada iria acontecer, disse para si mesma. Fechou a porta à chave, como se esperasse fechar também os pensamentos. E resultou, pelo menos durante algum tempo, até notar que Jeremy lhe trouxera a mala para o quarto.

Saber que ele tinha estado ali momentos antes criou nela uma tal sensação de expectativa interdita que, mesmo sem pensar, teve de admitir que tinha andado a mentir a si própria durante o tempo todo.

Depois do chuveiro, quando regressou à cozinha notou o odor do molho que fervia em cima do fogão. Acabou a cerveja, encontrou o balde do lixo por baixo do lava-loiça e atirou para lá a lata vazia, para, logo de seguida, ir ao frigorífico buscar outra. Na prateleira inferior viu um pedaço de queijo parmesão, de corte recente, e um frasco já aberto de azeitonas de conserva; ponderou a hipótese de roubar uma, mas decidiu não o fazer.

Encontrado o telefone, ligou para o escritório do Nate e foi atendido de imediato. Durante os primeiros vinte segundos manteve o auscultador afastado da orelha, dando tempo para o Nate desabafar e procurar acalmar-se; reagiu positivamente à proposta de Jeremy sobre a reunião da semana seguinte. Jeremy acabou a chamada com a promessa de voltar a ligar-lhe logo pela manhã.

Em contrapartida, foi impossível localizar o Alvin. Depois de marcar o número dele e ter ido parar ao voice-mail, esperou um minuto e tentou de novo, com o mesmo resultado. O relógio da cozinha indicava que eram quase 18 horas, pelo que presumiu que o Alvin estivesse algures, na estrada. Era provável que ainda houvesse hipótese de conversarem antes de ele sair naquela noite.

Sem mais nada para fazer e a Lexie perdida algures, saiu pela porta das traseiras e deixou-se ficar de pé no alpendre. O frio aumentara. O vento de intensidade crescente era frio e parecia picar, e embora não conseguisse ver o oceano, ouvia as ondas a rolar continuamente, com um som ritmado, fazendo-o entrar numa espécie de transe.

Passado algum tempo, voltou a entrar na sala às escuras. Espreitando para o corredor, viu um fio de luz por baixo da porta fechada do quarto de Lexie. Sem saber o que fazer, acendeu um pequeno candeeiro de leitura colocado perto da lareira. Com aquela luz que fazia as sombras projectarem-se pela sala, deu uma vista de olhos pelos livros arrumados na cornija da lareira, antes de se lembrar do que tinha na bolsa. Na pressa de chegar ali, ainda não passara os olhos pelo livro de apontamentos da

Doris; depois de o retirar da bolsa, levou-o consigo para a cadeira de repouso. Ao sentar-se, pela primeira vez passadas muitas horas, sentiu a pressão sobre os ombros a atenuar-se um pouco.

O lugar, reconheceu, era agradável. Não, era mais do que isso. Fazia-o desejar que a vida fosse sempre assim.

Antes, quando ouviu Jeremy passar junto do quarto, Lexie deixou-se Ficar junto da janela e bebeu um gole de cerveja, contente por ter à mão qualquer coisa para lhe acalmar os nervos.

Ambos tinham mantido a conversa na cozinha em tom superficial, a conservarem as distâncias até a situação se esclarecer. Lexie sabia que tinha de ser ela a estabelecer a linha de rumo quando regressasse à cozinha mas, ao pousar a lata de cerveja, apercebeu-se de que não pretendia manter as distâncias. Agora, já não.

Apesar de ciente dos riscos, tudo nele a fazia desejar a aproximação: a surpresa de o ver na praia a caminhar para ela, o seu sorriso fácil e o cabelo emaranhado, o olhar nervoso e infantil, naquele instante fora simultaneamente o homem que ela conhecia e aquele que desconhecia. Apesar de não querer admiti-lo, apercebeu-se de que desejava conhecer a parte dele que se mantivera afastada dos seus olhos, fosse o que fosse, levasse aonde levasse.

Dois dias antes, não imaginaria que aquela situação pudesse acontecer, em especial com um homem que mal conhecia. Já antes fora magoada e, agora, compreendia que tinha reagido à mágoa ao refugiar-se na segurança proporcionada pela solidão. No entanto, uma vida isenta de riscos também não era uma verdadeira vida, e, se pretendia introduzir-lhe alterações, aquela altura era tão boa como qualquer outra. Depois do chuveiro, sentou-se na borda da cama e abriu o fecho da mala para pegar num frasco de loção. Aplicou alguma nas pernas e nos braços, afagou a mão húmida pela parte superior do peito e pela barriga, a gozar o prazer que sentia na pele.

Não trouxera nada de elegante para vestir; logo pela manhã, na pressa de partir, apanhou as primeiras peças que encontrou; agora teve de remexer a mala até encontrar o seu par preferido de calças de ganga. Já muito desbotadas, rasgadas nos joelhos e com franjas nas bainhas. Mas as lavagens sucessivas tinham amaciado e tornado mais Fino o tecido, para

além de ter consciência de que aquelas calças lhe realçavam a figura. Sentiu um calafrio interior ao presumir que Jeremy não deixaria de reparar.

Vestiu uma blusa branca de mangas compridas, cuja fralda não se deu ao trabalho de meter nas calças, e arregaçou as mangas até aos cotovelos. Colocando-se à frente do espelho, abotoou a frente, deixando uma casa vazia para além do que era habitual, a revelar um pouco do espaço entre os seios.

Secou o cabelo com o secador eléctrico e alisou-o com uma escova. Quanto a maquilhagem, fez o melhor que pôde com os meios de que dispunha: aplicou um pouco de cor nas faces, lápis nas pálpebras e batom. Gostaria de ter perfume, mas sobre isso não havia nada a fazer.

Quando se sentiu pronta, enfiou a blusa no cós das calças, até lhe parecer bem, agradada do que estava a ver. A sorrir, tentou recordar-se da última vez em que achara que o bom aspecto era importante. Jeremy estava sentado na cadeira, com os pés levantados, quando ela saiu da casa de banho. Olhou-a e, por momentos, pareceu querer dizer qualquer coisa, mas não proferiu palavra, ficou-se pelo olhar.

Incapaz de deixar de a seguir com os olhos, de repente, percebeu por que fora tão importante voltar a encontrá- la. Não havia escolha, pois compreendeu que estava apaixonado por ela.

- Está com um aspecto... incrível - acabou por conseguir murmurar.

- Obrigada - respondeu, a notar a profunda emoção das palavras dele, a regalar-se com o efeito que tais palavras Lhe provocavam. Os olhos de ambos encontraram-se e nenhum os desviou e, naquele preciso momento, Lexie percebeu que a mensagem que lia nos olhos dele era o reflexo da que os seus próprios olhos estavam a enviar.

# QUINZE

Por momentos, nenhum deles pareceu capaz de reagir, até que Lexie respirou fundo e desviou o olhar. Ainda abalada, ergueu ligeiramente a lata de cerveja.

- Acho que estou a precisar de outra - admitiu, com um sorriso tímido. - Não quer mais uma?

Jeremy aclarou a voz.

- Já tenho uma. Obrigado.

De pernas a tremer, Lexie dirigiu-se para a cozinha e parou junto do fogão. Quando Lhe pegou para mexer o cozinhado, a colher de pau deixou uma mancha de tomate na bancada; depois de acabar, colocou a colher no mesmo sítio. Depois, abriu o frigorífico e tirou outra lata de cerveja, que colocou em cima da bancada, ao lado do frasco de azeitonas. Tentou abrir o frasco mas, devido à tremura das mãos, não conseguia reunir a força necessária para rodar a tampa.

- Precisa de ajuda? - indagou Jeremy.

Surpreendida, Lexie levantou os olhos. Não o ouvira chegar e duvidava de que não estivesse a mostrar na cara tudo aquilo que sentia.

- Se não se importa.

Jeremy tirou-Lhe o frasco das mãos e ela ficou a observar-Lhe os tendões fortes dos antebraços quando ele rodou a tampa do frasco. A seguir, ao reparar na lata de cerveja, abriu-a também e passou-lha para a mão.

Não a olhou nos olhos, nem pareceu querer dizer-lhe nada. Na quietude da cozinha, Lexie ficou a vê-lo encostar-se à bancada. A luz do tecto estava acesa mas, sem a concorrência da luz do final da tarde que se escoava pela janela, parecia mais suave do que quando ela tinha iniciado o cozinhado.

Lexie encheu a boca de cerveja e ficou a saboreá-la, a saborear tudo o que estava a suceder naquele início de noite: o seu aspecto e a maneira como se sentia, a maneira como ele a olhara. Estava suficientemente perto para estender a mão e tocar-lhe, e por um fugidio momento quase o fez, mas, em vez disso, voltou-se e foi abrir o armário.

Tirou de lá azeite e vinagre balsâmico e pôs pequenas quantidades de cada numa pequena tigela, juntando-lhe sal e pimenta.

- O cheiro é delicioso - comentou Jeremy.

Acabada de mexer a mistura, pegou no frasco das azeitonas e pôs algumas noutra tigela.

- Ainda temos uma hora antes de jantar - informou Lexie. Falar parecia-lhe contribuir para manter o equilíbrio.

- Como não contava ter companhia, as azeitonas têm de fazer o papel de acepipes. Se fosse Verão, proporia que comêssemos lá fora, no alpendre, mas já tentei em outras alturas do ano e faz muito frio. E devo avisá-lo de que as cadeiras da cozinha não são muito confortáveis.

- O que significa?

- Gostaria de se sentar na sala?

Ele foi à frente, parou junto da cadeira de repouso, pegou no livro de apontamentos da Doris e ficou a ver Lexie instalar-se no sofá. Colocou a tigela das azeitonas na mesa do café, depois mexeu-se um pouco até sentir-se confortável. Ao sentar-se a seu lado, Jeremy sentiu o odor do champô floral que ela tinha usado. Da cozinha, chegavam alguns sons fracos do rádio.

- Vejo que trouxe o livro da Doris - observou Lexie.

Ele assentiu.

- Doris emprestou-mo.

- O que é que acha?

- Ainda não consegui passar das primeiras páginas. Mas regista muito mais pormenores do que seria de esperar.

- Agora já acredita que ela tenha adivinhado o sexo de todos aqueles bebés?

- Não. Como já disse, ela poderia ter registado apenas aqueles casos em que acertou.

Lexie sorriu.

- E quanto ao aspecto das notas? Umas vezes a tinta, outras a lápis, dando por vezes a ideia de que eram tomadas à pressa e que noutras ocasiões dispunha de tempo de sobra.

- Não estou a dizer que o livro não pareça convincente - contrapôs Jeremy. - Quero apenas dizer que não acredito que ela pudesse prever o sexo dos bebés só por segurar as mãos das mães.

- Porque você o diz?

- Não. Porque é impossível.

- Não quererá antes dizer que é estatisticamente improvável?

- Não - teimou -, é impossível.

- Muito bem, Senhor Céptico. E quanto à sua história?

Jeremy começou a arranhar a lata de cerveja com o polegar.

- Vai bem. Porém, se pudesse, gostava ainda de dar mais uma vista de olhos a alguns dos diários arquivados na biblioteca. Talvez encontrasse qualquer pormenor para apimentar a história.

- Já descobriu o que é?

- Sim. Só falta reunir as provas. Espero que o tempo continue a cooperar.

- Vai cooperar - esclareceu Lexie.

- Espera-se que haja nevoeiro durante todo o fim-de-semana. Ouvi a previsão na rádio.

- Óptimo. No entanto, a parte desagradável é que a solução é muito menos interessante do que a da lenda.

- Nesse caso, valeu a pena vir até cá?

Ele acenou que sim e respondeu com toda a calma:

- Sem dúvida. Não perderia esta viagem por nada deste mundo.

Ao ouvi-lo falar naquele tom, Lexie percebeu exactamente aonde ele queria chegar. A apoiar o queixo na mão, pôs uma perna em cima do sofá, a apreciar aquela atmosfera de intimidade, o quanto ele a fazia sentir desejável.

- Então, o que é? - perguntou ao inclinar-se ligeiramente para diante.

- Pode dizer-me qual é a solução?

O candeeiro colocado por detrás dela provocava um débil halo à volta da cabeça dela, os olhos violeta brilhavam-lhe por baixo das pestanas escuras.

- Preferia mostrar-Lhe.

Lexie sorriu.

- Como, de qualquer maneira, terei de o levar de regresso, certo?

- Certo.

- E pretende regressar.

- Amanhã, se puder ser - acrescentou Jeremy, a tentar controlar o que sentia, a não desejar destruir aquela harmonia, a não querer exercer demasiada pressão, mas desejando apenas tomá- la nos braços. - Tenho de me encontrar com o Alvin. É um fotógrafo de Nova Iorque, meu amigo. Vem cá para dispormos de imagens feitas por um profissional.

- Vem a Boone Creek?

- Na verdade, deverá estar a chegar por esta altura.

- Agora mesmo. Não deveria estar lá?

- É provável - admitiu Jeremy.

Ela ficou a pensar no que ouvira, emocionada pelo esforço que ele fizera para vir até ali num dia daqueles.

- Muito bem - disse, à laia de conclusão.

- Poderemos apanhar o barco de carreira que sai muito cedo. É possível estarmos lá por volta das dez horas.

- Obrigado.

- E contam filmar amanhã à noite?

Ele acenou que sim.

- Deixei um bilhete a pedir ao Alvin que fosse ao cemitério ainda esta noite, mas há outro local onde temos de filmar. De todas as formas, amanhã vai ser um dia muito trabalhoso. Há ainda uns pormenores por acertar.

- E quanto à dança no celeiro? Penso que tínhamos um acordo, que eu dançaria consigo se o mistério estivesse solucionado.

Jeremy baixou a cabeça.

- Se puder, não deixarei de ir. Pode acreditar. Não há nada que eu deseje mais.

O silêncio desceu sobre a sala.

Passado algum tempo, Lexie perguntou:

- Quando é que regressa a Nova Iorque?

- No sábado. Na próxima semana tenho de assistir a uma reunião, em Nova Iorque.

Ao ouvir aquelas palavras, ela sentiu um baque no coração. Embora soubesse que tinha de ser, sentiu-se magoada por ouvi-lo dizer aquilo.

- De regresso à vida excitante, não é?

Ele abanou a cabeça.

- A minha vida em Nova Iorque não é assim tão atractiva. Passo a maior parte do tempo a trabalhar, quer em investigações, quer a escrever,

tudo tarefas solitárias. Na realidade, sinto-me só com muita frequência.

Lexie ergueu uma sobrancelha.

- Não tente que eu tenha pena de si, porque não estou disposta a acreditar nisso.

Jeremy olhou para ela.

- E se eu mencionasse os desgraçados dos meus vizinhos, sentiria pena?

- Não.

Ele riu-se.

- Pense como quiser, mas não vivo em Nova Iorque por causa da excitação. Vivo lá por ser onde está a minha família, por me sentir lá bem. Porque é o meu lar. Tal como Boone Creek é o seu lar.

- Percebo que faz parte de uma família unida.

- É verdade, somos muito unidos. Juntamo-nos quase todos os fins-de-semana, em casa dos meus pais, em Queens, para grandes jantaradas. Há uns anos, o meu pai sofreu um ataque cardíaco e foi-lhe difícil recuperar, mas adora esses fins-de-semana. É sempre uma barafunda: com os miúdos a correr, a mamã entretida a cozinhar, os meus irmãos e as mulheres reunidos no quintal das traseiras. É verdade que vivem todos por perto, por isso vão lá mais vezes do que eu.

Lexie bebeu outro gole, a tentar imaginar a cena.

- Parece agradável.

- E é. No entanto, por vezes é duro.

Ela olhou-o.

- Não compreendo.

Jeremy estava calmo, a rolar a lata entre os dedos.

- Por vezes, nem eu percebo.

Talvez fosse pelo tom em que disse aquilo, mas ela não conseguiu encontrar qualquer resposta; no silêncio, ficou a observá-lo intensamente, à espera que prosseguisse.

- Alguma vez teve um sonho? - perguntou Jeremy. - Em que desejasse ardentemente qualquer coisa e, quando a tinha mesmo ao alcance da mão, ela desapareceu?

- Toda a gente tem sonhos que não se concretizam - respondeu Lexie cautelosamente.

Os ombros dele dobraram-se um pouco para dentro.

- Pois, julgo que tem razão.

- Ainda não percebi bem o que está a tentar dizer-me - acrescentou ela.

- Há um pormenor sobre mim que desconhece - começou Jeremy, voltando-se para ela. - Na verdade, nunca o revelei a quem quer que fosse.

Perante aquelas palavras, ela sentiu os ombros rígidos e perguntou, ao mesmo tempo que se afastava ligeiramente:

- É casado?

Ele abanou a cabeça.

- Não.

- Então, anda com alguém em Nova Iorque. Assunto sério.

- Não, também não se trata disso.

Calou-se, mas ela teve a impressão de ver um ar de dúvida perpassar-lhe pelo rosto.

- Deixe lá - sugeriu. - De qualquer das formas, não é assunto que me diga respeito.

Jeremy acenou com a cabeça e forçou-se a sorrir.

- Na primeira tentativa esteve quase a acertar. Fui casado. E sou divorciado.

À espera de muito pior, ela quase soltou uma gargalhada de alívio, mas reprimiu-se ao reparar na expressão sombria dele.

- Chamava-se Maria. De início, fomos como o fogo e o gelo, ninguém conseguia perceber o que nós víamos um no outro. Porém, indo um pouco mais fundo, partilhávamos os mesmos valores e crenças acerca de todas as coisas da vida. Incluindo o desejo de termos filhos. Ela desejava quatro, eu queria cinco - explicou. Hesitou ao ver a expressão dela.

- Sei que, nos dias que correm, são muitos filhos, mas era uma situação a que estávamos habituados. Tal como eu, ela fazia parte de uma família numerosa - acrescentou. Nova pausa. - Não sabíamos da existência de um problema, mas, passados seis meses, Maria ainda não estava grávida; fomos fazer exames de rotina. Verificou-se que ela estava bem mas, por qualquer razão, eu não estava. Motivos não explicados, sem resposta possível. Apenas um daqueles percalços que por vezes acontecem. Quando ela descobriu, decidiu que não queria prosseguir com o casamento. E agora... quero dizer, adoro a minha família, adoro estar junto deles; contudo, quando lá vou, estou sempre a ser recordado de que não poderei ter uma família só minha. Penso que pode parecer esquisito, mas acho que teria de se meter na minha pele para conseguir saber o quanto eu desejava ser pai.

Quando ele concluiu, Lexie limitou-se a olhar, a tentar perceber o que acabava de ouvir.

- A sua mulher deixou-o por descobrir que você não poderia ter filhos? - indagou.

- Não de imediato. Mas, no fim, o motivo foi esse.

- E não há nada que os médicos possam fazer?

Ele pareceu embaraçado.

- Não. Isto é, não afirmaram que me era absolutamente impossível ser pai, mas não deixaram de acentuar que era provável que tal nunca viesse a acontecer. Para ela, foi o suficiente.

- E quanto à adopção? Ou a procurar um dador? Ou...

Jeremy abanou a cabeça.

- Sei que é fácil pensar-se que ela era uma mulher sem coração, mas isso não é verdade - esclareceu. - Para compreender tudo era preciso que a conhecesse. Cresceu com a ideia de ser mãe. E todas as irmãs estavam a conseguir ser mães e, se não fosse por minha causa, também ela teria conseguido ser mãe - acrescentou, a olhar para o tecto. - Durante muito tempo, não quis acreditar. Não queria crer que tivesse uma deFiciência, mas tinha. E sei que isto parece ridículo, senti-me menos homem. Como se não tivesse qualquer valor para quem quer que fosse.

Encolheu os ombros e prosseguiu, a falar agora com maior descontracção:

- Pois, podíamos ter recorrido à adopção; é claro que podíamos ter procurado um dador. Sugeri tudo isso. Mas ela nunca aceitou tais ideias. Queria engravidar, queria experimentar a sensação de dar à luz e não lhe passava pela cabeça que o marido não fizesse parte do processo. Depois disso tudo começou a ser diferente. Mas a culpa não Foi toda dela. Eu também mudei. Tinha acessos de mau humor... passei a viajar ainda mais por motivos profissionais... Não sei... se calhar fui eu que a afastei.

Lexie Ficou a observá-lo durante longos momentos.

- Qual a razão de me contar tudo isso?

Ele bebeu mais um gole e voltou a arranhar o rótulo da lata de cerveja.

- Talvez para que saiba o que a espera ao relacionar-se com um homem como eu.

Ao ouvir aquilo, Lexie sentiu o sangue a colorir-lhe as faces. Abanou a cabeça e olhou para o lado.

- Não diga coisas que não sente.

- O que é que a faz pensar que não as sinto?

Lá fora, o vento estava a aumentar de intensidade, Lexie conseguia ouvir o som fraco da campainha colocada atrás da porta.

- Porque é verdade. Porque não pode senti-las. Porque não têm a ver com a pessoa que você é, nada têm a ver com o que acaba de dizer-me. Acontece apenas que somos diferentes... você e eu não somos iguais, por

mais voltas que dê à questão. Você está lá em cima, eu cá em baixo. Tem uma grande família que vê com frequência, eu tenho apenas a Doris, que precisa de mim aqui, especialmente agora devido ao seu estado de saúde. Gosta de grandes cidades, eu prefiro as vilas pequenas. Tem uma profissão que adora e eu... bem, tenho a biblioteca e também a adoro. Se um de nós for forçado a substituir o que temos, aquilo que decidimos fazer das nossas vidas... - Fechou os olhos por momentos, e continuou: - Sei que é possível que algumas pessoas o façam, mas é uma tarefa difícil quando se trata de estabelecer uma relação. Foi você próprio quem disse que se apaixonou pela Maria por ambos partilharem os mesmos valores. Contudo, no nosso caso, um teria de se sacrificar. E, se não quero ser eu a sacrificada, não é justo que deseje que se sacrifique por mim.

Baixou os olhos e na quietude que se seguiu até podia ouvir-se o tiquetaque do relógio colocado por cima da lareira. O seu rosto adorável ensombrou-se de tristeza, enquanto ele se viu subitamente assustado ante a hipótese de a perder. Estendendo o braço, usou um dedo para voltar o queixo dela na sua direcção.

- E se eu afirmar que não se trata de um sacrifício? - indagou Jeremy. - E se eu disser que prefiro ficar consigo, em vez de voltar à minha antiga maneira de viver?

O dedo dele parecia carregado de electricidade. A tentar ignorar a sensação, tentou manter a voz firme.

- Então, eu diria que também passei dois dias maravilhosos. Que conhecê-lo foi... bom, espantoso. E que também eu gostaria de pensar que existe uma maneira de fazer que esta relação resulte. E que me sinto lisonjeada.

- No entanto, não está disposta a fazer nada para que resulte.

Lexie abanou a cabeça.

- Jeremy... eu...

- Tudo bem, eu compreendo.

- Não - replicou Lexie -, não compreende. Porque ouviu o que eu disse mas não ligou. Certamente que gostava que a relação entre nós

funcionasse. É inteligente, amável e encantador... - interrompeu-se, hesitou. - Pois bem, por vezes é um bocado atiradiço...

Apesar da tensão, ele não conseguiu evitar uma gargalhada. Ela prosseguiu, a escolher as palavras com cuidado.

- O motivo que me leva a contar isto é o facto de os dois últimos dias terem sido incríveis, mas no meu passado também houve episódios que deixaram mágoas - confessou. Em poucas palavras e calmamente, falou-lhe de Mr. Renaissance. Quando acabou mostrava uma expressão quase pecaminosa. - Talvez seja esse o motivo que me leva a encarar tudo isto com um ar tão prático. Não estou a dizer que vai desaparecer como ele, mas poderá dizer-me, honestamente, que continuaremos a sentir o mesmo um pelo outro se tivermos de fazer grandes viagens para estarmos juntos?

- Sim - respondeu Jeremy com voz firme. - Posso.

A resposta provocou-Lhe uma certa tristeza.

- Agora é fácil de dizer, e amanhã? E de aqui a um mês?

Lá fora, o vento assobiou ao rodopiar à volta da casa. Areia foi atirada contra as vidraças das janelas, as cortinas foram agitadas pelo ar que forçou a entrada pelos caixilhos gastos.

Jeremy encarou-a de frente, apercebendo-se uma vez mais de que a amava.

- Lexie - começou, a sentir a garganta seca -, eu...

Sabendo o que ele estava prestes a dizer, levantou as mãos para que parasse.

- Por favor, ainda não estou preparada para isso, está bem? Para já, limitemo-nos a apreciar o jantar. Pode ser? - pediu. Hesitou, antes de pousar suavemente a lata de cerveja na mesa. - Será melhor ir verificar como está o molho e acrescentar o esparguete.

Foi com uma certa sensação de amargura que Jeremy a viu levantar-se do sofá. Parando à porta da cozinha, Lexie voltou-se para o olhar de frente.

- E, só para que saiba, julgo que a sua ex-mulher agiu de uma forma horrível e que não é, nem de perto nem de longe, tão fantástica como a descreveu. Não se deixa o marido por um motivo desses; e o facto de ainda poder continuar a referir-se-lhe de uma maneira simpática demonstra que o erro foi dela. Acredite-me, eu sei o que significa ser um bom pai ou uma boa mãe. Ter filhos é cuidar deles, criá-los, amá-los e apoiá-los; nada disso tem a ver com o que se passou na cama durante uma certa noite, nem com a experiência da gravidez.

Rodou na direcção da cozinha e desapareceu. Quanto a ele, ficou a ouvir Billie Holiday a cantar na rádio a canção I'll Be Seeing You. A sentir um aperto na garganta, levantou-se para a seguir, a saber que se não aproveitasse aquele momento, talvez ele não voltasse a acontecer. De súbito, compreendeu que Lexie era a razão da sua vinda a Boone Creek, a resposta que sempre procurara.

Encostou-se à porta da cozinha e ficou a vê-la pôr mais uma panela ao lume.

- Obrigado por me ter dito o que disse - agradeceu.

- Não tem de quê - respondeu Lexie, a recusar-se a olhá-lo de frente. Ele sabia que ela estava a tentar ser forte perante a mesma emoção que ele próprio sentia e admirou-a, tanto pela paixão como pela discrição. No entanto, resolveu dar um passo na direcção dela, a saber que tinha de agarrar aquela oportunidade.

- É capaz de me fazer um favor? - pediu. - Como talvez não consiga chegar a tempo amanhã, importa-se de dançar comigo?

Espantada, Lexie levantou os olhos para o tecto, a sentir o coração a acelerar.

- Aqui? Agora?

Sem mais uma palavra, Jeremy aproximou-se mais e pegou-lhe na mão. Sorriu ao levar a mão dela aos lábios; beijou-Lhe os dedos e só depois Lhe soltou a mão. A seguir, de olhos fixos nos dela, pôs- Lhe a mão nas costas e puxou-a suavemente para si. Quando o polegar dele lhe começou a roçar pela mão e o ouviu sussurrar o seu nome, Lexie sentiu que se deixava levar.

A melodia ecoava suavemente quando começaram a dançar, a desenhar círculos lentos, e embora se sentisse embaraçada de início, acabou por se encostar a ele, a descansar no calor do corpo dele. A respiração de Jeremy aquecia-Lhe o pescoço e sentia-lhe a mão a empurrar-lhe as costas com suavidade; fechou os olhos e encostou-se mais, repousou a cabeça no ombro dele e sentiu desvanecer o que restava das suas reservas. Aquilo, compreendeu, era o que sempre procurara, e, na cozinha acanhada, iam-se movendo ao som da música suave, cada um perdido no outro.

Para lá das janelas, as ondas continuavam a rolar, a espraiarem- se em direcção às dunas. O vento frio assobiava à volta da casa, que desaparecia no negrume cada vez maior da noite. O jantar fervia lentamente no fogão.

Quando, por fim, ergueu os olhos para ele, Jeremy abraçou-a. Roçou-Lhe os lábios uma vez, e outra, antes de os esmagar com força. Depois de se afastar um pouco para ver se ela estava bem, voltou a beijá-la e ela retribuiu o beijo, a apreciar a força dos braços dele.

Sentiu a língua dele roçar-lhe pela pele, com a sua humidade embriagante, e levou-lhe a mão à cara, acariciando-lhe a barba dura das faces. Ele reagiu ao toque, beijando-a no rosto e no pescoço, a roçar-Lhe a pele com a língua quente.

Beijaram-se na cozinha durante muito tempo, cada um a saborear o outro sem pressas nem premências, até que Lexie se afastou. Voltou-se para apagar o fogão e, agarrando-o pela mão, conduziu-o para o quarto.

Amaram-se lentamente. Ao mover-se para cima dela, Jeremy sussurrou-lhe que a amava e disse-lhe o nome como se fosse uma prece. As suas mãos não tiveram descanso, como se quisesse provar a si mesmo que ela era de carne e osso. Ficaram na cama durante horas, a fazer amor e a rirem-se calmamente, a comprazerem-se com os toques mútuos.

Horas mais tarde, Lexie levantou-se e enfiou um roupão. Jeremy enfiou as calças de ganga e juntou-se-Lhe na cozinha, para finalmente acabarem de cozinhar o jantar. Depois de Lexie ter acendido uma vela, ele ficou a olhá-la através da chama, maravilhado com o ligeiro rubor das suas faces, a devorar o jantar mais delicioso que alguma vez provara. Por qualquer razão, o acto de comerem juntos na cozinha, ele de tronco nu e

ela nua por baixo do fino roupão, parecia ainda mais íntimo do que qualquer outra coisa que já acontecera naquela noite.

Mais tarde, voltaram para a cama e Jeremy puxou-a para si, satisfeito só por poder abraçá-la. Quando Lexie acabou por adormecer nos seus braços, Ficou a vê-la dormir. De vez em quando afastava-Lhe os cabelos dos olhos, a reviver o serão, convicto de ter encontrado a mulher com quem desejava passar o resto da vida.

Pouco antes de amanhecer, Jeremy acordou e notou a falta de Lexie. Sentou-se na cama, bateu nos cobertores como para ter a certeza, saltou para o chão e enfiou as calças. As roupas dela continuavam no chão, mas faltava o roupão usado durante o jantar. Fechando as calças, tremeu ligeiramente com o frio e cruzou os braços ao percorrer o corredor.

Encontrou-a na cadeira de repouso, perto da lareira, com um copo de leite pousado na mesinha colocada a seu lado. Tinha o livro de apontamentos da Doris no regaço, aberto quase nas primeiras páginas, mas não estava a ler. Em vez disso, olhava na direcção da janela escurecida, para coisa nenhuma.

Deu mais um passo na direcção dela, fazendo ranger as tábuas do soalho, ruído que a fez despertar.

- Olá - cumprimentou.

Na semi-obscuridade, Jeremy sentiu que algo não estava bem. Sentou-se ao lado dela, num dos braços da cadeira, e rodeou-lhe a cintura com um braço.

- Estás bem?

- Sim. Estou bem.

- O que é que estás aqui a fazer? Estamos a meio da noite.

- Não conseguia dormir - respondeu. E, além do mais, temos de nos levantar cedo para apanhar o barco de carreira.

Embora não inteiramente satisfeito com a resposta, Jeremy fez um aceno de concordância.

- Estás zangada comigo?

- Não.

- Lamentas o que aconteceu?

- Não, também não é isso - respondeu, mas sem acrescentar pormenores; Jeremy chegou-a mais para si, a tentar acreditar.

- Um livro interessante - comentou, a evitar pressioná-la. - Espero ter tempo suficiente para o poder ler.

Lexie sorriu.

- Há muito que não o folheava. Vê-lo aqui trouxe-me de volta algumas memórias.

- Como assim?

Ela hesitou, mas depois apontou a página que estivera a ler.

- Quando leste o livro, chegaste a esta nota?

- Não.

- Lê.

Jeremy leu a nota rapidamente; em vários aspectos, pareceu-lhe idêntica a outras. Os nomes dos pais, a idade de ambos e o tempo de gravidez da mulher. E a previsão de que a mulher ia ter uma menina. Quando acabou, ficou a olhar para ela.

- Significa alguma coisa para ti? - perguntou Lexie.

- Não percebo a razão da pergunta - confessou ele.

- Os nomes Jim e Claire dizem-te alguma coisa?

Ele perscrutou-lhe o rosto.

- Não. Deviam dizer?

Lexie baixou os olhos.

- Eram os meus pais - esclareceu, numa voz muito calma. - Esta é a entrada em que foi previsto que eu seria uma rapariga.

Jeremy ergueu as sobrancelhas com ar inquisidor.

- Era nisto que eu estava a pensar. Julgamos que nos conhecemos, mas nem sequer sabes os nomes dos meus pais. E eu não sei os nomes dos teus.

Ele sentiu um nó começar a formar-se no estômago.

- E isso preocupa-te? Pensares que não nos conhecemos suficientemente bem?

- Não - admitiu Lexie.

- O que me preocupa é não ter a certeza de que alguma vez os venha a saber.

Então, com uma ternura que fez doer o coração, Lexie abraçou-se a ele. Durante muito tempo ficaram sentados na cadeira, abraçados um ao outro, ambos a desejarem ficar assim para sempre.

# DEZESSEIS

- Credo, é este o teu amigo? - perguntou Lexie.

Fez um gesto discreto na direcção da cela. Embora tivesse passado praticamente toda a sua vida em Boone Creek, nunca tivera o privilégio de visitar a cadeia do distrito. Até hoje.

Jeremy assentiu.

- Normalmente não é assim - sussurrou.

De manhã cedo, tinham emalado as suas coisas e fechado a casa da praia, que ambos deixaram com relutância. Quando saíram do barco de carreira, em Swan Quarter, o telemóvel de Jeremy passou a dispor de rede para permitir a leitura das mensagens. Nate tinha deixado quatro, todas acerca da reunião projectada; Alvin, por sua vez, deixara um alerta angustiado, a dizer que tinha sido preso.

Lexie levou Jeremy até ao carro dele e ele seguiu-a no regresso a Boone Creek, desassossegado acerca do Alvin, mas preocupado também com a Lexie. O humor desconcertante dela, que tinha começado antes do nascer do dia, continuara durante as horas seguintes. Embora não o tivesse repelido no barco, quando Lhe pusera o braço à volta dos ombros, tinha-se mantido silenciosa, a olhar as águas de Pamlico Sound. Apenas esboçou um breve sorriso e não correspondeu quando ele Lhe acariciou a mão. Nem lhe voltara a falar no assunto anterior; e, ainda mais estranho, passou a falar dos diversos naufrágios registados ao longo da costa e, sempre que ele tentava uma conversa mais séria, mudava de assunto ou nem chegava a responder-lhe.

Entretanto, Alvin definhava na prisão da comarca, parecendo, pelo menos na opinião de Lexie, pertencer ao meio. Vestido com uma T-shirt preta dos Metallica, calças e blusão de cabedal, mais uma pulseira com tachas, Alvin encarou-os com um olhar desvairado e de faces vermelhas.

- Que raio de anedota de terra é esta? Será que acontece aqui alguma coisa que possa considerar-se normal? - resmungava, sem descanso, desde

o momento em que Lexie e Jeremy chegaram. Tinha os nós dos dedos brancos devido à força com que agarrava as grades de ferro.

- Olha lá, podes fazer o favor de me tirares daqui?

Rodney estava atrás deles, carrancudo, de braços cruzados, a ignorar Alvin, como tinha feito durante as últimas oito horas. O tipo lamuriava-se muito e, além disso, o ajudante estava muito mais interessado em Jeremy e Lexie. Segundo o Jed, Jeremy não usara o quarto naquela noite e Lexie também não ficara em casa. Poderia tratar-se de uma coincidência, do que tinha sérias dúvidas, pensando, isso sim, que tinham passado a noite juntos. O que não era nada bom.

- Havemos de encontrar uma solução - garantiu Jeremy, sem querer irritar Rodney ainda mais. Mostrara-se furioso quando Jeremy e Lexie apareceram.

- Conta-me o que aconteceu.

- O que aconteceu? - respondeu Alvin, a levantar a voz, com os olhos a mostrarem um brilho de louco. - Queres saber o que aconteceu? Já te conto o que é que aconteceu! Aconteceu que todo este lugar é uma porcaria! Primeiro, perdi- me ao tentar encontrar esta vila estúpida. Quero dizer, vinha a conduzir pela estrada, passei por um par de bombas de gasolina e continuei, está certo? Mas a seguir, aquilo parece alguma vila? Depois, andei horas perdido no meio de um pântano. Quando consegui descobrir a vila eram quase nove horas da noite. Seria de esperar que encontrasse alguém que me pudesse ensinar o caminho para o Greenleaf, não é? Qual seria a dificuldade? Vila pequena, o único lugar para ficar? Pois bem, perdi-me outra vez! E depois de um tipo da bomba de gasolina ter estado meia hora a metralhar-me os ouvidos...

- O Tully - explicou Jeremy, com um aceno de quem sabe.

- O quê?

- O tipo que falou contigo.

- Pois, não liguei... e depois de conseguir chegar ao Greenleaf, O gigante peludo que lá está, e não tem um ar muito amigável, parece lançar-

me um mau olhado, entrega-me o teu bilhete e enfia-me naquele quarto cheio de animais mortos...

- Todos os quartos são assim.

- Que se lixe! - resmungou Alvin.

- E, para além de tudo, nem te pus a vista em cima.

- Desculpa por não estar cá.

- Deixas-me acabar? - gritou Alvin. - Portanto, tudo bem, recebi o teu bilhete e segui as tuas instruções para chegar ao cemitério, certo? E cheguei lá mesmo a tempo de ver as luzes e foi fantástico, como sabes. Pela primeira vez, em muitas horas, não me senti chateado, certo? Portanto, fui até àquele lugar chamado Lookilu para beber um copo, parece que é o único estabelecimento aberto àquela hora. Há apenas um par de pessoas em toda a sala e meto conversa com esta rapariga chamada Rachel. Tudo a ser fantástico. Estávamos a entender-nos mesmo bem quando este tipo entra, a parecer que tinha acabado de engolir um pau... - berrou, a apontar Rodney, que sorriu sem mostrar os dentes. - Portanto, de qualquer das formas, um pouco mais tarde, fui para o meu carro e logo a seguir aparece este tipo a bater-me na janela com a lanterna e a mandar-me sair do carro. Perguntei- Lhe qual o motivo e ele mandou-me outra vez sair. E começa a perguntar-me o que é que eu tinha bebido e dizer que não devia estar em condições de conduzir. Foi então que lhe disse que estava bem e que trabalhava contigo e a próxima coisa de que me lembro é de estar metido atrás das grades para passar a noite! Ora bem, tira-me daqui!

Lexie olhou por cima do ombro:

- Rodney, foi assim que aconteceu?

O ajudante pigarreou.

- Até certo ponto. Mas ele está a esquecer-se da parte em que disse que eu era um chui grande e estúpido, que me havia de processar por abuso de autoridade se não o deixasse ir em paz. Pareceu-me tão irracional que pus a hipótese de estar drogado ou de poder tornar-se violento; trouxe-o para aqui para sua própria segurança.

- Estava a abusar! Eu não tinha feito mal nenhum!

- Tinha bebido e estava a preparar-se para conduzir.

- Duas cervejas! Bebi duas cervejas! - bradou Alvin, a dar novas indicações de desequilíbrio nervoso. - Pergunte ao dono do bar! Ele diz-Lhe!

- Já o fiz - contrapôs Rodney -, e ele disse-me que lhe serviu sete bebidas.

- O tipo está a mentir! - berrou Alvin, a esbugalhar os olhos na direcção de Jeremy. Olhava por entre as grades, em pânico, com o rosto entre as mãos. - Duas bebidas! Juro, Jeremy! Nunca conduziria se tivesse bebido demasiado. Juro pela saúde da minha mãe!

Jeremy e Lexie olharam ambos para Rodney. Este encolheu os ombros.

- Apenas cumpri o meu dever.

Alvin berrou de novo:

- O seu dever! O seu dever! Prender pessoas inocentes! Estamos na América e aqui não se pode fazer isso! Mas o caso não vai terminar assim! Quando eu lhe fizer a cama, nem conseguirá um lugar de vigilante de supermercado! Está a ouvir! Chui! Nem no supermercado!

Era óbvio que ambos teriam passado a maior parte da noite naquele jogo.

Finalmente, Lexie sussurrou:

- Deixa-me falar com o Rodney.

Logo que ela saiu na companhia do ajudante, Alvin quedou-se em silêncio.

- Vamos tirar-te daqui - prometeu Jeremy.

- Em primeiro lugar, nunca deveria ter cá entrado!

- Eu sei. Mas também não estás a ajudar-te a ti mesmo.

- Ele anda a perseguir-me!

- Pois anda. Deixa a Lexie tratar do caso. Ela resolve tudo.

No corredor, Lexie interpelou Rodney:

- O que é que está realmente a acontecer? - perguntou.

Rodney não conseguiu olhá-la de frente; em vez disso, continuou a olhar na direcção da cela.

- Onde é que estiveste na noite passada?

Lexie cruzou os braços.

- Estive na casa da praia.

- Com ele?

Ela hesitou, à procura de uma forma de lhe responder.

- Não fui com ele, se é isso que queres saber.

Rodney assentiu, a ver que não obtivera uma resposta completa, mas, subitamente, a aperceber-se de que também não queria saber mais.

- Por que motivo é que o prendeste? Sê franco.

- Não pensava fazê-lo. Foi ele que provocou a situação.

- Rodney.

Voltou-se para a amiga:

- Ele estava a meter-se com a Rachel e sabes como ela fica quando bebe: só pensa em namorar, sem qualquer vestígio de bom senso. Quero dizer, não tenho nada a ver com isso, mas alguém tem de tomar conta dela - explicou. Depois de uma pausa, prosseguiu: - Fosse como fosse, quando ele se preparava para ir-se embora, fui falar com o tipo, queria saber se ele estava a pensar em seguir para casa dela, perceber que espécie de homem ele era, mas comecei por ser insultado. E eu também não estava nada bem-disposto.

Lexie conhecia o motivo e não disse nada quando Rodney deixou a frase em meio. Passados instantes, Rodney abanou a cabeça, como se ainda procurasse justificar-se perante si próprio.

- No entanto, há que ter em conta que ele tinha bebido e estava a preparar-se para conduzir. O que é ilegal.

- A percentagem de álcool estava além do limite?

- Não sei. Nunca me dispus a verificar isso.

- Rodney! - repreendeu Lexie.

- Lexie, ele fez-me zangar. É grosseiro e tem mau aspecto, meteu-se com a Rachel e chamou-me nomes, depois disse que trabalhava com aquele tipo... - confessou, a indicar Jeremy com um movimento de cabeça.

Lexie colocou-lhe a mão no ombro.

- Ouve, Rodney, está bem? Sabes que vais meter-te em trabalhos se o mantiveres aqui sem motivo. Especialmente com o presidente da Câmara. Se, depois de todo o trabalho que teve para se assegurar de que o artigo seja favorável, ele descobre o que fizeste ao fotógrafo, arranja-te um sarilho. - Parou uns momentos, para que o ajudante pudesse reflectir. - Além disso, sabes que quanto mais depressa o soltares, mais depressa eles os dois poderão ir-se embora.

- De verdade, pensas que ele está preparado para partir?

Lexie olhou Rodney nos olhos.

- Têm viagens marcadas para amanhã.

Pela primeira vez, o ajudante não desviou o olhar.

- Vais com ele?

Foi preciso algum tempo para ela encontrar a resposta que tinha procurado durante toda a manhã.

- Não - sussurrou -, Boone Creek é a minha terra. É aqui que vou permanecer.

Dez minutos depois, flanqueado por Jeremy e Lexie, Alvin estava livre e seguia em direcção ao parque de estacionamento. Rodney Ficara à porta da cadeia comarcã, a vê-los ir.

- Não digas seja o que for - voltou a aconselhar Jeremy, a agarrar Alvin por um braço. - Limita-te a caminhar.

- Não passa de um rústico com uma arma e um crachá!

- Não, nada disso - repreendeu Lexie com voz firme. - É um bom homem, seja o que for que você pense.

- Prendeu-me sem motivo!

- E também zela pela segurança de quem vive aqui.

Chegaram junto do carro e Jeremy indicou a Alvin o banco traseiro.

- Isto não Fica assim - resmungou Alvin, a repisar no mesmo. Vou queixar-me ao procurador. Este gajo tem de ser despedido.

- O melhor que tem a fazer é esquecer o episódio - aconselhou Lexie, a olhá-lo pela porta aberta do carro.

- Esquecer? Está maluca? Sabe perfeitamente que ele fez asneira!

- Pois fez. Mas como não houve acusação formal, vai esquecer-se, quer queira quer não.

- Quem é você para me dizer o que devo fazer?

- Sou a Lexie Darnell - respondeu, a acentuar o sotaque. - E não sou apenas amiga do Jeremy, pois também tenho de viver aqui com o Rodney e não minto quando afirmo que me sinto bastante mais segura por tê-lo por cá. E todos os habitantes da vila sentem o mesmo. Quanto a si, vai-se embora amanhã e o ajudante não vai voltar a incomodá-lo - acrescentou, a sorrir.

- Além de que, é justo que o admita, quando regressar a Nova Iorque vai ter uma história das Arábias para contar.

Alvin ficou a olhar para ela, sem querer acreditar no que ouvia; acabou por se voltar para Jeremy, a indagar: - É esta?

Jeremy acenou que sim.

- É bonita - comentou.

- Talvez um bocadinho mandona, mas bonita.

- Melhor ainda, cozinha como uma italiana.

- Tão bem como a tua mãe?

- Talvez melhor.

Alvin fez um aceno e calou-se por momentos.

- Acho que lhe dás razão quando me aconselha a não falar mais do caso.

- Pois acho. Ela compreende esta terra melhor do que eu e do que tu; além de que ainda não me deixou ficar mal.

- É inteligente, então?

- Muito - concordou Jeremy.

Alvin fez um sorriso maldoso.

- Acho que vocês passaram a noite juntos.

O amigo não respondeu.

- Tem de ser extraordinária...

- Bem, não se esqueçam que ainda aqui estou! - interrompeu Lexie. - Ainda não perceberam que tenho de ouvir toda a vossa conversa?

- Desculpa - pediu Jeremy. - Sabes, são os velhos hábitos.

- Podemos seguir? - inquiriu Lexie.

Jeremy olhou para Alvin, que parecia estar a pensar o que deveria fazer.

- É claro que sim - respondeu, com um encolher de ombros. - E mais, vou esquecer-me de tudo o que aconteceu. Com uma condição.

- Qual é? - indagou Jeremy.

- Toda esta conversa sobre comida italiana fez-me fome e desde ontem que não como. Paguem-me o almoço e esqueço-me de tudo, além de lhes contar como decorreram as filmagens de ontem à noite.

Mesmo cansado por não ter dormido, antes de voltar para dentro, Rodney Ficou a vê-los afastarem-se. Sabia que não devia ter prendido o homem, mas, mesmo assim, não se sentia muito mal por isso. Tudo o que pretendera fora exercer um pouco de pressão, mas o tipo começara a dizer asneiras e a mostrar-se arrogante...

Coçou o alto da cabeça, não querendo pensar mais no assunto. Caso arrumado. Só não podia garantir se a Lexie e Jeremy tinham passado a noite juntos. Suspeitar era uma coisa, ter provas era outra, e notou a maneira como tinham agido momentos antes. Diferente da forma como se tinham comportado na festa da outra noite, um indicador de que algo se tinha alterado entre os dois. No entanto, não tivera a certeza antes de ouvir a maneira ardilosa como ela tentara responder-Lhe sem dar resposta. Nãofui com ele, se é isso que queres saber.

Não, desejara dizer-lhe, não lhe tinha perguntado aquilo. Tinha perguntado se, na noite anterior, ela tinha estado na praia com o Jeremy. Contudo, a resposta vaga fora suficiente; não era preciso ser um génio para perceber o que tinha acontecido.

A certeza fê-lo sentir-se mal; pensou, uma vez mais, que gostaria de a compreender melhor. No passado, tinham vivido situações em que se sentira prestes a descobrir a forma de lidar com ela, mas este novo caso... bem, vinha provar o contrário, não vinha? Como é que ela deixou que voltasse a acontecer? Como é que podia ter-se esquecido do primeiro forasteiro que passara pela cidade? Já não se recordaria da depressão em que caiu? Não saberia que iria ficar novamente magoada?

Lexie tinha forçosamente de saber aquelas coisas, pensou, mas deveria ter decidido, pelo menos durante uma noite, que não ligava às consequências. Não fazia qualquer sentido mas ele, Rodney, começava a estar cansado de se preocupar com o assunto. Estava cansado de ser magoado por ela. Continuava, é claro, a amá-la, mas já lhe dera tempo mais do que suficiente para que percebesse o que sentia por ele. Chegara a altura, reflectiu, de Lexie tomar uma decisão.

Com a fúria a desvanecer-se, Alvin parou à entrada do Herbs quando viu o Jed sentado a uma das mesas. Jed enrugou a testa e cruzou os braços

quando viu o Jeremy, a Lexie e o Alvin tomarem lugar numa mesa perto da janela da frente.

- O nosso amigo recepcionista não parece muito contente por nos ver - sussurrou Alvin, inclinado sobre a mesa.

Jeremy olhou-o de relance. Os olhos do Jed eram duas fendas estreitas.

- Meu Deus, que estranho. Um homem que sempre se mostrou tão simpático. Deves ter feito alguma coisa que o desgostou.

- Não fiz coisa alguma. Limitei-me a preencher a ficha.

- Talvez não goste do teu aspecto.

- O que é que o meu aspecto tem de estranho?

Lexie ergueu uma sobrancelha, como quem pergunta: Não estarás a brincar?

Jeremy pareceu pensar em voz alta:

- Não sei. Talvez não goste dos Metallica.

Alvin deu uma olhadela à T-sirt, para dizer:

- Que se lixe!

Jeremy piscou um olho a Lexie; embora lhe respondesse com um sorriso, mostrava uma expressão ausente, como se tivesse a cabeça bem longe dali.

- A filmagem de ontem correu optimamente - informou Alvin, ao estender a mão para a ementa. - Apanhei tudo de dois ângulos diferentes e revi o filme ontem à noite. Material espantoso. As cadeias de televisão vão adorá-lo. O que me faz recordar que tenho de telefonar ao Nate. Como não conseguiu contactar-te, passou toda a tarde a ligar para mim. Não percebo como é que consegues aturar aquele tipo.

Vendo o olhar perplexo de Lexie, Jeremy inclinou-se para ela, a esclarecer:

- Está a falar do meu agente.

- Esse também vem cá?

- Não. Está demasiado ocupado com a minha futura carreira. E, além disso, fora da cidade não saberia o que fazer. É o género de pessoa que acha que o Central Park devia ser loteado para construção de apartamentos e centros comerciais.

Lexie respondeu com um sorriso fugidio.

- Então, quanto a vós? - indagou o Alvin. - Como é que se conheceram?

Como Lexie não mostrasse vontade de Lhe responder, Jeremy agitou-se na cadeira.

- Lexie é bibliotecária e tem-me ajudado na investigação - esclareceu, o mais vagamente possível.

- E têm passado algum tempo juntos, é isso?

Pelo canto do olho, Jeremy viu Lexie olhar para o outro lado.

- Fiz uma investigação exaustiva.

Alvin olhou para o amigo, a sentir que havia ali qualquer pormenor que lhe escapava. Parecia que houvera uma zanga de namorados, que estava ultrapassada, mas que ambos estavam ainda a tentar sarar as feridas. O que era demasiado para ter acontecido numa única manhã.

- Bem... óptimo - concluiu, decidido a deixar o assunto morrer, para já. Em vez de prosseguir com a conversa, ficou a olhar para a lista, enquanto Rachel se saracoteava a caminho da mesa deles.

- Olá, Lex, olá, Jeremy - foi saudando ao aproximar-se.

- Olá, Alvin.

Alvin levantou os olhos, surpreendido:

- Rachel!

- Julgo ter percebido que vinhas cá tomar o pequeno-almoço - admoestou.

- Estava quase a desistir de te ver.

Ele olhou para Jeremy e Lexie.

- Desculpa. Acho que adormeci.

Metendo a mão no bolso do avental, Rachel empunhou o caderninho das encomendas, para de seguida recuperar o lápis que prendera

na orelha. Molhou a ponta do lápis com a língua.

- Ora bem, o que vos vou trazer?

Jeremy pediu uma sanduíche; Alvin pediu caldo de marisco e

também uma sanduíche. Lexie abanou a cabeça.

- Não tenho fome. A Doris está por aí?

- Não, hoje não veio. Sentia-se cansada e resolveu tirar uma folga.

Ontem trabalhou até tarde, a preparar as coisas para o fim-de-semana.

Lexie tentou perceber mais através da expressão dela.

- É verdade, Lex - acrescentou Rachel, com voz grave. - Não há motivo para te preocupares. Ao telefone, pareceu-me estar bem.

- De qualquer maneira, será melhor eu ir verificar - decidiu.

Antes de se levantar, olhou à volta da mesa, como quem espera

aprovação. Rachel desviou-se para a deixar passar.

- Queres que vá contigo? - perguntou Jeremy.

- Não, não é necessário. Tens o trabalho à tua espera e eu também tenho umas coisas a fazer. Queres ir à biblioteca, mais tarde?

Pretendes acabar de ler os diários, não é?

- Acho que sim - respondeu Jeremy, estupefacto com o desprendimento que notava na voz dela. Preferia passar o resto do dia com ela.

- E se nos reuníssemos lá por volta das quatro horas? - sugeriu Lexie.

- Acho óptimo. Mas informa-me do que se passa, está bem?

- Como a Rachel disse, julgo que vou encontrá-la bem. Mas, se não te importas, vou buscar o livro de apontamentos dela ao banco traseiro do carro.

- Sim, claro.

Olhou para Alvin:

- Alvin, foi um prazer conhecê-lo.

- O prazer foi meu.

Momentos depois, Lexie saiu e Rachel foi para a cozinha. Logo que ambas estavam fora da vista, Alvin inclinou-se sobre a mesa.

- Muito bem, amigo, deita tudo cá para fora.

- Do que é que estás a falar?

- Sabes exactamente aquilo que estou a perguntar-te. Primeiro, ficas pelo beicinho. Depois passam a noite juntos. No entanto, quando chegaram à cadeia, ambos agiram como se mal se conhecessem. E agora, ela aproveita a primeira desculpa para se pôr a mexer.

- Doris é a sua avó - explicou Jeremy -, e Lexie está preocupada com ela. Não anda bem de saúde.

Alvin continuou céptico.

- Pois. Quanto a mim, tens estado a olhá-la como se fosses um cachorrinho abandonado, enquanto ela tem feito o possível para fingir que não vê. Tiveram alguma briga, ou coisa do género?

- Não - admitiu. Fez uma pausa para observar o restaurante. Na mesa do canto viu três membros do Conselho Municipal e o voluntário idoso da biblioteca. Todos o cumprimentaram com acenos. - Na verdade, não faço ideia do que aconteceu. Num momento era tudo fantástico, mas no seguinte...

Como ele não continuasse, Alvin recostou-se na cadeira.

- Bem, deixa, de qualquer das maneiras não podia continuar.

- Talvez continuasse - insinuou Jeremy.

- Ah, sim? Como? Tens planos para desceres até cá, para vires viver neste Fim do mundo? Ou será que ela vai para Nova Iorque?

Jeremy não respondeu, não desejava ser recordado do que era óbvio, e manteve-se entretido a dobrar e a desdobrar o guardanapo.

No silêncio que se seguiu, Alvin ergueu o sobrolho, para dizer:

- Está assente que tenho de passar mais tempo a estudar esta senhora. Depois da Maria, nenhuma mulher te afectou desta maneira.

Não obteve resposta, pois Jeremy não encontrava palavras e sabia que o amigo tinha razão.

Doris estava sentada na cama, de óculos de leitura encavalitados no nariz, quando Lexie espreitou da porta do quarto.

- Doris? - chamou Lexie.

- Lexie! - gritou a avó -, o que é que estás aqui a fazer? Entra, entra.

Pôs o livro de lado. Ainda estava de pijama e, embora bastante pálida, parecia estar bem.

Lexie acercou-se da cama.

- A Rachel disse-me que tinhas ficado em casa e quis verificar o que se passava contigo.

- Oh, estou óptima. Hoje sinto-me um pouco em baixo, mais nada. Mas pensei que deverias estar na praia.

- Estive - respondeu a neta ao sentar-se na borda da cama. Mas tive de regressar.

- Porquê?

- O Jeremy apareceu lá.

Doris ergueu as mãos como quem se rende.

- Não me atribuas a culpa. Não Lhe disse onde estavas. Nem lhe sugeri que fosse à tua procura.

- Eu sei - asseverou Lexie, a fazer-lhe uma festa no braço.

- Então, como é que ele descobriu onde estavas?

Lexie olhou para as mãos juntas no regaço.

- Tinha-Lhe falado da casa da praia e ele estabeleceu a relação. Nem calculas a minha surpresa quando o vi a caminhar pela praia.

Antes de se levantar um pouco mais, Doris observou cuidadosamente a neta.

- Portanto, na noite passada ficaram os dois na casa da praia?

Lexie acenou que sim.

- E?

A neta não respondeu de imediato, mas, passados uns momentos, esboçou um ligeiro sorriso.

- Preparei-lhe o teu famoso molho de tomate.

- E então?

- Ficou impressionado - informou Lexie, enquanto passava a mão pelo cabelo. - A propósito, trouxe o teu livro de apontamentos. Está na sala.

Doris tirou os óculos de leitura e começou a limpar-Lhes as lentes com um canto do lençol.

- No entanto, nada disso explica o teu regresso.

- Jeremy precisou de boleia. Um amigo de Nova Iorque, um fotógrafo, veio até cá para filmar as luzes. Esta noite vão filmar novamente.

- Como é que é o amigo?

Lexie hesitou, a pensar.

- Parece uma mistura de cantor de rock e membro de um bando de motoqueiros, mas, tirando isso... não está mal.

Depois que ela se calou, Doris estendeu o braço para lhe pegar na mão. Apertou-a com carinho, a analisar a neta.

- Desejas falar sobre o verdadeiro motivo de estares aqui?

- Não - respondeu Lexie, a seguir as costuras da colcha da cama com um dedo. - Na verdade, não quero. Trata-se de uma questão que tenho de solucionar sozinha.

Doris assentiu. Lexie mostrava-se sempre corajosa. Por vezes, a avó sabia que o melhor era não Lhe dizer nada.

# DEZESSETE

De pé, no alpendre do Herbs, a aguardar que Alvin acabasse a conversa com a Rachel, Jeremy consultou o relógio. Alvin estava a dar o seu melhor e a Rachel não parecia desejosa de lhe dizer adeus, o que em condições normais era um bom prenúncio. No entanto, aos olhos de Jeremy, a Rachel, mais do que verdadeiramente interessada em Alvin, estava a mostrar-se bem-educada, embora o seu amigo não estivesse a percebê-la. O Alvin estava, uma vez mais, a revelar a sua dificuldade em entender as pessoas.

Quando finalmente se despediram, Alvin juntou-se a Jeremy; ostentava um largo sorriso, como se já tivesse esquecido os acontecimentos da noite anterior. O que era provável.

- Reparaste? - sussurrou quando estava suficientemente perto.

- Acho que ela gosta de mim.

- Por que não havia de gostar?

- É esse o meu trunfo - concordou.

- Eh pá, que miúda! Adoro a sua maneira de falar. É tão... sexualmente excitante.

- Para ti, tudo é sexualmente excitante - observou Jeremy.

O amigo protestou:

- Isso não é verdade. Só a maioria das coisas.

Jeremy sorriu.

- Bom, talvez a encontremos no baile desta noite. É provável que consigamos passar por lá, antes de voltarmos a filmar.

- Esta noite há baile?

- No velho armazém de tabaco. Ouvi dizer que vai lá estar a cidade em peso. Tenho a certeza de que ela também vai.

- Óptimo! - exclamou Alvin ao descer do alpendre. Contudo, logo de seguida, acrescentou: - Só estranho que ela não me tenha falado nisso.

Rachel ficou a verificar as notas de pedidos com ar ausente, ao mesmo tempo que via Alvin deixar o restaurante, acompanhado de Jeremy.

Mostrara-se algo reservada quando ele se sentou perto dela no Lookilu, mas, depois de ele ter revelado o que estava a fazer na vila e que conhecia Jeremy, iniciaram uma conversa, que permitiu a Alvin passar a hora seguinte a falar de Nova Iorque. Fez a cidade parecer o próprio Paraíso e, quando ela se referiu ao desejo de um dia a visitar, ele anotara o seu número de telefone na agenda dela e pedira-lhe que lhe telefonasse. Até prometera arranjar bilhetes, para o caso de ela querer assistir ao espectáculo Regis and Kelly.

Por mais lisonjeiro que considerasse o gesto dele, sabia que nunca lhe telefonaria. Nunca fora grande apreciadora de tatuagens e, mesmo que não tivesse tido muita sorte com os rapazes que conhecera ao longo dos anos, desde há muito tomara a decisão de não namorar com um homem que tivesse mais brincos do que ela. Contudo, tinha de admitir que aquela não era a única razão para a sua falta de interesse; Rodney também tinha algo a ver com isso.

As visitas do ajudante ao bar eram frequentes; Rodney queria ter a certeza de que ninguém tentava conduzir embriagado, pelo que todos os frequentadores da casa sabiam que o ajudante poderia aparecer por lá a qualquer hora da noite. Passeava por entre as mesas, cumprimentava diversos conhecidos, para, se sentisse que alguém estava a passar das marcas, lhe dar a entender que não o perderia de vista quando se metesse no carro. Embora a sugestão parecesse destinada a intimidar as pessoas, e quem estivesse a beber demasiado devia tê-la em conta, Rodney também acrescentava que estava pronto a levar a pessoa a casa. Era a sua maneira de manter os bêbados fora da estrada, o que lhe permitira não precisar de prender ninguém durante os últimos quatro anos. Até o dono do Lookilu deixara de se incomodar com a presença de Rodney; a princípio, não deixara de resmungar contra a presença de um ajudante do xerife a patrulhar-lhe a casa; no entanto, como os clientes não pareciam importar-se, fora aceitando gradualmente a ideia, até começar ele próprio a pedir a

comparência da autoridade quando pensava que algum dos presentes no bar precisava de ser levado a casa.

Na noite anterior, quando Rodney entrou, como fazia sempre, não precisou de muito tempo para ver a Rachel sentada no bar. Noutras alturas, costumava sorrir e aproximava-se para conversar um pouco; porém, desta vez, reparou que ela estava a conversar com Alvin e por instantes pareceu quase magoado. Uma reacção inesperada, que desapareceu com a mesma velocidade com que tinha aparecido, para dar lugar a uma raiva repentina. De certa forma, pareceu uma reacção provocada pelo ciúme e Rachel pensou ter sido esse o motivo que a levou a deixar o bar logo que ele saiu. Durante o trajecto para casa não se cansou de rever a cena, a tentar descobrir se vira realmente o que julgara ter visto, ou se estava apenas a imaginar coisas. Mais tarde, já deitada, acabara por concluir que não devia sentir-se preocupada por Rodney se mostrar ciumento.

Julgou que talvez ainda houvesse uma esperança para ela.

Depois de terem ido buscar o carro de Alvin, que ficara estacionado numa rua próxima do Lookilu, ele e Jeremy dirigiram-se para o Greenleaf. Alvin tomou um duche rápido, Jeremy mudou de roupa, e ambos passaram umas duas horas a rever o que Jeremy conseguira descobrir. Para Jeremy era uma maneira de aliviar a pressão que sentia; concentrar-se no trabalho era a única maneira de não pensar na Lexie.

Tal como ele prometera, os filmes feitos pelo Alvin eram extraordinários, em especial quando comparados com os que Jeremy conseguira. A claridade e definição, combinadas com a passagem em movimento lento, tornavam fácil a detecção de pormenores que Jeremy tinha descurado. Melhor ainda: havia umas quantas sequências que Jeremy podia escolher e transformar em imagens fixas, para melhor explicar aos telespectadores o que Lhes estava a ser mostrado.

A partir dos filmes, Jeremy fez Alvin recuar no tempo histórico, usando as referências que conseguira coligir para interpretar o que estavam a ver. Todavia, como Jeremy continuasse a demonstrar cada pormenor - as três versões da lenda, os mapas, as notas sobre as pedreiras, os diversos projectos de construção, os detalhes sobre vários aspectos da luz refractada - Alvin começou a bocejar. Nunca se interessara muito pelas

minudências do trabalho de Jeremy, a quem acabou por convencer a levá-lo ao outro lado da ponte, até à fábrica de papel, para ver o local com os próprios olhos. Gastaram uns minutos a observar as instalações, a verem a madeira a ser carregada em transportadores e, no caminho de regresso, Jeremy apontou o sítio onde, mais tarde, iriam filmar. Dali seguiram para o cemitério, para que Alvin pudesse fazer algumas fotografias à luz do dia.

Alvin colocou a máquina em várias posições, deixando Jeremy a deambular sozinho, com a quietude do cemitério a forçá-lo a pensar na Lexie e nas suas preocupações acerca dela. Recordou a noite que passaram juntos e tentou, uma vez mais, perceber o que a obrigara a sair da cama a meio da noite. Apesar dos desmentidos, sabia que ela estava a sentir-se arrependida, talvez até tivesse remorso do que tinha acontecido; contudo, mesmo assim, continuava a não perceber.

Sim, ele estava de partida, mas não se cansara de Lhe repetir que haviam de encontrar uma maneira de fazer funcionar a relação. E também era verdade que não se conheciam muito bem, mas, mesmo considerando o pouco tempo que tinham passado juntos, descobrira o suficiente para poder afirmar que poderia amá-la sempre. Do que ambos precisavam era de uma oportunidade.

Mas o Alvin, pensou, tivera razão. Por muito preocupada que estivesse com a Doris, o comportamento da Lexie naquela manhã sugeria que ela apenas procurara uma desculpa para se afastar dele. Só lhe restava uma dúvida: não sabia se ela agia assim por o amar e achar que era mais fácil afastar-se dele agora, ou se o fazia por não o amar e, em consequência, não estar interessada em perder mais tempo junto dele.

Na noite passada tivera a certeza de que ambos sentiam o mesmo. Contudo, agora.

Gostaria de poder passar a tarde com ela. Desejava saber o que a afligia e poder aliviar-Lhe as preocupações; desejava abraçá-la, beijá-la, convencê-la de que arranjaria uma maneira de fazer a relação funcionar, por mais difícil que fosse. Desejava que Lexie o ouvisse dizer que não podia imaginar uma vida sem ela, que os sentimentos que mostrava eram verdadeiros. Mas, acima de tudo, queria ter a certeza de que ela sentia o mesmo em relação a ele.

Lá mais adiante, viu que o Alvin, embrenhado no seu próprio mundo e esquecido das preocupações do amigo, estava a mudar a máquina e o tripé para outro sítio. Jeremy suspirou ao verificar que ele estava a desviar-se para a parte do cemitério para onde Lexie seguira quando a perdeu de vista, na primeira vez que a encontrou ali.

Hesitou por instantes, enquanto um palpite Lhe tomava forma na mente, e começou à procura, dando alguns passos de cada vez. Precisou apenas de uns minutos para perceber o que era óbvio. Ultrapassado um montículo, parou junto de uma azálea a precisar de poda. Encontrava-se rodeada de galhos e ramos, mas o espaço em frente tinha sido arranjado. Pôs-se de cócoras, viu as flores que ela deveria ter trazido na mala a tiracolo e, de súbito, percebeu a razão que levava a Doris e a Lexie a não quererem as pessoas a devassar o cemitério.

À luz fraca do entardecer, deu com as sepulturas de Claire e James Darnell e ficou a pensar por que levara tanto tempo a com preender.

No regresso do cemitério, Jeremy deixou o Alvin no hotel para o amigo poder dormir um pouco, e voltou à biblioteca, a ensaiar o que pretendia dizer à Lexie.

Verificou que a biblioteca tinha mais gente do que era habitual, pelo menos cá fora. As pessoas juntavam-se no passeio em grupos de duas ou três, a apontarem para cima e a apreciarem a arquitectura, como numa antevisão do Circuito das Mansões Históricas. Muitas pessoas pareciam trazer a mesma brochura que a Doris lhe tinha enviado e liam em voz alta os trechos que realçavam as características únicas do edifício.

Lá dentro, o pessoal parecia também entregue aos preparativos. Alguns voluntários varriam e limpavam o pó; dois outros estavam a instalar novos pontos de luz indirecta; Jeremy supôs que, enquanto durasse a visita oficial, os candeeiros do tecto seriam em parte desligados, para dar à biblioteca uma atmosfera mais antiquada.

Passou pela sala de leitura das crianças, que lhe pareceu menos apinhada do que na primeira vez que a viu e continuou, escada acima. A porta do gabinete da Lexie estava aberta e ele parou por instantes, a recompor-se antes de entrar. Como toda a gente fazia na biblioteca, estava

a fazer o possível para pôr ordem na casa e escondia pilhas de livros por baixo do tampo da secretária.

- Boa tarde - cumprimentou.

Lexie ergueu os olhos.

- Olá - respondeu ao pôr-se de pé, a ajeitar a blusa. - Parece que me apanhaste na tentativa de tornar isto apresentável.

- Tens pela frente um longo fim-de-semana.

- Suponho que devia ter feito as arrumações mais cedo - admitiu, a apontar para o gabinete -, mas parece-me que fui vítima de um processo maligno de adiamento.

Sorriu, bonita, mesmo que relativamente mal arranjada.

- Acontece aos melhores - afirmou Jeremy.

- Pois, mas não é habitual em mim.

Em vez de se aproximar dele, pegou noutra pilha de livros e voltou

a meter a cabeça por debaixo do tampo da secretária.

- Como é que está a Doris? - perguntou ele.

- Está óptima - respondeu Lexie, a falar de debaixo da secretária. - Como a Rachel disse, está apenas um bocado em baixo, mas amanhã já estará operacional - acrescentou, ao reaparecer para pegar em nova pilha de papéis. - Se tiveres uma oportunidade, talvez fosse bom ires vê-la antes de partires. Tenho a certeza de que te ficaria agradecida.

Por momentos limitou-se a observá-la, mas quando percebeu o significado daquilo que estava a ouvir, deu um passo na direcção dela. Contudo, Lexie deu uns passos à volta da secretária, a fingir que não tinha percebido a intenção dele, para ter a certeza de que a secretária continuava a interpor-se entre ambos.

- O que é que se passa? - perguntou Jeremy.

Lexie arrumou mais algumas coisas na secretária, antes de responder:

- Estou apenas ocupada.

- Perguntei o que se passa connosco.

- Nada - respondeu ela, numa voz neutra, como se estivesse a falar do tempo.

- Nem sequer olhaste para mim.

Só então olhou para cima, devolvendo-Lhe o olhar pela primeira vez. Ele sentiu-Lhe a hostilidade latente, embora não pudesse saber se estava furiosa com ele ou consigo mesma.

- Não faço ideia do que pretendes que eu diga. Já expliquei que estou muito ocupada. Acredites ou não, há aqui muito que fazer.

Jeremy ficou a olhar mas não se mexeu; de súbito, apercebeu-se de que ela procurava um pretexto para iniciar uma discussão.

- Posso ajudar nalguma coisa? - indagou.

- Não, obrigada. A obrigação é minha - explicou, ao encaixar outra pilha por baixo do tampo da secretária.

- Como é que está o Alvin? - inquiriu, em voz mais alta.

Jeremy coçou a parte posterior da cabeça.

- Já não está zangado, se é isso que pretendes saber.

- Óptimo. Já terminaram o vosso trabalho?

- A maior parte.

Lexie levantou de novo a cabeça, a mostrar-se muito atarefada. Voltei a tirar os diários do arquivo. Estão em cima da mesa da sala de livros raros.

Jeremy esboçou um breve sorriso de agradecimento.

- E se precisares de mais qualquer coisa antes de partires - acrescentou Lexie -, ainda fico aqui durante pelo menos uma hora. No entanto, como o circuito começa às sete horas, deves fazer planos para saíres o mais tardar às 18h30, pois é a essa hora que vamos desligar os candeeiros do tecto.

- Pensei que a sala de livros raros fechava às cinco da tarde.

- Como partes amanhã, achei que, por esta vez, podia flexibilizar as normas.

- E também por sermos amigos, não é?

- Claro - anuiu, mostrando um sorriso automático.

- Porque somos amigos.

Jeremy deixou o gabinete e encaminhou-se para a sala de livros raros, a recordar a conversa e a tentar dar-Lhe sentido. O encontro não se desenrolara como estava previsto. Apesar da impertinência do comentário final, alimentara a esperança de que ela o seguisse, mas, de certa forma, sempre soubera que tal não ia acontecer. A tarde que passaram separados também não ajudara a remediar as coisas entre eles; se alguma modificação houvera, foi para pior. Se, antes, Lexie parecia querer manter as distâncias, agora olhava-o como se ele fosse radioactivo.

Por muito que o comportamento dela o perturbasse, até certo ponto sabia que ele fazia sentido. Talvez não devesse mostrar-se tão... fria, mas tudo derivava do facto de ele morar em Nova Iorque e ela viver em Boone Creek. No dia anterior, na praia, tinha-lhe sido fácil convencer-se de que tudo se iria compor, como por magia, entre ele e a Lexie. Acreditara nisso. O problema era esse. Quando uma pessoa se preocupa com outra, arranja sempre maneira de compor as coisas.

Apercebia-se de que estava a adiantar-se em relação a si próprio, mas era o que fazia sempre que se via confrontado com um problema. Procurava soluções, elaborava suposições, tentava analisar cenários a longo prazo, sempre a procurar avaliar com cuidado todos os finais possíveis. E, supunha, era o que esperava que ela fizesse também.

O que nunca esperara era ser tratado como um pária. Ou que ela agisse como se nunca tivesse acontecido o que quer que fosse entre eles. Ou como se estivesse convencida de que a noite anterior tinha sido um erro.

Ao sentar-se deu uma vista de olhos pelos diários empilhados em cima da mesa. Começou a separar aqueles que já lera, escolhendo quatro que tinha de ler. Até então, nenhum dos outros sete se revelara particularmente

útil - dois mencionavam funerais de família realizados em Cedar Creek - e por isso abriu um que ainda não tinha examinado. Em vez de ler desde o princípio, recostou-se na cadeira e foi escolhendo passagens ao acaso, a tentar descobrir se a diarista escrevia mais sobre si própria ou sobre a cidade em que vivia. Abrangia os anos de 1912 a 1915, fora escrito por uma adolescente chamada Anne Dempsey e, na sua maior parte, era um relato pessoal dos eventos quotidianos da sua vida durante aquele período. De quem gostava, o que comia, o que pensava dos pais e dos amigos e o facto de pensar que ninguém parecia compreendê-la. Conclusão mais importante que se podia tirar da leitura do diário de Anne: as suas angústias e preocupações eram iguais às que afligem os jovens de hoje. Mesmo considerando-o interessante, pô-lo de lado, junto dos outros já rejei tados.

Os dois diários seguintes que consultou - ambos escritos na década de 1920 - eram também registos bastante pessoais. Um pescador escrevia sobre marés e capturas com pormenores minuciosos; o segundo, da autoria de uma professora primária chamada Glenara, descrevia os progressos da sua relação com um jovem médico forasteiro, durante um período de oito meses, bem como as opiniões da professora sobre os alunos e os habitantes da vila. Para além disso, havia duas entradas respeitantes a eventos de carácter social, que no essencial pareciam resumir-se a assistir a regatas no rio Pamlico, a idas à igreja, a jogos de brídege e a passeios pela Main Street nas tardes de sábado. Não encontrou qualquer menção a Cedar Creek.

Esperava que o último diário viesse a revelar-se mais uma perda de tempo, mas não o folhear significaria sair de imediato, o que ele não se imaginava a fazer antes de voltar a falar com Lexie, quanto mais não fosse para manter abertas as linhas de comunicação. No dia anterior podia entrar pelo gabinete e dizer a primeira coisa que lhe viesse à cabeça, mas os ziguezagues recentes da sua relação, a que tinha de acrescentar-se um nítido estado de agitação de Lexie, tornavam-lhe impossível saber exactamente o que dizer e prever a reacção dela.

Mostrar-se-ia distante? Deveria tentar meter conversa, mesmo a saber que ela ardia em desejos de armar zaragata? Ou deveria fingir que nem havia reparado na atitude dela e insinuar que continuava a querer perceber

qual era a verdadeira origem das luzes? Deveria convidá-la para jantar fora? Ou limitar-se a abraçá-la?

Estava perante o problema típico que afecta uma relação quando as emoções começam a turvar as águas. Era como se Lexie esperasse que ele Fizesse ou dissesse exactamente, no momento preciso, o que quer que fosse que ela considerava correcto. Uma postura que, decidiu Jeremy, não era justa.

De facto, amava-a. E também se preocupava com o futuro de ambos. Porém, enquanto ele pretendia procurar soluções, Lexie agia como se já tivesse optado pela desistência. Voltou a pensar na conversa que tinham tido.

Se tiveres uma oportunidade, talvez fosse bom ires vê-la antes de partires.

Não dissera se tivermos uma oportunidade". Se tiveres. E quanto ao comentário final? Aquele: Claro. Porque somos amigos. A única coisa que ele conseguiu fazer foi morder a língua para não lhe responder. Amigos? " deveria ter ripostado, Depois da noite passada, consegues dizer que somos apenas amigos? Foi tudo o que significou para ti? "

Não era maneira de falar com alguém de quem se gosta. Não era maneira de tratar alguém que se deseja voltar a ver e, quanto mais pensava na conversa, mais gostaria de lhe ter respondido à letra. Estás a pôr-te de fora? Posso fazer o mesmo. Pretendes uma briga? Vamos a isso! Ao cabo e ao resto, não fizera nada de mal. O que acontecera na noite anterior tivera tanto a ver com ele como com ela. Tinha tentado comunicar-Lhe o que sentia; ela não parecera disposta a ouvir. Tinha-lhe prometido tentar arranjar soluções; ela nunca se preocupara em discutir a ideia. E, no final, fora ela quem o conduzira ao quarto, não fora o contrário.

De lábios contraídos, ficou a olhar pela janela. Não, pensou, não ia continuar a jogar segundo as regras dela. Se ela quisesse conversar, muito bem. Mas se não quisesse... bem, nesse caso, a situação evoluiria como tinha de evoluir, e, honestamente, sentia que não podia fazer nada para a alterar. Como não estava disposto a voltar para ela a rastejar, a implorar e a argumentar, o futuro imediato estava nas mãos dela. Sabia onde podia encontrá-lo. Estava decidido a sair da biblioteca logo que acabasse e a

regressar ao Greenleaf. Talvez assim ela pudesse pensar no que realmente queria, ao mesmo tempo que lhe dava a entender que não estava disposto a ficar à roda dela para ser maltratado.

Logo que ele saiu, Lexie recriminou-se, a desejar ter encontrado uma forma melhor de lidar com o problema. Pensara que passar algum tempo junto da avó poderia ajudar a clarificar a situação, mas não conseguira mais do que um adiamento. O episódio seguinte foi a entrada de Jeremy pelo gabinete, alegre e satisfeito, a agir como se não houvesse qualquer alteração. Como se o dia seguinte não pudesse alterar tudo. Como se não estivesse de partida.

Sim, sempre soubera que ele tinha de regressar, que ia deixá-la para trás como Fizera Mr. Renaissance, mas o conto de fadas que ele havia iniciado na noite anterior continuava a agitá- la, a alimentar fantasias em que as pessoas viviam felizes para sempre. Se conseguira encontrá-la na praia, se tivera a coragem de lhe dizer o que disse, não seria capaz de encontrar uma forma de ficar ali?

Lá no fundo, sabia que Jeremy alimentava a esperança de que ela o seguisse até Nova Iorque, só que não via como tal seria possível. Não seria capaz de perceber que ela não se preocupava nada com dinheiro ou com fama? Ou com a frequência de lojas e espectáculos, ou com a possibilidade de comprar comida tailandesa a meio da noite? A vida não se resumia a essas coisas. Viver era ter companhia, ter tempo para passear de mãos dadas, conversar calmamente enquanto se assiste a um pôr-do-sol. Nada de deslumbrante, mas, em muitos aspectos, o melhor que a vida nos pode proporcionar. Como é que era o velho ditado? Quem é que, no leito de morte, disse que desejaria ter trabalhado mais? Ou ter perdido menos tempo a apreciar um calmo fim de tarde? Ou ter passado menos tempo junto da família?

Não era suficientemente ingénua para negar que a cultura moderna tinha os seus encantos. Ser famoso, rico e bonito, frequentar festas exclusivas, como meio para ser feliz. Era uma forma de lavagem ao cérebro, a canção do desespero. Se assim fosse, qual a razão de haver tantas pessoas ricas, famosas e bonitas a tomar drogas? Qual o motivo de não conseguirem manter o casamento? Por que será que estão

continuamente a ser presas? Por que se sentirão tão infelizes quando não estão a ser iluminadas pelos holofotes?

Suspeitava de que Jeremy se deixara seduzir por aquele mundo, por mais que se recusasse a admiti-lo. Adivinhara quem ele era no momento em que se conheceram e resolvera logo que não se deixaria envolver. No entanto, lamentava a forma como estava agora a comportar-se. Quando Jeremy aparecera no gabinete, ainda não se sentia preparada para conversar, mas achava que devia ter-se limitado a dizer o que tinha de ser dito, em vez de se manter separada dele pela secretária e de negar que se passava algo de anormal.

Podia, de facto, ter agido melhor. Quaisquer que fossem as divergências entre eles, Jeremy merecia melhor.

Amigos, pensou novamente. Porque somos amigos.

Irritava-o a maneira como ela tinha dito aquilo, fazia-o abanar a cabeça enquanto, com ar ausente, batucava no bloco de apontamentos com o lápis. Tinha de acabar a tarefa. A fazer rodar os ombros para diminuir a tensão, pegou no último diário e chegou a cadeira para diante.

Em vez de notas curtas e pessoais, o diário era uma colecção de ensaios, com datas e títulos, e fora escrito entre 1955 e 1962. O primeiro referia-se à construção da igreja episcopal de St. Richard, em 1859, e à descoberta, durante as escavações, do que parecia ser uma antiga aldeia dos índios Lumbee. O ensaio cobria três páginas e era seguido de outro sobre o destino da fábrica de curtumes Me-Tauten, construída em Boone Creek, junto às margens do rio, em 1794. O terceiro ensaio, que levou Jeremy a erguer um sobrolho, dava a opinião do autor acerca do que verdadeiramente acontecera na ilha de Roanoke, em 1587.

Ao recordar-se vagamente de que um dos diários pertencera a um historiador amador, Jeremy começou a folheá-lo mais depressa. a ler os títulos, a procurar nos artigos qualquer referência... a passar apressadamente de uma página para outra. vendo-as pela rama. para parar subitamente ao aperceber-se de que vira qualquer coisa interessante e a voltar para trás, para ficar paralisado ao confirmar o que tinha visto.

Recostou-se na cadeira, a pestanejar, enquanto percorria a página com os dedos:

Solucionado o Mistério das Luzes

no Cemitério de Cedar Creek

Durante anos, alguns residentes na vila afirmaram a presença de fantasmas no Cemitério de Cedar Creek e, há três anos, o Journal of the South publicou um artigo onde se discutia o fenómeno. Embora não fosse avançada qualquer solução, depois de conduzir a minha própria investigação, acredito ter resolvido o enigma de as luzes parecerem deixar-se ver em certas condições e não aparecerem noutras alturas.

Posso afirmar em termos definitivos que não se trata da presença de fantasmas. Na verdade, as luzes provêm do sistema de iluminação da Fábrica de Papel Henrickson e são influenciadas pela passagem dos comboios no viaduto, pela localização de Riker's Hill e pelas fases da lua.

Ao continuar a leitura, Jeremy deu consigo a suster a respiração. Embora o autor não tentasse explicar as razões do afundamento do cemitério - sem o qual era provável que as luzes nunca se tivessem tornado visíveis - a sua conclusão era, nos restantes aspectos, essencialmente a mesma a que ele próprio tinha chegado.

O autor, quem quer que ele fosse, tinha resolvido a questão há quase quarenta anos. Quarenta anos.

Marcou a página com um pedaço de papel e foi consultar a primeira página do livro, à procura do nome do autor, a recordar-se da primeira conversa que tivera com o presidente da Câmara. E, assim, verificou que as suas suspeitas se ajustavam como os retalhos de um quebra-cabeças.

Owen Gherkin.

O diário tinha sido escrito pelo pai do presidente, a pessoa que, segundo o filho, sabia tudo o que havia a saber sobre aquela terra". A pessoa que descobrira a origem das luzes. Que certamente teria informado o actual presidente da Câmara, seu filho. E este, desde então, ficou a saber que o fenómeno nada tinha de sobrenatural, embora fingisse o contrário. O

que significava que o presidente Gherkin Lhe tinha mentido desde o início, na esperança de utilizar

Jeremy para o ajudar a obter dinheiro dos visitantes que não suspeitavam da tramóia.

E Lexie.

A bibliotecária. A mulher que insinuara que os diários poderiam conter a resposta que ele procurava. O que implicava que tivesse lido o relato de Owen Gherkin: O que significava que também ela tinha mentido, preferindo alinhar com o presidente da Câmara.

Bem gostaria de saber quantos seriam os habitantes da vila que conheciam a resposta. A Doris? Talvez, pensou. Não, decidiu de imediato, ela tinha de saber. Na primeira conversa que tiveram, ela tinha afirmado, preto no branco, o que as luzes não eram. No entanto, tal como acontecera com o presidente e com a Lexie, não falara da verdadeira origem do fenómeno, embora fosse provável que também ela a conhecesse.

O que queria dizer... que tudo não passara de uma palhaçada. A carta. A investigação. A festa. Contudo, o palhaço era ele.

E agora a Lexie estava a desligar-se, mas não o fizera antes de Lhe contar o episódio em que a avó a levou ao cemitério para ver os espíritos dos pais. E aquela bonita história de os pais dela terem querido que ela o conhecesse.

Coincidências? Ou planeamento total? E pela maneira como estava agora a agir.

Como se quisesse que ele partisse. Como se não sentisse nada por ele. Como se soubesse de antemão o que iria acontecer...

Tudo aquilo teria sido planeado? E se tivesse sido, porquê? Agarrou no diário e encaminhou-se para o gabinete da Lexie, disposto a conseguir algumas respostas. Mal notou que tinha atirado com a porta da sala; tal como não reparou nas expressões dos voluntários que viraram as cabeças para o olhar. A porta do gabinete da Lexie estava entreaberta e deu-lhe um empurrão para entrar.

Com os livros que se encontravam espalhados devidamente arrumados, Lexie empunhava uma lata de cera para tratamento de móveis e um pano, e estava a dar brilho ao tampo da secretária. Levantou os olhos quando Jeremy agitou o diário à sua frente.

- Oh, olá - saudou, ao olhar para ele, a forçar um sorriso.

- Estou quase a terminar.

Jeremy olhou-a fixamente.

- Podes acabar a representação - anunciou.

Mesmo do outro lado da mesa, ela sentiu a fúria latente e, instintivamente, arrumou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

- De que é que estás a falar?

- Disto - esclareceu Jeremy, a mostrar-lhe o diário. - Já leste isto, não é verdade?

- É óbvio - respondeu com a máxima simplicidade, ao reconhecer o diário de Owen Gherkin.

- Conheces a passagem em que fala das luzes de Cedar Creek?

- É claro que conheço.

- Mas não me falaste nisso. Porquê?

- Mas, falei! Falei-te dos diários da primeira vez que vieste à biblioteca. E se bem me lembro, até te disse que talvez encontrasses as respostas de que andavas à procura, recordas-te?

- Não faças jogos de palavras - rosnou Jeremy, a semicerrar os olhos. - Tu sabias aquilo que eu procurava.

- E acabaste por encontrar - contrapôs Lexie, a elevar a voz.

- Não vejo onde é que está o problema.

- O problema é que tenho andado a perder o meu tempo. Este diário responde a todas as dúvidas. Não existe aqui qualquer mistério. Nunca existiu. E tu nunca deixaste de colaborar nesta pequena charada.

- Qual charada?

- Não tentes negar - replicou Jeremy, a não a deixar prosseguir. Ergueu o diário bem alto. - Tenho aqui a prova, recordas-te? Mentiste-me. Mentiste mesmo na minha cara.

Lexie olhou-o fixamente, a notar a profunda cólera dele, a sentir a sua própria fúria a aumentar.

- É esse o motivo da tua vinda ao meu gabinete? Vieste cá para me fazer acusações?

- Tu sabias! - gritou ele.

Ela pôs as mãos nas ancas.

- Não. Não sabia.

- Mas leste isto!

- E então? - contrapôs Lexie, também a gritar. - Também li o artigo publicado no jornal. E li os artigos das outras pessoas. Como diabo é que eu podia ter a certeza de que Owen Gherkin tinha razão?

Tanto quanto sei, deitara-se a adivinhar, como aconteceu com todos os outros. Isto, partindo do princípio de que o assunto me interessa. Francamente, pensas que, antes de cá chegares, eu me detivera mais de um minuto a pensar nisso? Não me interessa! Nunca me interessou! E se tivesses lido o diário há dois dias também não terias a certeza. Ambos sabemos que, de qualquer das formas, não deixarias de fazer a tua própria investigação.

- A questão não é essa - replicou Jeremy, a não querer encarar a hipótese de ela ter razão. - A questão é tudo isto ser uma tramóia. O circuito, os fantasmas, a lenda, tudo uma vigarice, pura e simples.

- O que é que estás para aí a dizer? O circuito tem a ver com mansões antigas e, é verdade, acrescentaram a visita ao cemitério. Para aproveitar a maré. No fundo, trata-se de proporcionar um fim-de-semana agradável no meio de uma estação triste. Ninguém está a ser vigarizado, ninguém é magoado. E, com mil diabos, crês que haja assim tanta gente a acreditar

verdadeiramente em fantasmas? Na sua maioria, as pessoas dizem que acreditam porque acham piada.

- A Doris sabia? - inquiriu Jeremy, voltando a interrompê-la. - Do diário de Owen Gherkin? - perguntou, a abanar a cabeça, furiosa por ele se recusar a ouvir.

- Como é que ela poderia saber da existência do diário?

- Vês - respondeu ele, a erguer o indicador como um professor a falar com um aluno, a dar ênfase a uma ideia.

- É essa a parte que eu não entendo. Se não queres que o cemitério seja incluído no circuito, se a Doris também não o quer ver incluído, por que motivo não vão ambas à redacção do jornal e revelam a verdade? Qual a razão que a levou a pretender envolver-me no vosso jogo?

- Não quis envolver-te. E não se trata de um jogo. É um fim-de-semana inofensivo, a que estás a conferir proporções desmesuradas.

- Não Lhe estou a conferir quaisquer proporções. Tu e o presidente da Câmara encarregaram-se disso.

- Portanto, agora passei a fazer parte do grupo dos maus da fita?

Como Jeremy ficasse calado, ela semicerrou os olhos e prosseguiu:

- Então, por que seria que te passei o diário para a mão? Por que não me limitei a deixá-lo ficar onde estava guardado?

- Não sei. Talvez tenha algo a ver com o livro de apontamentos da Doris. Desde que aqui cheguei que as duas não deixam de me falar do livro. Talvez tivessem partido do princípio que o livro não era suficiente para me trazer até cá; por isso, urdiram toda esta teia.

Lexie inclinou-se para diante, com o rosto vermelho.

- Será que não consegues perceber quanto é ridículo tudo o que estás para aí a dizer?

- Alto lá! Para começar, estou apenas a tentar perceber o motivo que vos levou a trazerem-me até cá.

Ela ergueu as mãos, como se tentasse fazê-lo calar-se.

- Não quero ouvir mais.

- Aposto que não.

- Sai! - mandou, enquanto guardava a lata da cera para móveis na gaveta da secretária. - Não és de cá e não quero falar mais contigo. Volta para o lugar de onde vieste.

Jeremy cruzou os braços.

- Pelo menos, acabaste por admitir o que tens andado todo o dia a pensar.

- Oh, agora lês os pensamentos?

- Não. Mas não é preciso saber ler os pensamentos para perceber os motivos que te levam a agir dessa maneira.

- Bom, então, deixa que leia o teu pensamento, está bem? - sibilou Lexie, farta da atitude superior dele, cansada dele. - Deixa que te diga o que vejo, está bem? - prosseguiu, a saber que falava suficientemente alto para ser ouvida em toda a biblioteca, mas sem fazer caso disso.

- Vejo alguém verdadeiramente bom a proferir as palavras certas e que, chegada a altura, não é capaz de fazer o que diz.

- E isso quer dizer o quê?

Lexie olhou-o do outro lado da sala, com a fúria a endurecer-lhe cada músculo do corpo.

- O quê? Julgas que não sei o que pensas acerca da nossa vila? Que isto não é mais do que um lugar de paragem para quem passa na estrada? Ou que, no fundo, não consegue perceber o motivo de alguém querer viver aqui? E que, apesar de tudo o que possas ter dito na noite passada, achas ridícula a ideia de poderes vir a viver aqui?

- Não disse isso.

- Nem tinhas que dizer! - gritou Lexie, a odiar o ar complacente com que ele Lhe respondera. - A questão é essa. Quando falei em sacrifícios,

sabia muito bem que pensavas que a sacrificada deveria ser eu. Que deveria deixar a minha família, os meus amigos, a minha terra, porque Nova Iorque é muito superior. Que eu devia ser a mulherzinha simpática que segue o seu homem para onde ele entende que deve ir. Nunca te passou pela cabeça que poderias ser tu a deslocar-te.

- Estás a exagerar.

- Ai, estou? Acerca de quê? Sobre esperares que deveria ser eu a partir? Ou estavas a pensar arranjar um guia de venda de propriedades quando, amanhã, deixasses a vila? Escuta, deixa que te facilite a vida - aconselhou ao estender a mão para o telefone. - Mrs. Renolds tem o escritório do outro lado da rua e tenho a certeza de que ficará encantada por te levar, esta mesma noite, a ver umas quantas casas, desde que estejas interessado em comprar.

Incapaz de negar as acusações, Jeremy limitou-se a olhá-la fixamente.

- Não tens nada a dizer? - inquiriu, ao mesmo tempo que batia com o auscultador no descanso. - O gato comeu-te a língua? Se preferes, esclarece-me sobre o seguinte: O que é que pretendias exactamente dizer quando falavas em encontrarmos uma maneira de fazer funcionar a relação? Pensaste que eu estaria interessada em ficar à espera de, nas tuas visitas esporádicas, darmos uma rápida cambalhota, sem qualquer possibilidade de vivermos o futuro juntos? Ou estarias a pensar em usar uma dessas visitas para me convencer dos meus erros, por pensares que estou a desperdiçar a minha vida num lugar destes, que seria muito mais feliz se me atrelasse a ti?

A fúria e a mágoa da voz dela eram inegáveis; o mesmo se podia dizer do que queriam dizer as suas palavras. Durante muito tempo, nenhum deles falou.

- Por que é que não me disseste nada disto durante a noite passada? - indagou Jeremy, agora em voz mais baixa.

- Eu tentei. O problema foi não quereres ouvir.

- Então, porquê?

Deixou a pergunta em suspenso, mas a implicação foi clara.

- Não sei - confessou, e desviou o olhar.

- És um homem simpático, passámos dois dias excelentes. Talvez estivesse disposta.

Jeremy continuou a olhar para ela.

- Foi só o que signiFicou para ti? - perguntou.

- Não - admitiu ela, ao ver a expressão de dor no rosto dele. - Na noite passada, não. Contudo, isso não altera o facto de ter acabado pois não?

- Estás, então, a querer acabar?

- Não - respondeu. Para seu desgosto, sentiu os olhos a encherem-se-Lhe de lágrimas.

- Não me atribuas as culpas. Quem se vai embora és tu. Foste tu que vieste até ao meu mundo. Não foi o contrário. Vivia contente até tu chegares. Talvez não totalmente feliz, talvez um pouco só, mas contente. Gosto da minha vida aqui. Gosto de ir verificar se a Doris está a ter um bom dia. Gosto de ler para as crianças durante a hora que lhes é destinada. E até gosto do nosso pequeno Circuito das Mansões Históricas, mesmo que estejas a querer transformá-lo numa vigarice só para conseguires uma grande presença na televisão.

Ficaram a olhar-se mutuamente, quietos e finalmente sem palavras. Com tudo em aberto, com todas as palavras ditas, ambos se sentiram vazios.

- Não sejas assim - acabou por dizer Jeremy.

- Assim como? Como alguém que diz a verdade?

Em vez de aguardar uma resposta, Lexie pegou na bolsa e no casaco. Pendurando-os no braço, caminhou para a porta. Jeremy desviou-se para a deixar passar e ela deslizou dali para fora, sem mais palavras. Já se afastara alguns passos do gabinete quando, finalmente, Jeremy reuniu a coragem suficiente para falar.

- Aonde é que vais?

Antes de parar, Lexie ainda deu mais um passo. Rodou sobre os calcanhares e respirou fundo.

- Vou para casa - respondeu. Afastou uma lágrima da face e endireitou-se. - Como tu farás também.

# Dezoito

Mais tarde, naquela noite, Alvin e Jeremy instalaram as câmaras perto do passeio de madeira na margem do rio Pamlico. Ao longe, ouviam-se os sons da música no celeiro de tabaco do Meyer, onde se realizava o baile. Todas as lojas da baixa tinham fechado; até o Lookilu fora abandonado. Resguardados pelos blusões, pareciam estar sós.

- E depois? - indagou o Alvin.

- Acabou-se - respondeu Jeremy.

- Foi-se embora.

- Não foste atrás dela?

- Ela não queria.

- Como é que sabes?

Jeremy esfregou os olhos, a reviver a discussão pela enésima vez. Passara as últimas horas em transe. Lembrava-se vagamente de ter regressado à sala de livros raros, de pôr a pilha de diários na estante e de fechar a porta ao sair. No caminho de regresso ao hotel meditara no que tinha dito, com os sentimentos de raiva e de traição a misturarem-se com a tristeza e o arrependimento. Passou as quatro horas seguintes no Greenleaf, na cama, a tentar perceber se poderia ter conduzido melhor a questão. Não deveria ter entrado de rompante no gabinete dela. Tinha ficado assim tão furioso com o conteúdo do diário? A ponto de pensar que tinha sido enganado? Ou estaria simplesmente zangado com a Lexie e, tal como acontecia com ela, à procura de um pretexto para iniciar uma discussão?

Se ele não tinha certezas, Alvin, depois de ter ouvido o relato do que se passara, não descobrira quaisquer respostas. Jeremy apenas sabia que estava exausto e que, apesar de saber que tinham de ir filmar, lutava contra a vontade de ir a casa dela para ver se ainda haveria maneira de remediar a situação. Partindo do princípio de que ela estava em casa. Tanto quanto sabia, Lexie deveria estar no baile, tal como toda a gente.

Suspirou, a pensar nos momentos finais na biblioteca.

- Vi tudo na maneira como ela olhou para mim.

- Então, acabou-se?

- Pois, acabou-se - concluiu Jeremy.

Na escuridão, Alvin abanou a cabeça e voltou-se. Não conseguia perceber como é que o amigo se deixara prender daquela maneira, em tão curto espaço de tempo. Não a considerara assim tão sedutora, não se ajustava à imagem que ele tinha das mulheres do Sul.

Não interessava. Sabia que se tratava apenas de uma experiência; não tinha dúvidas de que Jeremy daria a volta por cima, logo que entrasse no avião para regressar a casa.

Jeremy ultrapassava sempre aquelas situações.

No baile, o presidente Gherkin encontrava-se num canto, sozinho, sentado a uma mesa, com o queixo apoiado na mão.

Alimentara a esperança de ver Jeremy aparecer por lá, de preferência em companhia da Lexie, mas, logo que chegou, ouvira os voluntários da biblioteca a falar da zanga a que tinham assistido. Segundo o que lhe disseram, fora uma discussão a sério, que tivera a ver com um dos diários e com uma tramóia qualquer.

Pensando melhor, decidiu que nunca deveria ter doado o diário do pai à biblioteca, mas, na altura, pareceu-Lhe que tomara uma decisão da maior importância, pois o diário constituía um testemunho bastante preciso da história da vila. A biblioteca era a instituição adequada para o acolher. Porém, quem iria adivinhar o que ia acontecer nos quinze anos seguintes? Quem sabia que a fábrica de têxteis seria encerrada ou que a mina seria desactivada? Quem sabia que centenas de pessoas iam ficar sem trabalho? Quem sabia que muitas famílias jovens iam partir para nunca mais regressarem? Quem sabia que a vila acabaria a lutar pela própria sobrevivência?

Talvez não devesse ter acrescentado o cemitério ao circuito. Talvez não devesse ter feito publicidade aos fantasmas, quando sabia que se tratava apenas das luzes do turno da noite na fábrica de papel. Contudo, era

preciso não esquecer o simples facto de a vila precisar de algo em que se apoiar, de algo que levasse os turistas a procurá-la, algo que os levasse a passar uns dias na vila, de modo a poderem apreciar aquele lugar maravilhoso. Se conseguisse atrair pessoas em número suficiente, a vila podia eventualmente transformar-se num lugar preferido pelos reformados, como Oriental, Jashington ou New Bern.

Os pensionistas procuram lugares hospitaleiros para comer e descansar, procuram lojas onde possam fazer compras. Não aconteceria de imediato, mas era o único plano de que dispunha e tinha de começar por algum lado. Graças à inclusão do cemitério e das suas luzes misteriosas, tinham conseguido vender mais umas centenas de bilhetes para o circuito, enquanto a presença de Jeremy lhes dava a oportunidade de serem conhecidos a nível nacional.

Era óbvio que sempre considerara Jeremy suficientemente esperto e capaz de descobrir o que se passava, sem ajuda de ninguém. Não era isso que o preocupava. Que interessava que Jeremy expusesse a verdade numa televisão de âmbito nacional? Ou até na sua coluna? As pessoas de todo o país ouviriam falar de Boone Creek; talvez algumas mostrassem curiosidade em ir ver. Qualquer publicidade era melhor do que nenhuma. A menos, era evidente, que a palavra tramóia" fosse utilizada.

Era uma palavra que soava mal, além de não ter qualquer relação com o que estava a acontecer. É certo que ele sabia a origem das luzes, mas a verdade era conhecida por um número restrito de pessoas e, de qualquer das formas, onde é que estava o mal? Os factos eram simples: havia uma lenda, as luzes existiam e algumas pessoas acreditavam que eram fantasmas. Outras limitavam-se a ir na onda, a pensar que aquilo fazia a vila parecer diferente e única. De momento, as pessoas precisavam, mais do que nunca, de pensar nestes termos.

Com memórias agradáveis da vila, Jeremy Marsh perceberia o que estava em jogo. Desagradado, talvez não percebesse. E, de momento, o presidente Gherkin não sabia quais as impressões que Jeremy levaria ao partir, no dia seguinte.

- O presidente parece preocupado, não achas? - notou Rodney. Rachel olhou, a sentir-se orgulhosa por terem estado juntos durante a maior parte

do serão. O próprio facto de ele olhar com alguma frequência para a porta, parecendo procurar a Lexie por entre a multidão, não fazia diminuir o sentimento que experimentava, pela simples razão de que Rodney também parecia feliz por estar com ela.

- Talvez. Mas ele tem sempre aquela expressão.

- Não, não é a do costume. Está a pensar numa questão séria.

- Queres ir falar com ele?

Rodney reflectiu. Tal como o presidente ou, segundo parecia, tal como toda a gente, também ele ouvira falar da discussão na biblioteca; porém, ao contrário do que acontecia com a maioria das pessoas, ele tinha ideias assentes sobre o que estava a acontecer. Conseguia encaixar as peças do quebra-cabeças, especialmente depois de ter reparado na expressão do presidente. De repente, apercebera-se de que a preocupação do presidente tinha a ver com a forma como Jeremy pudesse vir a apresentar o pequeno mistério ao mundo.

Quanto à discussão, tentara avisar a Lexie do que ia acontecer. Era inevitável. Era possivelmente a mulher mais dura de cabeça que ele alguma vez conhecera, uma pessoa que nunca cedia terreno. Podia ser inconstante e Jeremy acabara por ter de provar o veneno. Embora tivesse preferido que a Lexie não se visse de novo metida naqueles apertos, consolava-se com a ideia de que o caso poderia estar quase encerrado.

- Não - respondeu Rodney -, o que é que poderia dizer-lhe. A solução já não está nas mãos dele.

Rachel enrugou a testa.

- O que é que já não está nas mãos dele?

- Nada.

Fez um gesto de desinteresse.

- Não é importante.

A rapariga ficou a estudá-lo por instantes, mas acabou por encolher os ombros. Ficaram juntos a ouvir uma canção acabar e a banda a atacar a

seguinte. Ao ver a pista de dança cada vez mais ocupada, Rachel começou a acompanhar o ritmo com o pé.

Preocupado como estava, Rodney nem parecia ver os dançarinos. Queria falar com a Lexie. No caminho para o baile tinha passado, sem parar, pela casa dela e vira as luzes acesas e o carro parado no caminho de acesso. Antes, tinha recebido um relatório de um colega, a informá-lo de que o menino da cidade e o amigo esquisito estavam a instalar a máquina de filmar no passeio de madeira. O que significava que a discussão ainda não terminara.

Se a Lexie ainda tivesse as luzes acesas quando ele fosse a caminho de casa, supunha que iria bater-lhe à porta, tal como fez na noite em que Mr. Renaissance se foi embora. Tinha a sensação de que ela não ficaria inteiramente surpreendida com a presença dele. Calculava que ficaria a olhá-lo por momentos, antes de lhe abrir a porta. Faria um descafeinado e, exactamente como acontecera da última vez, ele sentar-se-ia no sofá durante horas, a ouvi-la recriminar-se por ter sido tão parva.

Congratulou-se mentalmente. Conhecia-a melhor do que se conhecia a si mesmo.

No entanto, ainda não estava preparado para essa diligência. Para começar, ela precisava de um pouco mais de tempo sozinha, de analisar toda a situação. Enquanto ele tinha de admitir que estava um pouco cansado de ser visto como uma espécie de irmão mais velho, que não tinha a certeza de estar com disposição para a ouvir. Afinal, estava bastante bem e, de momento, não se sentia ansioso por acabar o serão a servir de calmante.

Além do mais, a banda nem era má de todo. Muito melhor do que a do ano anterior. Pelo canto do olho, viu Rachel a seguir o ritmo com o corpo, satisfeito por ela o ter escolhido para companhia, tal como fizera na outra noite, na festa. O convívio com ela sempre fora Fácil, mas ultimamente estava a acontecer uma coisa estranha: de cada vez que a via, a Rachel parecia sempre um bocadinho mais bonita do que a imagem que conservava dela. Tratava-se, sem dúvida, de imaginação sua, mas não conseguia deixar de pensar que naquela noite ela parecia particularmente bonita.

Rachel reparou que estava a ser observada e esboçou um sorriso de embaraço.

- Desculpa. Gosto desta música.

Rodney pigarreou.

- Gostarias de ir dançar? - indagou. Ela arregalou os olhos.

- Queres?

- Não sou grande dançarino, mas...

- Adorava - interrompeu a Rachel, já a pegar-lhe na mão. Ao segui-la para a pista de dança, decidiu que mais tarde veria o que tinha de fazer a respeito da Lexie.

Doris deixara-se ficar sentada na cadeira de baloiço da sala, a olhar com ar ausente na direcção da janela e a pensar se a Lexie apareceria. A intuição levava-a a duvidar dessa possibilidade, mas aquela era uma das situações em que gostaria de estar equivocada. Sabia que a Lexie estava preocupada, o que não era bem um pressentimento, mas sim uma percepção do que era óbvio, e tudo tinha a ver com o Jeremy.

De certa forma, lamentava ter empurrado Lexie para ele. Agora, olhando para trás, sabia que deveria ter suspeitado de que tudo acabaria daquela maneira; então, o que a teria levado a estar na origem da relação? Porque Lexie se sentia só? Porque Lexie estava num beco sem saída desde que se apaixonara pelo jovem de Chicago? Por ter chegado à conclusão de que Lexie se assustava com a possibilidade de voltar a apaixonar-se por alguém?

Por que razão não se limitara a apreciar a companhia de Jeremy? Na realidade, fora tudo o que pretendera que a neta fizesse. Jeremy era inteligente e encantador; tudo o que Lexie necessitava era de concluir que ainda havia homens como ele disponíveis. A neta precisava de compreender que nem todos os omens eram como o Avery ou como o jovem de Chicago. Como é que ela lhe chamava? Mr. Renaissance? Tentou recordar-se do nome mas concluiu que não era importante. Importante era a Lexie; e a avó estava preocupada com ela.

Doris sabia que, com o tempo, ela ficaria bem. Não tinha dúvidas de que a neta acabaria por aceitar a realidade do que acontecera e de encontrar uma forma de prosseguir. Com o decorrer do tempo. Uma das características que reconhecia na neta era a sua capacidade de sobrevivência.

Suspirou. Sabia que Jeremy estava magoado. Se Lexie se apaixonara, Jeremy apaixonara-se ainda mais profundamente, além de que ela tinha aprendido a arte de deixar relações para trás e de continuar a viver como se nunca tivessem acontecido.

Pensava que o pobre Jeremy estava a viver uma situação injusta.

Lexie encontrava-se no cemitério de Cedar Creek, envolta no nevoeiro cada vez mais espesso, a olhar o pedaço de terra onde os pais haviam sido sepultados. Sabia que Jeremy e Alvin estariam a Filmar o viaduto e Riker's Hill a partir do passeio de madeira, o que significava que tinha toda a noite para se entregar às suas reflexões solitárias.

Não pensara demorar-se, mas, por qualquer razão, sentira-se compelida a ir ali. Fizera o mesmo depois de terminadas as relações com Avery e com Mr. Renaissance; ao apontar o foco da lanterna para a pedra onde estavam inscritos os nomes dos pais, pensou quanto gostaria de os ter ali para falarem com ela.

Sabia que tinha uma visão romântica dos pais, uma visão que mudava consoante os seus estados de espírito. Por vezes, gostava de os considerar conversadores e divertidos, mas havia alturas em que os via como ouvintes atentos. De momento, preferia considerá-los sábios e fortes, pessoas capazes de lhe darem os conselhos que a levassem a considerar a situação menos confusa. Estava cansada de cometer erros. Ainda não fizera outra coisa, pensava com desespero, e naquele momento sabia que estava prestes a cometer mais um, fizesse o que fizesse.

Do outro lado do rio, só as luzes da fábrica de papel eram visíveis através do nevoeiro, com a própria vila a perder-se na névoa, como se fosse uma fantasia. Com a aproximação do comboio - pelo menos era o que dizia o horário elaborado por Jeremy - Alvin fez a última inspecção à máquina apontada para Riker's Hill. Aquela era a filmagem que o preocupava. As imagens do viaduto não apresentavam dificuldades, mas

como Riker's Hill se encontrava mais distante, além de mergulhado no nevoeiro, não tinha a certeza de que a máquina funcionasse. Não fora concebida para fotografia a longa distância, o equipamento de que agora sentia a falta. Embora tivesse trazido as melhores objectivas e filmes de alta velocidade, antes de partir de Nova Iorque bem gostaria que Jeremy lhe tivesse transmitido aquele pequeno pormenor.

Em parte, desculpava o amigo, pois havia alguns dias que Jeremy deixara de pensar com clareza. Em condições normais, numa situação como aquela, Jeremy falaria e contaria piadas sem parar, mas o seu estado de espírito actual obrigara-o a estar praticamente calado havia um par de horas. Em vez de uma filmagem fácil, uma espécie de período de férias, as duas últimas horas tinham sido de trabalho a sério, especialmente devido ao frio. Não fora para aquilo que se oferecera, mas tinha de aguentar... só tinha de aumentar os honorários e mandar a conta ao Nate.

Entretanto, Jeremy continuava junto ao gradeamento, de braços cruzados, a olhar para um banco de nuvens.

- Já te disse que o Nate telefonou antes de sairmos? - perguntou Alvin, numa nova tentativa de chamar o amigo à realidade.

- Ah, sim?

- Interrompeu-me a sesta - esclareceu Alvin -, e começou a berrar comigo por teres o telemóvel desligado.

Apesar de preocupado, Jeremy sorriu.

- Aprendi a mantê-lo desligado durante a maior parte do tempo.

- Pois, bem... gostaria que me tivesses informado da decisão.

- O que é que ele pretendia?

- O mesmo de sempre. A última actualização. Mas regista isto: perguntou se poderias fornecer-lhe uma amostra.

- Uma amostra de quê?

-Julgo que estava a referir-se aos fantasmas. Pretendia saber se eles exsudavam líquido, ou coisa do género. Pensou que talvez pudesses levar

qualquer coisa à reunião da próxima semana.

- Se exsudavam líquido?

Alvin ergueu as mãos defensivamente.

- A expressão não é minha, é dele.

- Mas ele sabe que são apenas as luzes da fábrica de papel.

Alvin acenou que sim:

- Pois sabe. Pensou que seria um pormenor interessante. Qualquer coisa capaz de os impressionar.

Jeremy abanou a cabeça, sem querer acreditar. Ao longo dos anos o Nate distinguira-se por um conjunto de ideias malucas, mas aquela parecia impossível de conceber. Contudo, ele era assim. Tudo o que lhe viesse à cabeça acabava por lhe sair da boca e, em metade das ocasiões, nem se lembrava do que tinha dito.

- Também disse que Lhe devias ligar - acrescentou Alvin.

- Hei-de ligar - prometeu Jeremy -, mas deixei o telemóvel no hotel - acrescentou.

- Não Lhe falaste no diário, pois não?

- Quando falei com ele nem sabia da existência do diário. Só me falaste nisso depois de ele ter telefonado. Como te disse, interrompeu-me a sesta.

- Se voltar a ligar, não lhe contes nada, pelo menos por agora, prometes? - pediu Jeremy.

- Não desejas que ele saiba que o presidente de Câmara montou a tramóia?

- Não. Ainda não.

Alvin olhou-o fixamente.

- Ainda não, ou nunca?

Não obteve resposta imediata. O problema era esse, não era?

- Ainda não decidi.

Depois de olhar mais uma vez através do visor, Alvin comentou:

- Uma decisão difícil. Como sabes, pode residir aí o principal interesse da história. Isto é, as luzes são uma coisa, mas tens de concordar que a solução não é lá muito interessante.

- O que é que pretendes dizer?

- Para a televisão. Não estou totalmente convencido de que se mostrem especialmente interessados no facto de as luzes serem provocadas pela passagem de um comboio.

- Não se trata apenas da passagem do comboio - corrigiu Jeremy. - O que interessa é a maneira como as luzes da fábrica de papel são reflectidas em Riker's Hill pela passagem do comboio; interessa saber que é a maior densidade do nevoeiro, devida ao afundamento do cemitério, que faz as luzes aparecer.

Alvin simulou um bocejo.

- Desculpa. O que é que estavas a dizer?

- Não é uma explicação maçadora - insistiu Jeremy.

- Já te apercebeste de quantas coisas têm de acontecer simultaneamente para que o fenómeno aconteça? As pedreiras, que ao alterarem os níveis freáticos provocaram o afundamento do cemitério? A localização do viaduto? As fases da lua, que só permitem que as luzes sejam vistas em alturas de escuridão absoluta? A lenda? A localização da fábrica de papel e o horário do comboio?

Alvin não se mostrou convencido.

- Crê no que te digo. É uma maçada com M maiúsculo. Para te ser franco, tudo seria bem mais interessante se não tivesses encontrado a solução. Os telespectadores adoram mistérios. Especialmente em lugares como Nova Orleães ou Charleston, em sítios sofisticados ou românticos. Mas umas luzes reflectidas em Boone Creek, Carolina do Norte? Acaso acreditas que as pessoas de Nova Iorque ou Los Angeles vão ligar a uma história dessas?

Jeremy ia abrir a boca para Lhe responder, quando, de súbito, se recordou de que Lexie Lhe dissera exactamente o mesmo. E ela vivia ali. No silêncio que se seguiu, Alvin voltou à carga.

- Se estás determinado a entrar na televisão, tens de arranjar qualquer coisa para apimentar a história; o diário de que me falaste podia ser o condimento de que precisas. Podes apresentar a peça tal como a concebeste para, no final, fazeres saltar o diário. Se fizeres tudo bem feito, talvez consigas atrair a atenção dos produtores.

- Achas que devo lançar a vila às feras?

Alvin negou com a cabeça.

- Não disse isso. E, se queres que te seja franco, não tenho a certeza de que o diário seja suficiente. Só pretendo dizer-te que, a não conseguires levar-Lhes um exsudado" qualquer, e se não quiseres fazer figura de idiota na reunião, é melhor pensares no uso que podes fazer do diário.

Jeremy olhou para longe. Sabia que o comboio ia aparecer dentro de minutos.

- Se eu fizer isso, a Lexie nunca mais me fala - comentou. Encolheu os ombros. - Partindo do princípio de que ainda deseje falar comigo.

O companheiro não respondeu. Jeremy desviou os olhos para ele.

- O que é que me aconselhas a fazer?

Alvin respirou fundo.

- Penso que tudo se resume a saberes o que é mais importante para ti, não achas?

# DEZANOVE

Jeremy dormiu mal na última noite passada no Greenleaf. Ele e Alvin concluíram as Filmagens - quando o comboio passou, Riker's Hill só absorveu uma pequena quantidade de luz reflectida - depois de verem o Filme, ambos concordaram que ficara suficientemente bom para se conseguir provar a teoria elaborada por Jeremy; só conseguiriam melhor se trouxessem equipamento mais potente.

No entanto, no caminho para o hotel, Jeremy não pensou muito no mistério. Em vez disso, voltou, uma vez mais, a rever mentalmente o filme dos últimos dias. Recordou a primeira vez que vira a Lexie, no cemitério, e as espirituosas conversas entre ambos na biblioteca. Pensou no almoço em Riker's Hill e na visita ao passeio de madeira, lembrou-se da espantosa festa dada em sua honra e como se sentiu na primeira vez que viu as luzes no cemitério. Porém, acima de todos, recordou os momentos em que começou a aperceber-se de que estava apaixonado por ela.

Seria possível que tivessem acontecido tantas coisas no curto espaço de dois dias? Na altura em que chegou ao Greenleaf e entrou no seu quarto estava a tentar apontar o momento exacto em que tudo começara a correr mal. Não podia ter a certeza, mas agora parecia-lhe que Lexie tinha andado a tentar fugir dos seus próprios sentimentos, não estava apenas a querer afastar-se dele. Nesse caso, quando é que ela teria começado a sentir-se atraída por ele? Durante a festa, tal como ele? No cemitério? Num ponto qualquer da tarde desse dia?

Não fazia ideia de qual poderia ser a resposta. Sabia apenas que a adorava e que não conseguia admitir a ideia de não voltar a vê-la.

As horas passavam lentamente; com o seu voo a partir de Raleigh ao meio-dia, tinha de deixar o hotel bem cedo. Levantou-se antes das seis horas, acabou de arrumar as suas coisas e carregou-as no carro. A manhã estava fria; depois de se assegurar que as luzes do quarto de Alvin já estavam acesas, encaminhou-se para o escritório.

Jed, como se esperava, mostrou-se carrancudo. Ainda mais despenteado do que era habitual e com as roupas amarrotadas, dava a ideia de ter-se levantado havia poucos minutos. Jeremy colocou a chave do quarto em cima do balcão.

- Tem aqui excelentes instalações - reconheceu. - Não deixarei de as recomendar aos meus amigos.

Se possível, a expressão de Jed tornou-se ainda mais mesquinha, mas Jeremy respondeu-lhe com um sorriso insinuante. No caminho de regresso ao quarto, viu faróis a oscilar no meio do nevoeiro e um carro a entrar lentamente no caminho de acesso. Por breves instantes, pensou que era a Lexie e sentiu um aperto no peito; as suas esperanças desvaneceram-se com a mesma rapidez, logo que reconheceu o carro.

O presidente Gherkin, protegido por um casacão e um cachecol emergiu do automóvel. Sem mostrar qualquer partícula da energia que revelara durante os encontros anteriores, caminhou com cuidado até onde Jeremy se encontrava.

- A preparar a partida, suponho - começou.

- Acabei agora mesmo.

- O Jed não lhe apresentou a conta, pois não?

- Não. Obrigado por tudo.

- Não tem de quê. Como Lhe disse, era o mínimo que podíamos fazer por si. Só espero que tenha apreciado a estadia na nossa excelente vila.

Sem deixar de reparar no ar de preocupação do presidente da Câmara, Jeremy acenou que sim, que apreciara.

Pela primeira vez desde que se tinham conhecido, Gherkin parecia lutar com a falta de palavras. Com o silêncio a tornar-se insuportável, teve de ajeitar melhor o casacão e o cachecol.

- Bom, só quis vir dizer-Lhe que tanto eu como as restantes pessoas da terra tivemos muito prazer em conhecê-lo. Neste caso, sei que falo em nome da vila, o senhor deixou muito boa impressão.

- Porquê o artifício? - inquiriu Jeremy ao enfiar as mãos nos bolsos.

Gherkin suspirou.

- A decisão de acrescentar o cemitério ao circuito?

- Não. Estou a referir-me ao facto de o seu pai ter registado a solução do mistério no diário e de o senhor não me ter falado nisso.

Uma expressão de tristeza perpassou pelo rosto de Gherkin.

- Tem toda a razão - reconheceu, passados momentos. Depois prosseguiu, com voz hesitante: - Na realidade, o meu pai resolveu o mistério, mas suponho que não podia agir de outro modo - prosseguiu, a olhar Jeremy nos olhos. - Sabe a razão de ele se ter interessado tanto pela história da nossa vila?

Jeremy abanou a cabeça.

- Na Primeira Guerra Mundial, o meu pai serviu no exército com um homem chamado Lloyd Shaumberg. Era tenente e o meu pai era soldado raso. As pessoas de hoje parecem não perceber que durante a guerra não havia apenas soldados profissionais a combater nas linhas da frente. Na sua maioria, os homens tinham profissões comuns: eram padeiros, cortadores, mecânicos. Shaumberg era historiador. Pelo menos era assim que o homem se referia a si mesmo. De facto, era apenas professor de História numa escola secundária do Delaware, mas o meu pai jurava que se tratava do melhor oficial de todo o exército. Costumava entreter os seus homens com histórias do passado, histórias que quase ninguém mais sabia, mas permitiam que o meu pai sentisse menos medo do que estava a acontecer. De qualquer modo, depois do desembarque no Sul da Itália, Shaumberg, o meu pai e o resto do pelotão foram cercados pelos alemães. Shaumberg ordenou aos homens que retirassem, enquanto ele ficava a tentar protegê-los. Não tenho escolha, afirmou. Toda a gente soube que se tratava de uma missão suicida, mas Shaumberg era assim.

Gherkin fez uma pausa.

- Fosse como fosse, o meu pai continuou vivo e Shaumberg morreu; depois de regressar a casa, acabada a guerra, o meu pai disse que ia tornar-se também historiador, uma forma de homenagear o seu amigo.

Como Gherkin não continuasse, Jeremy fitou nele um olhar de curiosidade.

- Por que motivo está a contar-me isso?

- Porque - respondeu Gherkin -, na minha maneira de ver, também eu não tinha escolha. Qualquer cidade ou vila precisa de qualquer coisa a que possa chamar sua, algo que possa lembrar os habitantes de que a sua terra é especial. Em Nova Iorque não têm de se preocupar com isso. Há a Broadway, a Wall Street, o Empire State Building e a Estátua da Liberdade. Mas aqui, depois de as indústrias terem desaparecido, olhei à minha volta e vi que só nos restava uma lenda. E as lendas... bem, são apenas relíquias do passado, uma vila precisa de mais do que isso para sobreviver. É tudo o que tenho tentado fazer, procurar um meio de manter a vila viva. Entre tanto, você apareceu.

Jeremy desviou o olhar, a pensar nos edifícios entaipados em que tinha reparado à chegada, a lembrar-se dos comentários da Lexie acerca do encerramento da fábrica de têxteis e da mina de fósforo.

- Portanto, veio aqui esta manhã para me mostrar o seu lado da história?

- Não - replicou Gherkin.

- Vim aqui para lhe explicar que a ideia foi inteiramente minha. Não foi dos membros do Conselho Municipal nem dos habitantes da terra. Talvez fosse um erro da minha parte. Talvez você não concorde comigo. Mas fiz apenas o que julguei melhor para esta terra e para quem aqui vive. Só lhe peço que, quando tiver de escrever o seu artigo, não se esqueça de que não houve outras pessoas envolvidas. Se o sacrificado tiver de ser eu, não é caso que me apoquente muito. E julgo que o meu pai teria compreendido.

Sem esperar pela resposta, Gherkin voltou para o carro e não tardou a ser engolido pelo nevoeiro.

A madrugada viera mostrar um céu cinzento de nuvens baixas. Jeremy estava a ajudar o Alvin a carregar o resto do equipamento quando viu a Lexie chegar.

Saiu do carro numa atitude semelhante à que ele lhe vira na primeira vez, a olhá-lo com os seus impenetráveis olhos de cor violeta. Trazia na mão o diário de Gherkin. Encararam-se por momentos, como se nenhum soubesse o que dizer.

Alvin, que estava junto da bagageira do carro, quebrou o silêncio.

- Bom dia - saudou.

Ela forçou um sorriso.

- Olá, Alvin.

- Levantou-se cedo.

Lexie encolheu os ombros e olhou para Jeremy. Alvin olhou para um e para o outro, antes de apontar o hotel com um gesto de cabeça.

- Julgo que é melhor dar uma última vista de olhos pelo quarto - desculpou-se, apesar de ninguém parecer prestar-lhe atenção. Depois de o amigo se ter afastado, Jeremy respirou fundo:

- Não pensei que viesses.

- Para te ser franca, também não tinha a certeza se viria.

- Ainda bem que decidiste vir - agradeceu Jeremy.

O céu acinzentado recordava-lhe o passeio pela praia nas imediações do farol, fazia-Lhe lembrar quanto a adorava. Embora o seu primeiro instinto tivesse sido eliminar o espaço que os separava, a postura rígida de Lexie manteve-os longe um do outro.

Lexie fez um aceno de cabeça na direcção do carro.

- Segundo parece, estás preparado para partir.

- Sim. Está tudo pronto.

- E terminaste as filmagens das luzes?

Ante a banalidade da conversa, Jeremy hesitou.

- Será que vieste aqui para falar do meu trabalho e para veres se o carro estava carregado?

- Não. Não foi para isso.

- Então, vieste fazer o quê?

- Pedir desculpa pela maneira como te tratei ontem na biblioteca. Não devia ter agido daquela forma. Não fui justa contigo.

Ele mostrou um sorriso forçado.

- Não faz mal. Vou conseguir ultrapassar isso. E também tenho de pedir-te desculpa.

Lexie mostrou o diário.

- Trouxe-te isto. Para o caso de o quereres.

- Pensei que não desejavas que eu o utilizasse.

- E não desejo.

- E vens entregar-mo. Porquê?

- Porque devia ter-te falado nessa parte do diário e não quero que penses que há outras pessoas envolvidas num pretenso encobrimento. Percebo o que te levou a pensar que a vila estava a preparar qualquer coisa; esta é uma oferta de paz. Mas quero assegurar-te que não existiu nenhum esquema...

- Eu sei - interrompeu Jeremy. - O presidente da Câmara veio aqui esta manhã.

Ela assentiu, baixou os olhos e depois voltou a olhá-lo de novo. Nesse instante, ele pensou que Lexie ia dizer qualquer coisa, mas acabara por se arrepender.

- Bom, acho que é tudo - rematou, ao meter as mãos nos bolsos do casaco. - Será melhor que te deixe acabar para poderes seguir o teu caminho. Nunca fui apreciadora de despedidas prolongadas.

- Então, isto é a despedida? - perguntou Jeremy, a tentar que ela não desviasse o olhar.

Quase pareceu triste ao inclinar a cabeça para um lado.

- Tem de ser, não tem?

- Então, é isso? Vieste cá só para me dizer que está tudo acabado? - indagou, de má catadura, a passar a mão pelo cabelo. - Não tenho voto na matéria?

Lexie respondeu com voz calma:

- Jeremy, já discutimos tudo isso. Não vim aqui esta manhã para discutir, nem tampouco para te fazer zangar. Vim cá por lamentar a maneira como te tratei ontem. E por não querer que pensasses que esta semana não significou nada para mim. Significou.

As palavras dela doíam como murros e Jeremy teve de lutar para

conseguir falar.

- Mas tinhas a intenção de acabar.

- A minha intenção é ser realista.

- E se eu te disser que te adoro?

Ela olhou-o durante um longo momento.

- Não digas isso.

Jeremy deu um passo na direcção dela.

- Mas é verdade. Amo-te.

Não posso evitar este sentimento.

- Jeremy... por favor...

Ele avançou mais depressa, a sentir que finalmente estava a abalar-Lhe as defesas, com a sua coragem a aumentar a cada passo.

- Quero fazer tudo para que a relação funcione.

- Não podemos.

- É evidente que podemos - insistiu Jeremy, a dar a volta ao

carro. - Podemos pensar numa maneira.

- Não! - exclamou, com a voz mais dura, a dar um passo atrás.

- Porquê?

- Porque vou casar com o Rodney, percebeste?

A resposta deixou-o petrificado.

- De que é que estás a falar?

- A noite passada, depois do baile, ele foi a minha casa e conversámos. Falámos durante muito tempo. É honesto, é trabalhador, adora-me e é daqui. Tu não és.

Estupefacto com a notícia, ele ficou a olhá-la.

- Não acredito.

De expressão impassível, Lexie devolveu-Lhe o olhar.

- Acredita.

Como Jeremy não conseguisse responder-lhe, ela entregou-lhe o diário, ergueu a mão numa breve despedida e recuou, sem desviar os olhos dele, quase como fizera no cemitério no dia em que se conheceram.

- Adeus, Jeremy - despediu-se, antes de se virar para entrar no carro.

Ainda em choque, Jeremy ouviu o rodar da ignição e viu-a olhar por cima do ombro para fazer marcha atrás. Deu uns passos para a frente para pôr as mãos no capô, a tentar fazê-la parar. Porém, quando o carro começou a mover-se deixou que os dedos escorregassem pela superfície húmida, acabando por dar um pequeno passo atrás quando o carro começou a rodar.

Por um breve instante, Jeremy pensou ver-lhe um brilho de lágrimas nos olhos. Mas depois ela olhou em frente e ele soube, de uma vez para sempre, que não voltaria a vê-la.

Quis gritar, pedir-Lhe que parasse. Quis dizer-lhe que podia ficar, que queria ficar, que, se partir significava perdê-la, não fazia sentido voltar para casa. Mas as palavras não saíram e, ainda que lentamente, o carro passou por ele e começou a aumentar de velocidade para entrar na estrada.

Envolto no nevoeiro, Jeremy manteve-se parado, a olhar até o carro ser apenas uma sombra, de que só se viam as luzes traseiras. E depois até as luzes desapareceram e o próprio som do motor desvaneceu-se no bosque.

# VINTE

O resto do dia passou como se ele estivesse a ver através dos olhos de outra pessoa. Magoado e furioso, mal se recordava de ter seguido o Alvin pela estrada de acesso a Raleigh. Em mais de uma ocasião deu consigo a espreitar pelo retrovisor, a olhar o asfalto preto, a observar os carros que o seguiam, com a esperança de que um deles fosse o da Lexie. Ela mostrara-se perfeitamente firme no desejo de terminar a relação, mas, mesmo assim, Jeremy sentia o nível de adrenalina a subir sempre que avistava um carro parecido com o dela, a ponto de abrandar para poder ver melhor. Entretanto, Alvin ganhava terreno. Jeremy sabia que devia seguir atento à estrada que se estendia à frente do pára- brisas; em vez disso, passou a maior parte do tempo a olhar pelo retrovisor.

Depois de entregar o carro alugado, atravessou o terminal e dirigiu-se para a porta de embarque. Ao passar por lojas apinhadas de gente, ao desviar-se de pessoas que se Lhe atravessavam no caminho, nunca deixou de pensar nos motivos que levariam a Lexie a desistir de tudo o que ambos tinham partilhado. A bordo do avião, tais pensa mentos só foram interrompidos quando Alvin se sentou a seu lado.

- Obrigado de teres arranjado as coisas de forma a viajarmos juntos - agradeceu Alvin em tom sarcástico, ao enfiar o saco na bagageira lateral do avião.

- O quê? - indagou Jeremy.

- Os lugares. Pensei que tratarias do assunto quando fizesses o chec-in. Ainda bem que levantei a questão quando iam entregar-me o cartão de embarque. Estava destinado a sentar-me na última fila.

- Desculpa - desculpou-se Jeremy. - Devo ter-me esquecido.

- Pois, acho que sim - concordou Alvin, ao deixar-se cair no assento ao lado dele. Olhou de lado para o companheiro. - Ainda não queres falar do assunto?

Jeremy hesitou.

- Nem sei se há alguma coisa de que falar.

- Foi o que me disseste há bocado. No entanto, tanto quanto sei, fazia-te bem. Não tens ouvido aquelas discussões na televisão? Expressa o que sentes, liberta-te do sentimento de culpa, procura e acharás?

- Talvez mais tarde.

- Como queiras. Se não queres falar, óptimo. Aproveito para dormir uma soneca - decidiu; recostou-se na cadeira e fechou os olhos.

Jeremy ficou a olhar pela janela e Alvin dormiu durante a maior parte da viagem.

Logo que apanhou um táxi para sair do aeroporto de La Guardia, Jeremy começou a ser bombardeado pelo barulho e pelo movimento febril da cidade: homens de negócios que corriam de pastas na mão, mães que rebocavam os filhos pequenos enquanto tentavam ajeitar os sacos de compras, o cheiro dos escapes dos automóveis, buzinas a tocar, os uivos das sirenes da Polícia. Tudo perfeitamente normal, um mundo em que crescera e a que estava habituado; o que o surpreendeu, enquanto olhava pela janela do carro e procurava orientar-se pela realidade da sua vida, foi ter pensado no Greenleaf e no absoluto silêncio daquele lugar.

De regresso ao seu prédio de apartamentos, encontrou a caixa de correio atafulhada de folhetos de publicidade e de facturas para pagar; agarrou na papelada toda e seguiu escada acima. Dentro do apartamento, estava tudo como ele o tinha deixado. Revistas espalhadas pela sala, o escritório desarrumado como era habitual e ainda havia três garrafas de Heinken no frigorífico. Depois de largar a mala no quarto, abriu uma das garrafas de cerveja e levou o computador e a sacola para a secretária.

Tinha toda a informação que acumulara durante os últimos dias: os apontamentos e as cópias dos artigos, a câmara digital que continha as fotografias que tirara no cemitério, o mapa e o diário. Ao começar a tirar as coisas da mala, um maço de postais caiu em cima da secretária e ficou um momento a pensar onde os tinha obtido, durante o primeiro dia passado na vila. O primeiro postal mostrava uma panorâmica da vila a partir do rio. Rasgou a embalagem e começou a apreciar os restantes. Encontrou fotografias da Câmara Municipal, a imagem desfocada pelo

nevoeiro de uma garça azul a passear nas águas baixas de Boone Creek e barcos à vela reunidos numa tarde de mau tempo. Mais ou menos a meio do pacote de postais, deu consigo a olhar para uma fotografia da biblioteca.

Ficou parado, a pensar em Lexie, a compreender uma vez mais

quanto a adorava.

O postal, reprodução de uma velha fotografia a preto e branco,

mostrava a vila por alturas de 1950. Em primeiro plano, via-se o teatro com clientes bem vestidos na fila para compra de bilhetes; ao

Fundo, na pequena zona relvada ao lado da rua principal, havia uma

árvore de Natal decorada. Nos passeios viam-se casais a apreciarem

montras decoradas com grinaldas e luzes, enquanto outros passeavam

de mãos dadas. Ao analisar as fotografias, Jeremy pôs-se a imaginar

como seriam as festas em Boone Creek há cinquenta anos. Em vez de

passeios de madeira, viu passeios cheios de mulheres de lenço e homens de chapéu, com crianças a apontarem para cima, para os pingentes de gelo suspensos de um sinal de trânsito.

Enquanto olhava, deu consigo a pensar no presidente Gherkin.

O postal mostrava não só o modo como se vivia em Boone Creek meio

século antes, mas também a maneira como o presidente gostaria que se

voltasse a viver. Uma existência como a retrata Norman Rockwell,

embora com um certo ar sulista. Ficou a olhar o postal durante muito tempo, a pensar em Lexie e a reflectir sobre o que ia fazer com a história.

A reunião com os produtores de televisão estava marcada para a tarde de terça-feira. Antes, Nate e Jeremy encontraram-se no seu restaurante preferido, o Smith and Wollensky. Nate alegre, como de costume, excitado por ver Jeremy e encantado por tê-lo novamente na cidade, onde o podia vigiar. Logo que se sentou começou a falar do trabalho fotográfico do

Alvin, descreveu as imagens como fantásticas, como as daquela casa assombrada de Amityville, mas reais", e assegurou-lhe que os gestores da televisão iam adorá-las. Jeremy manteve-se calado durante a maior parte do tempo, a ouvir o arrazoado do Nate, mas quando viu uma mulher de cabelo escuro a sair do restaurante, com o cabelo exactamente do mesmo comprimento do da Lexie, sentiu um nó na garganta e, subitamente, pediu desculpa, alegando que precisava de ir à casa de banho.

Quando regressou, Nate estava a analisar a ementa. Jeremy acrescentou adoçante ao chá gelado que tinha pedido. Também ele passou os olhos pela ementa e disse que pensava mandar vir peixe-espada. Nate ficou a olhar para ele.

- Mas isto é uma churrasqueira - protestou.

- Eu sei. Mas apetece-me um prato mais leve.

Com ar ausente, Nate olhou para o tronco, como se estivesse a pensar que devia fazer o mesmo. No final, enrugou a testa e pôs a ementa de lado.

- Prefiro o bife. Tenho pensado nele toda a manhã. Mas, onde é que nós estávamos?

- A falar da reunião - recordou-Lhe Jeremy, levando o Nate a inclinar-se para ele.

- Então, não se trata de fantasmas, pois não? Quando falámos ao telefone disseste que tinhas visto as luzes e que tinhas quase a certeza de qual era a sua origem.

- Não - acentuou Jeremy. - Não são fantasmas.

- Nesse caso, são o quê?

Jeremy puxou dos apontamentos e gastou alguns minutos a explicar-Lhe o que tinha conseguido descobrir, começando pela lenda e descrevendo em pormenor o processo de descoberta. Até ele se apercebeu da monotonia do seu discurso. Nate ouvia e acenava constantemente mas, ao terminar, Jeremy notou-lhe as rugas de preocupação na testa.

- A fábrica de papel - comentou.

- Tinha esperança de que fossem alguns testes levados a cabo pelo Governo, qualquer coisa do género. Com os militares a testarem um novo avião ou uma máquina dessas - acrescentou. Depois de uma pausa, prosseguiu: - Tens a certeza de que não era um comboio militar? As gentes da informação adoram revelar segredos dos militares. Programas de armas secretas, coisas desse tipo. Ou talvez tenhas ouvido por lá qualquer pormenor para o qual não encontres explicação.

- Lamento - respondeu Jeremy com voz neutra -, mas trata-se apenas de luzes reflectidas no comboio. Não ouvi quaisquer ruídos.

Ao observar o agente, Jeremy viu as suas possibilidades começarem a desmoronar-se. Sabia que, quando se tratava de uma história, os instintos do Nate eram superiores aos dos editores.

- Não é grande coisa - comentou.

- Conseguiste descobrir qual era a versão verdadeira da lenda? Talvez pudéssemos explorar o ângulo racista.

Jeremy negou com acenos de cabeça.

- Nem consegui confirmar a existência de Hettie Doubilet. Para além das lendas, não fui capaz de encontrar vestígios dela em qualquer documento oficial. E Watts Landing desapareceu há muito tempo.

- Escuta, não quero parecer desmancha-prazeres, mas, se queres ser aceite, tens de apimentar o trabalho. Se não mostrares entusiasmo, não são eles que vão mostrar-se excitados. Estou certo ou estou errado? Estou certo, é evidente. Mas, vá lá, sê franco comigo. Encontraste mais qualquer coisa, não foi?

- Estás a falar de quê?

- Do Alvin; quando foi entregar os vídeos fiz-lhe umas perguntas acerca da história só para saber a opinião dele, e falou-me de uma outra coisa que encontraste, algo interessante.

A expressão de Jeremy não se alterou.

- Ah, sim?

- As palavras não são minhas, são dele - esclareceu o Nate, a mostrar-se muito satisfeito consigo próprio. - Mas não me esclareceu do que se tratava. Disse que isso era contigo. O que significa que deve ser importante.

Ao olhar para Nate, Jeremy quase sentia o diário a abrir um buraco na bolsa a tiracolo. Do outro lado da mesa, o agente brincava com o garfo, fazendo-o rodar nos dedos.

- Bom - começou Jeremy, a saber que era chegada a altura de tomar uma decisão.

Como não continuasse, Nate inclinou-se sobre a mesa.

- Então?

Mais tarde, depois de terminada a reunião, Jeremy encontrava-se sozinho no apartamento, a observar com ar ausente o mundo lá de fora. Tinha começado a nevar, os flocos formavam uma massa que caía em espiral e que as luzes dos candeeiros da rua tornavam hipnótica.

A reunião tinha começado bem; Nate tinha comunicado tal entusiasmo aos produtores que estes ficaram transfigurados com o que viram. O agente tinha feito um excelente trabalho. Depois, Jeremy falou da lenda, a notar o crescente interesse dos interlocutores enquanto lhes falava de Hettie Doubilet, e referiu a forma meticulosa como abordou a investigação. Traçou o paralelo entre Boone Creek e outras investigações de fenómenos misteriosos e, mais de uma vez, viu os gestores trocarem olhares, claramente a pensarem na maneira de o integrarem no programa.

Contudo, mais tarde, sozinho no apartamento, com o diário pousado em cima das coxas, sabia que não iria trabalhar com eles. A sua história, o mistério do cemitério de Boone Creek, era como um romance excitante que fracassava no final. A solução era demasiado simples, demasiado normal, e não deixara de notar o desapontamento deles no momento da despedida. Nate prometera manter-se em contacto, tal como eles fizeram, mas Jeremy sabia que não haveria mais telefonemas.

Quanto ao diário, não lhes falara nele, tal como fizera em relação a Nate.

Mais tarde, telefonou ao presidente Gherkin. Tinha uma proposta simples a apresentar-lhe: Boone Creek deixaria de falar aos turistas inscritos no Circuito das Mansões Históricas da possibilidade de verem os fantasmas do cemitério. A palavra assombrado, seria retirada da brochura, bem como qualquer insinuação de que as luzes estivessem relacionadas com qualquer fenómeno sobrenatural. Em vez disso, a lenda seria aproveitada na totalidade e os turistas seriam informados de que poderiam assistir a um espectáculo excepcional. Embora alguns dos turistas pudessem ver as luzes e imaginar que elas fossem os fantasmas de que falava a lenda, os guias voluntários das visitas nunca poderiam aludir a tal possibilidade. Finalmente, Jeremy pedia ao presidente que retirasse das suas lojas da baixa todas as canecas e T-shirts com alusões ao fenómeno.

Em troca, Jeremy prometia nunca fazer qualquer referência ao cemitério de Cedar Creek na televisão, na sua coluna ou em qualquer artigo independente. Não denunciaria o plano do presidente da Câmara para tornar a vila uma versão de Roswell, no Novo México, com fantasmas; nem informaria nenhum habitante da vila de que o presidente da Câmara sempre soubera a verdade.

O presidente Gherkin aceitou a oferta. Depois de desligar, Jeremy ligou para Alvin, a quem obrigou a jurar que guardaria o segredo.

# VINTE E UM

Nos dias que se seguiram à reunião mal-sucedida com os produtores, Jeremy concentrou-se na tentativa de voltar às rotinas habituais. Falou com o seu editor da Scientific American. Já atrasado nos prazos, e a recordar vagamente uma sugestão do Nate, acordou escrever um artigo acerca dos perigos das dietas com baixos níveis de hidratos de carbono. Passou horas na Internet e consultou inúmeros jornais, à procura de outros temas de interesse. Desapontado, ficou a saber que Clausen - com a ajuda de uma conhecida firma de publicidade de Nova Iorque - tinha ultrapassado a tempestade provocada pela aparição de Jeremy no programa Primetirne e continuava em negociações para conseguir ter um programa pessoal. Jeremy não deixou de reparar na ironia da situação e passou o resto do dia a lamentar a credulidade dos verdadeiros crentes.

Pouco a pouco, estava a conseguir recompor-se. Ou, pelo menos, assim julgava. Embora continuasse a pensar em Lexie com frequência, a imaginá-la muito ocupada nos preparativos para o casamento com Rodney, fez o que pôde para afastar tais ideias da cabeça. Eram demasiado dolorosas. Procurou, pelo contrário, retomar a vida que fazia antes de conhecer a Lexie. Na sexta-feira foi a uma discoteca. A noite não lhe correu lá muito bem. Em vez de se misturar e de tentar captar a atenção das mulheres mais próximas, sentou-se no bar e entreteve-se com uma só cerveja durante a maior parte do serão, acabando por sair muito antes da hora habitual. No dia seguinte foi a Queens visitar a família, mas ver os irmãos e as mulheres com os filhos apenas o fez desejar uma vida que nunca poderia vir a ter.

Durante a tarde de segunda-feira, com uma nova tempestade a assentar arraiais, convencera-se verdadeiramente de que estava tudo acabado. Lexie não tinha telefonado e ele também não. Por vezes, aqueles poucos dias de contacto com Lexie pareciam-Lhe nada mais do que uma miragem que tivesse andado a investigar. Não podiam ter acontecido, dizia para si mesmo, mas ao sentar-se à secretária deu consigo a olhar de novo para os postais e acabou por pregar um deles, o que mostrava a biblioteca, na parede por detrás da secretária.

Pela terceira vez numa semana, encomendou o almoço ao restaurante chinês que havia no quarteirão onde morava, para depois se recostar na cadeira, a pensar nas escolhas que tinha feito. Por instantes, imaginou que Lexie poderia estar a almoçar ao mesmo tempo que ele, mas o pensamento foi interrompido pelo toque do intercomunicador.

Pegou na carteira e dirigiu-se para a porta. Por entre os ruídos de estática do intercomunicador, ouviu uma voz feminina.

- A porta está aberta. Pode subir.

Passou os dedos pelas notas, tirou uma de vinte dólares e chegou à porta no momento em que ouviu bater.

- Chegou depressa - comentou. - Habitualmente levam…

Não conseguiu continuar, pois, ao abrir a porta, viu Doris à sua frente.

Em silêncio, ele e a visita fitaram-se, até que finalmente ela sorriu.

- Surpresa! - exclamou.

Ele pestanejou:

- Doris?

Doris bateu os pés para se libertar da neve.

- Há uma tempestade lá fora - informou -, e está tanto frio que até pensei que não conseguia cá chegar. O táxi derrapava de um lado para o outro da rua.

Jeremy continuava a olhar, a tentar encontrar significado para aquela súbita aparição.

Ela tirou a mala do ombro e olhou-o nos olhos.

- Vai obrigar-me a ficar aqui no patamar, ou vai convidar-me a entrar?

- Desculpe... claro. Faça favor - tartamudeou, a indicar-Lhe que entrasse.

Doris passou por ele e pôs a mala em cima da mesa, perto da porta. Deu uma vista de olhos pelo apartamento e tirou o casaco.

- É agradável - comentou, a andar à volta da sala.

- Maior do que eu pensava. Mas as escadas são assassinas. Precisa mesmo de mandar arranjar o elevador.

- Pois... Eu sei.

A visita parou junto à janela.

- Mas a cidade é bonita, mesmo com a tempestade. E tem tanto movimento! Percebo as razões que levam as pessoas a quererem viver aqui.

- O que é que veio cá fazer?

- É evidente que vim falar consigo.

- Acerca da Lexie?

Não obteve resposta imediata. Doris suspirou e falou calmamente:

- Entre outras coisas - admitiu, a encolher os ombros quando o viu enrugar a testa. - Por acaso, não tem por aí chá? Ainda me sinto gelada.

- Mas...

- Temos muito de que falar - esclareceu Doris, mantendo a voz firme. - Sei que tem dúvidas, mas vamos precisar de algum tempo. Portanto, tem ou não tem chá?

Jeremy dirigiu-se à pequena cozinha e aqueceu uma chávena de água no microondas. Depois de lhe juntar um pacote de chá, levou a chávena para a sala, onde encontrou a Doris sentada no sofá. Entregou-lhe a chávena e ela bebeu imediatamente um gole.

- Peço desculpa por não ter telefonado. Reconheço que o devia ter feito. Deve ter ficado bastante chocado. Mas queria falar consigo, em pessoa.

- Como é que descobriu a minha morada?

- Falei com o seu amigo Alvin. Foi através dele.

- Falou com o Alvin?

- Ontem. Ele tinha dado o número de telefone à Rachel; por isso, telefonei-lhe, mostrou-se muito simpático e deu-me o seu endereço. Gostaria de tê-lo conhecido quando esteve em Boone Creek. Pareceu-me um perfeito cavalheiro.

Jeremy viu na conversa de circunstância um sinal de crescente nervosismo e decidiu manter-se calado. Sabia que ela estava apenas a

tentar encontrar a forma de expressar o que tinha vindo dizer. O intercomunicador tocou de novo e Doris olhou de relance para a porta.

- É o meu almoço - informou Jeremy, aborrecido com a interrupção. - Dê-me um minuto, por favor.

Pôs-se de pé, premiu o botão do intercomunicador e destrancou a porta; enquanto esperava, viu de relance a Doris a ajeitar a blusa. Um instante depois, tornou a mexer-se; fosse como fosse, o facto de ela estar nervosa ajudou-o a acalmar os próprios nervos. Respirou fundo e deu um passo para o patamar, onde se encontrou com o distribuidor logo que ele subiu o último lanço de escadas.

Regressou e estava a colocar o saco em cima da bancada da cozinha quando ouviu a voz da Doris.

- O que é que encomendou?

- Carne de vaca com brócolos, arroz e porco frito.

- Cheira bem.

Talvez fosse a maneira como o disse que o obrigou a sorrir.

- Agradava-lhe se eu fizesse dois pratos?

- Não gostaria de vir comer o seu almoço.

- Chega para os dois - comentou, enquanto tirava os pratos. - E, além disso, não me disse que gostava de conversar durante uma boa refeição?

Dividiu a comida e trouxe os pratos para a mesa; Doris sentou-se ao lado dele.

Mais uma vez, deixou que ela começasse; durante alguns minutos, comeram em silêncio.

- Está delicioso - acabou ela por confessar.

- Não tomei o pequeno-almoço e acho que nem me tinha apercebido de que tinha tanta fome. É uma grande viagem. Tive de sair de casa ao amanhecer e o voo estava atrasado. O mau tempo fez cancelar tudo e, por algum tempo, nem houve a certeza de que levantássemos voo. Além disso, estava nervosa. Foi a primeira vez que viajei de avião.

- Oh!

- Nunca houve uma razão para isso. Lexie pediu-me que a viesse visitar quando viveu aqui, mas o meu marido não estava muito bem de saúde, motivo por que nunca consegui fazer a viagem. Depois ela regressou. Bastante em baixo, na altura. Penso que a julga uma pessoa dura e forte, mas isso é apenas o que ela deseja que os outros pensem. Por baixo da carapaça, é uma pessoa como qualquer outra, e sentia-se esmagada pelo que tinha acontecido com o Avery.

Chegada ali, Doris hesitou:

- Ela contou-lhe, não foi?

- Contou.

- Sofreu em silêncio, manteve a aparência corajosa, mas eu sabia quanto estava perturbada. Não podia fazer nada por ela. Escondia o que sentia ao manter-se sempre ocupada, a correr daqui para ali, a falar com toda a gente, a assegurar-se de que todos ficassem com a impressão de que ela estava bem. Nem calcula quanto tudo isso me fazia sentir inútil.

- Qual o motivo de vir contar-me tudo isso?

- Porque agora está a agir da mesma maneira.

Jeremy remexeu a comida com o garfo.

- Doris, quem acabou não fui eu.

- Também tenho consciência disso.

- Então, por que veio falar comigo?

- Porque a Lexie não me ouve.

Apesar da tensão, Jeremy soltou uma gargalhada.

- Julgo que isso quer dizer que eu sou capaz de convencer as pessoas?

- Não - contrapôs Doris. - Significa que tenho a esperança de que não seja tão teimoso como ela.

- Mesmo que estivesse disposto a tentar de novo, a decisão continua a ter de ser dela.

Doris observou-o demoradamente.

- Acredita realmente no que está a dizer?

- Tentei falar com ela. Disse-Lhe que desejava encontrar uma

forma de fazer a relação funcionar.

Em vez de responder ao comentário dele, Doris perguntou:

- Já foi casado, não é verdade?

- Há muito tempo. A Lexie contou-lhe?

- Não. Descobri isso durante a nossa primeira conversa.

- Outra vez os dons psíquicos?

- Não, nada disso. Tem mais a ver com a forma como interage

com as mulheres. Porta-se com uma confiança que muitas mulheres

consideram cativante. Ao mesmo tempo, tive a sensação de que compreende o que as mulheres desejam mas, por qualquer razão, não pretende entregar-se completamente.

- O que é que isso tem a ver com o resto?

- As mulheres desejam o conto de fadas. Nem todas, é evidente,

mas, na sua maioria, as mulheres sonham com aquele género de

homem que arriscaria tudo por elas, mesmo sabendo que poderão

acabar por sair magoadas - explicou. Fez uma pausa. - Uma situação do género da que criou quando foi ter com ela à casa da praia. Foi isso que a levou a apaixonar-se por si.

- Ela não está apaixonada por mim.

- É óbvio que está.

Jeremy abriu a boca para negar, mas não conseguiu. Em vez disso,

abanou a cabeça.

- De qualquer maneira, já não interessa. Vai casar-se com o Rodney.

Doris encarou-o.

- Não, não vai. Contudo, antes que pense que

foi uma maneira de o afastar, deve pensar que ela apenas disse tal

coisa para, depois de você partir, não ter de ficar acordada durante

a noite a pensar no motivo por que você nunca mais voltaria - esclareceu, fazendo nova pausa para deixar que as ideias assentassem. - Além do mais, não acreditou nisso, pois não?

Foi a maneira como Doris disse aquilo que o fez recordar-se da sua

própria reacção quando ela falou no casamento com o Rodney. Não, apercebia-se agora, não tinha acreditado nela.

Doris estendeu o braço por cima da mesa e agarrou-lhe na mão.

- É um bom homem, Jeremy. E merece saber a verdade; foi esse o motivo que me trouxe até cá.

Levantou-se da mesa.

- Tenho de ir apanhar o avião. Se não regressar esta noite, Lexie vai perceber que anda qualquer coisa no ar. Prefiro que não saiba da minha vinda a Nova Iorque.

- Uma grande viagem. Teria sido mais fácil telefonar-me.

- Eu sei. Mas tinha de ver a sua expressão.

- Porquê?

- Pretendi saber que também estava apaixonado por ela - explicou, a dar-lhe uma palmadinha no ombro, antes de se dirigir para a sala de estar, onde recuperou a mala de mão.

- Doris! - chamou Jeremy.

Ela voltou-se:

- O que é?

- Encontrou a resposta que procurava?

Doris sorriu.

- A verdadeira pergunta deveria ser: O Jeremy encontrou a resposta?

# VINTE E DOIS

Jeremy ficou a percorrer a sala a passos largos. Precisava de pensar, de avaliar as opções, de modo a decidir o que fazer.

Passou a mão pelos cabelos e abanou a cabeça. Não dispunha de

tempo para indecisões. Agora não, depois de saber o que sabia. Tinha de lá voltar. Meter-se no primeiro avião em que conseguisse

lugar e voltar a procurá-la. Falar-Lhe, tentar convencê-la de que nunca falara mais a sério, em toda a sua vida, do que no momento

em que afirmara que a amava. Dizer-lhe que não concebia a vida sem ela. Dizer-lhe que faria tudo o que fosse necessário para poderem ficar juntos.

Ainda antes de a Doris ter acenado a um táxi no exterior do edifício, já ele estava a telefonar para a companhia de aviação.

Ficou a aguardar o que lhe pareceu uma eternidade, mais furioso a cada segundo que passava até que, finalmente, conseguiu ser atendido.

O último avião para Raleigh partia dentro de noventa minutos. Mesmo com bom tempo, a viagem de táxi levaria metade desse tempo, mas a outra opção era esperar até ao dia seguinte.

Tinha de andar depressa. Agarrando num saco de viagem, atirou lá para dentro dois pares de calças de ganga, duas camisas, peúgas e roupa interior. Vestiu o casaco e enfiou o telemóvel num dos bolsos. Pegou no carregador que estava em cima da secretária. Computador portátil? Não, não iria precisar dele. Que mais?

Oh, pois claro. Correu à casa de banho e verificou o conteúdo do estojo de higiene. Lembrou-se da máquina de barbear e da escova de dentes e atirou-as lá para dentro. Apagou as luzes, desligou o computador e pegou na carteira. Deu-lhe uma vista de olhos e verificou que tinha dinheiro suficiente para chegar ao aeroporto; chegava, para já.

Pelo canto do olho viu o diário de Owen Gherkin, meio enterrado numa pilha de papéis. Meteu o diário e o estojo de higiene no saco a tiracolo, tentou pensar se precisaria de mais qualquer coisa, mas acabou por desistir: não tinha tempo. Pegou nas chaves que estavam na mesa junto da porta e deu uma derradeira vista de olhos, antes de fechar a porta e desarvorar pelas escadas abaixo.

Chamou um táxi, disse ao condutor que estava com pressa e sentou-se, a respirar fundo, à espera de que tudo corresse pelo melhor. Doris tivera razão: por causa do nevão, o trânsito estava difícil e uma simples paragem a meio da ponte do East River foi suficiente para o pôr a praguejar em surdina. Para poupar tempo nas operações de controlo de segurança, tirou o cinto e meteu-o no saco, juntamente com as chaves. O taxista estava a observá-lo pelo retrovisor. Não escondia uma expressão de aborrecimento, e embora conduzisse depressa, fazia-o sem qualquer sentido de premência. Jeremy mordeu a língua, pois sabia que não ganharia nada em irritá-lo.

Os minutos passaram. A queda de neve, que parara durante algum tempo, recomeçou, reduzindo ainda mais a visibilidade. Faltavam quarenta e cinco minutos para a partida.

A corrente de trânsito voltou a abrandar e Jeremy suspirou em voz alta, depois de consultar uma vez mais o relógio. Dez minutos mais tarde, chegaram ao aeroporto e foram direitos ao terminal. Finalmente.

No momento em que o táxi parou, abriu a porta e atirou duas notas de vinte dólares para o banco ao lado do condutor. Uma vez dentro do terminal, hesitou apenas durante uma fracção de segundo perante o quadro electrónico das partidas, a procurar saber qual era a sua porta de embarque. Felizmente, a Fila para obter o bilhete electrónico era curta; logo que conseguiu o bilhete correu para o controlo de segurança. Sentiu um baque no coração ao verificar a extensão das Filas de espera, mas conseguiu uma aberta com a súbita abertura de uma nova passagem. As pessoas que estavam à espera começaram a deslocar-se naquela direcção; numa corrida, Jeremy conseguiu adiantar-se a três delas.

Faltavam menos de dez minutos para encerrar o acesso ao voo e, logo que chegou à área de verificação de segurança, Jeremy começou a correr,

em vez de andar em passo normal. Deslizando por entre as multidões, pegou na carta de condução e contou as portas de embarque que faltavam.

Estava ofegante quando conseguiu alcançar a porta e sentia que começava a transpirar.

- Consegui? - perguntou, a ofegar.

- Só por ter havido um ligeiro atraso - esclareceu a funcionária do balcão ao inserir o nome no computador. A assistente colocada

junto da porta ficou a olhar para ele.

A assistente recebeu-lhe o bilhete e fechou a porta logo que ele começou a subir a rampa. Ao entrar no avião ainda não tinha conseguido normalizar a respiração.

- Não tarda que encerremos as portas. É o último passageiro a entrar, pode sentar-se onde quiser - informou a assistente de bordo ao receber-Lhe o cartão de embarque.

- Obrigado.

Caminhou pela coxia, ainda espantado por ter conseguido, e viu um assento de janela vazio, a meio do avião. Estava a arrumar o saco na bagageira quando avistou a Doris, três filas atrás dele.

Doris devolveu-lhe o olhar mas manteve-se calada; limitou-se a sorrir.

O avião aterrou em Raleigh às 15h30; Jeremy percorreu o terminal em companhia da Doris. Perto da saída, olhou por cima do ombro, a dizer:

- Tenho de alugar um carro.

- Terei muito gosto em dar-lhe uma boleia. Vou para esses lados.

Ao vê-lo hesitar, sorriu.

- E deixo-o conduzir - acrescentou.

Nunca deixou que a velocidade baixasse para menos de 120 e poupou quarenta e cinco minutos numa viagem de três horas e meia; caía a noite quando se aproximou dos arredores da vila. Com imagens dispersas de Lexie a flutuarem-lhe na cabeça, não deu pela passagem do tempo, nem se

recordava muito bem da viagem. Tentou ensaiar o que pretendia dizer ou prever as respostas que ela lhe

daria, mas teve de reconhecer que não fazia ideia do que ia acontecer. Também não interessava. Por mais que matutasse, não conseguia imaginar uma outra maneira de fazer as coisas.

Aproximavam-se do centro e puderam verificar que as ruas estavam calmas. Doris voltou-se para ele.

- Importa-se de me deixar em casa?

Olhou para ela, a aperceber-se de que mal tinham falado desde a saída do aeroporto. Com o pensamento fixo em Lexie, não reparara nesses pormenores.

- Não vai precisar do carro?

- Só preciso dele amanhã. Além disso, está frio para se andar por aí à noite.

A seguir as instruções de Doris, Jeremy chegou com facilidade à porta dela. Viu o seu jornal, que fora colocado junto à porta da

pequena vivenda pintada de branco. A lua em quarto crescente aparecia logo acima da linha dos telhados e, naquela luz baça, deu uma olhadela a si mesmo no espelho retrovisor. Ao perceber que faltavam poucos minutos para ver a Lexie, percorreu o cabelo com os dedos.

Doris notou o gesto nervoso e deu-lhe uma palmadinha na coxa.

- Vai correr tudo bem. Acredite em mim.

Jeremy forçou-se a sorrir, a tentar esconder as dúvidas que o assaltavam.

- Há algum conselho de última hora?

- Não - respondeu Doris, a acenar com a cabeça. - Além disso, já recebeu tudo o que eu tinha para lhe dar. Está aqui, não está?

Jeremy assentiu e Doris inclinou-se no banco para o beijar na face.

- Bem-vindo a casa - sussurrou.

Jeremy fez inversão de marcha, obrigando os pneus a chiarem ao acelerar na direcção da biblioteca. Lexie tinha-Lhe dito que mantinha a biblioteca a funcionar para as pessoas que saíam dos empregos, não tinha? Numa das conversas entre ambos? Sim, pensou, tinha a certeza, mas não fazia ideia de quando tinha sido. Teria sido no dia em que se conheceram? No dia a seguir? Suspirou, a reconhecer que a necessidade compulsória de rever a história dos dias ali passados não passava de uma tentativa para acalmar os nervos. Vir ali teria sido sen sato? Lexie ficaria satisfeita quando o visse? Qualquer confiança que tivesse sentido, evaporara-se com a aproximação da biblioteca.

A baixa apareceu-lhe bem nítida, em contraste com as imagens de fantasia e nevoeiro que recordava. Passou pelo Lookilu e viu uma meia dúzia de carros no parque de estacionamento, perto da pizaria. Um grupo de adolescentes conversava numa esquina e, embora a princípio lhe parecesse que estavam a fumar, apercebeu-se de que via apenas a respiração deles a condensar-se no ar frio.

Virou novamente; no lado mais afastado do cruzamento viu as luzes da biblioteca, acesas em ambos os pisos. Arrumou o carro e meteu-se na noite fria. A respirar fundo e em grandes passadas, não tardou a alcançar a porta principal e a abri-la.

Sem ninguém no balcão de atendimento, parou para espreitar pelas portas de vidro toda a área do primeiro piso. Entre os leitores, não viu sinais de Lexie. Mas não deixou de esquadrinhar os cantos da sala, só para ter a certeza.

A pensar que a Lexie poderia estar no seu gabinete ou na sala principal, apressou-se a percorrer o corredor e a subir a escada, sempre a olhar à volta e a dirigir-se para o gabinete dela. De longe, verificou que a porta estava fechada e que não se via luz pelas frinchas. Experimentou a porta e notou que estava fechada à chave; a seguir, a caminho da sala de livros raros, espreitou para todos os corredores entre as estantes.

Fechada à chave.

Cortou caminho por entre as mesas da sala principal, sempre a

andar depressa, a ignorar os olhares de pessoas que decerto o reconheciam. Ao caminhar para a porta principal, percebeu que deveria ter

verificado se o carro dela estava no parque de estacionamento.

Nervos, fez-Lhe notar uma voz interior.

Pouco interessava. Se o carro ali não estivesse, o mais provável era que Lexie tivesse ido para casa.

Uma das voluntárias mais idosas apareceu, carregada de livros, e os

olhos brilharam-lhe quando viu Jeremy a aproximar-se.

- Mr. Marsh - saudou na sua voz cantada. - Não esperava

voltar a vê-lo! O que é que o traz por aqui?

- Andava à procura da Lexie.

- Saiu há cerca de uma hora. Penso que foi a casa da Doris, para ver como ela está. Sei que Lhe tinha telefonado e que a Doris não respondeu.

Jeremy não se deu por achado.

- Oh!

- E também soube que a Doris não estava no Herbs. Tentei

convencê-la de que a Doris poderia ter coisas a tratar, mas sabe como

é a Lexie quando está preocupada. Parece uma mãe-galinha. Por

vezes, consegue pôr a Doris maluca, mas ela sabe que é apenas a maneira de a neta Lhe demonstrar quanto se preocupa.

A voluntária fez uma pausa, a aperceber-se subitamente de que

Jeremy não dera qualquer explicação acerca do seu reaparecimento.

Contudo, antes que pudesse perguntar fosse o que fosse, Jeremy

trocou-Lhe as voltas.

- Escute, adoraria ficar aqui a conversar, mas tenho mesmo que

falar com a Lexie.

- Outra vez a história? Talvez o possa ajudar. Tenho a chave da sala de livros raros, se precisar de lá ir.

- Não, não é necessário. Mas agradeço na mesma.

Já ia lançado, quando ouviu a voz dela, vinda lá de trás:

- Se ela voltar, quer que lhe diga que esteve cá?

- Não - disse, sem se voltar. - Quero fazer-lhe uma surpresa.

Estremeceu de frio ao sair da biblioteca e correu para o carro.

Entrou na rua principal e fez a curva que leva à extremidade da vila, a reparar no céu cinzento e cada vez mais escuro. Acima das árvores, avistou as estrelas, milhares delas. Milhões. Por instantes, imaginou como pareceriam vistas do cimo de Riker's Hill.

Entrou na rua onde morava a Lexie e sentiu que algo cedia ao ver que não havia luzes na casa e que o carro dela não estava no desvio. Sem crer no que via, passou pela casa lentamente, a confirmar se teria cometido algum erro.

Se não se encontrava em casa nem na biblioteca, onde é que poderia estar?

Ter-se-iam cruzado quando ele fora levar a Doris a casa? Tentou pensar. Ter-se-ia cruzado com alguém? Não, que se lembrasse, mas também não podia afirmar que estivesse com atenção. No entanto, tinha a certeza de que teria reconhecido o carro dela.

Decidiu passar por casa da Doris, só para confirmar; a conduzir demasiado depressa dentro da vila, sem deixar de procurar o carro dela, correu para a vivenda branca.

Uma vista de olhos foi suficiente para verificar que a Doris já se tinha deitado.

Contudo, parou em frente da casa, a tentar perceber onde é que Lexie teria ido. A vila não era grande e as opções eram poucas. Pensou de imediato no Herbs, mas lembrou-se de que o restaurante não abria à noite.

Não vira o carro dela no parque do Lookilu; nem em qualquer outro local do centro. Supôs que ela estivesse empenhada em qualquer actividade corrente: a comprar artigos de mercearia, a devolver um vídeo alugado ou a recolher roupa na lavandaria. ou. ou.

E, assim, subitamente percebeu aonde ela estava.

Agarrou-se bem ao volante, a tentar arranjar forças para completar a viagem. Sentia um aperto no peito e notou que respirava com demasiada rapidez, como lhe acontecera durante a tarde, ao tomar lugar no avião. Custava a acreditar que tivesse começado o dia em Nova Iorque, a pensar que não voltaria a ver a Lexie, e que agora se encontrasse em Boone Creek, a planear o que julgara ser impossível. Conduziu pelas estradas escurecidas, ainda enervado pela possível reacção de Lexie quando o visse reaparecer.

O luar banhava o cemitério de uma claridade quase azulada e as pedras tumulares pareciam iluminadas por luz interior. A cerca de ferro forjado acrescentava um toque fantasmagórico àquele cenário etéreo. Ao aproximar-se da porta do cemitério, viu o carro da Lexie parado junto do portão.

Arrumou o carro a seguir ao dela. Ao sair do carro da Doris, ouviu os estalos do motor a arrefecer e das folhas secas que pisava. Respirou fundo. Colocou a mão no capô do carro da Lexie e sentiu o calor que ainda irradiava. Tinha parado havia pouco tempo.

Passou pelo portão e viu a magnólia de folhas negras e lustrosas, como se tivessem sido mergulhadas em óleo. Passou por cima de um ramo e recordou-se de ter andado aos tropeções pelo cemitério, numa noite de nevoeiro em que estivera ali com a Lexie e não conseguia ver onde punha os pés. A meio do caminho, ouviu um mocho piar de cima de uma árvore.

Deixando o carreiro, desviou-se de uma cripta a desmoronar-se e caminhou devagar, a tentar fazer o mínimo de ruído enquanto subia a pequena rampa. Por cima dele, viu a Lua pendurada no céu, como se tivesse sido colada numa folha de papel preto. Pensou ouvir um murmurar baixo e, ao parar para escutar, sentiu um fluxo intenso de adrenalina. Acabava de a encontrar, de se encontrar a si próprio, e sentiu o corpo a

preparar-se para o que viria a seguir. Dobrou o cimo do pequeno morro, sabia que os pais da Lexie se encontravam sepultados do outro lado.

Chegara a hora. Dentro de momentos veria a Lexie e ela vê-lo-ia também. Arrumaria a questão de uma vez por todas, ali, onde tudo começara.

Lexie estava de pé, no sítio exacto em que esperava encontrá-la, banhada pela luz prateada. O rosto mostrava uma expressão vaga, quase pesarosa, e os olhos eram de uma luminosa cor violeta. Viera preparada para enfrentar o tempo frio: cachecol à volta do pescoço e luvas pretas que faziam que as mãos dela parecessem sombras.

Falava em voz baixa, mas ele não conseguiu entender as palavras. Enquanto ele a observava, Lexie parou subitamente e ergueu os olhos. Durante um momento que pareceu interminável, fixaram os olhos um no outro.

Ao olhar para ele sem pestanejar, Lexie parecia uma estátua de pedra. Finalmente, desviou o olhar. Voltou a concentrar-se nas sepulturas e Jeremy percebeu apenas que não fazia ideia daquilo em que ela estava a pensar. De repente, a vinda ali pareceu-lhe um erro. Ela não o queria ali, não o queria de maneira nenhuma. Sentiu a garganta endurecer, e estava prestes a rodar nos calcanhares para ir-se embora, mas reparou no ligeiro sorriso de Lexie.

- Sabes, realmente não devias olhar dessa maneira - admoestou. - As mulheres gostam de homens que saibam ser subtis.

Sentiu o corpo percorrido por uma sensação de alívio, sorriu e deu um passo em frente. Quando estava suficientemente perto para a tocar, estendeu o braço e pôs-lhe a mão na anca. Lexie não se afastou; em vez disso, encostou-se a ele. A Doris tivera razão.

Chegara ao lar.

- Não - sussurrou-lhe junto da orelha -, as mulheres gostam de um homem capaz de as seguir até ao fim do mundo, ou mesmo até Boone Creek, se necessário.

Apertando-a mais contra si, levantou-lhe o rosto e beijou-a, a saber que nunca mais a deixaria.

# EPÍLOGO

Jeremy e Lexie estavam sentados juntos, enroscados debaixo de um cobertor, a olhar a vila que se estendia mais abaixo. Era a noite de quinta-feira, três dias depois do regresso de Jeremy a Boone Creek. As luzes brancas e amarelas da vila, cruzadas por ocasionais vermelhos e verdes, pareciam cintilar e Jeremy viu as plumas de fumo que se elevavam das chaminés. O rio corria negro, como carvão líquido, a servir de espelho ao céu. Para lá do rio, as luzes da fábrica de papel espalhavam-se em todas as direcções, a iluminarem o viaduto ferroviário.

Nos dois últimos dias, ele e a Lexie tinham passado muito tempo a conversar. Ela pediu desculpa por ter mentido acerca do Rodney e confessou que afastar-se do Greenleaf, deixando-o parado na estrada de terra, fora a decisão mais difícil de toda a sua vida. Descreveu a tristeza do tempo em que viveram afastados, um sentimento de que Jeremy também partilhou. Por sua vez, ele contou-Lhe que, embora o Nate não se deixasse entusiasmar pelo filme, o seu editor do Scientific American estava disposto a deixá-lo trabalhar tendo Boone Creek por base, desde que ele se deslocasse regularmente a Nova Iorque. Contudo, não se referiu à visita de Doris à sua casa de Nova Iorque;

no segundo dia depois do regresso, Lexie levou-o a jantar em casa da Doris; a avó chamara-o de parte e pedira-lhe que não falasse do assunto.

- Não quero levá-la a pensar que interfiro com a vida dela - desculpou-se. - Acredite ou não, considera-me metediça.

Por vezes, sentia dificuldade em compreender que estava realmente ali; por outro lado, custava-lhe a perceber que, da primeira vez, tivesse decidido ir-se embora. Estar com a Lexie parecia-lhe natural, como se ela fosse o abrigo que procurava há muito tempo. Embora a Lexie parecesse sentir o mesmo, não o autorizou a viver em casa dela.

- Não quero dar à gente da terra motivos para fazer mexericos - insistia. No entanto, Jeremy sentia-se razoavelmente confortável no

Greenleaf, mesmo que ainda não tivesse conseguido arrancar um sorriso ao Jed.

- Pensas, então, que o caso do Rodney e da Rachel é sério? - indagou Jeremy.

- Parece que é - respondeu Lexie.

- Ultimamente, têm passado muito tempo juntos. Ela parece cintilar sempre que o Rodney aparece no Herbs e juro que fica corada. Penso que foram realmente feitos um para o outro.

- Ainda nem quero crer que me disseste que ias casar com ele.

Lexie deu-lhe um toque, ombro com ombro.

- Não quero voltar a falar disso. Já pedi desculpa. E preferia que não pensasses passar o resto da vida a lembrar-me tal coisa.

- Mas, trata-se de uma bela história.

- Pensas assim porque pareces bom, se conseguires fazer de mim a má da fita.

- Fui bom.

Lexie beijou-o na face.

- Pois foste.

Jeremy chegou-a mais para si e ficaram a ver uma estrela cadente a cruzar o céu. Por momentos, mantiveram-se sentados em silêncio.

- Tens muito que fazer amanhã? - perguntou Jeremy.

- Depende. Em que é que estás a pensar?

- Falei com Mrs. Reynolds e combinei ir ver umas casas. Gostava que me acompanhasses. Num lugar como este, não me agradaria nada comprar casa num sítio inconveniente.

Ela abraçou-o com mais força.

- Adorarei ir contigo.

- E gostaria também de te levar a Nova Iorque. Numa das duas semanas que vêm. A minha mãe insiste em querer conhecer-te.

- Também vou gostar de a conhecer. Além disso, sempre adorei aquela cidade. Vivem lá algumas das pessoas mais simpáticas que conheci.

Jeremy fez rolar os olhos nas órbitas.

Por cima deles, pequenas nuvens passavam a flutuar pela frente da Lua e, no horizonte, Jeremy notou os sinais de uma tempestade que se aproximava. A chuva chegaria dentro de poucas horas mas, nessa altura, já ele e a Lexie estariam a beberricar vinho na sala de estar, a ouvir os pingos de chuva a bater no telhado.

A dada altura, Lexie voltou-se para ele.

- Obrigada por teres voltado. Por te mudares para cá... por tudo.

- Não tive escolha. O amor provoca reacções estranhas nas pessoas.

Ela sorriu.

- Como sabes, também te amo.

- Pois, eu sei.

- O quê? Não vais dizer o que deves?

- É necessário?

- É evidente que sim. E tens de usar o tom certo. Tens de

proferir as palavras como quem acredita nelas.

Jeremy sorriu, a pensar se ela iria corrigir-Lhe o tom, para sempre.

- Amo-te, Lexie.

Lá longe, ouviu-se o apito de um comboio e Jeremy vislumbrou um pequeno ponto de luz no meio da escuridão. Se fosse uma noite de nevoeiro, as luzes não tardariam a aparecer no cemitério. Lexie pareceu seguir-lhe o pensamento.

- Então, diga-me, Senhor Jornalista Científico, ainda duvida da existência de milagres?

-Já te disse. Tu és o meu milagre.

Antes de Lhe pegar na mão, Lexie ficou durante uns instantes com a cabeça encostada ao ombro dele.

- Estou a falar de verdadeiros milagres. Quando acontece qualquer coisa que nunca julgámos possível.

- Não. Julgo que, se investigarmos com a devida profundidade, encontraremos sempre uma explicação.

- Mesmo que o milagre tivesse acontecido a nós mesmos?

Falara com voz suave, quase num sussurro, obrigando-o a olhá-la

de frente. Jeremy viu as luzes da vila reflectidas nos olhos dela.

- De que é que estás a falar?

Lexie respirou fundo.

- Há umas horas, a Doris deu-me uma notícia...

Jeremy ficou a observá-la, incapaz de perceber o que ela estava a dizer-lhe, embora Lexie fosse mudando de expressão, de hesitante para expectante, passando por um estado de animação. Olhou para Jeremy, à espera que ele dissesse qualquer coisa, mas as palavras continuavam a não fazer sentido na cabeça dele.

Havia a ciência e havia o inexplicável; e Jeremy passara a vida a tentar conciliar as duas ideias. Discorria sobre a realidade, zombava da magia e sentia dó dos verdadeiros crentes. Contudo, ao olhar para Lexie, a tentar encontrar um sentido para o que ela estava a dizer-lhe, começou a sentir que a sua velha segurança parecia querer esfumar-se.

Não, não podia explicar tudo e, no futuro, não o faria. Era um desafio às leis da Biologia, deitava por terra as presunções sobre o homem que ele sabia ser. Resumindo: era impossível; mas quando ela lhe pegou delicadamente na mão e a colocou em cima do próprio estômago, com uma euforia súbita, Jeremy acreditou nas palavras que pensava nunca chegar a ouvir.

- O nosso milagre está aqui - sussurrou Lexie. - É uma menina.